**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA**

RODRIGO ALMEIDA SUÑER

ARQUEOLOGIA TUPI NO MÉDIO JI-PARANÁ (RO):

Teoria do não-equilíbrio dinâmico e abordagem multifocal dos processos
de mobilidade populacional no Sudoeste Amazônico

São Paulo
2015

RODRIGO ALMEIDA SUÑER

ARQUEOLOGIA TUPI NO MÉDIO JI-PARANÁ (RO)

Teoria do não-equilíbrio dinâmico e abordagem multifocal dos processos
de mobilidade populacional no Sudoeste Amazônico

Tese apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Arqueologia do Museu de
Arqueologia e Etnologia da Universidade de
São Paulo para obtenção do título de doutor
em arqueologia

Área de Concentração: Arqueologia

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Góes Neves

Linha de Pesquisa: Arqueologia e Identidade

Versão Revisada.

A versão original encontra-se na biblioteca do MAE.

São Paulo
2015

*À memória dos meus pais,
e às conquistas de meus irmãos.*

Agradecimentos

Ao longo dos anos que antecederam esta pesquisa, e no decorrer dela, foram diversas pessoas e instituições que a tornaram possível – e a elas devo todos os créditos, sem os ônus de qualquer eventual deslize cometido. Como toda lista de agradecimentos, é capaz que alguém fique de fora, por descuido, esquecimento ou, principalmente, correria na redação.

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a Marcia Arcuri, que desde 2012 é Marcia Arcuri Suñer, por tudo que fez e tem feito. Por tudo o que tem sido e seremos.

Em seguida, agradeço na medida em que minha mente torpe permite construir frases e sequências. Na medida em que sinto saudades antes de qualquer ir-me, ou daqueles que se foram. Parece-me, este momento, muito semelhante a um testamento, pois temos a obrigação de reconhecer os colaboradores e não ser injustos àqueles que estiveram presentes, mesmo que apenas em condição afetiva. Portanto, caro leitor, perdoe-me por incongruências ou repetições. É mais fácil rever hipóteses, do que corrigir tais injustiças.

Agradeço ao professor Eduardo Góes Neves pela oportunidade de eu retomar à arqueologia após um longo desquite, imposto a mim pelo estalar da chibata da sobrevivência. Agradeço à sua generosidade intelectual, aos campos e sítios-escola em que tanto (e a tantos) ensinou, também em sala de aula ou no laboratório. Agradeço à orientação e à amizade.

Aos grandes e muitos amigos que fiz ao longo da vida, antes, durante e depois dos sítios escavados.

Agradeço a Eduardo Kazuo Tamanaha e Márjorie Lima pelo acolhimento e por tantos ensinamentos e tantas companhias desde que cheguei em terras manauaras pela primeira vez. Ao Kazuo também agradeço o croqui e desenho de perfil do sítio Rainha da Paz.

A Leandro “Ceará” Mathews Cascon e Caroline Fernandes Caromano, pelas explicações sobre perfis, peneiras e que tais da arqueologia – e pelas cervejas artesanais. Além das inúmeras conversas e da amizade.

A Claide de Paula Moraes e Anne Rapp Py-Daniel por transmitirem a sensibilidade necessária durante os atos brutos que a escavação em terras amazônicas exige, às vezes.

A Marcos Brito, por ensinar sobre tranquilidade e bom papo. Sobre leituras de paisagens, sobre mensurar espaços e, principalmente, sobre buscar o esmero, mesmo naquele ato rude do ferro-de-cova.

Aos amigos Fernando Ozorio de Almeida e Daniella Novo. A ele por toda paciência e generosidade que sempre demonstrou a todos, principalmente a mim – a paciência. A ela, por toda amizade, carinho e acolhimento que me ofereceu, assim como a tolerância – que foi proporcional à paciência dele.

A Thiago “Taubaté” Kater Pinto, pois sem sua presença, sem sua companhia em campo e no laboratório ao longo desta pesquisa, quase nada do que fiz seria possível. Como uma espécie de fiel escudeiro, auxiliou-me em todas as etapas desta pesquisa, mesmo quando investi contra moinhos de vento. Agradeço não apenas por isso, pela boa vontade e dedicação, mas por ensinar-me muito sobre a simplicidade das coisas. Espero que continue cuca-fresca, qual seja seu caminho.

Agradeço à Adriana Sampaio pelo apoio e suporte durante minha temporada às margens do igarapé Mindu.

Mas sei, leitor, que está detido neste trecho ou por vaidade, ou por burocracia; portanto, vou abreviar-me antes que ultrapasse o número de páginas dedicadas à tese, razão destes agradecimentos, pois já há gente a se sentir injustiçada.

Agradeço aos amigos do Arqueotrop e de outros laboratórios do MAE-USP, assim como àqueles de tantos outros campos e momentos compartilhados. Fica aqui meu salve geral para: Agda Sardinha; Ana Tahuy; Anderson Tognoli; Ângelo Correa; Arkley Bandeira; Seu Bené; Bernardo Lacale Costa; Bruna Rocha; Bruno Ranzani; Camila Jácome; Carlos Augusto da Silva “Tijolo”; Cristiana “Kica” Barreto; Daniella Amaral; Débora Leonel Soares; Diego Mendes; Eduardo “Chumbinho” Bespalez e Silvana Zuse; Emerson Nobre da Silva; Erêndira Oliveira; Fabi Belém; Fábio Guaraldo; Filippo Stampanoni Bassi;

Francisco “Chico” Stuchi; Frederic Pouget; Gabriela Prestes Carneiro; Henrique Valadares; Irmira Doneux Santos; Jaqueline Belletti (com um abraço especial!); Jaqueline Gomes Santos; João Estevam de Argos; João Poullier, o “Joãozinho Ternura”; João Saldanha; Juliana Machado e Lucas Bueno; Laura Furquim; Lígia Trombetta Lima; Lorena Garcia; Manuel Arroyo-Kalin; Márcia Hatori; Márcio Bastos; Márcio Pontes, Mariana Neumann; Meliam Gaspar (valeu pela força!); Michel Bueno Flores da Silva; Michelle Tizuka; Milena Acha; Morgan Schmidt; Myrtle Shock; Seu Nego; Patrícia Fischer; Paty Marinho; Pedro Damim; Rafael Brandi; Rafael de Almeida Lopes; Rafael Milheira; Rafael Stabile; Raoni Valle; Regina Helena Rezende; Roberto Perrotta; Sílvio Cordeiro; Tati Bina; Tati Souza; Teresa Parente; Tiago “Pexe” Hermenegildo; Tiago Atorre, Vinícius “Girino” Honorato, e Vinícius Melquíades.

Agradeço à alegre parceria e rica troca de ideias que tive por anos, até que brutalmente interrompidas, com o amigo André Penin (*in memoriam*).

Um imenso agradecimento àqueles que me auxiliaram nas etapas de laboratório (em ordem cronológica): Breno Zúñica Feijó e Thiago Kater Pinto (novamente); Suellem Esquerdo; Rafael Poveron; Lorena Rodriguez Gallo; Rafael Pedott; Eduardo Carvalho de Oliveira, “O Barba” e Viviana Lo Monaco. Também agradeço a Marta Cavallini e Ader Gotardo pelo registro fotográfico dos materiais coletados (as fotografias e desenhos que não constam os créditos são do autor); ao Barba pela edição das imagens das peças líticas; e a Thiago “Pitoco” Trindade, pela amizade e pelos mapas produzidos para esta pesquisa.

Aquele abraço aos que formaram a equipe de campo em 2011: Professor Eduardo Góes Neves; Fernando Ozorio de Almeida; Guilherme Mongeló (valeu gauchinho!!); Maurício André Silva (valeu Mau!!); Diogo Borges; Maria de Oliveira Coimbra, José Garcia e o jovem Luis Henrique. Sem esquecer do auxílio entusiasta de Luca e Carl Neves e Pedro Fonseca.

À equipe de campo em 2015: Thiago Kater Pinto.

Agradeço a Jennifer Watling pelas análises paleobotânicas; a Francisco “Chico” Pugliese Júnior por todas as observações e comentários sobre o material lítico dos sítios amostrados, analisado pelo Barba; e por todas as outras conversas sobre arqueologia

amazônica que tivemos. A “Guto” Zimpel Neto: “segundo” pioneiro e conterrâneo do “primeiro” pioneiro da arqueologia em Rondônia.

À Carla Gilbertoni Carneiro, companheira em tantos campos e que me ensinou que educação patrimonial não é a mesma coisa do que levar criança para passear – pensem nisso quando forem escavar!

À Silvia Cunha Lima pela parceria irrestrita e amizade ética-gastronômica. E também pelas lições de conservação e cuidado com o material arqueológico, não menos importantes.

Aos funcionários e ex-funcionários do MAE com quem tive oportunidade de conviver, pois não há instituições sem pessoas: Fábio, Silvana, Nicácio; Ferreira; Valdeir; Luiz “Chefia”; Regivaldo; Paulinho e Dária, as torres gêmeas; Conceição Gomes; Vanuza; às Cidas; Mauro e Amauri; Robson; Renato; Valfredo; aos Geraldos; Regina, Cleber, Aline e Karen. À toda equipe da biblioteca: Eliana; Hélio; Gilberto, Alberto, Washington, Eleuza e Marta. Ao Dimitri, que sabe operar e reparar a máquina de café; à Dona Nice, que prepara um café melhor do que o da máquina que Dimitri sabe reparar... E também ao “Seu” Hélio e “Seu” Marinho; à Judith; Cristina, às Sandras e Francisca.

Também agradeço aos docentes do MAE: Paulo DeBlasis, especialmente pela colaboração à análise lítica comentada nesta pesquisa, além de todas as conversas sempre inspiradoras; a Fabíola Andréa Silva, pelo tempo sobre a bancada com “meus” cacos cerâmicos, pela banca de qualificação, por todas as sugestões e opiniões. Por toda a docência e amizade – agradecimento que estendo ao Chico Noelli. A Levy Figuti, pelas aulas e ensinamentos, mas também pelas conversas e cervejas compartilhadas. Ao carinho e atenção únicos, sem abrir mão do rigor científico, da professora “Mabel” Maria Isabel Flemming: um exemplo a ser seguido por aqueles que se pretendem docentes. À professora Verônica Wesolowisk por suas aulas, sugestões e opiniões nesta pesquisa. A Ruy Sérgio Murrieta, pelas aulas, conversas, banca de qualificação e toda sorte de pitacos na vida acadêmica e fora dela. À professora Cristina Bruno pelas descontraídas e inspiradoras conversas sobre Paulo Duarte. Ao professor Camilo Vasconcellos por sua atenciosa orientação em minhas questões sobre educação e arqueologia. E agradeço também, àqueles docentes com os quais o contato foi menos frequente, mas não menos

importante: Marisa Coutinho Afonso; Astolfo Araujo; Cristina Kormikiari; Vagner Porto; Maria Beatriz Borba Florenzano; E àqueles de outras unidades e instituições que colaboraram ao longo desta pesquisa: Walter Neves; Luciana Storto, Marta Amoroso e João Dal Poz Neto. E à professora Sonia Hatsue Tatumi pela colaboração na realização de datações para esta pesquisa que, infelizmente, não puderam ser concluídas antes do prazo para depósito.

Aos professores Maria Coimbra de Oliveira e José Garcia parabênzo por seu empenho na criação do Centro de Pesquisas e Museu Regional de Arqueologia de Rondônia, e agradeço o auxílio em todas as etapas de campo desta pesquisa. Também agradeço à toda equipe, de 2011, do Museu Regional: Ana Lúcia Beck, Edleuza Ferreira Gomes e Dalva de Almeida Catrinch. A Josemir e toda sua equipe do Jequitibá Palace Hotel, um abraço especial para Alex Toze.

Não poderia me esquivar de agradecer àqueles que, sem a presença ao longo do tempo, não haveria vida para as páginas seguintes: Bruno Gambarotto e “Elis” Elisandra de Souza Pedro (também agradeço pela revisão da versão original); Alexandre Lahud Costa, Guilherme “Pi” Bellotto e Larissa Biasoli; Raul, Vanilze e João Pedro Carvalho. Também aos primos e amigos Ricardo Suñer Romera Neto, Debora, Ricardo Luiz e San, e a Federico “Zazá” Suñer Romera.

À toda família Arcuri que, em algum sentido, é minha também. Portanto, agradeço a Douglas e Edna Arcuri, exemplos maravilhosos de vida. A David e Livia Challamel, incluídos Inês, Helena e Louis; a Nando e Cinthia Jank, também Luísa e Pedro. A Silvia Arcuri. A todos estes, agradeço pelo apoio irrestrito e à paciência com um parente agregado, doutorando, meio intelectual e meio de esquerda.

À Silvia e ao Rodrigo, agradeço o apoio nos últimos minutos. Muito Obrigado!

Aos amigos em terras ouro-pretanas: Milton Pereira Filho e Luciana Vetel; Gabriela Gomes e Fernanda Vidigal; Yara Mattos; Roberta Tropia e Marcos Knupp; Vânia Santos e Edson Rezende.

À Iyalorixá Iya Sessu e a todo povo de santo do Ilê Axé Palepa Mariwo Sesu.

Agradeço, também, a todos os proprietários das áreas em que estão os sítios arqueológicos pesquisados, pois sem sua compreensão e auxílio, não teria sido possível escavá-los. Ao Sr. Milton, também por suas suculentas frutas, comercializadas na feira de Presidente Médici. Ao Sr. Antônio e dona Geralda, a ela também por suas saborosas compotas e seu amplo repertório de piadas sujas que nos animava ao fim do dia de trabalho. Ao Sr. Joel e Dona Neusa, mesmo ela tendo nos mandando “caçar caquinhos” onde sabia que não estavam, mas, depois, não apenas nos mostrou sua coleção, como ajudou generosamente todas as atividades no entorno da Comunidade Rainha da Paz. E que sabe abater, limpar, particionar e assar um bom porco como poucos. Foi de se encher os olhos, e a barriga.

Por fim, mas não menos importante, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelos recursos sem os quais esta pesquisa não seria possível. Ao Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, pela estrutura física e de pessoal. À Prefeitura Municipal de Presidente Médici pelo apoio logístico nas etapas de campo. E a Gerard Adriaan Heineken.

Resumo

Este trabalho teve como objetivo investigar o registro arqueológico de populações ceramistas da região do médio curso do rio Ji-Paraná, Sudoeste Amazônico. A partir de dados contextuais cerâmicos, líticos e da arqueologia da paisagem, analisamos comparativamente oito sítios arqueológico de terra-firme. Por se tratar de uma região ainda pouco conhecida arqueologicamente, nosso objetivo principal esteve em caracterizar o material cerâmico a partir de seus atributos tecnológicos. As pesquisas de campo e laboratório proporcionaram resultados que permitiram identificar um padrão de inserção dos sítios na paisagem, bem como um estilo tecnológico de características regionais, sugerindo que as populações estudadas compartilhavam modos de vida de relativa mobilidade, associando atividades hortícolas e de manejo ambiental integradas a um território comum. As discussões apresentadas nesta tese visam contribuir para a caracterização da variabilidade arqueológica da região e, ainda, para o debate sobre os movimentos populacionais pretéritos que envolveram o Sudoeste Amazônico, notadamente, dos falantes do Tronco Tupi.

Palavras Chave: Arqueologia da Amazônia; Arqueologia do médio rio Ji-Paraná; Sudoeste Amazônico; Arqueologia Tupi; Características de Performance;

Abstract

The present work aimed to investigate the archeological record of ancient ceramist populations of Southwestern Amazon, specifically from the contexts of the middle Ji-Paraná River. Based on contextualized ceramic and lithic findings, and assuming landscape archaeological framework as a standpoint, we proposed a comparative analysis of eight upland archaeological sites. The research focused on a region relatively unexplored by academic archaeological investigation. Our prime objective was to characterize the ceramic material through its technological attributes. Field works and laboratorial analysis provided results leading to the identification of a pattern for the landscape insertion of the archeological sites, as well as a regional technological style, suggesting that the studied populations shared a life way of relative mobility, combining horticultural and environmental management activities, integrated to a common territory. The discussions presented in this thesis hope to contribute to the characterization of Southwestern Amazon archaeological variability, and also to the debate concerning peoples' mobility in the past, notably the Tupi language stock speakers of that region.

Key words: Archaeology of Amazonia; Mid-course Ji-Paraná River Archaeology; Southwestern Amazon; Tupi Ceramic Tradition; Ceramic Performance Characteristics;

Call me Ishmael.

Melville, 1851, *Moby Dick, or the Whale*

Pluralitas non est ponenda sine neccesitate.

William Ockham

“A nossa vida é assim... Crescemos, uns qual árvore indivisa, levadas pela força de um destino retilíneo, como as palmeiras crescem; outros, com a vida ramificada pelos empuxos ambientes. Pretendemos. Tentamos. Retrocedemos. Afinal, caminhamos na diretriz primitivamente escolhida, quando o tempo nos concede alcançar; crescemos como lianas.”

Roquette-Pinto, 1919. Rondônia

Sumário

1. Introdução	1
1.1. No Sudoeste Amazônico: característica gerais da área de pesquisa	5
2. O centro de Origem Tupi.....	12
2.1. Os Primeiros modelos.....	12
2.2. Os modernos modelos.....	14
2.3. Expansão e diversidade linguísticas: relações entre língua, identidade e registro arqueológico.....	18
2.3.1. Identidade e registro arqueológico	18
2.3.2. Modelos de expansão linguística	20
2.3.3. Mecanismos de diversidade linguística	27
3. Paradigmas na relação homem-ambiente.....	31
3.1. Ecossistema, homeostase e <i>the paradigm of consciousness</i>	34
3.2. Teoria de não-equilíbrio dinâmico e abordagem multivariável	43
4. Contexto regional da área de pesquisa	46
4.1. Etnohistória e antropologia social	46
4.2. Diversidade linguística regional	48
4.3. Trabalhos Arqueológicos Pioneiros.....	50
5. Pesquisas de Campo: metodologia e descrição dos sítios amostrados	55
5.1. Métodos e Técnicas de Campo	56
5.1.1. Prospecções	56
5.1.2. Delimitação	57
5.1.3. Escavações Arqueológicas	57
5.2. O Museu Regional, acervo e base de dados.....	58
5.3. Campanhas de prospecção e escavação.....	59
6. Sítios arqueológicos amostrados.....	63
6.1. Rainha da Paz.....	63
6.2. 5 Irmãos	70
6.3. Santa Ana	75
6.4. Rainha da Paz II.....	81
6.5. São Gabriel.....	89
6.6. Vida Nova.....	97
6.7. Jardim da Vida	99
6.8. Machado I	102
6.9. Retomando questões metodológicas.....	104
6.9.1. Coletas sistemáticas de superfície.....	104

7. Atividades de Laboratório	106
7.1. Metodologias de análise cerâmica	106
7.2. Análise e caracterização do material cerâmico coletado	108
7.2.1. Sítio Rainha da Paz – Caracterização da Cerâmica Arqueológica.....	109
7.2.1.1. Rainha da Paz – O sepultamento secundário	119
7.2.2. Sítio 5 Irmãos – Caracterização da Cerâmica Arqueológica	131
7.2.3. Sítio Santa Ana – Caracterização da Cerâmica Arqueológica	135
7.2.4. Sítio Rainha da Paz II – Caracterização da Cerâmica Arqueológica	142
7.2.4.1. Rainha da Paz II – Do cozer ao fazer: hipóteses temporárias sobre a vida cotidiana 147	147
7.2.5. Sítio São Gabriel – Caracterização da cerâmica arqueológica.....	156
7.2.6. Sítio Vida Nova – Caracterização da cerâmica arqueológica.....	168
7.2.6.1. Vida Nova – Do arado à talha: hipótese sobre a variação tecnológica	174
7.2.7. Sítio Jardim da Vida – Caracterização da cerâmica arqueológica	181
7.2.8. Sítio Machado – Caracterização da Cerâmica Arqueológica	187
7.3. Análise e caracterização do material lítico coletado.....	191
7.3.1. Sítio Rainha da Paz - Observações sobre as peças líticas coletadas.....	193
7.3.2. Sítio Cinco Irmãos - Observações sobre as peças líticas coletadas	202
7.3.3. Sítio Santa Ana - Observações sobre as peças líticas coletadas	205
7.3.4. Sítio Rainha da Paz II - Observações sobre as peças líticas coletadas.....	210
7.3.5. São Gabriel – Observações sobre as peças líticas coletadas	216
7.3.6. Considerações gerais sobre as peças líticas coletadas	221
8. Considerações Finais: fragmentos cerâmicos, paisagem e construção de território	222
9. Referências Citadas	238
10. Anexos	259

Lista de Mapas

Mapa 1 Município de Presidente Médici e adjacentes, RO -Brasil.	9
Mapa 2 Área de Pesquisa e Sítios conhecidos na região (consultar o anexo 1 para nome e localização do sítio).	10
Mapa 3 Sítios Amostrados por esta pesquisa.....	11

Lista de Imagens

Imagem 1 Vista do Município de Presidente Médici, área rural.	7
Imagem 2 Rio Ji-Paraná em período de seca a partir da BR-429, a montante de Presidente Médici	8
Imagem 3 Rio Ji-Paraná em período chuvoso a partir da BR-429, a montante de Presidente Médici	8
Imagem 4 Moradia abandonada na Linha 1, resultado de decaimento populacional e urbanização da economia do município	61
Imagem 5 O fim da linha. Porteira trancada interrompendo o acesso para as prospecções na Linha 1	62
Imagem 6 - Localização dos sítios arqueológicos amostrados por nossa pesquisa	62
Imagem 7 Sítio Rainha da Paz - Imagem de satélite, com sítios no entorno.	63
Imagem 8 Croqui esquemático do Sítio Rainha da Paz (Desenho: Eduardo KazuoTamanaha)	67
Imagem 9 Sítio Rainha da Paz - Representação do perfil estratigráfico (face oeste) da unidade N10000 E 10000 (Desenho: Eduardo KazuoTamanaha)	68
Imagem 10 Sítio Rainha da Paz –Escavações sítio Rainha da Paz. Abaixo, fotomontagem panorâmica da porção SW do sítio (Fotos: Rodrigo Suñer).	69
Imagem 11 Sítio 5 Irmãos - área estimada	71
Imagem 12 Sítio 5 irmãos - Uso do solo e condições de visibilidade em 2011	72
Imagem 13 Sítio 5 irmãos - Uso do solo e condições de visibilidade em 2015	72
Imagem 14 Sítio 5 Irmãos - Fragmentos cerâmicos em superfície observada em 2011	73
Imagem 15 Sítio 5 Irmãos - Observação de fragmentos cerâmicos em corte de estrada em 2015	73
Imagem 16 Sítio 5 Irmãos - Machado polido observado em corte de estrada em 2011	74
Imagem 17 Sítio 5 Irmãos - Fragmento de Machado polido observado em corte de estrada em 2015	74
Imagem 18 Sítio 5 Irmãos - Aspecto do solo - tradagem (2011)	75
Imagem 19 Sítio Santa Ana - Inserção na paisagem e área estimada	77
Imagem 20 Sítio Santa Ana morrote em área central (2015).	77
Imagem 21 Sítio Santa Ana - Topo de morrote com afloramento de blocos graníticos, detalhe.	78
Imagem 22 Sítio Santa Ana - Afloramento de blocos e matacões graníticos, ao fundo, capoeira no limite W do sítio (2015)	78
Imagem 23 Sítio Santa Ana - Alocação de unidades de coleta sistemática de superfície	79
Imagem 24 Sítio Santa Ana - Aspecto do solo - tradagem (2015)	79
Imagem 25 Sítio Santa Ana - Fragmento cerâmico corrugado em superfície (2015).	80
Imagem 26 - Sítio Santa Ana – Peça lítica picoteada e polida encontrada pelo proprietário durante roçado (2015).	80

Imagem 27 Sítio Rainha da Paz II - área estimada e, ao Norte, localização do sítio Rainha da Paz	81
Imagem 28 Sítio Rainha da Paz II - Superfície da unidade de escavação N1043 E960 (2015).	84
Imagem 29 Sítio Rainha da Paz II - Leitura de tabela Munsell, unidade N1043 E960 (2015).	85
Imagem 30 Sítio Rainha da Paz II - Perfil estratigráfico, unidade N1043 E960.	86
Imagem 31 Sítio Rainha da Paz II - Perfil estratigráfico, unidade N1044 E960	87
Imagem 32 Sítio Rainha da Paz II - Fragmento cerâmico em superfície, com decoração incisa (2015).	88
Imagem 33 Sítio Rainha da Paz II - Lâminas de machado polidas, identificadas em superfície (2015).	88
Imagem 34 Sítio São Gabriel - Inserção na paisagem e área estimada	90
Imagem 35 Um dos acessos ao sítio São Gabriel (2015).	92
Imagem 36 A segunda opção de acesso ao sítio São Gabriel (2015).	92
Imagem 37 Sítio São Gabriel - Uso do solo e visibilidade de superfície favorecida (2015).	93
Imagem 38 Sítio São Gabriel - Fragmento cerâmico em superfície, decoração ponteadas.	93
Imagem 39 Sítio São Gabriel - Aspecto do solo, tradagem.	93
Imagem 40 - Sítio São Gabriel - Unidade de escavação, superfície (a deformidade da imagem decorre da qualidade da máquina fotográfica) (2015).	94
Imagem 41 Sítio São Gabriel - Unidade de escavação, nível 0-10 cm. (a deformidade da imagem decorre da qualidade da máquina fotográfica) (2015).	94
Imagem 42 São Gabriel - Unidade de escavação, nível 40-50 cm (a deformidade da imagem decorre da qualidade da máquina fotográfica) (2015).	94
Imagem 43 - Sítio São Gabriel - Perfis Estratigráficos, unidade N1002 E1001	95
Imagem 44 - Sítio São Gabriel - Alocação de unidades de coleta sistemática de superfície.	96
Imagem 45 Sítio São Gabriel - Unidades de coleta sistemática de superfície e respectivas embalagem para material.	96
Imagem 46 Sítio Vida Nova - Em vermelho, a área estimada do sítio; em amarelo, área arada mecanicamente.	98
Imagem 47 Sítios no entorno do Rainha da Paz que possuem mútua visibilidade e relativa proximidade.	98
Imagem 48 A partir do sítio Vida Nova, a localização aproximada dos sítios próximos. O sítio Jardim da Vida não aparece na imagem (2015).	99
Imagem 49 Sítio Jardim da Vida - Inserção na paisagem e área estimada.	101
Imagem 50 Sítio Jardim da Vida - Bananal com fragmentos cerâmicos em superfície. Local aproximado de proveniência dos achados líticos pelos proprietários.	101
Imagem 51 Sítio Machado I - Inserção na paisagem e área estimada.	103
Imagem 52 Arado mecanizado utilizado no sítio Vida Nova (2015).	105
Imagem 53 Detalhe da lâmina do arado mecânico.	105
Imagem 54 Sítio Rainha da Paz – Exemplo de fragmento com diferenças discretas na oxidação. Pintura em "negativo" ou "máscara". Escala de 2 cm. (Fotografia: Rodrigo Suñer).	114
Imagem 55 Sítio 5 Irmãos - Fragmento de borda introvertida. PN CI 05-1 (Desenho: Rodrigo Suñer).	133
Imagem 56 Sítio Santa Ana - Fragmento com esfumado (esq.) e trempe com marca de dedo (dir.).	137
Imagem 57 Sítio Santa Ana - Fragmentos com acabamento plástico de superfície SA 232-1 (esq.) e SA 253-1. (Fotografias: Ader Gotardo)	137
Imagem 58 Sítio Santa Ana - Fragmento SA 232-1: representação esquemática do corrugado e perfil da borda. (Desenho: Rodrigo Suñer)	137

Imagem 59 Sítio Rainha da Paz II - Fragmento RP II 102-1 Borda com incisão (Fotografia: Ader Gotardo)	145
Imagem 60 Sítio Rainha da Paz II - Reconstituição de forma RP II 108-1. Japepa'í etnográfico, dos Asurini do Xingu, acervo do MAE/USP (Fotografia: Wagner Souza e Silva)	148
Imagem 61 Sítio Machado I - Perfil de Borda, fragmento MI 06-16 (Face Interna à direita)	189
Imagem 62 Rainha da Paz – Lâmina polida, RP04-1L. A e B: faces; C: gume; D: provável marca de uso (Fotografias: Ader Gotardo)	197
Imagem 63 Sítio Rainha da Paz – Lâmina Polida RP 120-1L. A e B: faces; C: gume; D e E: entalhe picoteado (Fotografias: Ader Gotardo).	198
Imagem 64 Sítio Rainha da Paz – Peça RP 01-1L. A e B: faces com vestígio de polimento; C e D: porção distal com polimento, e fratura (Fotografias: Ader Gotardo).	199
Imagem 65 Sítio Rainha da Paz – Peça RP 03-61L. A e B: faces; C: porção distal; D: porção proximal (Fotografias: Ader Gotardo).	200
Imagem 66 Sítio 5 Irmãos - Lâmina polida CI 100-1L. A e B: faces; C: gume; D: canaleta para encabamento; F e E: faixa picoteada para encabamento, ambas as faces (Fotografias: Ader Gotardo).	204
Imagem 67 Sítio Cinco Irmãos – Lâmina polida CI 101-1L. A e B: faces; C: gume; D: Detalhe do gume e provável marca de uso (Fotografias: Ader Gotardo).	205
Imagem 68 Vitrine do CPMRARO (detalhe) - Peças líticas polidas de diversos sítios, provenientes de coletas de superfície por moradores da região, como escala um paquímetro convencional com 20 cm. (Fotografia: Rodrigo Suñer, 2009).	206
Imagem 69 Sítio Santa Ana – Peça AS 253-1L. A e B: faces; C: porção próxima; D: porção distal e fratura; E e F: laterais da peça (Fotografias: Ader Gotardo).	207
Imagem 70 Sítio Rainha da Paz II – RPII 104-1L, lâmina polida. A e B: duas faces C: porção distal (gume); D: proximal (talão) (Fotografias: Ader Gotardo).	214
Imagem 71 Sítio Rainha da Paz II – Peça RPII 104-2L. Lâmina polida. A e B: Faces; C: Porção Distal (gume); D: Porção Proximal; E: Detalhe do gume e provável marca de uso (Fotografias: Ader Gotardo).	215
Imagem 72 Sítio São Gabriel - SG 222-1L Fragmento de artefato polido em arenito, ambas as faces (Fotografias: Ader Gotardo).	219
Imagem 73 Sítio São Gabriel – Lâmina Polida Fragmentada (SG 09-1L). A e B: faces; C: detalhe do gume (Fotografias: Ader Gotardo).	220
Imagem 74 Fragmentos de borda com desprendimento de roletes (Fotografias: esq. Rodrigo Suñer; dir. Ader Gotardo).	231

Lista de Gráficos

Gráfico 1 Rainha da Paz - Dispersão de fragmentos por nível de escavação: Unidade N10.000 E10.000. Entre parênteses os valores absolutos.	109
Gráfico 2 Rainha da Paz - Distribuição de fragmentos analisados e suas categorias.	110
Gráfico 3 Rainha da Paz - Relação entre espessura dos fragmentos (cm) e espessura do antiplástico (mm).	111
Gráfico 4 Rainha da Paz - Fragmentos analisados e espessura do antiplástico.	112
Gráfico 5 Rainha da Paz - Fragmentos com tratamento de superfície na face interna (valores absolutos).....	113
Gráfico 6 Rainha da Paz - Fragmentos com tratamento de superfície na face externa (valores absolutos).....	113
Gráfico 7 Rainha da Paz - Técnicas de decoração plástica e locais de aplicação (valores absolutos).....	115
Gráfico 8 Rainha da Paz - Técnicas de decoração incisa e motivos (valores absolutos).	115
Gráfico 9 Rainha da Paz - Decoração pintada e locais de aplicação (valores absolutos).	116
Gráfico 10 Rainha da Paz - Motivos das decorações pintadas (valores absolutos).....	116
Gráfico 11 Rainha da Paz - Fragmentos de Borda, suas morfologias e Inclinações. Entre parênteses valores absolutos.	117
Gráfico 12 Rainha da Paz - Distribuição dos fragmentos de borda conforme espessura. Entre parênteses, valores absolutos.	117
Gráfico 13 Rainha da Paz - Fragmentos de bases: morfologias e técnicas de manufatura (valores absolutos).	118
Gráfico 14 Rainha da Paz - Sinais de uso em fragmentos: exposição ao fogo e cocções.	118
Gráfico 15 Sítio 5 Irmãos - Distribuição de fragmentos por tradagens realizadas (valores absolutos).....	132
Gráfico 16 Sítio 5 Irmãos - Distribuição de fragmentos por nível de proveniência (valores absolutos).....	132
Gráfico 17 Sítio Santa Ana - Distribuição dos fragmentos analisados pela espessura em cm (valores absolutos).	136
Gráfico 18 Sítio Santa Ana - Bordas: Morfologias, Inclinação e Espessura (valores absolutos).	138
Gráfico 19 Sítio Rainha da Paz II - Distribuição dos fragmentos por nível nas unidades de escavação (0,46% equivale a 1 fragmento).	143
Gráfico 20 Sítio Rainha da Paz II - Distribuição dos fragmentos por nível nas tradagens (3,45% equivalem a 01 fragmento).	143
Gráfico 21 Sítio Rainha da Paz II - Espessura do Antiplástico nos fragmentos analisados.	144
Gráfico 22 Sítio Rainha da Paz II - Morfologia e inclinação das Bordas em valores absolutos (NI = não Identificado).	146
Gráfico 23 Sítio Rainha da Paz II - Proveniência estratigráfica dos fragmentos de borda (valores absolutos).....	146
Gráfico 24 Sítio São Gabriel - Fragmentos provenientes de tradagens, distribuição por nível (valores absolutos).	157
Gráfico 25 São Gabriel - Fragmentos provenientes da unidade de escavação N1003 E1001, distribuição por nível (valores absolutos).	157
Gráfico 26 Sítio São Gabriel - Porcentagem de antiplástico na composição da pasta cerâmica e suas espessuras.	158
Gráfico 27 Sítio São Gabriel - Espessura dos fragmentos em cm.	158

Gráfico 28 Sítio São Gabriel – Fragmentos de base e suas morfologias (valores absolutos).	159
Gráfico 29 Sítio São Gabriel - Fragmentos de bordas, suas morfologias, inclinações e espessuras (valores absolutos; NI: não-identificado).	160
Gráfico 30 Sítio São Gabriel - Fragmentos com técnicas de decoração plástica (valores absolutos).....	161
Gráfico 31 Sítio São Gabriel - Categoria dos fragmentos com decoração plástica e respectivas técnicas (valores absolutos).	161
Gráfico 32 Sítio São Gabriel - Motivos aplicados à decoração plástica (valores absolutos).....	162
Gráfico 33 Sítio Vida Nova – Porcentagem de fragmentos por setor de coleta.	169
Gráfico 34 Sítio Vida Nova - Unidades de coleta e quantidade de fragmentos (valores absolutos).....	170
Gráfico 35 Sítio Vida Nova - Tipos de antiplástico (entre parênteses, valores absolutos).	170
Gráfico 36 Sítio Vida Nova - Tipos de Antiplástico, porcentagem e espessura (valores absolutos).....	171
Gráfico 37 Sítio Vida Nova - Antiplástico: porcentagem na pasta cerâmica e espessura entre os principais grupos de ocorrência (valores relativos à amostra representada graficamente).	172
Gráfico 38 Sítio Vida Nova - Variação na espessura dos fragmentos.	173
Gráfico 39 Sítio Vida Nova - Distribuição de fragmentos com antiplástico mineral e caco moído por unidades de coleta de superfície. Estão excluídos os fragmentos com carvão no antiplástico e o Setor 3, que não apresentou fragmentos com caco moído na pasta.	174
Gráfico 40 Sítio Jardim da Vida - Antiplástico: distribuição por composição, porcentagem e espessura	182
Gráfico 41 Sítio Machado I - Proveniência de fragmentos por intervenção (a UTM refere à coleta de superfície).....	187
Gráfico 42 Sítio Machado I - Fragmentos por nível de proveniência	188
Gráfico 43 Sítios Amostrados e quantidade total de material lítico coletado.	192
Gráfico 44 Peças líticas analisadas e aquelas apenas contabilizadas por sítio (valores absolutos).	192
Gráfico 45 Sítio Rainha da Paz - Unidade N10.000 E10.000, nível de proveniência do material lítico.	194
Gráfico 46 Sítio Rainha da Paz – Tradagens positivas para material lítico e respectivos níveis de proveniência (valores absolutos).	194
Gráfico 47 Sítio Rainha da Paz - Matéria-prima das peças líticas (valores absolutos).	195
Gráfico 48 Sítio Rainha da Paz II - Nível de proveniência das peças líticas analisadas individualmente (valores absolutos).	210
Gráfico 49 Sítio Rainha da Paz II - Categoria de peças líticas analisadas (0,68% equivale a 1 exemplar).	211
Gráfico 50 Sítio Rainha da Paz II – Unidades de escavação: categoria das peças líticas e nível de proveniência.....	211
Gráfico 51 Sítio São Gabriel - Proveniência das peças líticas numeradas (valores absolutos).	216
Gráfico 52 Sítio São Gabriel - Categoria das peças líticas e nível de proveniência (o intervalo 0-20 cm é o único referente a proveniência de tradagem).	217
Gráfico 53 Sítio São Gabriel: Matéria-prima das peças líticas (valores absolutos).	218

Lista de Pranchas

Prancha 1 Sítio Rainha da Paz - Perfil dos Vasilhames cerâmicos que compõem o sepultamento exumado pelo CPMRARO (desenho: Breno Zúnica e Rodrigo Suñer).....	121
Prancha 2 Sítio Rainha da Paz - Reconstituição do Contexto Deposicional do Sepultamento Secundário escavado pela equipe do CPMRARO (Desenho: Breno Zúnica e Rodrigo Suñer). ...	122
Prancha 3 Sítio Rainha da Paz - Recipiente 1 e 2 da Urna Funerária escavada pela equipe do CPMRARO (Fotografias: Rodrigo Suñer).	123
Prancha 4 Sítio Rainha da Paz - Perfil dos fragmentos de borda - face interna à esquerda.	125
Prancha 5 Sítio Rainha da Paz - Fragmentos com exposição do antiplástico (Fotografias: Rodrigo Suñer).	126
Prancha 6 Sítio Rainha da Paz - Fragmentos com engobo ou banho. RP 02-228: Face externa com engobo “amarelo” (dir.), interna sem (esq.); RP 02-249 e 03-174: Engobo branco; RP 03-130: Banho e polimento na face interna; RP 02-281: Face interna, banho e enegrecimento. RP 03-143: Variação na oxidação da superfície externa.	127
Prancha 7 Sítio Rainha da Paz - Fragmentos com decoração plástica. RP 03-151 e RP 02-235: Incisos cruzados; RP 02-247: Inciso e estocado; RP 02-262: Incisos paralelos; RP 03-74: Roletado e engobo vermelho; RP 03-71: Borda roletada não alisada; RP 03-76: Borda unglada; RP 05-12: Borda pontuada arrastada, face externa e perfil c/ face interna; RP 03-178: Escovado, face interna. Borda corrugada, acervo do CPMRARO (Fotografias: Rodrigo Suñer).	128
Prancha 8 Sítio Rainha da Paz - Fragmentos pintados. RP 03-22: Borda com pintura preta e detalhe. RP 05-41: Parede com pintura preta, faixas horizontais paralelas e triangulos e círculos na parte inferior (Fotografias: Rodrigo Suñer)	129
Prancha 9 Sítio Rainha da Paz - Fragmentos de borda (Fotografias: Ader Gotardo)	130
Prancha 10 Sítio 5 Irmãos - Amostra de fragmentos cerâmicos (Fotografia: Ader Gotardo)....	134
Prancha 11 Sítio Santa Ana - Perfil dos fragmentos de borda coletados – Face interna voltada à direita (ND: Não Definido. Desenhos: Rodrigo Suñer).....	139
Prancha 12 Sítio Santa Ana – Visão geral dos fragmentos, Face interna (Fotografia: Ader Gotardo).....	140
Prancha 13 Sítio Santa Ana - Visão geral dos fragmentos, face externa (Fotografia: Ader Gotardo).....	141
Prancha 14 Sítio Rainha da Paz II - Fragmentos com presença de engobo (Fotografias: Ader Gotardo).....	151
Prancha 15 Sítio Rainha da Paz II - Fragmento RP II 108-1. Perfil, face interna e face externa (Fotografia: Ader Gotardo).....	152
Prancha 16 Sítio Rainha da Paz II - Aspecto geral dos fragmentos (Fotografia: Ader Gotardo).	153
Prancha 17 - Sítio Rainha da Paz II - Recipiente RP II 118-1 (Fotografia: Ader Gotardo).	154
Prancha 18 Sítio Rainha da Paz II - Perfil das Bordas.	155
Prancha 19 Sítio São Gabriel - Fragmentos e recipiente parcialmente remontados - acervo CPMRARO (Fotografias: Rodrigo Suñer).	163
Prancha 20 Sítio São Gabriel - Perfil de Bordas, face interna à direita (Desenhos: Rodrigo Suñer).....	164
Prancha 21 Sítio São Gabriel - Fragmentos com acabamento plástico de superfície (Fotografias: Ader Gotardo; Desenhos: Rodrigo Suñer).	165
Prancha 22 Sítio São Gabriel - Fragmentos com acabamento plástico de superfície (Fotografias: Ader Gotardo; Desenhos: Rodrigo Suñer).	166

Prancha 23 Sítio São Gabriel - Visão geral dos fragmentos (Fotografia: Ader Gotardo).	167
Prancha 24 Sítio Vida Nova - Fragmentos cerâmicos com quebra no ponto de inflexão (Fotografias: Ader Gotardo).	177
Prancha 25 Sítio Vida Nova - Fragmentos de base (Fotografias: Ader Gotardo).	178
Prancha 26 Sítio Vida Nova - Fragmentos de borda. Abaixo os VN 31-1 e VN 31-2 (Fotografias: Ader Gotardo).	179
Prancha 27 Sítio Vida Nova - Perfil dos fragmentos de borda, face interna à direita (Desenhos: Rodrigo Suñer).	180
Prancha 28 Sítio Jardim da Vida - Fragmentos com incisão e fragmentos com enegrecimento na face interna (Fotografias: Ader Gotardo).	184
Prancha 29 Sítio Jardim da Vida - Paredes com fratura no ponto de inflexão (dois fragmentos) (Fotografias: Ader Gotardo).	185
Prancha 30 Sítio Jardim da Vida - Perfil das Bordas (Face interna à direita).	186
Prancha 31 Sítio Machado I - a e b) Fragmento de Borda MI 06-16A e B. c) Visão geral dos Fragmentos Cerâmicos – Face Externa (Fotografias: Ader Gotardo)	190
Prancha 32 Sítio Rainha da Paz - Lâminas polidas na coleção do CPMRARO (Fotografias: Rodrigo Suñer).	201
Prancha 33 Sítio Jardim da Vida - Peças Líticas Polidas. <i>No alto</i> : peça inteira; <i>Centro</i> : Fragmento porções proximal e mesial; <i>Em baixo</i> : Fragmento da porção distal (Fotografias: Rodrigo Suñer).	208
Prancha 34 Sítio Jardim da Vida - Peças Líticas Polidas, gume à direita. <i>No alto</i> : Lâminas de Machado. <i>Em baixo</i> : percutores ou pré-formas? (Fotografias: Rodrigo Suñer).	209

1. Introdução

No campo de pesquisas da arqueologia amazônica, o centro-leste de Rondônia enquadra-se como uma área relativamente pouco explorada pelos trabalhos acadêmicos, sobretudo quando se considera que a variabilidade do registro na região tornou-se conhecida já nos anos de 1987, pelas incursões pioneiras de Eurico Th. Miller.

Nas últimas décadas, estudos da Linguística Histórica e da Ecologia Histórica realizados no Alto Madeira e bacias adjacentes apontaram a diversidade étnica e ambiental que caracterizam os contextos pretéritos da região, panorama que vem sendo reforçado pelos dados obtidos nos estudos arqueológicos recentes e que dialogam com a atual diversidade linguística da região.

A história de ocupação humana desta porção do Sudoeste amazônico alcança uma profundidade temporal de aproximadamente 9.000 anos BP (Miller *et al.* 1992) – característica diferenciada quando comparada às demais regiões amazônicas¹ – e, até o presente, apresenta-se como área focal no debate sobre um provável “centro de origem” Tupi para o debate antropológico² das Terras Baixas Sul-Americanas.

Diante deste panorama, iniciamos nossa pesquisa de doutorado com o objetivo de ampliar o conhecimento e a caracterização da variabilidade da cerâmica arqueológica da região, buscando verificar como os dados poderiam contribuir ao debate sobre os movimentos populacionais pretéritos que envolveram esta parte da Amazônia. Nossas atividades de campo e laboratório visaram, assim, amostrar e analisar o material cerâmico, identificando seus atributos tecnológicos e observando em que medida estes refletiram as escolhas culturais realizadas nas diferentes etapas de confecção dos artefatos.

A partir da noção de “variabilidade” cunhada por Schiffer e Skibo (1997), entendida como as diferenças e semelhanças observadas em um determinado tempo e espaço, buscamos

¹ Outras regiões amazônicas que apresentam também uma longa sequência cronológica, com sinais visíveis de ocupação humana desde cerca de 7.500 anos BP, são o Baixo Amazonas e estuário. (Roosevelt 1991, Neves 2005 e 2009).

² Ao longo da tese adotaremos o termo antropologia no sentido da “Antropologia dos quatro-campos”, que engloba antropologia Social/Cultural, Linguística, Arqueologia e Antropologia Física. Caso seja feita referência a algum dos campos específicos, o qualificaremos enquanto tal. Até o momento, articulamos os três primeiros campos citados, ficando deliberadamente o quarto ausente, apesar de seu potencial (Anthony 2007, Renfrew 2000, Cavalli-Sforza 2003)

observá-la dentro da cadeia operatória dos artefatos (*idem*: 27) e, ainda baseados em Schiffer (1992), utilizamos a diferença estabelecida entre variabilidade e variação, sendo que variabilidade se refere a um amplo espectro espaço-temporal. É dentro deste espectro que são construídas sequências baseadas nas “variações” observadas. Assim, buscamos compreender a variabilidade tecnológica interna e externamente aos sítios, na comparação/correlação entre os oito sítios arqueológicos amostrados.

Também incorporamos a noção de *performance*, estabelecida por Schiffer (2010) que, em suma, refere-se à capacidade de um artefato desempenhar determinadas interações a partir de suas características constitutivas (i.e. entre as escolhas tecnológicas adotadas, materiais empregados e os resultados produzidos). E, de modo complementar a estes conceitos, adotamos a noção de estilo tecnológico entendido como integrante de uma tradição cultural, expresso por um leque coeso – mas não imutável – de escolhas tecnológicas empregadas na confecção de artefatos (Dias e Silva 2001). Esta noção nos permite entender “estilo não apenas como um padrão material que se manifesta na morfologia e decoração dos artefatos, mas também como algo que é inerente e subjacente aos processos de produção a partir dos quais estes aspectos visuais são uma resultante” (*idem*: 96).

Portanto, incorporamos estas informações como pressupostos referenciais desta pesquisa, desde a escolha da área amostral até às abordagens em campo e laboratório. E por isso, valemo-nos da revisão dos modelos arqueológicos aplicados às questões de expansão e diversidade linguística (apresentados no capítulo 2) na elaboração de um arcabouço conceitual que nos permitisse confrontar o registro arqueológico.

Diante da pouca informação arqueológica sistemática existente para a região, o que imprimiu a necessidade de uma arqueologia de certo cunho exploratório, buscamos identificar e caracterizar padrões – ou a “ausência” destes – entre o registro arqueológico dos sítios pesquisados.

Assim, inicialmente voltados à diversidade e à variabilidade arqueológicas da região, o andamento da pesquisa e o maior conhecimento do registro arqueológico trouxe um novo debate, complementar ao inicial. Os sítios arqueológicos em si, que apresentam características bastante peculiares quando comparados com os contextos amazônicos

tradicionalmente explorados, são sítios em terra-firme, com baixa densidade arqueológica, pacotes estratigráficos rasos, áreas relativamente “pequenas”, mas com uma dispersão espacial concentrada. De acordo com os dados obtidos, eles apontam para a existência de um padrão, ainda pouco amostrado no território amazônico.

A partir de dados contextuais cerâmicos, líticos e da arqueologia da paisagem, analisamos comparativamente oito sítios arqueológicos de terra-firme, embora inicialmente proposto que as atividades de campo fossem realizadas em sítios arqueológicos ribeirinhos, na calha do rio Ji-Paraná, no município homônimo, seguindo a trilha das atividades de Miller (1987b). Contudo, alteramos a área amostral para o município vizinho: Presidente Médici. Tal alteração decorreu de nossa aproximação e conhecimento da região. Em meados de 2009, tivemos contato com o Centro de Pesquisa e Museu Regional de Arqueologia de Rondônia – CPMRARO, instituição criada a partir da ação de professores de História da rede municipal de ensino e à margem das modas desenvolvimentistas das grandes obras de infraestrutura³.

Em suma, estruturamos este trabalho em duas partes principais: a primeira, voltada à revisão teórica, à explicitação de conceitos e pressupostos adotados; e, a segunda, de caráter descritivo, apresenta a caracterização detalhada dos contextos arqueológicos e dos materiais arqueológicos coletados. A segunda parte foi dividida em blocos temáticos, indexadas por sítio de proveniência.

Abaixo, apresentamos um panorama do conteúdo de cada capítulo.

No Capítulo 2, discutimos as questões envolvidas na relação entre linguística e registro arqueológico para a Amazônia, revendo os modelos aplicados ao caso Tupi, pois o Sudoeste Amazônico parece ser a região que melhor sustenta a ideia de ser a “terra natal” para este grupo linguístico; aqui, somado ao contexto etnográfico (apresentado no capítulo 4), assumimos como pressuposto. A partir disso, voltamo-nos para a revisão de alguns casos em que a arqueologia, associada à linguística histórica, foi capaz de ampliar o leque de entendimento dos processos de mobilidade populacional e suas expressões no

³ A formação do acervo do CPMRARO é proveniente de doações de moradores da região que frequentemente encontram vestígios arqueológicos na lida agropecuária. A criação deste museu e sua interrelação com a população local é tema da dissertação de mestrado de Maurício Silva (2015).

registro arqueológico. Além de uma revisão conceitual, buscamos explicitar os conceitos e processos mais comumente utilizados por tais abordagens.

No Capítulo 3 pretendemos defender uma abordagem ecológica em arqueologia. Apresentamos uma breve revisão dos paradigmas ecológicos utilizados nas interpretações arqueológicas para as Terras Baixas Sul-Americanas. E assumimos as premissas da teoria de não-equilíbrio dinâmico⁴ e os postulados da Ecologia Histórica como norteadoras de nossa abordagem arqueológica.

O Capítulo 4 volta-se à caracterização de nossa área de pesquisa, seus aspectos antropológicos conhecidos e os trabalhos arqueológicos anteriormente realizados na área.

O Capítulo 5 apresenta as técnicas e métodos empregados em campo, descreve e ilustra os sítios amostrados. Este capítulo apresenta alguns subitens que problematizam sítios específicos e retomam questões sobre o trabalho arqueológico. Cada sítio descrito é seguido de imagens e mapas que os ilustram.

Por sua vez, o Capítulo 6 é dedicado à caracterização da cerâmica arqueológica proveniente da área de pesquisa. São explicitados os métodos e técnicas de análise cerâmica utilizados; seus subitens apresentam breves considerações pertinentes a cada sítio analisado ou problematizam aspectos dos vestígios coletados. Neste capítulo também está presente a análise e caracterização do material lítico. Sempre divididos por sítio e ilustrados ao final do item.

Por fim, os Capítulos 7 e 8 são dedicados à interpretação dos dados analisados. Retomam os capítulos 2 e 3, articulando as premissas teóricas adotadas nesta pesquisa e os dados produzidos, na mesma medida em que confronta sua pertinência para a abordagem arqueológica no Sudoeste amazônico.

⁴ Optamos pela grafia hifenizada, pois conceitualmente “não equilíbrio” difere de desequilíbrio ou sem equilíbrio, como discutiremos no item 4.

1.1. No Sudoeste Amazônico: característica gerais da área de pesquisa

Ao descrever a área de pesquisa é basicamente impossível, aos amazonistas, fugir da repetição dos superlativos. A Amazônia é conhecida por seus grandes rios, sua vegetação e microfauna exuberantes, seus grandes sítios arqueológicos de terra preta, de alta visibilidade e com profundos pacotes arqueológicos, muitas vezes formados por três ou mais componentes ocupacionais. Estas são características capazes de impressionar o mais cético dos visitantes. Como presenciar essa Amazônia sem se lembrar de Júlio Verne e seu *Conquistadores*? Ou de filmes como *Aguirre e Fitzcarraldo*, de Werner Herzog? Para não falar das aventuras de Corto Maltese, de Hugo Pratt, pela selva venezuelana, que tanto inspiram as aquarelas do arqueólogo Stephen Rostain?

O Sudoeste amazônico não é desprovido de seus superlativos. No entanto, nossa área focal é um pouco diferente. Sua topografia é irregular, formatada por mares de morros, entremeados por pequenos cursos d'água muitas vezes sazonais, igarapés pouco mapeados pelas cartas oficiais, mas que exercem enorme influência sobre a vida das populações atuais. Com áreas de mata restritas às terras indígenas ou reservas ambientais, são as pastagens superlativas. Esta região, detentora de sedimentos rasos e pedregulhosos, é favorável ao cultivo na mesma medida da teimosia de seus agricultores, mas ainda guarda muitos encantos a se descobrir.

A área de pesquisa compreendida por este trabalho concentra-se no médio curso do rio Ji-Paraná, município de Presidente Médici, centro-oeste de Rondônia (Mapa 1, abaixo).

O rio Ji-Paraná e o Jamari, constituem-se como os principais afluentes à margem direita do rio Madeira em seu alto curso. O primeiro, possui cerca de 800 km de extensão, sendo formado pela confluência dos rios Comemoração e Pimenta Bueno, em município homônimo, na serra dos Parecis. Em seu médio curso possui como principais afluentes os rios Rolim de Moura, Urupá e Jarú, à margem esquerda e em seu baixo curso os rios Machadinho e Preto. De forma geral, seu curso corta o estado de Rondônia no sentido Sul-Norte, sofrendo alteração para Oeste em seu baixo curso, próximo ao município de Machadinho do Oeste. Sua bacia localiza-se entre os paralelos 8°02'S e 12°59'S e os meridianos 60°04' 63°16'O.

À margem direita do rio Ji-Paraná, em nossa área de pesquisa, os principais afluentes são os igarapés Leitão, Riachuelo e Molim. Em suas drenagens localizam-se os sítios amostrados por nossa pesquisa, à exceção do sítio Machado I que se localiza à margem esquerda do rio Ji-Paraná (o mapa 2, localiza os sítios conhecidos na região e o mapa 3, os sítios amostrados por esta pesquisa).

A região é formada por topografia irregular, apresentando formas de relevo de topos estreitos e alongados, definidos por vales encaixados, característicos dos Planaltos Residuais do Madeira–Ji-Paraná e do Ji-Paraná–Aripuanã, pertencentes a crátons neoproterozóicos (IBGE 2006a e b). Na imagem 1, podemos visualizar um panorama da região. As imagens 2 e 3 ilustram a dinâmica fluvial do rio Ji-Paraná.

De modo específico, a área encontra-se nos domínios da Suíte Intrusiva Serra da Providência (pertencente à Província estrutural Amazônia, subprovíncia Amazônia Centro-Occidental), unidade litoestratigráfica composta por granitoides. É importante ressaltar que, a Leste da sede municipal, encontra-se a falha geológica Providência, neste ponto é comum a ocorrência de afloramentos areníticos (IBGE 2006 a e b). Em tais afloramentos foram identificados diversos petróglifos por Oliveira (2013) e localiza-se o sítio São Gabriel, amostrado nessa pesquisa.

Por sua vez, os solos na área de pesquisa possuem seus exemplares mais representativos nos Latossolos e Argissolos, seguido dos Neossolos, Nitossolos e Cambissolos. De granulometria predominantemente arenosa, apesar da existência de manchas argilosas.

No tocante à vegetação, a área de pesquisa é composta por Florestas Ombrófilas Aberta Submontana e Densa Submontana; Florestas Aberta Submontana com cipó e Aberta com Palmeiras, também ocorrendo Savanas Arbóreas e seus respectivos ecótonos (IBGE 2006c).

Climaticamente, a região é considerada de transição entre os climas quente e úmido e o quente semiúmido. Pertence ao tipo Am, clima tropical monçônico, de acordo com a classificação Köppen.

Estas características ambientais configuram um cenário amazônico bastante distinto em relação à planície amazônica. Compõem um cenário recortado por variações altimétricas e pequenos cursos d'água. Representam processos sedimentares lentos e constantes afloramentos de blocos e matacões rochosos. Sua composição florística, como área de ecótono, e suas condições climáticas parecem ter se mantido estáveis desde a transição Pleistoceno – Holoceno (Rosseti et. al. 2005).

Não seria redundante dizer que tais características influenciam diretamente a pesquisa arqueológica, pois atuam sobre os processos de formação do registro arqueológico. Ao longo dos capítulos 5 e 6 serão feitas referências recorrentes a esta descrição da área.

Imagem 1 Vista do Município de Presidente Médici, área rural.

Imagem 2 Rio Ji-Paraná em período de seca a partir da BR-429, a montante de Presidente Médici

Imagem 3 Rio Ji-Paraná em período chuvoso a partir da BR-429, a montante de Presidente Médici

Mapa 3 Sítios Amostrados por esta pesquisa

2. O centro de Origem Tupi

O debate sobre um centro de origem Tupi⁵ e suas possíveis rotas de expansão tem início na primeira metade do século XIX e estende-se, quase sem alterar suas abordagens, por todo o século. Somente nas primeiras décadas do século XX este debate passa a receber, de modo mais ou menos crescente até as últimas décadas, alguns incrementos: incorporando novas abordagens, utilizando dados sistemáticos e multidisciplinares na análise, criando hipóteses mais ou menos testáveis. Apesar dos avanços na linguística histórica e dos métodos e técnicas da antropologia social e da arqueologia, poucos trabalhos de fato incorporaram essa multidisciplinaridade – mesmo havendo um reconhecimento internacional de sua pertinência (Renfrew 2000; Bellwood 2001; Anthony 2007, Neves 2007, 2008, 2009 e 2010; Heckenberger 2002, 2008; Heckenberger et. al. 1998, 1999 e 2003; Noelli 1994, 1996, 1998; Brochado 1973, 1984, 1989, 1991; Lathrap 1970, 1974, 1977; Brochado e Lathrap 1980, entre outros).

2.1. Os Primeiros modelos

Alli vem a nossa comida pulando...
(Staden 1900[1557]:61)

Apesar da falta de consenso que ainda paira sobre este debate, seja por carência de dados, seja pela discordância das análises, uma coisa é certa: em 1500, quando teve início a invasão europeia, a atual costa Atlântica brasileira estava densamente povoada por grupos indígenas falantes de línguas Tupi. Este quadro, apesar de impressionar aqueles que chegavam, ou talvez justamente por isso, foi alterando-se de modo radical e irreversível a partir daquela data.

Será apenas no século XIX, com a independência brasileira, que os povos autóctones adquirem alguma duvidosa relevância para compor parte da história do Brasil (Martius 1845, 1867 – sendo esta referência a publicação de conferência proferida em 1838). De acordo com as pesquisas de Francisco Noelli (1994, 1996, 1998), Karl von Martius, em

⁵ O termo, cabe esclarecer, refere-se ao tronco linguístico, tradicionalmente dividido em 10 famílias linguísticas, com um total de línguas entre 40 e 45. O termo Tupi também designa os falantes dessas línguas, e é a eles que estamos nos referindo. Quando houver referência ao tronco linguístico, explicitaremos.

1838, foi o primeiro a propor um centro de origem para os Tupi. No entanto, a partir de uma abordagem racista, Martius considerou os povos indígenas como descendentes decaídos das terras andinas, considerando a região entre o Paraguai e o Sul da Bolívia como seu centro de origem. Martius defendia a ideia de uma “língua-mãe” para os Tupi, porém considerava a grande diversidade linguística observada à época como resultante da miscigenação desorganizada e generalizada (Martius 1855 e 1867, Noelli, 1996 e 1998).

Um ano depois, Alcide D’Orbigny (1844[1839]), um dos poucos naturalistas a navegar pela bacia do Guaporé, também baseado em informações linguísticas e geográficas, deslocou a terra-natal Tupi para Sul, estabelecendo a região entre o Paraguai e o Brasil como o ponto de origem.

Somente nas décadas anteriores ao ocaso do século XIX, as argumentações sobre o tema incorporam um pouco mais de clareza. Karl von den Steinen (1886) e Paul Ehrenreich (1891), baseiam-se no critério de diversidade e proximidade para localizar o centro de origem linguístico. Ou seja, áreas com grande concentração de diferentes línguas podem ser consideradas como o centro de difusão. No entanto, para Steinen o centro de dispersão estaria localizado no alto Xingu, enquanto para Ehrenreich, o local de origem estaria em regiões próximas às propostas anteriores, ou seja, entre o Sul da Bolívia, o Paraguai e o Brasil. Neste momento, é importante destacarmos que, talvez na tentativa de evitar confusões entre os termos popularmente empregados para a designação de grupos indígenas, Steinen os funde criando a designação Tupi-Guarani, resultado da sistematização e agrupamento, dando continuidade à proposta de Martius (Von den Steinen 1886, Noelli 1996 e 1998).

Em princípios do século XX, com a formulação de hipóteses difusionistas, tanto na Alemanha quanto nos Estados Unidos, as abordagens de migrações populacionais e dispersões de traços culturais começam a se diversificar. Wilhelm Schmidt (1913), adotando uma abordagem comparativa entre os Tupi e outros grupos linguísticos, propõe o Alto Amazonas como o centro de dispersão Tupi.

Até meados da década de 1920, as propostas continuavam a rodar sob a influência principal das hipóteses de Martius repaginadas por Ehrenreich (Noelli 1996, 1998). As

exceções encontram-se em Krause (1925) que desloca o centro de origem para o rio Napo, e Affonso de Freitas (1914), que sugere a região do Sudoeste amazônico ampliado, compreendida entre o alto Madeira, lago Titicaca, rios Araguaia e Beni, no território boliviano (Noelli 1996, 1998).

Podemos notar que as propostas para o centro de origem Tupi foram tão diversificadas quanto o número de autores, no entanto, poucas se basearam em dados sistemáticos, em parte pela ausência destes, em parte pelos paradigmas teóricos em voga. No entanto, a partir de meados da década de 1920, este quadro passa a receber novas cores.

2.2. Os modernos modelos

Será Alfred Métraux o principal portador das novas abordagens para um centro de origem Tupi, propondo a região entre os rios Tapajós e Xingu como provável centro de origem, preferencialmente o alto curso do Tapajós (Métraux 1928). De acordo com Noelli (1996), Métraux (1927, 1928, 1948a e b) foi o primeiro autor que justificou sua proposta em dados culturais “sistematicamente organizados e comparados”. Valendo-se de uma perspectiva comparativa – inspirada em W. Schmitd e Nordenskjöld –, Métraux baseou suas análises na produção material Tupi, analisando elementos comuns aos grupos, recorrendo inclusive a relatos da Comissão Rondon sobre os indígenas do rio Ji-Paraná. As ondas migratórias teriam sido três: uma em direção ao baixo Xingu, outra em direção aos rios Purus e Napo, e a terceira, mais recente, rumo ao Paraguai e à costa Atlântica, da qual participaram os Tupinambá e os Guaraní. Métraux foi um grande colaborador de Julian Steward no terceiro volume do *Handbook of South American Indians* (Steward 1948), que discutiremos no Capítulo 3.

Ao longo da segunda metade do século XX, dados arqueológicos e linguísticos desmontaram esta hipótese; no entanto, impressiona a persistência que as propostas de Métraux possuem, apesar das críticas intensas (Brochado 1984, 1989; Laraia 1986 e 1988; Noelli, 1996 e 1998, entre outros). Para este período, entre outras hipóteses elaboradas, destacamos a de Branislava Susnik (1975) que sugeriu as planícies colombianas como ponto de origem.

Noelli (1996) apresenta os principais mecanismos de expansão Tupi para a autora: crescimento demográfico, necessidade de expansão agrária para agricultura, pressão

periférica de grupos não-Tupi e o abandono de terras sem condições ecológicas adequadas à permanência e reprodução do sistema agrícola. (Noelli 1996: 14).

Entre as propostas de um centro de origem para os Tupi baseadas em estudos linguísticos, destacamos as de Aryon Rodrigues (1964) e Ernesto Migliazza (1982). O primeiro é responsável pelo dendrodiagrama mais aceito para a formação e filiação das línguas Tupi (anexo 2). E o segundo, por incorporar teorias ambientais em suas proposições linguísticas.

Para Rodrigues (1964), a partir de análises léxico-estatísticas e da premissa de que altas concentrações de línguas geneticamente vinculadas indicam prováveis centros de dispersão, a região do rio Guaporé seria o centro de origem dos Tupi. Por sua vez, Migliazza (1982), apoiando-se na teoria dos refúgios florestais (discutida em detalhes no Capítulo 3), estabelece uma relação determinista ambiental para explicar a diversidade linguística amazônica – e do Tupi –, sendo tal diversidade resultado da circunscrição ambiental imposta ao homem por movimentos de contração e dilatação das zonas florestadas. Os períodos de contração das florestas gerariam ilhas de recursos, proporcionando o relativo isolamento entre grupos humanos que, por sua vez, acarreta em diversidade linguística pelo processo de convergência (como veremos no Capítulo 4). Para este autor, o centro de origem Tupi seria a bacia do rio Ji-Paraná. Sua proposta foi seguida por Pedro I. Schimitz (1991), que também seguiu as propostas de Meggers (1975, 1976, 1982) – cf. anexo 3 e 4.

Os principais modelos arqueológicos para a Amazônia não estiveram ausentes deste debate. Certamente a polêmica mais comentada e reproduzida em trabalhos amazonistas é a confrontação das hipóteses de Donald Lathrap e Betty Meggers (Lathrap 1970; 1974; 1977; Meggers 1977, 1979 e 1982; Evans e Meggers 1968) e a posterior proposta de Brochado (1984, 1989). Por isso, sem deixar de frisar o grande mérito de seus trabalhos e sem menosprezar as suas ainda relevantes contribuições intelectuais, seremos breves.

Inicialmente, o Pronapa, conduzido por Betty Meggers e Clifford Evans, na busca pela criação de uma sequência cultural capaz de identificar fluxos de influências, migração e difusão pretéritas, postulou a origem da cerâmica fora da Amazônia, apresentando grande similaridade com a proposta de Martius. Rompendo com o uso de informações históricas e linguísticas, atendo-se exclusivamente aos dados arqueológicos, o Pronapa pretendia

eliminar uma “cortina de fumaça” na interpretação da Amazônia pretérita (e não apenas dela). Para isso, abriu mão das categorias etnográficas de denominação do registro arqueológico, entre elas o Guaraní e o Tupinambá, decidindo assumir o termo “Tupiguarani” (Noelli 1996).

Quanto à adoção deste termo, para designar uma tradição cerâmica, recordamos a sutil observação de Brochado (1991), segundo a qual “[a] ‘Tradição Tupiguarani’ são na realidade duas extensões distintas da Tradição Polícroma Amazônica no Leste da América do Sul e, portanto, deve ser dividida em duas subtradições que representam as cerâmicas produzidas por dois grupos Tupi distintos – os Guaraní e os Tupinambá – os quais tiveram histórias totalmente separadas durante os últimos dois mil anos.”⁶

Para Meggers, inicialmente, o centro de origem Tupi estaria na planície boliviana, a Oeste do rio Madeira; porém, anos mais tarde, a autora desloca este centro para Leste do mesmo rio. A reformulação da hipótese de Meggers (1973) baseou-se nos dados do Pronapa, e nas pesquisas de Métraux (1927) e Rodrigues (1958).

Por outro lado, Donald Lathrap elaborou uma proposta divergente à de Meggers, em oposição, principalmente ao modelo de Steward, sendo a Amazônia Central, na confluência entre os rios Negro e Solimões, não apenas o centro de origem Tupi, mas também o centro de origem e dispersão da cerâmica da Tradição Polícroma da Amazônia. Para tanto, Lathrap articula uma série de dados arqueológicos, referentes à América do Sul, às informações linguísticas de Rodrigues (1958), dados etnográficos e a uma ampla gama de inferências sobre processos de domesticação da flora – de onde deriva seu “modelo cardíaco”, tal qual apelidado por Robert Carneiro.

Por sua vez, Brochado (1984) – que inicialmente integrou o Pronapa, tornando-se orientando de D. Lathrap – refina o modelo proposto por Lathrap incluindo uma série de datações radiocarbônicas e informações de outros tantos sítios arqueológicos, além de aprofundar as informações linguísticas. Para este autor, o movimento de expansão Tupi conformaria um movimento de pinça, representado na ilustração do “*Cosmic Caiman*” (anexo 4). Os motores da expansão, para estes dois autores, estão na invenção/fundação de um modelo ribeirinho agrícola de expansão, em que a exploração de uma agricultura

⁶ Um debate mais aprofundado e críticas mais contundentes podem ser encontradas em Brochado 1984 e 1989.

intensiva nas várzeas de grandes rios amazônicos resultou em crescimento demográfico e consequente expansão em busca de mais e de novos locais adequados para a reprodução deste modo de subsistência⁷.

Lathrap, e posteriormente Brochado, coordenando elegantemente dados arqueológicos, linguísticos, etnográficos/etno-históricos e botânicos, articularam talvez o melhor leque de interpretações sobre os movimentos de expansão e mobilidade para a Amazônia pretérita. No entanto, as evidências arqueológicas divulgadas desde finais da década de 1990 não sustentam mais suas hipóteses referentes à localização do centro de origem Tupi, e de uma expansão baseada na exploração intensiva das várzeas dos rios de água branca (Urban 1992; Neves 2007; 2008; 2009 e 2010; Heckenberger 2002 e 2008; Heckenberger et. al. 1998, 1999 e 2003; Clement 1999a e b).

Ao longo destes mais de 150 anos, inúmeras rotas de expansão foram traçadas na tentativa de explicar a presença extensiva dos falantes Tupi no Leste da América do Sul. Se os modelos da segunda metade do século XX tiveram o mérito de incorporar firmemente a análise multidisciplinar e permitir avanços desvinculados de preconceitos ou idealismos, ainda estamos longe de resolver essa questão. Por outro lado, o avanço e incremento nas pesquisas de linguística histórica, antropologia social, arqueologia e antropologia física (ou genética) mostram-se cada vez mais promissores, além de oferecer dados complementares aos já conhecidos.

Atualmente, as regiões que se mantiveram candidatas ao centro de origem se restringiram ao Sudoeste Amazônico, pouco investigado até os anos de 1990, apesar de apresentarem uma admirável complexidade antropológica. Por outro lado, se os vetores dessa expansão foram parcialmente resolvidos – uma expansão que tem início em algum lugar da Amazônia com eixos principais para Norte, Leste e para o Sul –, ainda resta às pesquisas antropológicas, esclarecer de onde e por que partiram os Tupi em tão extensos pulsos colonizadores. Afinal, como sugerem os mais recentes dados arqueológicos, etnográficos, históricos e linguísticos, não parece ser a pressão populacional decorrente *exclusivamente* de uma agricultura ribeirinha intensiva a mola propulsora destes movimentos. (Noelli

⁷ Para os mapas de expansão destes autores consultar anexo 5 e 6.

1996, Urban 1996, Viveiros de Castro 1996, Heckenberger et al. 1998 e 1999; Neves 2000, 2003, 2005, 2007, 2008, 2009, 2010, Crevels e Voort 2008).

Por esta razão, cremos necessário explorar quais têm sido as abordagens adotadas pela arqueologia para explicar os processos de expansão linguística e seus mecanismos de diversificação.

2.3. Expansão e diversidade linguísticas: relações entre língua, identidade e registro arqueológico

The existence of a considerable degree of cultural uniformity in prehistoric times is indicated by the wide distribution of many ceramic traits. In several instances, particular ceramic styles can be related to the areas of dispersal shown by the Arawakan, Tupian and Carib linguistic stocks. Only a high degree of human mobility in prehistoric times could explain the ethnographic and archaeological varray.

Brochado and Lathrap (1980)

2.3.1. Identidade e registro arqueológico

Para a arqueologia, os anos de 1980 representaram uma retomada de temas considerados histórico-culturalistas. Entre estes temas está o debate sobre identidades. Esta retomada deve-se a um contexto internacional científico e político: os excessos neopositivistas da geração anterior e o fim da administração neocolonialista sobre países “periféricos” – gerando reivindicações de novas identidades, a construção de histórias particulares e o esmaecimento das fronteiras europeias, com a União Europeia e suas instituições supranacionais. Não por acaso, a antropologia anglo-americana apresenta um amplo debate contemporâneo sobre identidades (Brosius 2001; Stonich e DeWalt 2006; Hill 2006; Insoll 2007; Jones 2007; Rowlands 2007, Meskell 2007, Maceachern 1998, Renfrew 2000, Bellwood 2001 e 2005; Anthony 2007).

Para a arqueologia das Terras Baixas, o processualismo não chegou a representar propriamente uma ruptura ou mesmo uma linha de ampla adesão. Apesar de sua influência ser inegável em diversas publicações, conforme apontado por vários autores

(Dias 2007; Neves 2005, 2007; Heckenberger et al. 1998), há certo grau de hibridismo teórico quando tentamos, forçosamente, vincular a produção acadêmica às categorias de filiação teórica. Tal hibridismo, presente em diversas reflexões científicas sobre o passado da América do Sul e México, deriva mais de processos históricos internos e comuns ao “novo mundo latino”, do que da falta de consistência intelectual, como demonstraram Antonio Candido, Sérgio Buarque, Gilberto Freire, Florestan Fernandes, Oswald de Andrade, Nestor Garcia-Canclini, Manuel Bonfim, entre outros.

Na arqueologia das Terras Baixas, o debate entre identidade e registro arqueológico não só sempre esteve presente, como também se constituiu como um dos pontos centrais. Neste caso, o debate repousa na correlação entre registro arqueológico e identidade linguística (Max Schmidt, Nordenskjöld 1930; Meggers 1977, 1979, 1982 e 1996; Lathrap 1970 e 1977; Brochado 1984 e 1989, Brochado e Lathrap, 1980; Neves 2006, 2008, 2010 e 2011; Heckenberger 2002, 2008 e 2011; Hornborg 2005; Rouse 1985; Roosevelt 1991 e 1995; Baleé e Moore 1994, Migliazza 1982, Nimuendajú 1987 e 2004; Neves, W. et al. 2011; Lévi-Strauss 1948b, além de outros exemplos fora dessa região: Noelli 1994, 1996, 1998).

Neste ponto, nos posicionamos ao lado de outros pesquisadores, acreditando que é possível estabelecer uma correlação positiva entre língua e registro arqueológico. Essa hipótese⁸ decorre, em primeiro lugar, da premissa de que há certa continuidade cultural entre as populações ameríndias observadas e descritas a partir da invasão europeia e as ocupações pretéritas do continente, observáveis no registro etno-histórico e arqueológico, respectivamente⁹. Em segundo lugar, de que a diversidade cultural das Terras Baixas, apesar de grande, é finita (Lathrap 1970, Lathrap & Brochado 1980, Brochado 1984, Oliver 2008, Heckenberger 2002, Neves 2011, entre outros).

Assumindo essas premissas, cabe esclarecermos sob quais condições e em qual grau é possível estabelecer essa correlação. Atualmente, nas análises tecnológicas de artefatos – em nosso caso, a cerâmica, o mais acessível e abundante registro arqueológico na

⁸ Esta hipótese tem sua origem no histórico culturalismo de princípios do XX, no entanto, nas últimas três décadas foi alvo de revisões e acréscimos, não mais sendo a simples correlação direta entre artefato e “grupo étnico”.

⁹ “Certa continuidade” não implica ou quer dizer “que são as mesmas” – como sustentavam evolucionistas do XIX.

Amazônia –, essa correlação articula dados etnohistóricos, linguísticos, e uma diversidade de informações provenientes do registro arqueológico: técnicas de análise paleobotânicas, cronologias regionais mais completas, análises de padrões de assentamento, tamanhos de sítio, dispersão e inserção destes na paisagem etc. A capacidade de refinamento na correlação entre grupos linguísticos e o registro arqueológico é dependente da maior ou menor possibilidade de articulação destes elementos. Portanto, não se trata de uma correlação arbitrária ou desejosa. (Renfrew 2000; Anthony 2007; Bellwood 2001 e 2005; Kirch 2000).

Portanto, se os processos de expansão linguística foram acompanhados de expressões concretas, no “mundo real”, deixando marcas na formação do registro arqueológico, o esforço reside em compreender como ou porque esses processos de mobilidade ocorreram. Dessa forma, como sugere Renfrew (2000), tal correlação parte inicialmente de um quadro hipotético que, submetido a teste, pode ser confirmado, refinado ou negado.

Em uma breve revisão, apresentamos os principais modelos linguísticos incorporados à literatura arqueológica. Estes modelos referem-se aos processos de expansão linguística não apenas em sua expressão territorial, mas também, no sentido de sua diversificação (famílias línguas, dialetos); aos mecanismos de formação (empréstimos, divergência, convergência, advergência, circunscrição) e às estratégias populacionais de interação linguística (línguas francas, multilinguismo, p. ex.). Além disso, pretendemos ver como essas ferramentas conceituais podem auxiliar-nos na interpretação da Amazônia pretérita.

2.3.2. Modelos de expansão linguística

Entre estes modelos, o mais difundido talvez seja a Hipótese de Dispersão Agro-linguística (em inglês, *Farming-Language Dispersal Hypothesis* ou FLDH). Como abordagem difusionista, foi aplicada recentemente para explicar as expansões de falantes do Indo Europeu (correlacionada à expansão da cerâmica “*linear Band*”), das línguas austronésias (correlacionada à expansão do complexo cerâmico Lapita na Melanésia e Polinésia Ocidental), do Arawak (correlacionada à expansão da cerâmica Saladóide/Barancóide, no Caribe) e do Banto, na África Subsaariana (Renfrew, 2000; Anthony 2007; Bellwood 2001 e 2005; Kirk 2000).

Como visto no capítulo anterior, esta hipótese é amplamente conhecida entre pesquisadores amazonistas. Baseia-se na correlação de dois processos: a criação ou surgimento de uma família linguística e a difusão populacional resultante da alteração nos modos de subsistência e padrões demográficos – no caso, o implemento da agricultura e o crescimento populacional resultante de um modo de subsistência favorável à acumulação de recursos. Arqueologicamente é a alteração nos modos de subsistência e seus correlatos materiais que permitem verificar a hipótese em sua profundidade temporal, testável por datações arqueológicas e também pela linguística histórica¹⁰ (Renfrew 1987 e 2000; Bellwood 1996, 1997, 2001).

A FLDH surge em complemento a duas outras hipóteses de expansão linguística: a de “difusão dêmica” ou *wave of advanced*, e a “*saltatory jumps*” ou “*leapfrog*” (Renfrew 2000, Bellwood 2001, Anthony 2007). Pelo primeiro (Cavalli-Sforza 2003), aplicado ao caso Indo-Europeu, após a adoção da agricultura e o decorrente crescimento populacional, as expansões populacionais seriam orientadas pela reprodução constata da nova estratégia de subsistência, incorporando territórios, *a priori*, ocupados por dispersos grupos caçadores-coletores. O quadro final, que poderia ser observado no registro material seria de uma relativa homogeneidade linguística e social.

Por sua vez, a hipótese de “*saltatory jumps*”, partindo das mesmas premissas e de um suposto mundo pouco povoado, propõe mecanismos de mobilidade diferentes. Estes seriam orientados pela busca de ambientes naturais mais adequados à reprodução da agricultura, eventualmente gerando “buracos” populacionais (Renfrew 2000, Bellwood 2001).

Estas duas últimas hipóteses, que se diferenciam uma pelo encadeamento constante e outra por hiatos nos processos de expansão, assemelham-se pela linearidade dos resultados – uma armadilha funcionalista. Também compartilham como premissas um mundo pouco povoado por dispersos caçadores-coletores, e uma matriz ecológica de estabilidade dos ambientes naturais, resultando na ausência de possíveis “conflitos agrários”, ou disputa pelos ambientes considerados “adequados”. Com o intuito de

¹⁰ Para os dados referentes à profundidade cronológica linguística, não consideraremos as análises da glotocronologia, em razão das diversas críticas recebidas e à ampla aceitação do método léxico-estatístico.

superar tais imprecisões, a FLDH, na versão de Renfrew (2000), insere um elemento de contato populacional na dinâmica de difusão, que em certa medida recupera a obra de Childe (1929), apesar de ressalvas na correlação, feita em 1929, entre registro material e identidade linguística (Renfrew 2000: 10).

Para Renfrew, a partir de um ponto inicial (a “terra natal”, pressuposto para qualquer hipótese de expansão linguística baseada na filogenia) o crescimento demográfico e a mobilidade dos primeiros agricultores difundem a prática agrícola e sua língua. Não apenas pela conquista de espaços despovoados, mas também pela interação com grupos não agricultores que incorporam tanto a nova estratégia de subsistência, quanto os elementos linguísticos. Dessa forma, contribuindo na dinâmica de dispersão e expansão linguística, apesar de implicar na redução da diversidade linguística de uma determinada área – aqui, trata-se do processo de convergência linguística pelo qual, línguas que não possuem uma relação genética, ao longo do tempo, adquirem elementos comuns – (Renfrew 2000: 12).

O autor também elabora o quadro contrário, no qual grupos de antigos habitantes dos espaços reivindicados pelos novos agricultores não incorporam seus elementos linguísticos e técnicas de subsistência, mantendo-se isolados – seja pelo deslocamento para outros espaços, seja pela limitação territorial resultante da pressão populacional causada pelos novos habitantes. Este processo de divergência linguística – que decorre do isolamento de grupos – exerce o efeito de diversificação linguística. Para os casos em que a interação linguística e a presença em territórios adjacentes exercem um efeito de influência mútua temos o caso de advergência¹¹, o mais popular processo na formação de subfamílias linguísticas indo-europeias para Renfrew (2000: 14).

Dessa forma, a alteração nos padrões demográficos seria resultado das mudanças econômicas promovidas pela agricultura que induziriam à dispersão populacional; enquanto que divergência, convergência e advergência seriam os mecanismos de variação na diversidade linguística.

¹¹ No original “*advergence*” (Renfrew 2000: 14), que não encontramos melhor tradução ou correlato nos estudos linguísticos publicados em português. Não poderíamos utilizar o termo “empréstimo”, uma vez que é unilateral quanto à característica ou termo emprestado.

Por outro lado, Bellwood (2001) ao estudar correlações entre dispersão linguística e populacional na Melanésia, oferece um desenvolvimento menos linear do que aquele apresentado por Renfrew para a Europa e o Indo-Europeu. Para Bellwood, a expansão linguística também está diretamente relacionada à mobilidade populacional, pois seria mais plausível do que o simples abandono, por populações, de uma língua em detrimento de uma nova. No entanto, as inovações econômicas da agricultura não foram sempre reproduzidas. Devido às características ambientais próprias à região insular, nem sempre condições adequadas à agricultura foram encontradas, assim alguns grupos migrantes optaram por privilegiar a caça e coleta, abandonando-as somente após a extinção de espécies economicamente importantes (Bellwood 2001: 185).

Apesar de predominante, a FLDH não tem sido a única forma de encarar as expansões linguísticas. Abaixo, apresentaremos mais três modelos: *punctuated equilibrium model*, *elite dominance* e o *standard model*.

De modo geral, para o *punctuated equilibrium model*, ou modelo de equilíbrio interrompido (Dixon 1997), a diversidade linguística e sua dispersão resultariam de uma ruptura no estado de equilíbrio entre as populações. Em outras palavras, este modelo, parte da premissa de que em uma determinada área geográfica os grupos humanos viveriam em harmonia, sem divergências de status, com padrões similares de tamanho e organização até o momento em que algo interfere nessa relação homeostática de modo drástico (Dixon 1997: 3).

Partindo de uma perspectiva de variação adaptativa, Dixon considera que os fatores de desequilíbrio podem surgir tanto de elementos naturais (como uma seca ou um alagamento), como de elementos culturais (a introdução de novas ferramentas, armas, ou estratégias econômicas). Essa ruptura no estado homeostático promove o crescimento populacional ou a fissão do grupo original em novos grupos que expandindo-se ou dividindo-se ocupariam novos espaços, desequilibrando também as relações intergrupais. Após esse momento de ruptura, a tendência seria de retomada do equilíbrio e as variações linguísticas ocorreriam por divergência filogenética – seguindo o modelo tradicional de “árvore”, o *standard model*, do qual falaremos adiante.

O modelo proposto por Dixon, no entanto, enfatiza os processos de convergência e não os de divergência. Apesar de os processos de convergência não conformarem novas famílias linguísticas, conduziriam a um quadro geral de homogeneidade, mais do que de diversidade linguística. A convergência de longa duração poderia falsear alguns dados obtidos pelas abordagens linguísticas tradicionais, simulando famílias linguísticas quando, na verdade, seriam casos de similaridade sem vínculo genético entre as línguas, criando áreas linguísticas ou o denominado efeito *Sprachbund*¹². Neste modelo não haveria “língua-mãe” ou qualquer protolíngua, como o Proto-Indo-Europeu.

O mérito deste modelo, para Renfrew (2000: 13), está no fato de realmente incluir processos históricos que podem ser verificados empiricamente por dados obtidos pelas ciências naturais e humanas. Uma dimensão nem sempre alcançada nos modelos de reconstrução linguística. Por outro lado, as críticas ao *punctuated equilibrium model*, na aplicação ao caso Indo-Europeu, estão justamente nessa supervalorização do processo de convergência linguística, que seria incapaz de explicar o alto grau de similaridade entre as línguas Indo-europeias, e que na ausência de uma “língua mãe” não haveria explicação para as correspondências regulares de som, morfologia e significado que define a família Indo-europeia enquanto tal.

Em certo sentido, a FLDH se aproxima do modelo de “equilíbrio rompido”, pois a adoção da agricultura pode ser entendida como ruptura no equilíbrio, resultando em dispersões populacional e linguística. No entanto, na primeira, os processos de divergência e advergência são valorizados, em detrimento dos de convergência, na interpretação da diversidade linguística. De acordo com a abordagem da FLDH, a vinculação da dispersão linguística a certa linearidade expansionista permitiria o movimento analítico de “marcha à ré”, propiciando a reconstrução de uma proto-língua comum à família, o mapeamento dos locais de práticas agrícolas e suas cronologias de implementação.

Por sua vez, o modelo de elite dominante (*elite dominance model*) tem sido principalmente utilizado para explicar a distribuição de línguas Indo-Iranianas, da família Indo-europeia, e também para línguas Turcas e Mongóis (Renfrew 2000: 30). Para

¹² *Sprachbund*, do alemão, algo como “associação de falas” – tradução livre, pois os dicionários consultados não possuíam este verbete.

Renfrew, este modelo tem maior aplicabilidade para processos que envolvem populações pastoris ou nômades, mais do que para grupos sedentários agricultores. No entanto, Anthony (2007), que adota este modelo para a explicação da expansão Indo-europeia – reavivando o debate sobre a “terra natal” do Proto-Indo-Europeu –, sugere que *elite recruitment* seria a denominação mais adequada para o processo.

O modelo de Anthony repousa sobre a analogia, entre outras, ao movimento de expansão dos Acholi – grupo etno-linguístico do Norte da Uganda e Sul do Sudão, Luo falantes (língua e dialeto homônimos), da família Nilo-saariana. Este grupo, devido às estratégias de recrutamento político e vantagens ecológicas durante a grande seca das décadas 1790 e 1800, deixou de ser um grupo minoritário (em termos linguísticos) para tornar-se majoritário até cerca de 1850 – atestado no etnônimo para toda uma região – e recrudesce politicamente a partir da presença colonial inglesa.

Em termos conceituais, o modelo de *elite dominance* repousa sobre algumas definições. A principal delas seria o *charter group*, que seria o primeiro grupo a efetivamente ocupar uma nova área. Para Anthony (2007), este grupo possui direito às melhores localizações geográficas e posições de destaque no sistema hierárquico. Este grupo se estabeleceria como um marco identitário para as novas vagas migratórias, constituindo a referência simbólica e material a ser seguida, ao menos publicamente, pelos novos emigrantes – estes imigrantes contrairiam uma espécie de débito ou dependência com essa elite. Como uma fonte de tradições na nova terra ocupada, o *charter group* exerce hegemonia “histórico-cultural” sobre as gerações seguintes. Dessa hegemonia resulta menor diversidade de expressões simbólicas (dialeto, p. ex.) e material (habitações, p. ex.) quando comparamos com o local de origem das expansões, conformando uma “versão” simplificada da identidade original (Anthony 2007).

O recrutamento na formação de um *charter group* pode ocorrer tanto em nível intergrupal quanto intragrupal (a partir da assimilação de outros grupos), constituindo, via de regra, uma relação verticalizada entre o recrutante e o recrutado. Recrutantes normalmente já possuem um papel de destaque em seus grupos de origem, podendo ser líderes religiosos, carismáticos, militares etc.

No exemplo de Anthony, os Acholi estabeleceram, a partir de favores ou benefícios materiais, relações de clientelismo entre indivíduos de grupos com organização sociopolítica “igualitária”, para então, promovendo a desigualdade, incorporá-los e difundir traços identitários dominantes – um processo de “acholização”. Esta analogia, para Anthony, presta-se para pensarmos que grupos pré-históricos poderiam adotar o mesmo comportamento, difundindo-se sem a necessidade de alterações radicais nos modos de subsistência, mas pela incorporação do elemento alienígena e/ou a substituição linguística conforme um esquema de recrutamento baseado no prestígio.

Renfrew (2000) considera esse modelo inválido para o caso Indo-Europeu e apresenta uma série de evidências arqueológicas para refutá-lo. Porém, como dito, considera válido para explicar expansões como o Indo-Iraniano, o Turco e o Mongol, pois estes processos seriam confirmados por uma série de dados arqueológicos, demonstrando que a correlação entre língua e identidade pode ser alcançada pela articulação contextualizada de dados multidisciplinares (Renfrew 2000: 28-30).

Por fim, abordaremos o *standard model*, ou modelo de árvore linguística, mais familiar e acessível aos não linguistas. Neste modelo, semelhante a uma árvore genealógica, as línguas são organizadas por filiação e proximidade. As atuais línguas e dialetos provêm por divergência de uma “língua mãe”, que por sua vez, possui uma protolíngua que pode ser rastreável no tempo e no espaço, pelos mesmos critérios de filiação e proximidade. Para esse modelo, é importante manter em mente que o processo de divergência ou advergência possui uma profundidade temporal expressa nas categorias utilizadas. Estas categorias, apesar de possuírem um arranjo dinâmico específico, são as mesmas utilizadas nos modelos anteriormente apresentados.

Tais categorias, de acordo com Rodrigues (1985), indicam graus de diferenciação e filiação, sendo: dialetos (línguas da mesma família); famílias (línguas do mesmo tronco); tronco (língua do mesmo filo) e filo. Tais termos implicam em profundidades temporais distintas: a profundidade temporal de uma protolíngua de um filo é maior do que a de um tronco; a de uma protolíngua de um tronco é maior do que a de uma família, e a protolíngua de uma família é maior do que a de um grupo de dialetos. A partir das relações de proximidade/filiação e da profundidade temporal pode-se esboçar um quadro filogenético linguístico

2.3.3. Mecanismos de diversidade linguística

Tendo em vista as principais hipóteses interpretativas para a correlação entre linguística e “mundo material”, precisamos analisar sob que circunstâncias atuam os processos de divergência, convergência e advergência na variação e distribuição linguísticas. Em todas as hipóteses apresentadas no item anterior, tais processos atuam de forma mais ou menos semelhante, pois compartilham a premissa de que distribuições geográficas linguísticas acompanham fenômenos de mobilidade populacional. Destacamos quatro noções centrais na interpretação da distribuição e densidade geográficas das famílias linguísticas, a saber: *spread zone*; *residual* ou *mosaic zone*; *friction zone* e *starburst zone* (Anthony 2007; Bellwood 2001 e 2005; Dixon 1997, Renfrew 2000).

Spread Zone constitui um padrão de dispersão linguística resultante de curtas expansões populacionais, porém distribuídas em grandes áreas, com profundidade temporal relativamente pequena, que promove a criação/fundação de famílias linguísticas. Este fenômeno de espraio pode resultar tanto de alterações nos processos econômicos e demográficos, como de rupturas no equilíbrio linguístico, ou da dispersão de *charters groups*, do modelo de *elite dominance* (Renfrew 2000). No mundo material¹³ presume-se que correspondam à “terra natal” das famílias linguísticas – entidades geneticamente vinculadas, transmitidas essencial e continuamente através de sucessões de falantes nativos (Bellwood 2001).

Nesta zona de dispersão, a diversificação linguística está exclusivamente sob o efeito de processos de divergência e a influência de línguas alienígenas, convergência, é praticamente nula. As novas famílias linguísticas apresentam baixa diversidade genética, sendo poucos os termos não vinculados a uma língua-mãe (Renfrew 2000). De acordo com o *standard model*, esse movimento seria replicado num *continuum* de divisões e espraos que, incorporando outros processos de diversificação conformaria árvores filogenéticas. Para Bellwood, em diversas zonas de espraio arqueologicamente identificadas, a dispersão de famílias linguísticas maiores resultou na aniquilação de

¹³ Insistimos na expressão “mundo material” em contraposição ao “mundo linguístico” por razões analíticas, pois, na realidade, essa separação não é tão estanque ou “real”. É justamente a possibilidade da correlação positiva entre estes “mundos” que pretendemos demonstrar válida para a análise e a interpretação arqueológica (conforme postulado pelos autores inicialmente citados: Meggers, Brochado, Lathrap, Noelli, Neves, Heckenberger, Hornborg, Renfrew, Dixon, Anthony, Bellwood, entre outros)

qualquer outra língua isolada ou de outro filo, e cita os casos: Austronesiano, nas ilhas do Sudeste asiático, Banto, na África e o Sínico na China Central (Bellwood 2001: 195).

Por outro lado, o padrão de *mosaic zone* – zona mosaico – quando comparado ao padrão anterior, apresenta um número maior de famílias linguísticas, com maior diversidade interna e maior distância temporal em relação à língua-mãe, além da presença de famílias linguísticas de filios diferentes e de línguas isoladas. Em alguns casos, a zona mosaico, também denominada *residual zone*, pode constituir-se como refúgio linguístico – como o Norte do Cáucaso, citado por Renfrew (2000: 24).

Para Renfrew (2000), uma zona mosaico pode ser observada em regiões onde há a presença concomitante de grupos caçador-coletores e de agricultores (excluído aqui a presença resultante da expansão populacional associada à difusão de práticas agrícolas, tal como proposto pela FLDH, que conformariam o padrão de *spread zone*), ou seja, uma área em que coexistam grupos linguísticos bem estabelecidos, com origens genéticas divergentes há longo tempo, ou sem vínculo genético. Segundo Renfrew (2000) a amplitude geográfica de uma zona mosaico varia de acordo com a proporção existente entre os grupos com estratégias de subsistências distintas. Grupos caçador-coletores tendem a ocupar uma área maior do que aqueles baseados em práticas agrícolas, no entanto, a densidade populacional pode ser inversa às áreas ocupadas, ou mesmo equivaler em termos de densidades relativas (os anexos 7 e 8, reproduzidos de Renfrew 2000, ilustram este processo).

Nas zonas mosaico, o aumento da diversidade linguística deve-se a dois processos não excludentes. O de divergência (diversificação entre famílias e subfamílias geneticamente relacionadas), podendo estar vinculado a uma colonização precoce, seguida de grande estabilidade, e o processo de advergência, em que a influência mútua de famílias geneticamente relacionadas e geograficamente próximas pode promover novas subfamílias linguísticas. Para os casos de diversificação por divergência, Renfrew (2000) sugere uma temporalidade de longa duração, com início na transição Pleistoceno-Holoceno, quando alterações climáticas proporcionam rupturas na relação entre modos de subsistência e demografia.

Porém, nas zonas mosaico também atuam processos de redução da diversidade linguística: são casos de convergência (assemelhação entre línguas sem origem genética). Este seria o caso da polêmica “família” Pama-Nyungan australiana, de acordo com Dixon (1997; Renfrew 2000). Em abordagens menos polêmicas, esta família é considerada uma *Sprachbund*, ou área linguística – também decorrente do processo de convergência.

Por sua vez, *friction zone*, ou zona de atrito, assim como as zonas mosaico, localizam-se nas bordas da zona de espraio. De acordo com Bellwood (2001: 189), estas zonas formam-se a partir das limitações ambientais para a continuidade do espraio linguístico, reduzindo significativamente seu ritmo de expansão. Outra condição para a ocorrência de zonas de atrito está no choque entre grupos com diferentes estratégias de subsistência. Em outras palavras, na ausência das condições ideais de espraio populacional e linguístico – um mundo pouco povoado –, os grupos emigrantes podem defrontar-se com tensões agrárias restritivas. Portanto, fatores ambientais, culturais ou ambos podem resultar em zonas de atrito.

Bellwood (2001) considera que, arqueologicamente, o “atrito” decorrente do encontro de diferentes estratégias econômicas pode ser identificado pela gradual incorporação (ou abandono) de práticas de subsistência, visíveis nos processos internos de mudança no registro arqueológico, sem que ocorra uma visível ruptura por elementos alienígenas ou exógenos. Em outras palavras, devido à substituição gradual de estratégias de subsistência, o vagaroso ritmo na adoção de novas estratégias imprimiria marcas no registro arqueológico observáveis em processos de “avaliação”, “substituição” e “consolidação” (Zvelebil e Rowley-Conwy *apud* Bellwood 2001: 189).

Referente às implicações linguísticas, as zonas de atrito, com sua larga profundidade temporal, apresentam uma espécie de ambiguidade filogenética. Por um lado, podem estar compostas por diversas famílias linguísticas divergentes e advergentes, e por línguas isoladas ou sem vínculos genético com as predominantes, e por outro, podem adquirir caracteres semelhantes às zonas de espraio, ou seja, a ausência de ruptura no desenvolvimento local pode sugerir uma espécie de “terra natal” das famílias linguísticas presentes.

Portanto, zonas mosaico e zonas de atrito possuem dois tipos distintos de origem, que explicariam a grande diversidade linguística dessas áreas. Ambas podem configurar-se como o “fim da linha” para a expansão linguística devido às circunscrições culturais ou ambientais (Bellwood 2001), ou – no outro extremo – resultaram de uma colonização precoce (ou pouco povoadas), seguida por um longo período de estabilidade (Renfrew 2000). As zonas de atrito, para Bellwood, são as regiões em que mais frequentemente ocorrem mudanças linguísticas, promovendo aumento na diversidade das famílias linguísticas.

Por fim, é importante considerarmos as *starburst zones*. Tais zonas configuram-se como uma espécie de região catalisadora – fonte de imigração e não alvo de emigração. Para Bellwood (2001), estas zonas correspondem à terra natal da agricultura para regiões em que sua implementação foi tardia, quando comparada à história das famílias linguísticas (e não concomitante como no caso das zonas de esprai). Ou seja, *starburst zones* são regiões de adensamento populacional seguido de seu escoamento. O perfil linguístico dessas zonas reflete este escoamento pela dispersão genética de famílias e, assim, opondo-se às zonas mosaico ou de atrito.

3. Paradigmas na relação homem-ambiente

Temos um defeito: a falta de originalidade. Quase tudo o que resolvemos fazer foi inspirado – digamos francamente, copiado – de modelos célebres. Se contribuimos com alguma novidade é sempre inevitável: os anacronismos ou as surpresas, os escândalos. Meu tio mais velho diz que nós somos como as cópias de papel carbono, idênticas ao original, a não ser que de outra cor, outro papel, outra finalidade.

Cortázar (1983: 25)

Antes de iniciarmos o tema central desse capítulo, é preciso contextualizar o leitor em relação aos dados ambientais disponíveis para a Amazônia, pois constituem o pano de fundo para a elaboração de quase todas as abordagens e interpretações realizadas pela arqueologia. Afinal, por um lado, o meio ambiente é uma realidade objetiva com que as sociedades precisam interagir e, por outro, é, em grande medida, mas não exclusivamente, responsável pelas condições em que encontramos nosso objeto de estudo: o registro arqueológico.

A Amazônia, e não menos seu Sudoeste, é alvo de debates acalorados sobre seu passado ambiental e sua relação com os grupos humanos que a habitaram. A questão ambiental repousa sobre três abordagens principais que fornecem explicações distintas para a configuração dos ecossistemas amazônicos e a grande biodiversidade dispersa – em relação ao número de indivíduos por área, fato comum às Florestas Tropicais. Entre essas abordagens, duas delas se baseiam em fatores climáticos (compartilhando a premissa de ecossistema fechado) e a terceira, mais recente, baseia-se no conceito de ecossistema aberto e na influência constante da espécie *Homo Sapiens* sobre sua formação¹⁴.

Entre as duas primeiras abordagens, os autores dividem-se em dois principais grupos, aqueles que defendem que tal biodiversidade se deve à grande estabilidade climática vivida na região (Colinvaux 1987; 2001: 30; Colinvaux et al. 2000) e aqueles para os quais a diversidade resulta da formação de refúgios florestais, uma resposta biótica às

¹⁴ Tais concepções serão tratadas em detalhes ao longo deste capítulo. Por ora, sistemas fechados possuem sua força dinâmica em um número reduzido e conhecido de variáveis, conduzindo a conformações mais ou menos previsíveis ao longo do tempo, enquanto sistemas abertos possuem dinamismo multivariável, produzindo diferentes conformações de acordo com as variáveis ativas em um momento histórico específico (Ellen 1982, 2006).

alterações climáticas – fenômeno de dois momentos: a retração da área florestada em detrimento da expansão de savanas ou cerrados e sua posterior inversão: a retomada das áreas pela floresta, obedecendo à influência dos ciclos climáticos, por exemplo, ciclos de Milankovitch e de Bond (Ab’Saber 1996; Behling & Hooghiemstra 2000; Prance 1985; Haffer 2001; van der Hammen 2001; van der Hammen & Hooghiemstra 2000).

A terceira hipótese baseia-se na capacidade de resiliência das paisagens e na participação humana em sua conformação, ou seja, a longa presença humana nos ambientes florestados (e qualquer outro, para essa hipótese) influiu na dispersão e características das espécies florísticas que, conforme sua capacidade de resiliência deixam “marcas” capazes de permanecer ao longo do tempo, inclusive na ausência humana. No caso amazônico, tais marcas foram denominadas de “florestas culturais”. Para essa hipótese, na conformação de um ecossistema influem não apenas características bióticas ou abióticas de ação direta (clima p.ex.), mas também culturais (Balée e Moore 1994, Balée e Ericson 2006; Balée 2006)¹⁵.

Para o Sudoeste amazônico, apesar da falta de consenso entre os pesquisadores ambientais, os dados disponíveis apontam para uma configuração de tensão ambiental (ecótonos) durante o Holoceno Inicial e Médio (entre ca. de 10000 e 3000 anos BP). Estes dados e suas respectivas referências foram sistematizados no anexo 3. Se há uma correlação positiva entre condições ambientais e modo de vida humana é necessário levar em consideração essa condição de ecótonos nos processos ocupacionais e nos modos de subsistência, apesar da pouca precisão envolvida no estabelecimento de tais fronteiras.

Embora as escalas entre ecossistemas e ocupações humanas possuam, em muitos casos, grandezas distintas, a localização ecológica descrita por Lévi-Strauss (1996[1955]) para os Nambiquara e Tupi-Cavaíba atestam a plausibilidade da escolha deliberada de grupos humanos por habitar ecótonos e, assim, aproveitarem um leque mais amplo de recursos (ou não, pois os Nambiquara descritos não iam à floresta). Outro caso inspirador são os Suruí Paiter, ou Suruí de Rondônia, que com sua organização social dualista, separada entre as metades “da roça” e “do mato”, exploram o ambiente com estratégias combinadas de modos de subsistência e padrões de ocupação muitas vezes considerados excludentes:

¹⁵ Para uma recente opinião contrária à capacidade de resiliência amazônica cf. McMichael et al 2012a e b.

os do mato, itinerantes; os da roça, sedentários – esses papéis são invertidos durante ciclos, portanto não são metades especializadas (Mindlin 1985).

Ao reconhecermos que não há unilinearidade necessária envolvida nas escolhas de estratégias econômicas, embora haja preferências culturais, e que a ausência de uniformidade ambiental não é *per si* condição restritiva para a circulação ou expansão dos grupos humanos, devemos ampliar nossas variáveis de análise para além das condições ambientais operantes, se pretendemos compreender os mecanismos envolvidos nos processos de expansão populacional. Os casos Suruí e Nambiquara atestam que variáveis cosmogônicas podem exercer um papel determinante nesses processos. Os Parakanã, do Pará, são outro exemplo, posto que sua cisão em dois grupos, descrita por Fausto (2001), conduziu à adoção de dois modos de subsistência distintos – neste caso, a questão política decorrente das relações de parentescos e sucessão exerceram um papel fundamental.

Com o intuito de revermos quais foram as variáveis em jogo na interpretação dessa relação, e incorporar novas, buscando não repetir antigos vícios, dividiremos esse capítulo em duas partes: a primeira será destinada à revisão dos principais conceitos e paradigmas ecológicos que suportaram as interpretações sobre as sociedades não ocidentais, tanto da arqueologia quanto da antropologia social, até cerca dos anos de 1980, período em que a noção de homeostase esteve subjacente a todas essas interpretações. Nesse mesmo período, a Ecologia passa por uma revisão interna sobre as relações homem-ambiente, que será explorada na segunda parte do capítulo. Nela abordaremos os paradigmas e conceitos recentemente desenvolvidos pela Ecologia e que conduziram à denominada Antropologia Ecológica ou Ambiental, e também à Ecologia Histórica.

3.1. Ecossistema, homeostase e *the paradigm of consciousness*¹⁶

Só não há determinismo onde há mistério.
Mas que temos nós com isso?

Oswald de Andrade (1928)

Nosso recorte histórico tem seu início no século XIX, período em que, apesar das releituras das interpretações da antiguidade ocidental¹⁷, é o momento em que a antropologia e a biologia constituem-se como disciplinas científicas.

No XIX, a Europa lançou um crescente número de expedições e viagens para terras exóticas (i.e. o resto do mundo) e com elas, novos viajantes e observadores. Dessa movimentação entre mares e povos distantes e pouco vistos – apesar de conhecidos há alguns séculos (Crosby 1993) – surgem questões sobre a diversidade das formas vivas, não apenas a fauna e flora intrigam, mas também o *Homo Sapiens*. As diferentes manifestações fenotípicas, linguísticas e culturais foram problematizadas de um novo modo, pois, em meados deste mesmo século, a narrativa bíblica havia naufragado enquanto explicação da origem do mundo moderno (Grayson 1983: 169-198). O *Homo Sapiens* revertera seu mareante isolamento para ser percebido enquanto uma espécie entre as demais.

Novas explicações para a diversidade e para a interação homem e meio-ambiente são desenvolvidas, no entanto, ao longo destes 200 anos, seguiram três linhas básicas: determinismo ambiental, determinismo cultural e adaptação e evolução humanas (Moran 2010: 50).

No final do século XIX, a relação homem - habitat adquire status classificatório. Geógrafos e etnógrafos estabelecem um mecanismo de agrupamento das culturas humanas por semelhança entre artefatos e modos de vida vinculando-os a determinada localização geográfica. Este sistema classificatório repousou sob a premissa de que “a

¹⁶ Conceito extraído de Rindos, 1984.

¹⁷ Para uma boa síntese conceitual da relação homem-ambiente na antiguidade clássica e nos séculos precedentes ao XIX, ver Crosby 1993; Rindos 1984; Cohn 1977.

inter-relação dos grupos humanos com os seus habitats gerava tipos específicos de traços culturais” (Moran 2010: 53).

Dentro desse esquema, há a primazia do meio ambiente sobre a diversidade cultural, sendo Friederich Ratzel pioneiro na defesa do ponto de vista deste determinismo ambiental, segundo o qual as alterações nas formas sociais de organização dos povos seriam resultantes da influência das condições naturais. Baseado na concepção histórico-culturalista antropológica, Ratzel compartilhava a ideia de que o mecanismo de alteração das “culturas” reside na migração e difusão, processos que exigem disputa por espaços de condições ambientais semelhantes ou a rápida adaptação às novas condições encontradas (Moran 2010, Brondízio In Press). Se bem sucedidas, as novas adaptações (tecnologias, organização social etc.) tenderiam a se perpetuar, caso contrário, seriam alteradas.

O elemento geográfico, de caráter restritivo, forneceria coesão às estratégias sociais: eis a circunscrição ambiental ou circunscrição geográfica. Sendo o componente geográfico determinante, constitui os limites e as fronteiras para a variabilidade das formas de organização sociopolíticas dos povos, na mesma medida em que determina tais formas (Moran 2010).

Gordon V. Childe (1925) em sua *riverine-oasis hypothesis* atribui às alterações climáticas ocorridas na transição Pleistoceno-Holoceno (ca. 10000 anos BP) o fator de pressão responsável às inovações tecnológicas que conduziram à “revolução neolítica”. A decorrente desertificação do “oriente próximo” teria forçado a aglutinação de homens e animais, promovendo um processo de “simbiose”, que desembocaria na domesticação de rebanhos e plantas, levando ao incremento de produtividade nas restritas terras férteis do Nilo (Childe 1951). Childe alcançou um grande mérito ao tornar sua hipótese passível de teste por meio do trabalho arqueológico e das ciências naturais, como foi o caso da análise de dados ambientais realizada por Braidwood e Howe (1960), que suavizaram a pressão ambiental na conformação deste processo. Vale ressaltar que seu conceito de “revolução neolítica” inspirou diversas interpretações arqueológicas ao longo do século XX, inclusive para a Amazônia (cf. Lathrap, Meggers, Oliver, Neves, Brochado, Rouse, Anthony, Renfrew, Bellwood, Heckenberger, Roosevelt, Coehn, Carneiro).

Notemos que nas pesquisas de princípios do XX, apesar da determinante ambiental, a unidade de análise é a “cultura” ou a “cultura de um povo”, sendo redundante a unidade, pois os termos seriam equivalentes à época. Desse modo, os comportamentos culturais adotados e perpetuados seriam o resultado da capacidade de “um povo” atingir um estado de equilíbrio com o mundo natural. A busca por esse estado de homeostase é responsável pela incorporação de inovações ou abandonos de traços culturais. Os processos de análise, portanto, consideravam que o comportamento humano e as conformações culturais responderiam às condições oferecidas por determinado ecossistema.

Para essas interpretações, “ecossistema” (conceito consagrado por Sir Arthur Tansley, em 1935) equivale a uma unidade de classificação do meio natural, composta por uma teia de relações entre meio físico e organismos biológicos, resultando em alterações na comunidade biológica que tendem a produzir um estado de equilíbrio, o “clímax”¹⁸ (McCabe 2004: 21, 22). Nas pesquisas ecológicas e antropológicas, o conceito de ecossistema foi definitivamente incorporado entre os anos de 1940 e 1950, sendo explicitamente citado na antropologia apenas em 1963, por Clifford Geertz (McCabe 2004: 22).

Ainda em princípios do século XX, a abordagem determinista-ambiental sofre duras críticas encabeçadas principalmente por Franz Boas (1858-1942), que defende a ênfase na “cultura”, em detrimento do ambiente, como força motriz da espécie humana. Advogando que as diversas culturas possuem processos particulares de mudança, com seus próprios caminhos e ritmos, Boas defenderia que elas devem ser interpretadas não de modo normativo e unilinear, como proposto no evolucionismo social¹⁹, mas sim pela análise de processos e temporalidades particulares. A reação boasiana, em outras palavras, rompe o quadro evolucionista eurocêntrico das transformações nas sociedades humanas. Porém, essa postura intelectual deságua na exposição de outra face da mesma moeda, o determinismo cultural (Brondízio In Press; Rindos 1984).

¹⁸ O clímax é alcançado de acordo com o funcionamento da Lei de Sucessões Vegetais, formalizada em 1916 por Frederic Clements e diversas vezes reformulada ao longo do século XX. Esta manteve-se sem alterar substancialmente suas premissas até a versão mais ou menos definitiva apresentada por Frank E. Egler, no final dos anos de 1950. A lei das Sucessões postula que uma vez impactado o meio-ambiente, as espécies de flora tendem a apresentar ritmos de crescimento diferenciado e constante; os estágios de recomposição da flora (sucessões) seriam previsíveis e contínuos até a obtenção da comunidade clímax, ou seja, o equilíbrio homeostático (Glenn-Lewin et. al. 1992).

¹⁹ O evolucionismo social data de meados do século XIX.

Apesar de suas diferenças, nessas abordagens o dinamismo das relações entre homem e meio ambiente repousa na busca de condições homeostáticas. Na ausência destas, são necessárias adequações dos modos de vida às imposições do meio ou inovações culturais para sobrepor dificuldades. Na arqueologia, essa concepção aparece de modo explícito nos trabalhos de G. Clark (1952), que rompem com a noção de que as mudanças são uma tendência progressiva inerente à cultura, para atribuí-las aos esforços realizados por uma sociedade para restituir o equilíbrio perdido em decorrência de alguma ruptura de origem cultural ou ambiental – para o citado autor, a esfera econômica possuiria papel central. No entanto, para Rindos (1984: 9), Clark substituiu a ortogênese pela teleologia, ao considerar as mudanças culturais resultado de respostas adaptativas às alterações culturais ou ambientais, que gerariam novas mudanças culturais e assim por diante.

A alteração na força motriz das mudanças do ambiente para a cultura rendeu algumas elaborações que permanecem até os dias de hoje. Julian Steward é responsável pelo paradigma ecológico que talvez tenha sido o mais inspirador para a antropologia amazônica. Na tentativa de fundir o particularismo histórico ao evolucionismo unilinear, Steward cria a Ecologia Cultural (Brondízio In Press, McCabe 2004: 24, Steward 1955). Na formulação de seus conceitos centrais retoma as propostas de Clark e estabelece duas categorias: *cultural core*, composto pelos aspectos culturais com inter-relação funcionalista, e *effective environment*, compreendido como o meio natural, suas formas de exploração e a influência que essas formas exercem sobre *cultural core* que, por sua vez, influencia diversos aspectos da vida e da organização social (Brondízio In Press: 5; McCabe 2004: 22).

Quanto à aplicação do método, Steward (1955) define três pontos centrais: análise da cultura material, padrões de comportamento na exploração de determinada área ambiental e como tais padrões afetam outros aspectos da cultura. Sendo um sistema de classificação baseado nas atividades de subsistência, torna-se normativo e permite a hierarquização das variáveis observadas, portanto, facilmente fundível com os determinismos ambientais.

Steward resgata a noção boasiana de “área cultural”, que para ele é a unidade de análise empiricamente observável, na qual encontramos o *cultural core* e o *effective enviroment*. Áreas culturais seriam unidades definidas em relação a um ecossistema, compostas pela aglutinação de diferentes grupos que compartilhem modos de organização, elementos

sociais, culturais e também elementos da “cultura material”. (Brondízio In Press: 4, Steward 1948 e 1955, Moran 2010). Entre arqueólogos tornou-se redundante apresentarmos o *Handbook of South American Indians* (HSAI), de 1948, como um grande exemplo dessa categorização. De todo modo, no anexo 8, encontra-se o mapa com as divisões de áreas culturais do HSAI, que ilustra o caso.

A proposta de Steward recebeu críticas por seu viés funcionalista, fortemente apegado às atividades de subsistência, bem como por certa dose de subjetivismo na definição de suas categorias centrais, que se mostraram insuficientes para explicar a variabilidade e complexidade presentes nas relações homem-ambiente, reduzindo-se à descrição das diferenças, incapaz de fornecer relações de causa e efeito. A mesma crítica fora destinada a Franz Boas e sua unidade de análise “cultura”, considerada não apenas subjetiva, mas também metafísica (Ellen 1982: 9,10, McCabe 2004: 23, Moran 2010: 15,69).

Nos anos de 1960, sob a influência da “teoria dos sistemas”, a antropologia estabelece uma busca pela compreensão holística dos grupos humanos, para a qual, termos e unidades da biologia são bastante atraentes (Kottack 2006 e Moran 1991: 16). O conceito de ecossistema passa por sua primeira revisão entre ecólogos e incorpora certa ênfase no fluxo de energia, sem abrir mão das noções de equilíbrio e de autorregulação como premissas que influenciariam também a antropologia (McCabe 2004: 24). A aproximação às ciências naturais foi um caminho para evitar os subjetivismos anteriores, definindo conceitos e identificando-os enquanto categorias “realmente” empíricas. De toda forma, isso não significou uma ruptura com o determinismo cultural.

Foi o caso de Leslie White, que entre os brados de crítica a Boas, soou mais retumbante. A partir de uma perspectiva neoevolucionista unilinear, White estabeleceu relações universais entre homem e meio ambiente, propondo uma perspectiva de análise baseada em energia, ferramentas e produtos (White 2006: 139). Em outras palavras, uma abordagem funcionalista, pois, sendo o meio ambiente significado pela cultura, o sucesso adaptativo de uma sociedade estaria em produzir o máximo de energia com o menor consumo, de forma mediada pela tecnologia (ferramentas) e pela própria cultura. White notou que, mesmo frente a um ambiente que imponha seus desafios de modo determinante, uma cultura bem adaptada produziria ações ainda mais determinantes nessa relação (White 2006: 141).

Mais uma vez o ideal homeostático aparece. Dessa vez num equilíbrio resultante da produção e consumo de energia. Este equilíbrio, quando alcançado, permitiria a permanência dos grupos humanos. O excedente de energia produzido também promoveria um desequilíbrio a ser regulado: em decorrência das alterações nas estratégias econômicas (promovidas pela inovação tecnológica), seriam geradas alterações nas formas de organização social – que seguiriam um eixo crescente de complexificação.

Ainda sobre o neoevolucionismo, devemos considerar que se divide em duas formas básicas: o evolucionismo unilinear – no qual só há um caminho que leva a Roma – e o multilinear, no qual a mudança nas formas de organização social ocorre devido a respostas diferentes a estímulos semelhantes.

Um dos principais defensores do unilinearismo, ou ortogênese, foi Elman R. Service, que desenvolveu propostas classificatórias que estão em pauta até os dias de hoje para a arqueologia nas Américas. Para Service (1962) “civilização” seria um estágio evolutivo inevitável da humanidade, pois observado em diferentes partes do globo terrestre, a despeito das diferenças temporais. Dessa premissa, Service busca compreender, pelo método etnográfico comparativo, quais as condições prévias que permitiram tal evolução e estabelece a distinção entre estágios políticos-organizacionais – lineares e crescentes em complexidade (Service 1962: 7). O autor tem o intuito de identificar qual ou quais foram as condições políticas capazes de fornecer as bases para a formação do que considera *the primary civilization*, i.e., a formação de uma espécie de “Estado precoce”, resultante “[d]a resposta original e independente das sociedades” para pressões e circunstâncias locais (Service 1962: 19). Assim, revê as áreas culturais stewardeanas utilizadas no HSAI, e as reclassifica de acordo com estágios políticos evolutivos, em grande parte frutos do meio ambiente. São estes estágios os polêmicos “bando”, “tribo”, “cacicado” e “estado”.

Por outro lado, Joyce Marcus (2008) é um bom exemplo da perspectiva evolucionista multilinear, sendo seu paradigma baseado menos no percurso de determinada sociedade através de estágios rígidos e sucessórios e mais nos movimentos que alteram as formas de organização social ou sociopolítica (Marcus 2008: 253). A diferença em relação à perspectiva apresentada por Service (1962) é radicalizada na definição do trabalho

arqueológico, no qual arqueólogos não recuperam tipos de sociedade, mas sim resíduos de instituições sociais (Marcus 2008: 255). A força motriz de tais mudanças está no conflito gerado a partir da segmentação social, seja ela interna ou externa ao grupo, e em geral, a base do conflito reside na disputa por recursos naturais (Marcus 2008: 255).

Para nosso debate, vale ressaltar que, em todos esses casos neoevolucionistas há uma relação determinante do meio, como um grande cenário a ser conquistado conforme a capacidade adaptativa dos grupos humanos. Este cenário é restritivo e opressor, impondo-se ao homem. A circunscrição ambiental, oferecendo limites à disponibilidade de recursos e à livre expansão populacional e territorial, favorece a complexificação das organizações sociais para “racionalizar” a obtenção e defesa de recursos, assim como as guerras de conquista e garantia territorial. A limitação de recursos disponíveis e o crescimento populacional são fatores de desequilíbrio, que explicariam tanto inovações culturais, quanto as alterações nas formas de organização social – que visam (re)equilibrar a relação homem e ambiente.

Para a antropologia, o início dos anos de 1970 vive uma espécie de “obsessão calórica”, principalmente pela manutenção do foco de análise no “fluxo de energia”, estabelecido na década anterior. Com esse foco, a relação homem-ambiente torna-se uma relação adaptacionista, na qual as estratégias de sobrevivência e perpetuação seguem uma lógica de otimização dos recursos disponíveis; a regulamentação sociopolítica se dá na busca por uma melhor resposta às condições oferecidas pelo meio-ambiente. Neste período, a unidade de análise antropológica passa para “populações específicas” e a ambiental para “nichos ecológicos”. Isso se deve à consideração de que esses seriam, enfim, de fato empiricamente observáveis (McCabe 2004: 23).

A partir desse ponto de vista, a relação homem-ambiente converte-se em uma relação explicitamente adaptacionista, na qual as estratégias de sobrevivência e perpetuação seguem uma lógica de otimização dos recursos disponíveis e a regulamentação sociopolítica é adotada conforme a melhor resposta às condições oferecidas pelo meio-ambiente. Abordagens como *Optimal Foragein Theory*, baseadas na análise de desempenho dos grupos humanos em relação ao ambiente ganham espaço (cf. Hawkes et al. 1968 e Alvard 2003).

As teorias adaptacionistas dos anos de 1970, não foram capazes de responder questões como o porquê de alguns grupos humanos se comportarem de modo contraditório à eficiência ou ao equilíbrio de um ecossistema. Essa incapacidade levou à suavização da ênfase nas atividades de subsistência. Pesquisadores abordam o componente humano como integrado a um grande sistema ecológico e não mais como algo alheio a ele.

Surgem abordagens que consideram o mundo ritual ou religioso como instrumentos reguladores das relações homem-ambiente, além das estratégias de subsistência. (McCabe 2004: 23). Este movimento de fusão entre unidades de análises ecológica e cultural é expresso principalmente pelos trabalhos de Vayda e Rappaport, que retomam o conceito de “ecossistemas”, na tentativa de demonstrar que ainda poderia ser profícuo à análise antropológica, desde que suavemente reformulado (Rappaport 2006, McCabe 2004: 22,23).

Mais recentemente, a reformulação de abordagens adaptacionistas tradicionais considera a “seleção cultural” o mecanismo de manutenção ou alteração de comportamentos sociais. Quando estes são bem-sucedidos perpetuam-se por mecanismos de transmissão de conhecimento, relações ensino-aprendizagem e são, algumas vezes, inovados pela agência do indivíduo nesse processo (Alvard 2003, Shennan 2008, Smith 2000, Irons e Cronk 2000: 16). Tais comportamentos também podem ser perpetuados e transmitidos pela esfera simbólica das relações humanas, como pelos conteúdos míticos (Alvard 2003: 142).

Apesar de algumas inovações na esfera interpretativa, ainda assim, essa revisão não abandonou o conceito de homeostase. Em resposta às pressões seletivas do meio, os grupos humanos equalizam sua relação com o mundo circundante com comportamentos adaptativamente bem-sucedidos, perpetuando sua existência e seus modos de vida. (Kottack 2006: 41, Moran (ed.) 1991: 16).

Ao longo de quase todo o século XX, portanto, o escopo de pesquisa antropológica, sobre as relações homem-ambiente, não foi radicalmente alterado. Suas unidades de análise ainda estiveram vinculadas a uma noção estática de ecossistema – sendo este o principal fator limitante para as abordagens descritas – além de outras críticas como: supervalorização de medidas adaptativas predeterminadas, supervalorização da

estabilidade devido à tendência de ignorar variações estruturais e de tempo, tendência a negligenciar o papel de indivíduos, reificação da noção de ecossistema, ausência de critérios claros na definição das fronteiras entre ecossistemas e o descompasso entre dados de campo e análises. (Moran 1991: 18).

Mas, principalmente, suas limitações repousam no que Rindos (1984) chamou de *paradigm of consciousness*, uma leitura lamarckista dos processos de mudança social, na qual estas variações estão orientadas para uma direção adaptativa sempre bem-sucedida. Neste paradigma, a dicotomia entre homem e natureza é básica. Em sua premissa está o homem como detentor do controle sobre a natureza e seu destino.

Em parte do debate da arqueologia amazônica, a persistência de noções como período “Formativo Inconcluso” ou “Formativo Interrompido”, que teria início com as alterações climáticas de fins do Pleistoceno e decorrentes impactos ambientais para a floresta tropical, é um didático exemplo de interpretações baseadas na busca por respostas culturais adaptativas às pressões seletivas ambientais. No entanto, ao sustentarem a noção de “inconcluso” ou interrompido” são incapazes de abandonar o ideal homeostático e o *paradigm of consciousness*. (Miller 1983; Miller et. al 1992; Meggers 1977, 1979, 1982 e 1996; Neves 2006, 2007, 2008 e 2009, Carneiro 2006, Roosevelt 1995, Oliver 2008, Lathrap 1970, 1974, 1977, Steward 1948).

Apenas no ocaso do século XX, nos anos de 1980, em resposta aos exageros e insuficiências das abordagens ecossistêmicas, a Antropologia Social praticamente abandona os estudos de ecossistemas (McCabe 2004: 23). As pesquisas amazônicas também rompem com este que foi seu viés fundador e, sem abster-se de refletir sobre as relações homem-ambiente, elabora novas formas de abordagem que buscam romper com a dicotomia natureza e sociedade (Viveiros de Castro 1986, 2002a e b; Descola 1996, Taylor 1996; Lima 1996).

3.2. Teoria de não-equilíbrio dinâmico e abordagem multivariável

A Ecologia Histórica, nos últimos 20 anos, bastante debatida e conhecida entre pesquisadores amazonistas, ofereceu alternativas interpretativas para fugir aos determinismos tão marcantes. Esta é a terceira e mais recente abordagem ecológica das relações entre homem e meio ambiente a que nos referimos no início deste capítulo.

Em sua origem, a Ecologia Histórica incorpora concepções elaboradas pela teoria de não-equilíbrio dinâmico e se considera similar pois é um programa de pesquisa, conforme as palavras de seu fundador, William Balée (2006). Este programa de pesquisa se propõe multidisciplinar e interdependente de diversas abordagens antropológicas (antropologia social, arqueologia etc.) e biológicas (ecologia, botânica, zoologia etc.), baseando-se em cinco postulados: 1) praticamente todos os ambientes do planeta foram afetados pelo gênero *Homo*; 2) há forte tendência humana para alterar para mais ou para menos a diversidade ambiental; 3) sociedades diferentes em formação socioeconômica, política e cultural promovem impactos diferentes e de diferentes formas na paisagem; 4) deve ser estudada a interação humana com as paisagens em sua ampla variedade de contextos históricos e ecológicos; 5) a abordagem de paisagem segue a proposta de longa-duração (*longue durée*) da escola dos Anais (Balée 2006: 76-78).

Decorrente dos postulados da Ecologia Histórica, para a Amazônia, surge o conceito de “paisagens manejadas” em oposição ao conceito de “manejo de espécies” (Clement 1999a e b). Este conceito, quando incorporado pela arqueologia, permitiu que as interpretações sobre os modos de vida das sociedades pretéritas da Amazônia se libertasse das amarras dos determinismos e evolucionismos: estabelecendo um panorama dialético na relação homem-ambiente e permitindo uma mudança de escala interpretativa de ampla e generalista, para particularista e contextualizada. (Neves e Petersen 2006: 280).

A partir dessa perspectiva, as transformações antrópicas da paisagem foram incorporadas como parte do registro arqueológico e permitiram a formulação de um panorama dinâmico sobre os modos pretéritos de organização social. Isso proporcionou a ruptura, mesmo que em alguns casos parcial, com as perspectivas tradicionais que classificavam os modos de organização sociopolíticos como determinados pelo ambiente ou pela “cultura”. Esta perspectiva arqueológica, ao analisar as inscrições na paisagem como

parte integrante da “cultura material”, oferece um panorama interpretativo diferente, sugerindo que processos sociais internos, não lineares, de fissão e aglutinação ocorreram sistematicamente ao longo da história amazônica (Neves e Petersen 2006: 302).

Infelizmente, um programa de pesquisa depende mais da articulação e engajamento de diversos pesquisadores do que de métodos e estratégias de pesquisa – pois não constam de seus postulados. Felizmente, por outro lado, as últimas décadas assistem ao crescimento significativo de pesquisas arqueológicas que se voltam para “a interação humana com as paisagens em sua ampla variedade de contextos históricos e ecológicos”, permitindo a ampliação da base de dados interdisciplinares necessária à superação das abordagens tradicionais da relação homem-ambiente.

Nesse sentido, vale a pena voltarmos à Ecologia dos anos de 1980, que marcou a reação da disciplina à noção estática de ecossistema; à compreensão “ahistórica” oferecida pelas abordagens neoevolucionistas, à monotonia do conceito de homeostase e às relações unidirecionais e excludentes postuladas ao homem e ao meio ambiente (*ortogênese e paradigm of conciousness*). Nessa revisão, surge o que foi denominado *the new ecological thinking*.

Nas palavras do geógrafo Karl Zimmerer, *the new ecological thinking* “accents disequilibria, instability, and even chaotic fluctuations in biophysical environments, both ‘natural’ and ‘human impacted’” (Zimmerer 1994: 108). Com isso, a noção de homeostase é substituída pelo conceito de persistência ou resiliência, que acarreta em uma profunda reformulação do conceito de ecossistema: este deixa de ser composto exclusivamente pelas relações entre meio físico e organismos biológicos, assim como a premissa da Lei das Sucessões e sua noção de clímax são abandonadas. A reformulação do conceito incorpora elementos abióticos na teia de relações que o compõem e sua configuração específica (de espécies) é influenciada pela ação cambiante das variáveis envolvidas, tanto “naturais” quanto “humanas” (McCabe 2004: 26). Dessa forma, ecossistema deixa de ser uma categoria analítica ou classificatória em si e passa a servir como ferramenta conceitual auxiliar no exame e na explicação do comportamento humano, ou seja, um conceito contextualmente estabelecido.

Nesta perspectiva, as populações humanas tornam-se agentes componentes desse sistema aberto e desarmônico em que, além de ser uma das forças atuantes, também precisam lidar com as outras forças ativas, de um determinado momento histórico, na conformação de um ecossistema. Portanto, nos processos de tomada de decisão dos indivíduos ou grupos humanos, não estão em cena apenas o aproveitamento energético dos recursos alimentares ou a distribuição de recursos, mas uma série de variáveis que devem ser levadas em consideração – inclusive as da esfera simbólica.

A partir de tais reformulações, uma abordagem multivariada torna-se necessária para compreender como as populações humanas e ecológicas agem frente aos desafios naturais e culturais, para tornarem-se populações persistentes. Nesse sentido, apenas o estudo das condições bióticas e abióticas não é suficiente para sua compreensão, é necessária a incorporação das dimensões histórica e cultural, que são, assim como os elementos bióticos e abióticos, variáveis *de* e *em* um sistema aberto (McCabe 2004: 7;25;73-4).

Essa concepção de sistemas em não-equilíbrio consagra-se no tratamento de regiões áridas e semiáridas, principalmente pelo mesmo motivo das propostas teóricas anteriores: trata-se um ambiente circunscrito, com variáveis mais ou menos reduzidas, sendo tangível uma análise multidisciplinar aprofundada (McCabe 2004: 26).

Para ambientes não tão claramente circunscritos, em que as variáveis atuantes são mais complexas e menos controladas analiticamente, como é o caso dos ambientes florestados, para a análise dos processos de persistência das populações humanas, a escolha das variáveis possui certo caráter de erro e acerto. Tal escolha, portanto, deve repousar sobre um amplo repertório de pesquisa e ser passível de teste, pois submetendo as variáveis escolhidas ao teste de falseabilidade, poderemos verificar não apenas sua validade, mas também se exerceram um papel ativo nas configurações pesquisadas e, se de fato, podem levar a uma melhor compreensão dos comportamentos humanos.

Como nosso intuito é oferecer, não uma solução definitiva aos problemas de pesquisa aqui apresentados, mas sim alguma contribuição original para a interpretação arqueológica dos processos sociais ocorridos no Sudoeste amazônico, bem como para o debate multidisciplinar que envolve a questão da expansão dos falantes do tronco Tupi, incorporamos as premissas da teoria do não-equilíbrio dinâmico e da Ecologia Histórica em nossa análise. Estas premissas, serão retomadas e debatidas ao longo desta tese.

4. Contexto regional da área de pesquisa

A região do Alto Madeira, incluindo suas bacias adjacentes, tem sido caracterizada ao longo dos últimos cinquenta anos como região de grande diversidade étnica, arqueológica e ambiental. Este amplo debate, apesar de não consensual, fornece um complexo panorama da presença humana na região.

Como mencionado anteriormente, dados arqueológicos regionais apresentam uma história de ocupação humana extensa, praticamente sem hiatos, desde cerca de 9.000 anos BP (Miller *et al.* 1992). Isso confere à região uma característica diferenciada quando comparada às demais regiões amazônicas que, se possuem datações com cerca de 10.000 anos BP, apenas apresentam sinais claros de novas ocupações a partir de cerca de 2.000 BP (Miller 1987a e 1987b; Zimpel Neto 2010; Roosevelt 1991 e 1995; Gnecco & Mora 1997; Williams 1997; Barse 2000; Boomert 2000; Heckenberger *et al.* 2003; Neves 2009; Cruz 2008; Zuse 2014).

Registros etnográficos e da antropologia social, desde princípios do século XX, vêm caracterizando o Sudoeste amazônico como área de diversidade e mobilidade cultural, como veremos.

4.1. Etnohistória e antropologia social

Diferentemente de outras regiões amazônicas, o Sudoeste é desprovido de grandes narrativas ou crônicas coloniais tão estimulantes à imaginação arqueológica. Quando mais antigas, as descrições regionais ocuparam-se do vale do Guaporé, limite Sul do atual Estado de Rondônia, fronteira natural com a Bolívia – onde se localiza o Real Forte Príncipe da Beira, de 1776, marco territorial português que, dizem, jamais disparou um tiro. A calha do rio Guaporé, durante este período foi percorrida por comerciantes e exploradores na busca por rotas alternativas de conexão entre o interior e o atlântico (percurso Guaporé-Madeira-Amazonas).

Para outras regiões do atual estado de Rondônia, as descrições ou relatos fora das grandes calhas hidrográficas, como é o caso da bacia do rio Ji-Paraná, datam principalmente de

finais do século XIX e primeira metade do XX, resultantes das ações de exploração de borracha (princípio do século XIX) ou de integração territorial (a partir do século XX). A Comissão Rondon, entre os anos de 1910-20, talvez tenha realizado o mais detalhado dos registros, descrevendo e mapeando a geografia e seus habitantes. No entanto, à época, o impacto colonial acumulado por mais de 400 anos já fora imenso sobre as populações autóctones, de modo geral. Especificamente à bacia do Ji-Paraná, no período da Comissão Rondon, a presença extrativista de seringueiros, garimpeiros e posseiros já estava bastante difundida, como descreve Barbosa (1945).

Os movimentos de ocupação indígena na região apresentam, à data dos registros, uma grande dinâmica territorial resultante do impacto “civilizatório”. Quando Lévi-Strauss (1996[1955]) percorre a região, em 1938, segue rastros e depoimentos que denunciam a “fuga” de alguns indígenas para a cabeceira do rio Ji-Paraná, atual município de Pimenta Bueno. Seriam os *Tupi-Kwahib*, conforme Curt Nimuendaju (1987[1944]), uma dissidência dos “*Cavaíba*” descritos no século XVIII e XIX, expulsos do médio e alto curso do rio Tapajós devido a conflitos com os Munduruku e portugueses – assim como os Parintintin do baixo Ji-Paraná (também descritos por Nimuendaju).

Dedicado à reconstrução de rotas de mobilidade indígena na área Madeira–Tapajós, Miguel Angel de Menendez (1981, 1992) aponta que o atual centro-leste de Rondônia (ou seja, fora das grandes calhas fluviais) desde os séculos XVI, compõem conhecidas rotas de trânsito indígena.

De modo geral, os dados disponíveis mais antigos apontam o centro-leste rondoniense como uma área densamente ocupada por indígenas, etnologicamente diversificada, com frequentes contatos populacionais entre regiões “afastadas”, como a bacia do Tapajós e do Amazonas, e com áreas diretamente conectadas hidrograficamente, como o curso dos rios Madeira e Solimões (Barbosa 1945; Lévi-Strauss 1996[1955]; Menéndez 1981 e 1992; Miller 1987b; Nimuendajú 1987 e 2004, Roquette-Pinto 1919).

Portanto, o estabelecimento de grupos indígenas na região devido a conflitos interétnicos ou coloniais, descritos por Nimuendaju (1987[1944]), Barbosa (1945), Roquette-Pinto (1919) e Lévi-Strauss (1996[1955]), pode representar mais a escolha de um novo local orientada pelo conhecimento prévio da região e da existência de rede de relações

anteriormente estabelecidas, e menos migração em “fuga” para terra inóspita. Por outro lado, tais deslocamentos resultaram em diversos impactos sobre alguns grupos indígenas, eventualmente ocasionando em reformulações nos modos de vida e até mesmo na desagregação grupal, como citado anteriormente (Lévi-Strauss 1996[1955], Menéndez 1981, 1992).

Desde os anos de 1980 a pesquisa antropológica em Rondônia vem recebendo um grande incremento, alterando lentamente este quadro de anonimato indígena para uma série de novas etnografias (cf. Bonilla 2005a e b; Brunelli 1989; Dal Poz Neto 1991, 2004; Fausto 1991, 1995, 2001; França, 2012; Junqueira 1984, 1987, 2002; Kracke 1978, 1989; Lima Laraia 1986; Mindlin 1985; Peggion 2011; Vidal 2000; Vilaça 1992, 2006, Viveiros de Castro 1986, 1993; além de alguns trabalhos precedentes: Huxley 1957; Lévi-Strauss 1958; MacDonald 1965; Price 1977; J. Watson 1952; V. Watson 1944).

4.2. Diversidade linguística regional

Eurico Th. Miller (1987b), a partir dos dados do mapa Povos Indígenas do Brasil²⁰, realizou um levantamento etno-linguístico para a bacia do rio Ji-Paraná, com 13 línguas indígenas, “distribuídos em cinco troncos linguísticos”. Sendo:

Tronco	Família	Língua	Frequência
Tupi	Tupi-guarani	Uru-E-Wau-Wau	07
	Ramarama	Káro (Arara)	
	Tupari	Tupari, Mayoró (Arujú)	
	Mondé	Mondé, Zoró, Gavião	
--x--	Txapakura	Urupá	01
--x--	Nambikwara	Latundê, Nambikwara	03
Não identificado	Não identificado	Numbiai, Morerebi	02
Isolado	Aikanã	Aikanã	02

Quadro 1 Presença linguística na bacia do rio Ji-Paraná (Miller 1987b). A coluna frequência refere-se à quantidade de grupos identificados.

Desse modo, apesar de encontrarmos uma heterogeneidade das línguas faladas em uma área relativamente pequena, pouco mais de 50% é composto por línguas do Tronco Tupi.

²⁰ Elaborado pelo Conselho Indigenista Missionário em 1985.

Ao considerarmos todo o estado de Rondônia, essa diversidade torna-se maior, pois entre as famílias linguísticas presentes, seis são pertencentes ao Tronco Tupi. Se incluirmos a populações que ocupam a margem esquerda do rio Guaporé, atual território boliviano, essa diversidade de línguas indígenas tornar-se ainda maior. (cf. anexos 1; 10 e 11).

Nos últimos anos assistimos ao incremento de pesquisas tanto na antropologia social, quanto nas pesquisas linguísticas (especialmente de linguística histórica). A reunião de novos dados sobre línguas isoladas – outrora simplesmente de existência deduzida ou parcamente documentadas –, e novas pesquisas focais sobre línguas e dialetos de famílias linguísticas mais conhecidas têm permitido novas reflexões sobre a região.

Crevels e van der Voort (2008) realizaram um levantamento linguístico incorporando as áreas adjacentes a ambas as margens do Guaporé em seu médio e baixo curso. Foram contabilizadas 50 diferentes línguas, representantes de famílias linguísticas como Arawak, Txapakura, Jabuti, Nambikwara, Pano, Tacana e Tupi, além de outras tantas consideradas isoladas. Os autores propõem a revisão da relação entre as línguas da região, como veremos adiante.

As margens do Guaporé já foram alvos de diversas classificações sobre sua diversidade cultural (Lévi-Strauss 1948b, Galvão 1960). No entanto, estas classificações ainda não haviam integrado as duas margens do rio e possuíam, como principal elemento definidor das áreas linguísticas a associação entre modos de vida, produção material e a filogenia das famílias linguísticas presentes (Tupi x Nambikwara p. ex.).

As pesquisas realizadas por Maldi (1991) apontaram, como os estudos anteriores, uma intensa relação de troca, fluxos populacionais e intercâmbios linguísticos para a região. E as diferenças ambientais presentes, como a diferença ambiental entre a planície boliviana e as áreas brasileiras de floresta ou savana, ou mesmo a calha do Guaporé, não representaram um contexto de circunscrição para o estabelecimento de intensas redes de contato.

Crevels e van der Voort (2008), apoiando-se principalmente em dados linguísticos, mas associados a dados etnográficos e em alguma medida também arqueológicos, propõem que a região seja integrada como uma área cultural (no sentido tradicional de Galvão,

1960), denominando-a como Área Linguística Guaporé-Mamoré (Crevels e van der Voort, 2008).

Embora o ponto de partida da proposta destes autores seja um conceito tradicional, o novo redimensionamento da área pretende mais reunir diferenças do que agregar semelhanças. Neste sentido, o quadro etno-linguístico esboçado por Eurico Th. Miller pode representar mais uma fotografia do contexto imediato, do que uma filmagem das ações indígenas. Crevels e van der Voort (2008) propõem que a região da calha do Guaporé seja considerada uma *Sprachbund* (Bellwood 2001, Renfrew 2000, Anthony 2007, Muysken 2008).

Dessa forma, a diversidade étnico-cultural do Sudoeste Amazônico e sua extrema complexidade parece só agora estar se revelando, e reforçando a necessidade de trabalhos interdisciplinares. Vejamos o que nos apresenta a arqueologia.

4.3. Trabalhos Arqueológicos Pioneiros

Entre os anos de 1974 e 1987, 51 sítios foram identificados na bacia do rio Ji-Paraná. Tais resultados provieram da atividade de quatro ações arqueológicas, a saber: 1) Programa Paleoíndio Panamericano (1974-1975, financiado pelo *Smithsonian Institution e Nacional Geographic Society*); 2) Pronapaba (1977-1987); 3) Programa Arqueológico de Rondônia (1984-1987, promovido pela Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo do Estado de Rondônia) e 4) Programa de Estudos de Viabilidade Arqueológica nas Áreas de Inundação e de Influência da Usina Hidrelétrica de Ji-Paraná²¹. De principal interesse para este projeto de pesquisa são os dados provenientes do último programa citado.

Eurico Th. Miller coordenou as atividades arqueológicas no médio rio Ji-Paraná (entre a área urbana da cidade de Ji-Paraná e, à jusante, a foz do rio Anari – tributário daquele à margem esquerda)²² e no baixo curso do rio Jaru (entre o centro urbano do município

²¹ Os três primeiros programas realizaram atividades de prospecção e escavação arqueológicas por diferentes áreas do atual Estado de Rondônia, incluindo a área da bacia do rio Ji-Paraná em seu alto curso, não atuando no baixo curso (à exceção da foz) ou em seu médio curso.

²² Coordenadas geográficas aproximadas: 10°53'S e 61°57'W (município de Ji-Paraná) e 9°45'S e 61°50'W (foz do rio Anari). Para detalhes ver anexos 11 e 12.

homônimo e sua foz no Ji-Paraná), identificando 26 sítios arqueológicos pré-coloniais (Miller 1987b), que representam 50,98% do total de sítios identificados em toda a bacia do rio Ji-Paraná por estes programas pioneiros²³.

Deste total, dois sítios arqueológicos foram identificados pontualmente no município de Calama, à foz do Ji-Paraná no Madeira, e estariam vinculados à “subtradição Jatuarana”, pertencente à Tradição Polícroma da Amazônia (Miller 1987a e 1987b). Os demais constituíram um grande mosaico arqueológico, para o qual foram criadas inúmeras categorias crono-tipológicas cujas validades ainda não foram devidamente verificadas.

²³ Conforme já dito anteriormente, na última década foram realizadas algumas ações de arqueologia de licenciamento ambiental em áreas próximas à referida. Como seus resultados ainda não foram publicados, o total de sítios já conhecidos está subdimensionado.

Fase	Tradição	Característica	Cronologia	Município	Presença
Itajubá**	a ser definida	Pré-cerâmica	cerca de 9.000 BP	Ji-Paraná	02
Vilhena*	a ser definida	Pré-cerâmica	4.385-2.155 BP ²⁴	Vilhena	02
Itapema**	a ser definida	Pré-cerâmica	entre 4.500-4.000 BP	Ji-Paraná	02
Ironçaba**	a ser definida	Cerâmica	a partir de 2.500 BP	Jaru	01
Quiíba**	a ser definida	Cerâmica	a partir de 2.500 BP	Ji-Paraná	01
Araçá*	não Tupiguarani	Cerâmica	a partir de 2.500 BP	Vilhena	02
Graúna**	não Tupiguarani	Cerâmica	a partir de 2.500 BP	Ji-Paraná	01
Imbirussu**	não Tupiguarani	Cerâmica	a partir de 2.500 BP	Ji-Paraná	01
Irará*	não Tupiguarani	Cerâmica	a partir de 2.500 BP	Vilhena	04
Jaru**	não Tupiguarani	Cerâmica	a partir de 2.500 BP	Jaru	01
Complexo Jatuarana*	Tradição Polícroma da Amazônia	Cerâmica	a partir de 2.500 BP	Calama	02
Guaximim*	Tupiguarani	Cerâmica	a partir de 2.500 BP	Ji-Paraná	03
Inimbó**	Tupiguarani	Cerâmica	a partir de 2.500 BP	Ji-Paraná	02
Mucumã*	Tupiguarani	Cerâmica	a partir de 2.500 BP	Ji-Paraná	07
Pindaíba*	Tupiguarani	Cerâmica	a partir de 2.500 BP	Cacoal e Pres. Médici	05
Taiassu*	Tupiguarani	Cerâmica	a partir de 2.500 BP	Pres. Médici	01
Urupá**	Tupiguarani	Cerâmica	a partir de 2.500 BP	Ji-Paraná	06
Fora de fase**	Tupiguarani	Cerâmica	a partir de 2.500 BP	Jaru	01
Fora de fase**	a ser definida	Cerâmica	a partir de 2.500 BP	Ji-Paraná	01
Fora de fase**	a ser definida	Cerâmica	a partir de 2.500 BP	Ji-Paraná	01
Fora de fase**	a ser definida	Cerâmica	a partir de 2.500 BP	Ji-Paraná	01
Total					45

Tabela 1 Síntese dos dados arqueológicos elaborados por Eurico Th. Miller para a bacia do rio Ji-Paraná. (*Miller, 1987a **Miller, 1987b).

²⁴ Para a fase Vilhena correspondem as únicas datações por análise radiocarbônica (C¹⁴). A coluna “Presença” indica o número de ocorrências de uma determinada “fase”, dessa forma, o valor total de ocorrências difere para mais do valor total de sítios identificados uma vez que alguns deles possuem mais de um componente de ocupação humana. Os termos empregados para nomear fases e tradições, bem como a ausência delas, são os mesmos utilizados por Miller. Exceto pela fase Quiíba que foi caracterizada como “fase e tradição distante dos parentes da tradição Tupiguarani”, achamos por bem renomear para “a ser definida”, seguindo padrão do próprio Miller para casos semelhantes. Dentre os 51 sítios citados, 10 estão exclusivamente representados por oficinas líticas (bacias de polimento e amoladores) e não foram aqui tabelados.

Miller caracterizou 14 fases cerâmicas e três pré-cerâmicas. Dentre as cerâmicas, sete foram filiadas à tradição “Tupiguarani”, cinco classificadas como “não tupi” e outras duas fases de tradição “a ser definida”. Além disso, outras três coleções artefatuais não foram caracterizadas como pertencentes a alguma fase ou tradição, também sendo consideradas “por definir”. De modo sintético, apresentamos estes dados na Tabela 1. Zimpel Neto (2009), em sua dissertação de mestrado, realizou a sistematização das principais características dessas fases cerâmicas criadas, que aqui reproduzimos (anexo 12), com o intuito de fornecer ao leitor uma breve caracterização da pequena variação encontrada, apesar da diversidade de nomenclaturas criadas.

Notemos que, baseado na presença de indústrias líticas associadas ao contexto cerâmico, como amoladores e bacias de polimento, Eurico Miller considera que “todos” os grupos ceramistas identificados seriam “horticultores”. Ressalta-se também que, em seu levantamento, Miller, não identificou sítios com presença de Terra Preta Arqueológica (Miller 1987b).

Miller jamais abandonou sua filiação pronapiana. Por um lado, compilou dados pioneiros para uma região “periférica” de pesquisa e estabeleceu uma das mais extensas cronologias de ocupação humana para a Amazônia; por outro, seguiu a orientação classificatória normativa do Pronapa, sendo a criação de categorias crono-tipológicas o fim último da pesquisa, e não uma etapa para a interpretação antropológica (Dias 2007). No entanto, nos quase 40 anos de pesquisas arqueológicas na região, essas informações receberam pouca atenção por parte das novas gerações de arqueólogos.

Em finais da década de 2000, como resultado das atividades da arqueologia de licenciamento ambiental, Zimpel Neto (2009) apresentou novos dados que confirmam o caráter peculiar da arqueologia em Rondônia. As escavações do sítio Encontro (município de Ministro Andreazza) fornecem as datações radiocarbônicas mais antigas para contextos de associação entre cerâmica e Terra Preta Arqueológica, com cerca de 4200 anos BP (trata-se de um sítio em terra firme).

A antiguidade do registro arqueológico de Rondônia não se reduz ao centro-leste. Eurico Th. Miller, no rio Jamari, por ocasião das atividades de licenciamento ambiental para a construção da Usina Hidrelétrica de Samuel, identificou a fase lítica Massangana,

associada à terra preta arqueológica, com aproximadamente 4789 ± 90 anos BP, sendo um dos mais antigos registros de antropização da paisagem sem presença cerâmica, na região (Miller 1992). No sítio Garbin, escavado pela Scientia Consultoria Científica, entre 2009 e 2010, foi identificado este mesmo componente ocupacional.

A pesquisa de doutorado de Fernando Almeida (2013), com atividades desenvolvidas na calha do rio Madeira (próximo à cidade de Porto Velho) e na bacia do rio Jamari – centro-Norte de Rondônia – revelou datações antigas associadas à Tradição Polícroma da Amazônia. Para o Sítio Teotônio (a montante de Porto Velho, margem direita do rio Madeira, junto à finada cachoeira homônima, convertida em lago devido à Hidrelétrica de Santo Antônio), cerca de 400 ± 30 d.C.. Este último sítio arqueológico contém um componente ocupacional pré-cerâmico associado à terra preta, objeto da pesquisa de Mongeló (2015).

Na porção Sul do Estado, complexificando ainda mais os aspectos arqueológicos da região, encontramos a presença de geoglifos (Miller 1987a e b; Trindade 2015). Adicionalmente, na calha do rio Guaporé, próximo ao estado do Mato Grosso e divisa com a Bolívia, Eurico Th. Miller (1983) identificou a presença de sambaquis fluviais e sítios cerâmicos com presença de terra-preta (objeto de pesquisa de doutoramento de Pugliese Jr., 2013; e Zimpel Neto 2013, respectivamente).

5. Pesquisas de Campo: metodologia e descrição dos sítios amostrados

There are no ‘simple’ procedures of fieldwork.

Brochado & Lathrap (1980: 13)

Nos anos de 2009, 2010, 2011, 2012 e 2015 estivemos na região em visita ao Centro de Pesquisas e Museu Regional de Arqueologia de Rondônia (CPMRARO) e tivemos a oportunidade de conhecer diversos dos sítios arqueológicos identificados pela equipe do Museu Regional. Em todos estes anos realizamos atividades de prospecção e, nos anos de 2011 e 2015 foram realizadas nossas duas campanhas de escavação²⁵.

Considerando alguns fatores intrínsecos aos nossos objetivos e à área de pesquisa, os métodos e técnicas empregados em campo foram tão diversificados quanto as características dos sítios amostrados e nossas condições logísticas.

Por um lado, a ausência de informações arqueológicas sistemáticas prévias para nossa área amostral imprimiu a necessidade de uma arqueologia de cunho exploratório, que buscasse identificar e caracterizar padrões (ou a “ausência” destes) entre os sítios, que nos permitisse estabelecer estratégias de abordagem e, ao longo da pesquisa, elaborar uma base sistemática de informações para a região.

Por outro lado, as restrições logísticas que enfrentamos (breves campanhas de campo; equipes enxutas; recursos *low tech* e, em 2015, além de alterações no contexto socioeconômico do município, condições climáticas desfavoráveis – por consequência severas restrições de acesso), nos levaram à necessidade de reflexão constante sobre as estratégias adotadas. Tudo isso, é preciso registrar, representou um estimulante e prazeroso desafio.

Apresentamos ao leitor os procedimentos padrão de intervenções que realizamos nos sítios arqueológicos ao longo de nossas atividades de campo. Cada um dos sítios

25 As atividades de coleta e escavação em sítios arqueológicos ocorreram sob duas portarias do IPHAN, processos nº 01410.000250/2011-41 (de 19/07/2011) e nº 01410.000449/2014-12 (de 28/11/2014).

pesquisados demandou abordagens específicas, que serão detalhadas junto à descrição dos mesmos, abaixo.

5.1. Métodos e Técnicas de Campo

5.1.1. Prospecções

Para o município de Ji-Paraná, adjacente à nossa área de pesquisa, os dados fornecidos por Eurico Miller (1987b) permitiram a identificação de alguns elementos paisagísticos comuns à presença de sítios arqueológicos. Seriam: áreas próximas ou adjacentes a corredeiras, cachoeiras e afloramentos rochosos; áreas de confluência entre o rio Ji-Paraná e seus tributários e áreas topograficamente mais elevadas do que o nível máximo do rio, desde que relativamente planas²⁶. Foram tais características, cuja validade foi demonstrada ao longo de décadas de pesquisas na Amazônia, que nos orientaram em um primeiro momento.

Em 2009, antes do início formal desta pesquisa, aproveitando as atividades da pesquisa de doutorado de Fernando Almeida em Rondônia, e contando com a companhia do arqueólogo Claide de Paula Moraes, navegamos a calha do rio Ji-Paraná prospectando sítios arqueológicos (cerca de 5 km a montante da sede municipal de Presidente Médici). Porém, apesar de contarmos com um experiente guia local de ecoturismo, nosso levantamento não obteve resultados positivos de identificação de sítios arqueológicos.

Uma vez que os elementos indicadores de sítios ribeirinhos, em nosso caso, mostraram-se insuficientes para as prospecções, voltamos nosso foco, no ano de 2010 e seguintes, para os sítios de terra-firme previamente identificados pelo CPMRARO. Com a intenção de estabelecer nossa área amostral para intervenções de subsuperfície, percorremos diversos sítios da citada base de dados, além de realizarmos novos levantamentos oportunistas (informações orais; verificação de cortes de estrada; barrancos de beira de

²⁶ Eurico Miller (1987b) aponta para a antropocoria de algumas palmeiras como indicativo da presença de sítios arqueológicos; no entanto, este fenômeno, embora útil em um primeiro momento, deve ser relativizado devido à aplicação circular do raciocínio. Ainda não está claro, se em todos os sítios onde ocorrem palmeiras específicas, em que medida toda ocorrência destas palmeiras corresponderia à presença de sítios arqueológicos. Essa questão não pode ser respondida sem uma ampla análise amostral de ambas as ocorrências e da frequência em que a primeira associação é verdadeira, além do aprofundamento de estudos paleoetnobotânicos na região amazônica.

rios, lagos e açudes; visita a áreas de plantio ou outras áreas com superfícies expostas). Outras estratégias que poderíamos adotar estariam nos modelos de base estatística²⁷; no entanto, nossas escolhas mostraram-se pertinentes, como pretendemos demonstrar nos itens seguintes.

5.1.2. Delimitação

A partir do momento em que escolhemos os sítios arqueológicos relevantes para nossa pesquisa (os critérios considerados estão expostos na descrição dos sítios, abaixo), realizamos intervenções de subsuperfície com cavadeiras articuladas (boca-de-lobo), com o objetivo de delimitar preliminarmente a extensão horizontal e a dispersão vertical dos vestígios arqueológicos. Tais intervenções, com cerca de 40 cm de diâmetro, atingiram profundidade maior ou menor de acordo com a estratigrafia do pacote arqueológico e o alcance do embasamento rochoso do solo/sedimento (bastante frequente em nosso caso), podem chegar a 1 m de profundidade. Estas intervenções, as tradagens, foram distribuídas conforme um plano cartesiano de coordenadas X e Y (horizontais), identificadas e nomeadas a partir de um ponto zero aleatório, orientadas por bússola. O intervalo regular entre elas, em metros, variou para maior ou menor conforme os resultados obtidos, as condições topográficas dos sítios e a disponibilidade de recursos humanos.

O controle estratigráfico dos vestígios arqueológicos e das características de sedimento/solo escavado foi estabelecido em níveis artificiais de 20 cm. O sedimento/solo separado por nível e peneirado; quando ocorreram vestígios arqueológicos, estes foram coletados e quantificados; atribuído um “número de proveniência” (PN) para cada nível positivo. O registro em campo seguiu fichas descritivas específicas e croquis esquemáticos.

5.1.3. Escavações Arqueológicas

Nas escavações arqueológicas realizadas por essa pesquisa, seguimos níveis artificiais de 10 cm. Cada unidade foi estabelecida com 1 m². Sua profundidade obedeceu à presença

²⁷ Sobre técnicas e métodos de prospecção, uma extensa revisão dos modelos de base estatística pode ser encontrada em Araújo, 2001-2002.

ou não de material arqueológico e à exposição de camadas estratigráficas nos perfis. A alocação das unidades seguiu o mesmo *grid* ou plano cartesiano estabelecido previamente para as tradagens. Dessa forma, as unidades foram nomeadas com as coordenadas referenciadas em um ponto zero aleatório, o mesmo das tradagens. Para a alocação das unidades foram utilizadas trena e bússola.

Todo o sedimento/solo escavado foi peneirado, os vestígios arqueológicos encontrados receberam número de proveniência seguindo os níveis ou camadas de procedência e, quando houve destaque para algum vestígio/artefato ou concentração destes, um PN individual foi atribuído. Os diversos vestígios arqueológicos foram embalados separadamente conforme o tipo de material (p. ex. carvões, cerâmicas, líticos).

Ao fim de cada unidade de escavação ao menos um dos perfis obtidos foi desenhado em papel milimetrado e fotografado (sendo escolhido o mais representativo das camadas estratigráficas expostas na unidade e em melhores condições de preservação); as camadas identificadas foram numeradas e descritas a partir de atributos como coloração, textura, presença de material arqueológico e demais características observáveis em campo. Também foram plotados no desenho do perfil os vestígios arqueológicos coletados; estes receberam PN individual e suas coordenadas (X, Y e Z) foram marcadas na embalagem. Todo o registro de escavação foi feito em ficha específica.

5.2. O Museu Regional, acervo e base de dados

Em seus anos de atuação no CPMRARO, fundado em 2008, os professores Maria Coimbra e José Garcia identificaram diversos sítios arqueológicos (oficinas líticas, sítios cerâmicos, gravuras rupestres) no município de Presidente Médici e arredores.

Influenciado pela dinâmica da vida no município, o viés amostral das informações obtidas pelo Museu Regional privilegia a identificação de sítios arqueológicos a Leste da sede municipal, margem direita do rio Ji-Paraná e da BR 364 (Cuiabá - Porto Velho - Rio Branco).

O acervo do CPMRARO é composto quase que exclusivamente por achados oportunistas de moradores da região. Apesar dos contínuos esforços de educação

patrimonial da instituição, ainda são frequentes as entregas de “sacolas de supermercado” com punhados de fragmentos cerâmicos ou ferramentas líticas recolhidas por agricultores ou sitiantes durante a lida com a terra. Nos últimos anos, por outro lado, a instituição tem recebido a guarda de materiais provenientes da arqueologia de licenciamento ambiental e de pesquisas acadêmicas. Em decorrência, vem ampliando seu acervo com coleções contextualizadas, desvinculadas do apelo estético ou afetivo que ocorre na formação de coleções particulares ou em “catações”.

Em nossa etapa de campo de 2015, o museu encontrava-se fechado, devido à reformulação da equipe por parte do poder municipal.

5.3. Campanhas de prospecção e escavação

Nos anos de 2009 e 2010, visitamos diversos sítios arqueológicos. Note-se que, a partir das informações coletadas pelo CPMRARO e de nossas pesquisas na região, observamos que sítios com Terra Preta Arqueológica se configuram como exceção ao padrão arqueológico local. Por outro lado, a frequência de sítios pode ser considerada como alta (levando-se em conta que os acessos terrestres são abundantes e mais capilares do que as calhas fluviais (vias tradicionais de prospecção praticada na Amazônia), o que interfere na identificação do padrão de dispersão dos sítios, oferecendo maior visibilidade e acesso aos sítios.

As primeiras atividades de escavação arqueológica realizadas por nosso projeto ocorreram no ano de 2011, entre os dias de 04 e 09 de agosto. No período, delimitamos e escavamos o sítio Rainha da Paz e delimitamos parcialmente, por limitações de acesso, o sítio 5 irmãos. Nos cinco dias seguintes, entre 10 e 15 de agosto, além de atividades complementares de prospecção, realizamos visitas a sítios anteriormente identificados.

Desta etapa participaram os pesquisadores Diogo Borges, à época mestrando da UFRJ, Fernando Almeida, Guilherme Mongeló e Mauricio Silva, estudantes de pós-graduação da USP, à época, e os professores Maria Coimbra de Oliveira e José Garcia. As atividades foram coordenadas pessoalmente pelo Prof. Dr. Eduardo Góes Neves. A curadoria do material proveniente da unidade de escavação realizada neste sítio, ocorreu entre os dias 13 de novembro e 13 de dezembro de 2012, nas instalações do CPMRARO. A curadoria

do material lítico escavado foi realizada no Laboratório de Arqueologia dos Trópicos (Arqueotrop) – MAE/USP, assim como os materiais coletados no sítio 5 Irmãos.

Nossa segunda etapa de campo ocorreu no ano de 2015, entre os dias 12 de janeiro e 02 de março. Nos primeiros trinta dias contamos com a participação de Thiago Kater Pinto, estagiário do Arqueotrop. No período restante, as atividades de campo foram individuais. Nesta etapa, amostramos 6 sítios, a saber: Rainha da Paz II; Vida Nova; São Gabriel; Jardim da Vida, Santa Ana e Machado I. O trabalho de curadoria do material escavado foi realizado no Arqueotrop – MAE/USP.

Se nos anos iniciais de nossa pesquisa o padrão contemporâneo de ocupação e uso do solo, caracterizado pela pequena propriedade agrícola, favorecia a identificação, a visibilidade e o acesso aos sítios arqueológicos, no ano de 2015 encontramos condições diferentes: o uso do solo foi alterado na maioria dos locais (re)visitados. Pequenas propriedades foram fundidas em maiores e a agricultura manual, ou pouco mecanizada, foi abandonada para a implantação de pastagens para gado bovino. Como veremos, essas alterações trouxeram desafios para as abordagens de campo.

Nestas duas etapas de campo, buscamos complementar o viés amostral de nossas informações, visitando eventuais sítios conhecidos à margem esquerda do rio Ji-Paraná e prospectando novos. Se, em 2009, as incursões fluviais não foram eficientes para isso, em 2011 e 2015, percorremos por vias terrestres, mantendo a estratégia de levantamento oportunístico. Apesar de identificarmos sítios arqueológicos, alguns fatores interferiram no alcance dos resultados. A ocupação territorial da margem esquerda do rio baseia-se em propriedades voltadas à pecuária extensiva e sítios de veraneio; a densidade populacional é baixa quando comparada à margem direita. A várzea do rio, no trecho a montante da sede municipal não é ocupada ou utilizada para fins econômicos ou recreativos mesmo em períodos de seca. Nesta margem do rio, o mesmo fenômeno de reestruturação econômica do uso do solo foi observado nas propriedades que, em 2011, ainda se praticava alguma pequena agricultura. Em 2015, havia sido adotado o plantio de pastagem. Outro fenômeno que também restringiu nossas atividades à margem esquerda do rio foi o aumento significativo de propriedades abandonadas, aparentemente resultado do decaimento populacional acumulado ao longo de vinte anos e da urbanização da

economia municipal²⁸ – e isso restringiu as possibilidades de campanhas de escavação em alguns sítios identificados na primeira etapa.

Focamos nossas prospecções à margem esquerda do rio, pela “Linha 1”, acesso terrestre mais próximo à calha do Ji-Paraná; uma estrada perpendicular à rodovia BR 429 (Presidente Médici – Costa Marques, RO). Nela, identificamos quatro novos sítios em intervalos de cerca de um quilometro. No entanto, após a identificação do sítio mais a Norte, não encontramos moradores da região ou acesso às propriedades para continuar a prospecção oportunística. Além disso, após 12 km de extensão, já no município de Ji-Paraná, a Linha abruptamente termina em um portão de fazenda, trancado a cadeado, a despeito dos mapas rodoviários (Imagens 4 e 5).

Imagem 4 Moradia abandonada na Linha 1, resultado de decaimento populacional e urbanização da economia do município

²⁸ De acordo com censos do IBGE (2015), a população de Presidente Médici, em 1991, era de 30.064 pessoas e, em 2010, 22.319. Para os anos seguintes os dados disponíveis são de estimativas populacionais, que indicam a partir de 2011 certo ritmo de crescimento, alcançando, em 2014, 22.783 pessoas. No entanto, se o cálculo de estimativa populacional para municípios brasileiros é válido para revelar tendências, de acordo com sua metodologia o valor estimado pode mais refletir um crescimento da população geral do estado de Rondônia do que especificamente de um município (IBGE 2014). Ainda de acordo com dados do IBGE (2015), entre os anos de 2010 e 2011, a participação da agropecuária no PIB municipal se manteve estável, enquanto a participação do setor de serviços cresceu, indicando a urbanização da economia municipal.

Imagem 5 O fim da linha. Porteira trancada interrompendo o acesso para as prospecções na Linha 1

Imagem 6 - Localização dos sítios arqueológicos amostrados por nossa pesquisa

6. Sítios arqueológicos amostrados

Abaixo, passamos à descrição dos sítios arqueológicos amostrados por esta pesquisa e os métodos e técnicas empregados em cada caso.

6.1. Rainha da Paz

Como dito anteriormente, sítios arqueológicos com Terra Preta constituem-se como exceção no resultado de nossas prospecções. O sítio Rainha da Paz foi o único com tal característica, identificado e amostrado por nossas prospecções e escavações²⁹.

Nossa primeira etapa de campo ateve-se à identificação e caracterização deste sítio, no município de Presidente Médici (imagem 7). Abaixo, fornecemos sua descrição e as justificativas de sua escolha para as atividades de campo inaugurais de nossa pesquisa.

Sítios Jardim da Vida, Rainha da Paz I e Rainha da Paz II

Imagem 7 Sítio Rainha da Paz - Imagem de satélite, com sítios no entorno.

²⁹ Sítios arqueológicos com terra preta, no entanto, foram identificados em regiões próximas ou adjacentes à nossa área de pesquisa. Como exemplo, o sítio Encontro, em Ministro Andreazza, escavado por Zimpel Neto (2009), já mencionado.

O sítio Rainha da Paz³⁰ possui área estimada em 8 ha, está inserido em uma baixa vertente de morrote, com suave declive nos sentidos Norte, Sul e Oeste. Seus limites oeste e Sul são estabelecidos pelo igarapé Leitão (médio curso) e suas drenagens (ca. de 300m e 150m respectivamente). Ao Norte, o sítio se limita pelo princípio de declive de drenagem pluvial e nascente d'água. Em sua extensão oriental, limita-se pela acentuação da vertente do morrote, em aclave suave. Pode-se afirmar que o sítio está circunscrito ao relevo imediato (croqui na imagem 8).

Arqueologicamente é composto por Terra Preta (10YR 3/3 e 10YR 3/2, Munsell) – visível à superfície, cerâmica, líticos lascados e polidos e apresenta um único componente ocupacional. No limite oeste do sítio, em ambas as margens do igarapé Leitão, foram observados polidores e amoladores líticos, assim como fragmentos cerâmicos em superfície. Atualmente, o igarapé possui largura aproximada de 15 m no período de seca. Neste mesmo período podemos observar a formação de pequena praia fluvial, de depósito arenoso, bem como “bancos de areia”. Vale ressaltar que tais amoladores e polidores líticos, são observados, atualmente, apenas no período de seca, quando expostos pela baixa das águas do igarapé Leitão.

O uso da terra é predominado por pastagens para gado bovino que, nos períodos de chuva, dificulta a visibilidade da superfície e a percepção da altimetria – o capim ultrapassa a cintura de um homem adulto. Por outro lado, nos períodos de seca, permite uma boa visibilidade. A porção Sudeste do sítio, no entanto, tem seu uso da terra destinado à recreação. É um campo de futebol comunitário, portanto, intocável se pretendemos uma boa relação com a população local. O sítio, em seu sentido latitudinal, é inteiramente cortado pela “Linha 128”, que recebe o entroncamento de outra estrada local, paralela ao campo de futebol em sua maior seção. Dos cortes de estrada e de sua manutenção anual pelo poder público resulta a grande visibilidade do registro arqueológico e o grande impacto ao patrimônio arqueológico.

O acervo do CPMRARO referente ao sítio Rainha da Paz é composto, além de algumas peças doadas por particulares, pelo resultado de ações emergenciais de resgate do patrimônio ameaçado. Dentre eles destacamos dois sepultamentos secundários, que estão

³⁰ Cadastrado no IPHAN pelo CPMRARO, CNSA RO-00372.

em exposição no museu. Um deles, pouco impactado, foi resgatado pela equipe do CPMRARO com toda a parafernália ritual identificada. Assim, sua disposição aproximada pôde ser reconstruída (pranchas 1 a 3). Foi a partir deste sepultamento que nossa atenção se voltou para o sítio e o fez alvo de nossas primeiras escavações.

A delimitação do sítio Rainha da Paz ocorreu por tradagens e observação de cortes de estrada. O croqui do sítio representa a delimitação com os pontos de intervenção direta. A partir da coleta destas informações e da localização dos sepultamentos escavados pelo CPMRARO, estabelecemos o posicionamento da unidade de escavação. Com isso, almejamos conhecer de modo mais detalhado e controlado a estratigrafia do sítio e seus vestígios. A partir da observação da ocorrência de pequenas elevações na topografia do sítio, por sugestão do professor Eduardo Neves, optamos por também verificar se elas corresponderiam ou não a montículos artificiais.

Embora o contexto de escavação apresentasse sinais de revolvimento, do uso de arado para a formação de pastagem nos centímetros iniciais, pôde-se notar a presença de cerâmicas fragmentas *in situ*, grande presença de carvão por toda unidade – possivelmente resultado de queimada para pastagem –, pequenos vestígios ósseos de fauna (roedores e aves) e uma alta concentração de material cerâmico e de líticos lascados. Entre os machados polidos, abundantemente encontrados nos cortes de estrada e depositados por moradores locais na reserva técnica do CPMRARO, resgatamos dois exemplares nesta escavação.

Ao longo da escavação, a hipótese de montículos artificiais – edificadas, assemelhadas aos identificados na Amazônia Central – foi descartada. Voltamo-nos para uma segunda hipótese, pela qual a elevação presente em superfície representaria o resultado “não intencional” da ação de descarte – uma lixeira. Os dados de análise em laboratório confirmaram esta hipótese e serão descritos adiante, em item específico.

Aos 40 cm de profundidade, a presença de grandes blocos de quartzo e laterita impossibilitou a continuidade da escavação. Tais minerais são facilmente identificados, em dimensões variadas, ao longo dos cortes de estrada, em áreas expostas por lixiviação e afloramentos, regulares na região. O perfil da unidade escavada pode ser observado na imagem 9 e fotos da escavação podem ser vistas na Imagem 10.

Com isso, concluímos que a elevação inicialmente notada na superfície do sítio decorre da combinação de dois fenômenos: os afloramentos rochosos e as atividades deposicionais de descarte. Por outro lado, essa observação permite inferir que o “revolvimento” dos 15 cm iniciais não decorre da ação direta do arado, mas da deposição de estratos adjacentes recentemente revolvidos – uma vez que o contato com rochas pode danificar a ferramenta e áreas “suspeitas” são evitadas, e que não se usa o arado para nivelamento do terreno. De toda forma, caso os centímetros superficiais tenham sido de fato arados, isso não compromete a compreensão do registro arqueológico (Araujo 2001-2002).

De modo geral, podemos concluir que a camada arqueológica do sítio se encontra entre a superfície e o relativamente raso embasamento rochoso. Em sua porção central, a profundidade atinge entre 40 e 50 cm de Terra Preta, diretamente sobre o embasamento. Nas áreas “periféricas” a Noroeste, com profundidade média de 30 cm, encontramos solo com coloração acinzentada (10YR 4/2, Munsell), também sobre embasamento rochoso. Fenômeno semelhante ocorre nos limites Sudoeste e Sudeste do sítio.

A exceção a este quadro é a porção Noroeste do sítio: a camada arqueológica aprofunda-se até cerca de 30 cm, mas o embasamento rochoso não foi encontrado antes de 50 cm de profundidade. Este intervalo é preenchido por uma camada arqueologicamente estéril, de textura argilosa e coloração avermelhada (5YR 4/6, Munsell).

Do geral de atividades realizadas em campo e das informações coletadas, além das inferências e conclusões aqui expostas, ecoa a intuição de que a melhor associação entre profundidade do depósito arqueológicos e a densidade de vestígios presente neste sítio está(va) localizada entre as estradas e o campo de futebol. No entanto, o sítio Rainha da Paz nos fornece inspiradoras informações sobre as ocupações pretéritas da região, como veremos adiante.

Infelizmente, nestas escavações, as opções de datação absoluta são restritas. A ausência de elementos orgânicos na composição da pasta cerâmica, a pouca profundidade do depósito arqueológico, e a alta taxa de fragmentação dos carvões e fauna coletados, reduzem muito a confiabilidade das amostras. A exceção está no indivíduo sepultado,

integrante da coleção do CPMRARO, no entanto, não pudemos coletar amostras para datação do material ósseo – além de não termos controle sobre possíveis contaminações desde sua escavação.

Imagem 8 Croqui esquemático do Sítio Rainha da Paz (Desenho: Eduardo KazuoTamanaha)

PROJETO SUDOESTE AMAZÔNICO SÍTIO RAINHA DA PAZ PERFIL ESTRATIGRÁFICO

UNIDADE N. 10000 - E. 10000
PERFIL OESTE - LINHA E. 9999

LEGENDA

- Cerâmica
- Rocha
- Superfície
- Limite Definido
- Limite Difuso

Camada úmica com forte presença de radículas por contado pasto que recobre a superfície do sítio. A camada é compacta, areno-argilosa e com baixa quantidade de fragmentos cerâmicos. Há também presença de laterita e fragmentos de quartzo. Cor: 10YR 3/2 "very dark grayish brown"

Camada de coloração escura, grande abundância de material arqueológico, muitos fragmentos cerâmicos empilhados e quebrados in situ, de médio a grande porte. Foi evidenciado durante a escavação dessa camada grande quantidade de carvão, fragmentos de ossos de animais. O sedimento é areno-argiloso, encontra-se entremeado por fragmentos cerâmicos. Cor: 10YR 3/1 "very dark gray"

Camada com pouco material arqueológico, fragmentos cerâmicos pequenos, presença constante de rochas e concreções lateríticas. Solo escuro, embora mais avermelhado do que nas camadas superiores, areno-argiloso, compactação média. Cor: 10YR 3/3 "dark brown"

Área não escavada.

Imagem 9 Sítio Rainha da Paz - Representação do perfil estratigráfico (face oeste) da unidade N10000 E 10000 (Desenho: Eduardo KazuoTamanaha)

Imagem 10 Sítio Rainha da Paz –Escavações sítio Rainha da Paz. Abaixo, fotomontagem panorâmica da porção SW do sítio (Fotos: Rodrigo Suñer).

6.2. 5 Irmãos

O sítio 5 Irmãos foi alvo de nossas intervenções no ano de 2011. O sítio possui área estimada em 2 ha. Encontra-se em terra-firme, cerca de 2 km de distância a Leste do rio Ji-Paraná, portanto, à margem direita. Este sítio está inserido num suave platô, “divisor de águas”. Não estando à margem de nenhum igarapé, localiza-se, porém, entre dois pequenos cursos d’água, de nomes não atribuídos; sendo um cerca de 500 m a Norte, e outro 300 m a Sul, que compreende o limite do sítio arqueológico. Porém, este curso d’água possui comportamento sazonal, sua nascente está na área adjacente ao sítio. A observação desta nascente e seu comportamento hídrico merecem cautela, pois é comprometido pela existência de diversos açudes artificiais que servem à criação de gado bovino (imagem 11). Ao Norte do sítio 5 Irmãos, cerca de 2 km em linha reta, encontra-se o igarapé Leitão, baixo curso, um dos principais formadores do rio Ji-Paraná neste seu trecho. Coordenadas UTM do sítio 20L 8766895S 620426E.

Em 2011, o sítio se estendia por duas propriedades privadas com uso do solo bastante diferente. Sendo a porção Norte destinada à produção de frutas e polpa para suco, com beneficiamento do solo mecanizado por arado, apresentava grande visibilidade de fragmentos cerâmicos em superfície; a porção Sul, por sua vez, estava ocupada por pastagens, sem visibilidade do solo ou de vestígios arqueológicos em superfície.

Durante a realização das tradagens para delimitação pudemos observar que as maiores concentrações de vestígios arqueológicos ocorriam na porção Sul do sítio. No entanto, a partir da divisa entre propriedades, entre o pomar e o pasto, não pudemos avançar. O proprietário da pastagem não autorizou a realização de atividades de pesquisa em suas terras.

Voltamos ao sítio em 2015. O pomar já não mais existia, foi convertido em pastagem. Os proprietários não permaneciam mais tão amiúde em sua residência. Portanto, não pudemos retomar as atividades de campo neste sítio, infelizmente (imagens 12 e 13).

No entanto, os dados colhidos, as tradagens e delimitação parcial nos indicaram o que apenas pôde ser percebido em 2015, com a ampliação de nossa amostragem regional: um

padrão de sítio recorrente na região. São sítios de baixa densidade, rasos em sua estratigrafia arqueológica – quase, se não, superficiais – e inseridos em locais com marcadores paisagísticos discretos (nascentes de água, afloramentos de matacões rochosos, topos ou sopés de morrotes, suportes de gravuras rupestres). Estas características, comuns aos sítios da região, hora apenas esboçado, serão detalhados ao longo de cada sítio e serão comentados em item separado, adiante.

Note-se que a porção Norte do sítio é cortada longitudinalmente por uma estrada municipal. Em seu corte, observamos, em 2011 e 2015, materiais arqueológicos expostos, tanto cerâmicas quanto líticos polidos (machados) – imagens de 14-17.

A princípio podemos caracterizar o sítio 5 Irmãos como unicomponencial. Sua estratigrafia aprofunda-se desde a superfície até cerca de 30 cm. Possui sedimento de textura areno-argilosa e coloração de modo geral “brunada” (oscilando entre 7.5YR 4/6 e 7.5YR 4/4, Munsell) – imagem 18. A caracterização do material cerâmico será realizada em item específico.

Sítio 5 Irmãos

Imagem 11 Sítio 5 Irmãos - área estimada

Imagem 12 Sítio 5 irmãos - Uso do solo e condições de visibilidade em 2011

Imagem 13 Sítio 5 irmãos - Uso do solo e condições de visibilidade em 2015

Imagem 14 Sítio 5 Irmãos - Fragmentos cerâmicos em superfície observada em 2011

Imagem 15 Sítio 5 Irmãos - Observação de fragmentos cerâmicos em corte de estrada em 2015

Imagem 16 Sítio 5 Irmãos - Machado polido observado em corte de estrada em 2011

Imagem 17 Sítio 5 Irmãos - Fragmento de Machado polido observado em corte de estrada em 2015

Imagem 18 Sítio 5 Irmãos - Aspecto do solo - tradagem (2011)

6.3. Santa Ana

A Leste do sítio 5 Irmãos, cerca de 1,2 km, está o sítio Santa Ana. Sítio cerâmico, com presença de líticos polidos, possui a menor área entre os sítios amostrados, compreendendo aproximadamente 7.500m² (Imagem 20). Possui como característica peculiar a acentuada irregularidade topográfica do terreno e a quantidade abundante de blocos e matacões de granito que afloram por toda sua área (imagens 21 e 22). Tais matacões, no entanto, não apresentam marcas de uso, como amoladores ou bacias de polimento, ou de retirada. Coordenadas UTM do sítio 20L 8767177S 621472E.

Trata-se de sítio de estratigrafia rasa (cerca de 20 cm de profundidade), os vestígios cerâmicos podem ser observados sobre o solo, lavado por lixiviação ou revirado devido à atividade agrícola manual do proprietário. O solo/sedimento apresenta textura argilo-arenosa, em sua coloração repete o padrão “brunado” do sítio 5 Irmãos (entre 7.5YR 4/6 e 7.5YR 4/4) e apresenta coloração avermelhada a partir de 60 cm (2.5YR 4/8 e 2.5YR 5/8, Munsell)

Neste sítio, abordado em 2015, um desafio metodológico se repetiu. Embora estivéssemos caminhando sobre os fragmentos cerâmicos, vendo-os dispostos por uma ampla área, as tradagens de delimitação mostraram-se pouco eficientes. Realizadas em intervalos que variavam entre 10 e 20 metros, 50% das tradagens apresentaram resultados negativos. Considerando que as atividades de campo estavam sendo realizadas individualmente, sem equipe, e a campanha chegava ao limite do prazo, optamos por realizar coletas sistemáticas de superfície, obedecendo o grid, delimitando unidades de coleta de 1m². Dessa forma, foram estabelecidas 59 unidades de coleta, donde resultaram 5,5kg de material cerâmico e alguns exemplares de lítico polido. O atual uso do solo é voltado para pomar com diversos cultivares. É importante salientar que nunca houve mecanização do cultivo, e pouca rotatividade de gêneros plantados, sendo, nas áreas de maior exposição de vestígios arqueológicos, predominante a mandioca e a banana (imagens de 23 a 26).

Ao Sul do sítio, o terreno se desenvolve em aclive, onde também há uma nascente, que forma um pequeno curso de água. Provavelmente a área estimada deste sítio está subdimensionada, pois em sua porção Oeste, onde termina a propriedade agrícola, principia um terreno não habitado, tomado por capoeira baixa, de vegetação fechada, o que nos impossibilitou o acesso.

Sítio Santa Ana

Imagem 19 Sítio Santa Ana - Inserção na paisagem e área estimada

Imagem 20 Sítio Santa Ana morrote em área central (2015).

Imagem 21 Sítio Santa Ana - Topo de morrote com afloramento de blocos graníticos, detalhe.

Imagem 22 Sítio Santa Ana - Afloramento de blocos e matações graníticos, ao fundo, capoeira no limite W do sítio (2015)

Imagem 23 Sítio Santa Ana - Alocação de unidades de coleta sistemática de superfície

Imagem 24 Sítio Santa Ana - Aspecto do solo - tradagem (2015)

Imagem 25 Sítio Santa Ana - Fragmento cerâmico corrugado em superfície (2015).

Imagem 26 - Sítio Santa Ana – Peça lítica picoteada e polida encontrada pelo proprietário durante roçado (2015).

6.4. Rainha da Paz II

Devido às condições de acesso favoráveis e à proximidade da sede municipal de Presidente Médici, optamos por iniciar as atividades da campanha de 2015 pelo sítio Rainha da Paz II. Trata-se de sítio lito-cerâmico, com área estimada em 1,5 ha. Sua localização está cerca de 650m, em linha reta, do sítio Rainha da Paz, sentido Sul (Imagem 27). As coordenadas UTM da localização do sítio são: 20L 8761087S 628877E.

Sítios Jardim da Vida, Rainha da Paz I e Rainha da Paz II

Imagem 27 Sítio Rainha da Paz II - área estimada e, ao Norte, localização do sítio Rainha da Paz

No ano de 2011, visitamos o sítio a convite da equipe do CPMRARO. Trata-se de uma propriedade particular, com uso misto do solo (pomar e pastagem). O proprietário, à época, estabelecia residência no próprio local, e no terreiro da casa era possível verificar fragmentos cerâmicos. Em 2015, embora o proprietário fosse outro, e a antiga habitação estivesse abandonada, os vestígios arqueológicos ainda eram conhecidos. Um milharal, recém-plantado, foi-nos indicado como local de maior ocorrência dos vestígios.

Em breve caminharmento, pudemos verificar a ocorrência de fragmentos cerâmicos e líticos polidos em superfície. A área de roçado, com cerca de 1.500 m² (50 x 30 m) fora arada para o plantio. A antiga moradia encontrava-se abandonada, com capoeira baixa em

formação e um denso canavial ocupou o terreiro visitado em 2011. A partir do perímetro do milharal, iniciamos a delimitação do sítio por tradagens, com intervalos regulares de 40 metros.

Se a amostragem do sítio Santa Ana, último de nossa campanha de 2015, o desafio metodológico se repetiu, foi no sítio Rainha da Paz II que ele surgiu pela primeira vez.

Aparentemente, as tradagens não surtiram efeito satisfatório. A área de roçado, mesmo revolvida pelo arado³¹, apresentou tradagens com maior densidade de material do que aquelas em áreas de pastagem. Embora caminhássemos sobre o sítio, sua visibilidade pelas técnicas tradicionais de delimitação estava bastante reduzida. Foram raras as intervenções fora do milharal em que obtivemos um total de fragmentos superior a 5. No entanto, foi o emprego das tradagens que nos permitiu comparar a conformação estratigráfica de diferentes áreas do sítio. Apesar de bastante homogênea em textura e cor, ela apresentou diferentes graus de impacto antrópico “recente”.

Assim, foi da combinação de resultados de densidade de fragmentos cerâmicos e grau de preservação estratigráfica, privilegiando a segunda, que optamos pela abertura da primeira unidade de escavação. O local que se mostrou mais apropriado estava, porém, fora das áreas de maior concentração cerâmica. A unidade de escavação foi alocada na porção Nordeste do sítio, próxima ao limite de sua extensão (Imagens 28 e 29).

Tanto o resultado das tradagens, quanto o obtido pelas unidades de escavação, demonstraram tratar-se de um sítio de baixa densidade e pouca profundidade. O pacote arqueológico estende-se da superfície até cerca de 35 cm, sendo a maior concentração nos primeiros 20 centímetros. A presença de pequenos seixos angulosos de quartzo e laterita é frequente em toda a estratigrafia, sendo a partir dos 40 cm de profundidade que observamos um aumento significativo da quantidade e dimensão destes seixos. O perfil das unidades escavadas e a descrição das camadas identificadas pode ser observado nas imagens 30 e 31.

³¹ É importante reforçar que o impacto do arado sobre sítios arqueológicos predomina na compreensão vertical do sítio e não em sua compreensão horizontal. Sobre esse tema, ver Araujo 2001-2002.

A primeira unidade aberta, alocada em nosso grid como N1043 E960, apresentou em sua porção Norte grande concentração de cerâmicas, com fragmentos *in situ*. O pacote arqueológico concentrou-se nos primeiros 30 cm de profundidade, com poucos fragmentos apenas no quadrante NW, até cerca de 50 cm, no entanto, deslocados por bioturbações. A presença de lascas e estilhas em quartzo são frequentes e acompanham a mesma estratigrafia.

Frente tais resultados e com o intuito de ampliar a amostragem de vestígios deste sítio, optamos pela ampliação da unidade de escavação para sua porção Norte, totalizando uma área de 2 m² escavados. Trata-se da unidade N1044 E960. O comportamento estratigráfico desta unidade reproduziu a anterior, apresentando maior concentração nos primeiros 30 cm. Nos níveis inferiores a presença de material arqueológico se reduziu drasticamente. Em contrapartida, a frequência e dimensão de seixos angulosos de laterita e quartzo aumentaram. Nesta unidade também foram identificados e coletados, além do material cerâmico, peças líticas lascadas.

A escavação de ambas as unidades se encerrou em 60 cm de profundidade devido ao embasamento rochoso, formado predominantemente por blocos de laterita que impossibilitaram o aprofundamento. A textura do solo mostrou-se areno-argilosa em todas as amostragens; a coloração transitou, da superfície à base, entre “bruno escuro” (7.5YR 3/2 e 7.5YR 3/3), uma camada de transição de mesma textura, mas coloração avermelhada (5YR 3/4) e, por fim, definitivamente vermelho (2.5YR 4/8). Não foram identificados vestígios de carvão ou matéria orgânica em qualquer das unidades – nem na peneira, tampouco no perfil.

Portanto, tanto os dados de tradagem quanto os da escavação demonstram que o Sítio Rainha da Paz II é de baixa densidade, com pacote arqueológico pouco profundo e de pequena área – características que sugerem um padrão local para nossa área de pesquisa.

Foram realizadas coletas sistemáticas de superfície na área de milharal, onde dois machados polidos foram identificados, além de fragmentos cerâmicos decorados, (imagens 32 e 33). A partir de todas as técnicas de amostragem, foram coletados 11kg de material cerâmico.

Quanto a sua inserção na paisagem, o sítio está em topo de morrote, em uma espécie de interflúvio. Cerca de 130m a Sudeste do sítio encontra-se a margem direita do igarapé Leitão, e, a Norte, a aproximadamente 200m, após aclive acentuado, encontra-se um pequeno curso d'água sem nome atribuído. Portanto, o sítio Rainha da Paz II está no médio curso do Leitão, a montante do sítio Rainha da Paz. Porém, devido à sinuosidade do curso deste igarapé, é o pequeno curso d'água, como marcador paisagístico, que separa um sítio do outro, além da distância. Afloramentos de blocos e matações de quartzo são frequentes no entorno do sítio.

O importante a ser notado é que ambos os sítios Rainha da Paz e Rainha da Paz II oferecem visibilidade mútua entre si; assim como estes e os sítios Vida Nova, Jardim da Vida e Nossa Senhora Rainha da Paz, conforme trataremos adiante.

Imagem 28 Sítio Rainha da Paz II - Superfície da unidade de escavação N1043 E960 (2015).

Imagem 29 Sítio Rainha da Paz II - Leitura de tabela Munsell, unidade N1043 E960 (2015).

SÍTIO RAINHA DA PAZ II - PERFIL ESTRATIGRÁFICO

Unidade N1043 E960

PERFIL OESTE
Linha E959

PERFIL NORTE
Linha N1043

	Fragmento cerâmico
	Lítico lascado
	Rocha
	Bioturbação
	Raiz
	Número de proveniência
	Superfície
	Limite definido de camada
	Limite difuso de camada
	Área não escavada

IV Camada úmica. Textura areno-argilosa, compactação média, coloração 7.5YR 3/2 (dark brown).

Presença de material arqueológico em pouca quantidade. Grande quantidade de radículas e poucos seixos pequenos de laterita

III Camada arqueológica. Textura areno-argilosa, compactação média; coloração 7.5YR 3/3 (no topo) e 7.5YR 3/4 (à base).

Presença de materiais cerâmicos e líticos em maior quantidade; blocos de quartzo e de granitóides. Aumento da presença de seixos de laterita, incluindo seixos angulosos. Radículas em menor quantidade e poucas raízes.

II Camada de transição, em sua maior parte com limites difusos. Textura areno-argilosa; compactação média, coloração 5YR 3/4 (dark reddish brown). A presença de vestígios arqueológicos reduz. Seixos tornam-se mais frequentes e são observados alguns blocos.

I Camada estéril arqueologicamente. Textura argilosa, compactação alta. Coloração 2.5YR 4/8 (red). Muitos seixos e blocos de laterita, todos bastante friáveis. Não são observadas atividades bióticas.

SÍTIO RAINHA DA PAZ II - PERFIL ESTRATIGRÁFICO

PERFIL OESTE
Linha E959

Unidade N1044 E960

PERFIL NORTE
Linha N1044

- IV Camada única. Textura areno-argilosa, compactação média, coloração 7.5YR 3/2 (dark brown). Presença de material arqueológico em pouca quantidade. Grande quantidade de radículas e poucos seixos pequenos de laterita.
- III Camada arqueológica. Textura areno-argilosa, compactação média; coloração 7.5YR 3/3 (no topo) e 7.5YR 3/4 (à base). Presença de materiais cerâmicos e líticos em maior quantidade; blocos de quartzo e de granitóides. Aumento da presença de seixos de laterita, incluindo seixos angulosos. Radículas em menor quantidade e poucas raízes.
- II Camada de transição, em sua maior parte com limites difusos. Textura areno-argilosa; compactação média, coloração 5YR 3/4 (dark reddish brown). A presença de vestígios arqueológicos reduz. Seixos tornam-se mais frequentes e são observados alguns blocos.
- I Camada estéril arqueologicamente. Textura argilosa, compactação alta. Coloração 2.5YR 4/8 (red). Muitos seixos e blocos de laterita, todos bastante friáveis. Não são observadas atividades bióticas.

Imagem 31 Sítio Rainha da Paz II - Perfil estratigráfico, unidade N1044 E960

Imagem 32 Sítio Rainha da Paz II - Fragmento cerâmico em superfície, com decoração incisa (2015).

Imagem 33 Sítio Rainha da Paz II - Lâminas de machado polidas, identificadas em superfície (2015).

6.5. São Gabriel

O sítio São Gabriel³² é o sítio amostrado mais a Norte e distante da calha do rio Ji-Paraná. Ainda no município de Presidente Médici, está às margens do igarapé Molim, em seu médio-alto curso³³. Nossa primeira visita ao sítio ocorreu no ano de 2011, a convite da equipe do CPMRARO, mas este tornou-se alvo de intervenções apenas na campanha de 2015. Em ambas as ocasiões, eram abundantes os fragmentos cerâmicos em superfície. As coordenadas UTM de localização do sítio são 20L 8780726S 650754E (Imagens 34 e 35).

À margem esquerda do igarapé Molim, em uma planície não alagável, o sítio São Gabriel possui área estimada em 7,2 ha. Sua topografia é basicamente plana. O atual uso do solo, em sua maior parte, é dedicado ao cultivo de café e, conforme informações do proprietário, todo o cultivo ocorre manualmente. A porção Leste do sítio, adjacente ao igarapé Molim, é usada para pastagem de gado bovino. O cafezal ocupa longitudinalmente o sítio em quase 50% de sua área e, latitudinalmente, ultrapassa em 50 metros sua extensão Sul. Devido às características do cultivo de café³⁴, a observação da superfície é bastante facilitada, e a delimitação visual do sítio, nesse contexto, pode ser considerada bastante precisa. No entanto, para áreas de pastagem não prescindimos das tradagens e da observação de árvores tombadas – que em muitos casos ofereceram pistas da extensão do sítio, devido à presença de fragmentos cerâmicos expostos em suas raízes.

Também latitudinalmente o sítio é cortado por estrada municipal, expondo fragmentos cerâmicos e líticos em seu barranco. Passado o limite Norte do sítio, além da continuação da estrada, há o cultivo de milho, com atuação de arado mecânico na preparação do solo. Diversos caminhamentos foram realizados tanto por nós, na etapa de campo de 2015, quanto pela equipe do CPMRARO em outras ocasiões, sem sucesso na identificação de vestígios arqueológicos.

³² Cadastrado junto ao IPHAN pela equipe do CPMRARO, CNSA RO00352.

³³ O igarapé Molim, ao lado dos Leitão e Riachuelo, são os principais afluentes do rio Ji-Paraná, à margem direita, na área focal desta pesquisa. Possui sua nascente no município de Ministro Andreazza e foz em Ji-Paraná.

³⁴ Da qual nos ocuparemos adiante, por razões metodológicas.

Sítio São Gabriel

Imagem 34 Sítio São Gabriel - Inserção na paisagem e área estimada

É importante ressaltar que as atividades nesse sítio ocorreram com diversas interrupções e intervalos que alcançaram até 5 dias. A dificuldade de acesso, prevista por estarmos no período de chuvas, foi a principal razão. A partir da sede municipal de Presidente Médici há apenas duas rotas de acesso ao sítio. São elas mais ou menos equidistantes, com trajetos de cerca de 2 horas no período de chuvas. Se uma apresentava péssimas condições de via, com erosões e atoleiros; a outra, cortada por pequenos cursos d'água e pelo igarapé Riachuelo, alagava-se regularmente, inclusive com chuvas que “desconhecíamos”, pois ocorriam no município vizinho Ministro Andreazza, a montante do sítio (Imagens 35 e 36). A insistência em amostrar o sítio levou nosso veículo a duas visitas ao “lanterneiro” local, e a conclusão dos trabalhos no sítio só foi possível graças à gentil cessão de um veículo mais robusto pela administração municipal. Com a apresentação dos dados de análise cerâmica, adiante, esperamos demonstrar que essa insistência não foi em vão.

Apesar da alta densidade de vestígios cerâmicos em superfície, não prescindimos do uso de tradagens para a delimitação do sítio, que foram realizadas tanto no cafezal quanto na área de pastagem. A partir da experiência do sítio Rainha da Paz II, esperávamos certo grau de “invisibilidade” dos vestígios arqueológicos às tradagens. Esperávamos que,

apesar de a área ocupada pelo sítio São Gabriel ser maior, seu comportamento estratigráfico e de densidade se repetisse. Não foi diferente. Neste ponto, podemos inferir que de fato há um padrão regional nos sítios arqueológicos amostrados, como sugerido na descrição dos outros sítios.

As tradagens indicaram que o pacote arqueológico se concentrava nos primeiros 20 centímetros, e, em poucos casos, aprofundava-se até os quarenta centímetros, com ocorrências de 1 ou 2 fragmentos – sendo correto inferir que houve alguma movimentação, seja do próprio roçado, seja por fenômenos de bioturbação. Mais uma vez, as tradagens nos forneceram um guia eficaz para identificar estratigrafias mais ou menos preservadas, apesar de pouca informação sobre os vestígios em si.

Considerando as condições *low-tech* de nossa campanha, a alocação de pontos de tradagens (com trena e bússola), em meio aos arbustos de café, foi uma atividade que despendia um tempo do qual não dispúnhamos, pois durante as tardes o céu acinzentava-se e ocorria o previsível: chuva. Por outro lado, com os dados das tradagens já realizadas, conjugados às concentrações de vestígios em superfície e aos caminhamentos realizados, optamos pela abertura de uma unidade de escavação (Imagens 37-39).

A unidade de escavação (N1003 E1001) permitiu testarmos os resultados obtidos pelas tradagens e ampliar o controle estratigráfico do sítio. De fato, o pacote arqueológico aprofunda-se até 25 cm, acompanhando uma textura de solo/sedimento areno-argilosa do solo/sedimento. A coloração segue, desde a superfície até cerca de 25 cm de “bruno escuro” (7.5YR 3/3), para uma camada de transição “bruno avermelhado” (5YR 3/4) – nesta camada também ocorre a alteração de textura para argilo-arenosa – que segue até cerca de 40 cm; a partir deste ponto a coloração é mais avermelhada (2.5YR 3/4), e a textura, argilosa. A densidade de material encontrada na unidade de escavação também foi baixa. Por outro lado, foi alta a densidade de atividade biótica em subsuperfície encontrada (formigueiros, insetos em geral, raízes profundas e radículas). A unidade foi encerrada em 50 cm de profundidade. O perfil da unidade escavada e fotografias das atividades podem ser vistos nas Imagens 40-44).

Estabelecido o controle estratigráfico do sítio pelas tradagens e pela unidade de escavação, partimos para a coleta sistemática de superfície, com o intuito de obter uma amostragem mais ampla dos materiais presentes no sítio.

Seguindo o padrão de concentração cerâmica observado em superfície, estabelecemos duas áreas contíguas de coleta, sendo alocadas 96 unidades de coleta – cada com 1 m² (Imagens 40 a 42).

Imagem 35 Um dos acessos ao sítio São Gabriel (2015).

Imagem 36 A segunda opção de acesso ao sítio São Gabriel (2015).

Imagem 37 Sítio São Gabriel - Uso do solo e visibilidade de superfície favorecida (2015).

Imagem 38 Sítio São Gabriel - Fragmento cerâmico em superfície, decoração pontead.

Imagem 39 Sítio São Gabriel - Aspecto do solo, tradagem.

Imagem 40 - Sítio São Gabriel - Unidade de escavação, superfície (a deformidade da imagem decorre da qualidade da máquina fotográfica) (2015).

Imagem 41 Sítio São Gabriel - Unidade de escavação, nível 0-10 cm. (a deformidade da imagem decorre da qualidade da máquina fotográfica) (2015).

Imagem 42 São Gabriel - Unidade de escavação, nível 40-50 cm (a deformidade da imagem decorre da qualidade da máquina fotográfica) (2015).

SÍTIO SÃO GABRIEL - PERFIL ESTRATIGRÁFICO

Unidade N1003 E1001

PERFIL LESTE
Linha E1001

PERFIL SUL
Linha N1002

III Camada arqueológica. A superfície não possui cobertura vegetal, exceto pelos pés de café que não ocorrem nos limites da unidade. Não há camada única. Solo de textura areno-argilosa, compactação média. Coloração 7.5YR 3/3 (dark brown)*

Pouca presença de rochas, ocorrendo alguns granitóides e lateritas.

Presença de bioturbações causadas pela própria lavoura de café e por caramujos e insetos. Presença de poucas radículas e de algumas raízes.

II Camada de transição. Solo argilo-arenoso; coloração 5YR 3/4 (dark reddish brown)*, compactação média. Pouco material arqueológico. Não foram identificadas rochas nesta camada. Ainda ocorrem algumas raízes e poucas radículas.

I Camada estéril arqueologicamente. Textura argilosa, compactação mais alta do que as anteriores. Coloração 2.5YR 2.5/4 (dark reddish brown)*. Ainda ocorrem algumas raízes pequenas e médias, talvez do próprio cafezal. Não foram identificadas rochas ou aglomerados.

* as medidas da tabela Munsell foram realizadas com solo úmido devido às chuvas.

	Fragmento cerâmico
	Bioturbação
	Raiz
	Número de proveniência
	Superfície
	Limite definido de camada
	Limite difuso de camada
	Área não escavada

Imagem 43 - Sítio São Gabriel - Perfis Estratigráficos, unidade N1002 E1001

Imagem 44 - Sítio São Gabriel - Alocação de unidades de coleta sistemática de superfície.

Imagem 45 Sítio São Gabriel - Unidades de coleta sistemática de superfície e respectivas embalagem para material.

6.6. Vida Nova

O sítio Vida Nova recebeu de nós uma abordagem expedita e oportunística por ocasião das limitações de acesso ao sítio São Gabriel, narradas anteriormente. Trata-se de sítio cerâmico, com área estimada em 1 ha. Está inserido no sopé de um monte (face Sul), possui topografia em leve declive NE-NW, voltado para o igarapé Leitão, mas distante deste cerca de 700 metros. As coordenadas UTM do sítio são 20L 8762739 628566.

O sítio foi severamente impactado por ações de terraplanagem e pela construção de moradia e curral – nas palavras da moradora e proprietária, “Hoje não se encontra mais nada, mas antigamente havia muito espalhado por aí”. Alguns achados oportunistas deste sítio, como machados polidos e fragmentos cerâmicos, foram por ela doados ao CPMRARO.³⁵

No entanto, quando chegamos ao sítio, um trator com arado acabava de sair. Este trator havia arado uma pastagem para a implementação de roçado de mandioca. Assim, aproveitamos a exposição do solo para realizamos caminhamentos em busca de vestígios expostos. Em uma área de aproximadamente 2.700m² pudemos identificar três concentrações cerâmicas; assim, partimos para o estabelecimento de unidades de coleta sistemática de superfície. As concentrações foram nomeadas e coletadas separadamente: o “Setor 1”, com 23 unidades alocadas; o “Setor 2”, com nove unidades; e o “Setor 3”, com outras nove. Se, por um lado, a parcela central do sítio fora impactada por terraplanagem, sua área “periférica” manteve-se, por outro, preservada até nossa coleta.

Apesar dos impactos sofridos, o sítio nos chamou a atenção por sua inserção na paisagem – e aqui reside a razão de tê-lo amostrado. Isso porque, se sua área está no sopé de monte, em seu topo encontram-se duas nascentes, formadoras de pequenos cursos de água que circunscrevem o sítio; podemos considerá-las marcadores discretos na paisagem (Imagem 46). Atualmente represados em açudes artificiais, esses cursos d’água desembocam na

³⁵ No entanto, não pudemos identifica-los, pois, a instituição ainda é desprovida de inventário. Em nossa etapa de campo de 2015, o CPMRARO passava por reforma administrativa. Sua antiga equipe havia sido desligada e, na ocasião, contava apenas com uma funcionária administrativa que desconhecia a organização da reserva técnica. Apesar de sua solicitude, algumas informações de proveniência do acervo não puderam ser recuperadas. De acordo com informações da prefeitura, havia um processo de licitação em curso, para que fosse contratada empresa especializada para inventariar o acervo da instituição.

margem direita do igarapé Leitão, a jusante do sítio Rainha da Paz – que está cerca de 1 km, em linha reta, a Sul.

Novamente: a partir do sítio Vida Nova é possível a observação mútua entre os sítios Rainha da Paz; Rainha da Paz II, Jardim da Vida e Nossa Senhora da Paz (imagem 46-48).

Imagem 46 Sítio Vida Nova - Em vermelho, a área estimada do sítio; em amarelo, área arada mecanicamente.

Imagem 47 Sítios no entorno do Rainha da Paz que possuem mútua visibilidade e relativa proximidade.

Imagem 48 A partir do sítio Vida Nova, a localização aproximada dos sítios próximos. O sítio Jardim da Vida não aparece na imagem (2015).

6.7. Jardim da Vida

Esse sítio, como o anterior, recebeu intervenção expedita, aproveitando ocasiões de inacessibilidade ao sítio São Gabriel. Sua justificativa de escolha segue a mesma do anterior: a mútua visibilidade entre os sítios circundantes. No entanto, esse sítio não era previamente conhecido pela antiga equipe do CPMRARO ou por moradores vizinhos³⁶. Suas coordenadas UTM correspondem a: 20L 8761686 628100. A identificação desse sítio resultou da intenção de verificar se poderíamos localizar novos sítios num raio de aproximadamente 1 km, a partir do Sítio Rainha da Paz, assim como se encontravam os sítios Vida Nova, Rainha da Paz II e Nossa Senhora Rainha da Paz.

O sítio Jardim da Vida localiza-se no topo de morro, possui cerca de 8.000 m² e está cerca de 150 m do igarapé Leitão, à margem esquerda (Imagem 49). Nesse sítio não são

³⁶ Foi comum ouvirmos dos moradores da comunidade Rainha da Paz (área em que se encontram, além dos sítios homônimos, os sítios Nossa Senhora Rainha da Paz, Vida Nova e Jardim da Vida) comentários em tom quase anedótico sobre suas coleções particulares e a de seus vizinhos. Há uma espécie de vaidade competitiva sobre a “beleza” e a dimensão de seus achados. Quando noticiávamos a existência desse “novo” sítio, éramos interpelados: “...mas são bonitos como os meus?”; “Porque esse aqui é muito bem feitinho!”; “O do outro ali é feio!”; etc.

encontrados matacões ou afloramentos rochosos, exceto à margem do igarapé, e estes não possuem marcas de uso. A área desse sítio, em caráter de exceção, foi estabelecida conforme o relato de achados arqueológicos pelos proprietários, em razão das condições descritas abaixo.

Os proprietários do terreno dão uso misto ao solo: lavoura de milho, banana, mandioca e pastagem. Toda a área foi arada mecanicamente uma única vez, em 2005. No entanto, é da agricultura manual que resulta uma coleção de líticos polidos variados. São lâminas de machado e pilões descritos e ilustrados no capítulo referente às atividades de laboratório. Nas áreas de agricultura, são frequentes os fragmentos cerâmicos em superfície (Imagem 50).

Iniciamos os trabalhos de delimitação por tradagem na área de cultivo de banana, pois foi indicada pela proprietária como local de procedência dos instrumentos líticos e de maior frequência de fragmentos cerâmicos.

Nossas tradagens foram arqueologicamente negativas, mas identificamos o embasamento rochoso em cerca de 40 cm de profundidade, informação confirmada pela proprietária. A quantidade de blocos e seixos de granito e laterita foi abundante ao longo de toda a estratigrafia; o solo apresentou textura areno-argilosa de coloração 5YR 4/6 (*yellowish brown*). Tais características levaram-nos a abandonar a intenção de abrir unidades de escavação e optamos por coletas sistemáticas de superfície. Foram alocadas 28 unidades de coleta. Não identificamos objetos líticos. A área de pastagem, que estava em repouso, não foi prospectada devido à altura do capim, que equivalia a um homem adulto, bem como ao tempo (não disponível) que demandaria para roçá-lo.

Sítios Jardim da Vida, Rainha da Paz I e Rainha da Paz II

Imagem 49 Sítio Jardim da Vida - Inserção na paisagem e área estimada.

Imagem 50 Sítio Jardim da Vida - Bananal com fragmentos cerâmicos em superfície. Local aproximado de proveniência dos achados líticos pelos proprietários.

6.8. Machado I

O Sítio Machado I nos foi indicado pelo professor estadual José Garcia, ex-funcionário do CPMRARO, na etapa de 2015. O sítio localiza-se na margem esquerda do rio Ji-Paraná, cerca de 1,2 km a oeste de seu leito. Ocupa o topo de um morrote, com matacões graníticos aflorados. O atual uso do solo é voltado à pastagem e um pequeno roçado (70x30 m) de cana-de-açúcar e café, parcialmente abandonado. Sua porção Sul é cortada pela estrada RO-135 (perpendicular à BR-429), onde, tanto no barranco do corte quanto na própria estrada, observamos fragmentos cerâmicos. O morrote de localização do sítio está circunscrito a Sul pelo igarapé Esperança; e a Norte e Oeste, por pequeno curso d'água e brejo, provavelmente de alagamento sazonal. Suas coordenadas UTM são 20L 8761416S 614385E.

Buscando ampliar nossa amostra com exemplares da margem esquerda do rio Ji-Paraná, o sítio apresentou as melhores condições de acessibilidade, pois, além das pastagens baixas, os proprietários ainda residiam no local – diferentemente dos outros sítios identificados a essa margem, como descrito anteriormente.

A partir das informações fornecidas pelo professor Garcia e pelo proprietário sobre a localização dos fragmentos cerâmicos, iniciamos a tentativa de delimitação do sítio pelo uso de tradagens. Nesse sítio, as atividades foram desenvolvidas individualmente.

Com trena e bússola alocamos uma malha de dez tradagens, com intervalos de 40 m. Destas, quatro apresentaram resultados arqueológicos positivos. Entre elas, duas apresentaram um fragmento, uma apresentou dois. Todos no nível 0-20 cm. A quarta tradagem positiva apresentou três fragmentos no nível 20-40 cm. A textura do solo apresentou-se areno-argilosa até 40 cm, passando a argilosa em estratos mais profundos. A coloração variou entre 5YR 3/3 (*dark reddish brown*) e 2.5YR4/8 (*red*), conforme a profundidade da tradagem. Também realizamos coletas de superfície na área da estrada, com pontos de coleta registrados por GPS.

Embora a coleta de materiais no sítio não tenha sido animadora, deixando o proprietário estarecido com o que considerou um insucesso (a ponto de sair andando aleatoriamente a bater a enxada pelo chão, revirando blocos de terra na solidária e inútil tentativa de nos

revelar algum vestígio arqueológico), esse sítio reforça o padrão até aqui amostrado: baixa densidade, pacotes arqueológicos pouco profundos e pequenas áreas de ocupação associadas a marcadores discretos na paisagem – nesse caso, os afloramentos rochosos, assim como no sítio Santa Ana. Se nos é possível arriscar a área de ocupação desse sítio, confiando nos relatos ouvidos e na proveniência dos fragmentos encontrados na estrada, estimariamos em cerca de 1,2 ha. Após encerrarmos o trabalho nesse sítio, o filho do proprietário nos informou que a atual estrada, visível na imagem de satélite, outrora passava, em linha reta, pelo meio do sítio (imagem 51). Uma informação que chegou tarde, mas que pode explicar muita coisa.

O material coletado nesse sítio se encontra no MAE-USP. O acervo do CPMRARO possui alguns fragmentos provenientes deste sítio.

Sítio Machado I

Imagem 51 Sítio Machado I - Inserção na paisagem e área estimada.

6.9. Retomando questões metodológicas

Apresentadas as características gerais dos sítios amostrados por nossa pesquisa, faz-se necessário retomar algumas considerações sobre as metodologias empregadas, complementando o item anterior e acenando para o potencial interpretativo das informações coletadas.

6.9.1. Coletas sistemáticas de superfície

Na maioria dos sítios amostrados, as técnicas tradicionalmente empregadas na delimitação e amostragem de sítios amazônicos não foram suficientes *per si* – devido às características regionais do pacote arqueológico, assim como às condições de acesso e visibilidade dos sítios aqui pesquisados.

Em todos os casos onde optamos pela coleta sistemática de superfície, por ausência de equipamentos topográficos mais precisos, implementamos unidades de coleta com 1m², sempre amarradas ao mesmo grid das outras intervenções (tradagens ou unidades de escavação, quando ocorreram) – para isso, quadriculamos com barbante as áreas de concentração cerâmicas e seus arredores. Dessa forma, são passíveis de reconstituição detalhada em croquis ou mapas dos sítios.

A interferência gerada pelo arado mecânico e pela agricultura manual trouxe visibilidade aos sítios pesquisados, expondo-os inclusive em locais usualmente considerados de baixo potencial (como o sítio Santa Ana, ou a “periferia” em suave declive do sítio Vida Nova). Como se pode ver nas imagens 52 e 53, a profundidade de interferência do arado raramente ultrapassa 40 cm. Se em sítios pouco profundos isso pode significar todo o pacote arqueológico, a dispersão horizontal do sítio não é drasticamente afetada pelo arado, pois sua capacidade de arrasto é bastante limitada (Araujo 2001-2002).

O mesmo ocorre com a agricultura manual, como é caso do sítio São Gabriel onde as covas para plantio de café foram abertas com boca-de-lobo, não causando interferência superior à das tradagens arqueológicas; ou o sítio Santa Ana em que as covas de plantio eram feitas com enxada. Tais covas podem trazer à superfície fragmentos enterrados, mas não os espalham ao longo do sítio. No sítio São Gabriel, a área de coleta de superfície

corresponde a 96 m² e neste perímetro foram contabilizadas 17 covas equidistantes (incluídas aquelas em que os arbustos haviam sido podados ou removidos).

Araujo (2001-2002), além de uma revisão sobre o tratamento de sítios superficiais, demonstra a validade dos dados obtidos em sítios arqueológicos revolvidos pelo arado. No mesmo artigo, são explorados tratamentos estatísticos pertinentes, seus limites, restrições e acertos.

Imagem 52 Arado mecanizado utilizado no sítio Vida Nova (2015).

Imagem 53 Detalhe da lâmina do arado mecânico.

7. Atividades de Laboratório

A área focal de nossa pesquisa carece de descrição sistemática da cerâmica arqueológica. Tal descrição só não é inexistente devido aos trabalhos do pioneiro Eurico Th. Miller (1987a e b; 2003 e 2009) e das dissertações de mestrado de Zimpel Neto (2009) e Cruz (2010). Dessa forma investimos na reunião de informações capazes de oferecer um parâmetro reflexivo inicial sobre o material cerâmico escavado e também sobre o material disponível no acervo do CPMRARO.

Nosso objetivo principal, portanto, reside na tentativa de realizar uma caracterização geral do material cerâmico a partir de seus atributos tecnológicos – i.e. técnicos, morfológicos e decorativos – que possam refletir escolhas culturais realizadas nas diferentes etapas envolvidas na confecção dos artefatos cerâmicos. Precedente à análise, foram necessárias as atividades de curadoria do material coletado, sendo compreendidas em lavagem, triagem e pesagem dos fragmentos coletados. Aqueles considerados aptos à análise (definição abaixo) receberam numeração individual – sendo composta pela sigla de cadastro no IPHAN, na ausência desta adotamos a combinação das letras iniciais do sítio; o Número de Proveniência (PN, da sigla em inglês) referente ao nível de origem e um número sequencial para este PN (p.ex. RP 01-35 – Fragmento do Sítio Rainha da Paz, retirado do nível 0-10 cm, que recebeu, durante a escavação, o PN 01).

7.1. Metodologias de análise cerâmica

A análise de coleções artefatuais provenientes das atividades de campo está baseada na escolha de categorias que viabilizem a identificação da variabilidade do material arqueológico referente à tecnologia cerâmica. Essa variabilidade tecnológica foi buscada internamente ao sítio, respondendo a critérios cronológicos e espaciais e, da mesma forma, externamente aos sítios de origem, na comparação/correlação entre os oito sítios arqueológicos amostrados por esta pesquisa – assim como com os demais dados produzidos para a região.

Empregaremos a noção de “variabilidade” cunhada por Schiffer e Skibo (1997), a qual significa as diferenças e semelhanças dentro de um determinado tempo e espaço. Em um contexto arqueológico, essas diferenças e semelhanças são observadas dentro da cadeia

operatória dos artefatos (*idem*: 27). É ainda baseado em Schiffer (1992), que utilizaremos a diferenciação estabelecida entre variabilidade e variação. Se variabilidade possui a abrangência de um amplo espectro espaço-temporal; é dentro deste espectro que são construídas sequências baseadas nas “variações” observadas.

Para os fins desta pesquisa, foram adotados dois critérios de seleção de amostras aptas à análise. Tais critérios atenderam às especificidades dos contextos estratigráficos de origem e das estratégias de coleta adotados em cada um dos sítios amostrados.

Para o Sítio Rainha da Paz, com o mais profundo pacote estratigráfico (ca. de 40 cm) e maior densidade de vestígios arqueológicos, foram objeto de análise os fragmentos considerados diagnósticos com dimensões superiores a 2 cm² (ou seja, fragmentos diagnósticos são aqueles que podem fornecer um maior número de informações sobre seu “pote” de origem), portanto: bordas; bases; paredes com tratamento de superfície distintos do “simplesmente” alisado; além de paredes com inflexão e eventuais fragmentos que não se enquadrem nas categorias citadas, mas que apresentaram características distintivas. Nos demais sítios amostrados por esta pesquisa, nos quais a densidade de material foi baixa, ou foram apenas realizadas coletas sistemáticas de superfície, optamos por analisar todos os fragmentos com dimensões superiores a 2 cm² e que possuísem ao menos uma das faces (interna ou externa) minimamente preservada, mesmo que erodida parcialmente.

Para a análise dos oito sítios arqueológico recorreremos a uma única ficha de análise. Foram observados os seguintes 15 atributos para todos os fragmentos considerados aptos à análise: categoria do fragmento; técnica de manufatura; antiplástico utilizado na pasta e sua espessura; espessura do antiplástico; porcentagem do antiplástico; cor da superfície na face interna; tipo de queima; estado de conservação; alisamento da face interna; alisamento da face externa; tratamento de superfície na face interna; tratamento de superfície na face externa; marcas, sinais de uso e espessura do fragmento.

Sendo a peça um fragmento de borda, acrescentamos à análise os seguintes atributos específicos à categoria: morfologia; inclinação; espessura da borda (por tipologia); morfologia do lábio; espessura do lábio – em cm; diâmetro da boca – em cm; porcentagem

da borda. Em casos de fragmentos de base, foram acrescentados: morfologia (por tipologia) e diâmetro, em cm.

No caso de presença de acabamentos de superfície plásticos ou pintados (na ficha descritos enquanto elementos “decorativos” e, portanto, seguirão apresentados com esta terminologia), somam-se os seguintes atributos para toda categoria de fragmento que os apresente: técnica de decoração plástica; coloração da decoração pintada; motivo presente na decoração; local e face (se interna ou externa). (Orton et al. 2003, Machado 2005, Moraes 2007, Almeida 2008 e 2013, Rice 1987, Schiffer 1992; Schiffer e Skibo 1997; Shepard 1956).

A ficha de análise com os atributos observados encontra-se nos anexos 13 e 14. Para a análise de queima, espessura e porcentagem de antiplástico foram seguidos gabaritos (Anexos 15 e 16).

7.2. Análise e caracterização do material cerâmico coletado

A primeira etapa de laboratório foi realizada entre 13 de novembro e 13 de dezembro de 2012, na sede do CPMRARO, Presidente Médici, RO. Neste período, realizamos a lavagem, triagem, numeração e análise dos fragmentos provenientes do sítio Rainha da Paz, unidade de escavação N10.000 E10.000 – campanha de 2011.

A segunda etapa ocorreu na sede do MAE-USP, no Arqueotrop. Nos meses de julho e agosto de 2015, realizamos a curadoria e análise dos fragmentos cerâmicos provenientes dos outros 7 sítios arqueológicos descritos nesta pesquisa. À exceção do sítio 5 Irmãos (amostrado em 2011), os demais sítios foram amostrados durante as atividades de campo de 2015. Nos itens subsequentes, procederemos à caracterização da cerâmica arqueológica. O material lítico resultante de escavações ou coletas sistemáticas de superfície foi analisado, no âmbito deste projeto, por Eduardo Carvalho de Oliveira (Oliveira 2015) e serão comentados em separado.

7.2.1. Sítio Rainha da Paz – Caracterização da Cerâmica Arqueológica

As análises cerâmicas do sítio Rainha da Paz focaram apenas os fragmentos diagnósticos (conforme definição anterior) provenientes da unidade de escavação N10.000 E10.000. Tais fragmentos totalizam 642 indivíduos, correspondentes a 10,8 kg do total de fragmentos coletados (27,5 kg).

Os níveis intermediários (10-20 cm e 20-30 cm) apresentaram a maior concentração de fragmentos cerâmicos e estes, possuindo dimensões maiores do que nos níveis acima e abaixo, atestando boas condições de preservação do contexto estratigráfico, apesar da pouca profundidade do depósito.

Gráfico 1 Rainha da Paz - Dispersão de fragmentos por nível de escavação: Unidade N10.000 E10.000. Entre parênteses os valores absolutos.

Quanto às categorias identificadas e submetidas à análise, as paredes, como esperado, formam o maior grupo (53, 58%), seguido por bordas (27,57%), bases (16,82%), paredes com inflexão (1,09%), roletes (0,62%) e um fragmento que sugere ser de pescoço ou gargalo.

Gráfico 2 Rainha da Paz - Distribuição de fragmentos analisados e suas categorias.

A técnica de manufatura predominante é a roletada (96,2%). O modelado (2%, ou 13 fragmentos da amostra total) ocorre exclusivamente em fragmentos de base, embora também ocorram bases roletadas (13,7% ou 88 fragmentos da amostra total). A presença de manufatura por placas foi identificada em 4 fragmentos e 6 indivíduos não tiveram a técnica.

O antiplástico é exclusivamente mineral em 98% dos casos. No entanto, ocorrem quatro exceções que chamam a atenção: apenas um fragmento com presença de mineral e cariapé (RP 02-315, nível 10-20 cm); e três fragmentos com antiplástico composto por mineral e caco moído (RP 01-02 e RP 01-35, nível 0-10 cm; RP 02-29, nível 10-20 cm). Em outros quatro fragmentos foram notados, além do mineral, pequenos negativos de carbonização vegetal, considerados de origem intrusiva.

Os minerais presentes na pasta cerâmica são, em ordem de popularidade, quartzo, mica, laterita e feldspato. Estando os dois primeiros presentes na totalidade da amostra analisada. Areia, quartzo e laterita, por sua grande granulometria e baixa ordenação, sugerem ser de origem natural. A mica, por variar em concentração em diversos fragmentos, pode representar um acréscimo cultural, uma vez que nas escavações foram identificados e recolhidos seixos angulosos e arredondados de mica³⁷ – deve-se ressaltar que tal inferência não pode ser tida em definitivo, pois tais minerais possuem uma origem geológica comum e poderiam ser encontrados naturalmente na composição da argila.

³⁷ Sobre estas rochas, ver item sobre a descrição do material lítico proveniente do sítio Rainha da Paz.

Ao observarmos a espessura do antiplástico, pudemos notar que em 5,84% dos fragmentos são encontrados grânulos minerais maiores do que 5 mm, com aspectos arredondados e irregulares, indicando “sujidades” na pasta cerâmica. Estes pequenos seixos com maiores dimensões foram mais facilmente observados em áreas de quebra e em junções de roletes. Alguns puderam ser observados também em áreas erodidas muito próximas à superfície do fragmento (tanto interna, quanto externa). Quando próximos aos roletes ou em suas junções, tais “sujidades” produzem um efeito negativo sobre a resistência cerâmica ao impacto físico e ao choque térmico, favorecendo quebras e reduzindo a durabilidade do recipiente (Rice 1997: 230).

Se, por um lado, isso pode expor a despreocupação das oleiras com a “limpeza” da argila para a confecção de recipientes cerâmicos, por outro esta não é a regra, em vista dos dados referentes às outras espessuras de antiplástico (78,05% com antiplástico menor do que 3 mm) (Gráficos 3 e 4). Essa informação será necessária ao olharmos para o contexto arqueológico dos outros sítios analisados.

Gráfico 3 Rainha da Paz - Relação entre espessura dos fragmentos (cm) e espessura do antiplástico (mm).

Gráfico 4 Rainha da Paz - Fragmentos analisados e espessura do antiplástico.

O bom estado de conservação dos fragmentos escavados na unidade N10.000 E10.000 nos permitiu observar a predominância do alisamento fino, tanto na face interna, quanto na externa dos fragmentos (83,22% e 77,95%, respectivamente).

Ao compararmos a espessura do antiplástico e o alisamento da face interna dos fragmentos, observamos que, dentre os 82 fragmentos com face interna polida (12,97% do total da amostra), 18,29% possuem antiplástico com espessura igual ou superior a 3 mm. Entre os que receberam alisamento fino (83,22% da amostra total), 21,29% têm antiplástico igual ou maior a 3 mm.

Quanto à face externa, essa proporção se mantém: 13,93% do total da amostra analisada receberam polimento; destes, 13,95% possuem espessura de antiplástico igual ou superior a 3 mm. Entre aqueles fragmentos com alisamento fino da superfície externa (77,95% da amostra total), 22,86% possuem a citada espessura de antiplástico.

Ou seja: 80,57% dos fragmentos com antiplástico com espessura superior ou igual a 3 mm possuem alisamento de superfície interna fino e 10,79% possuem polimento. No que toca à superfície externa, 79,13% possuem alisamento fino, e 8,63% polimento. A espessura do antiplástico utilizado não parece ter sido uma característica restritiva às intenções de alisamento das superfícies cerâmicas de alguns recipientes.

Observamos que 47,49% da amostra analisada recebeu algum tipo de tratamento de superfície, dos quais 28,34% foram aplicados à face interna do fragmento, e 19,15% à superfície externa. Em ambas as faces, contabilizamos 16,19% dos fragmentos com

tratamento de superfície. Em todos os casos, os tratamentos de superfície reduzem a porosidade da pasta cerâmica composta por mineral, homogeneizam a superfície e contribuem na impermeabilidade dos recipientes, além de poder compor campos decorativos – porém esta possibilidade não pode ser mensurada devido à ausência de artefatos inteiros ou fragmentos “grandes”. Os gráficos 5 e 6, abaixo, mostram a ocorrência e o tipo de tratamento aplicado³⁸:

Gráfico 5 Rainha da Paz - Fragmentos com tratamento de superfície na face interna (valores absolutos)

Gráfico 6 Rainha da Paz - Fragmentos com tratamento de superfície na face externa (valores absolutos).

³⁸ Embora cientes de que o termo “barbotina” não tenha sua identificação consensualmente estabelecida, utilizamos aqui para indicar a presença de banho de argila com a mesma coloração da pasta cerâmica, mas sendo diferenciada daquela película comumente produzida pela atividade de alisamento das faces do artefato cerâmico. Desassociamos “barbotina” e “Engobo Marrom”, atendendo à necessidade analítica, pois observamos a ocorrência de banho de argila “marrom” sobre pastas de coloração diferente.

Quanto à cor da superfície interna, identificamos com maior frequência vermelho, amarelo, laranja, marrom e branco, seguidas por cinza e preto. As quatro primeiras cores podem resultar de variações na concentração de minerais ferrosos na pasta, de processos de oxidação durante a queima, que segue um padrão de “queima completa”, ou mesmo de processos pós-deposicionais³⁹. No entanto, não podemos descartar algum grau de intencionalidade no tom avermelhado da superfície cerâmica para ambas às faces.

Essa sugestão interpretativa parece ser reforçada por marcas discretas, resultantes dos processos de oxidação ainda na etapa de queima da cerâmica. Tais marcas sugerem o uso de técnicas como “pintura por máscara” ou “em negativo”, sendo a aplicação de alguma decoração pintada pré-queima, com a intenção de compor campos decorativos com a superfície avermelhada do recipiente.

Imagem 54 Sítio Rainha da Paz – Exemplo de fragmento com diferenças discretas na oxidação. Pintura em “negativo” ou “máscara”. Escala de 2 cm. (Fotografia: Rodrigo Suñer).

Outras técnicas de acabamento de superfície foram identificadas. Para fins analíticos, foram divididas em “Decoração Plástica” e “Decoração Pintada”, como explicitado na introdução deste capítulo.

Com presença de técnicas de decoração plástica, foram identificados 26 fragmentos, 4,04% da amostra total analisada. A maior incidência deste tipo de decoração ocorre em

³⁹ Fenômenos semelhantes podem ter ocorrido ao engobo que apresenta variações de cor entre vermelho, amarelo e laranja.

fragmentos de borda (53,84%); seguidas por paredes (30,76%) e lábios (0,62%). A decoração predominante é de incisos finos (46,15% dos fragmentos decorados) – desconsiderando o caso associado ao estocado⁴⁰. Os gráficos de 7 e 10 mostram a variedade de técnicas decorativas e os motivos empregados, quando o caso:

Gráfico 7 Rainha da Paz - Técnicas de decoração plástica e locais de aplicação (valores absolutos).

Gráfico 8 Rainha da Paz - Técnicas de decoração incisa e motivos (valores absolutos).

Se as decorações plásticas estão concentradas nas bordas e lábios, as decorações pintadas, por sua vez, estão mais presentes em fragmento de parede (com posição desconhecida quando referida ao recipiente “inteiro”) e em fragmentos referentes ao bojo superior de vasilhas. A pintura vermelha apresenta-se majoritariamente (64%), seguida pela preta e

⁴⁰ O fragmento RP 02-247 foi classificado com decoração plástica “incisa e estocada”; no entanto, não nos parece definitivo, pois o “estocado” se assemelha muito ao “pontado arrastado” de La Salvia e Brochado (1981: 61). Apesar da incerteza, optamos por manter a denominação “estocado” a fim de evitarmos ambiguidades ao leitor com a expressão “inciso-pontada”, também referente à tradição cerâmica amazônica homônima.

pela branca. Deve-se considerar, porém, que apenas 3,89% do total de fragmentos apresentaram decoração pintada:

Gráfico 9 Rainha da Paz - Decoração pintada e locais de aplicação (valores absolutos).

Gráfico 10 Rainha da Paz - Motivos das decorações pintadas (valores absolutos).

As bordas recuperadas na escavação da unidade N10.000 E10.000 do sítio Rainha da Paz apresentam grande diversidade, porém predominam bordas extrovertidas (58,72%) e as de inclinação externa (que somam 86,04%). Os gráficos 11 e 12 mostram a distribuição de morfologias, inclinações e espessuras entre os fragmentos de borda.

Gráfico 11 Rainha da Paz - Fragmentos de Borda, suas morfologias e Inclinações. Entre parênteses valores absolutos.

Gráfico 12 Rainha da Paz - Distribuição dos fragmentos de borda conforme espessura. Entre parênteses, valores absolutos.

Quanto aos lábios, foram identificadas quatro morfologias: arredondado (83,23%, 144 exemplares), plano (7,51%, 13 exemplares), biselado (6,35%, 11 exemplares) e apontado (2,89%, cinco exemplares).

Quanto às bases, entre os fragmentos em que pudemos identificar a morfologia (81,48% da categoria), são predominantes as roletadas (76,13%) e, entre estas, 47,76% convexas, 32,83% planas e 19,40% plano-convexas (sem ponto angular). As bases modeladas correspondem a 12,5% dos fragmentos identificados nesta categoria, predominando morfologias convexas – como dito anteriormente, foi a única categoria que apresentou

modelagem como técnica de manufatura. O fragmento RP 03-360 apresenta marcas de folha em sua face externa.

Gráfico 13 Rainha da Paz - Fragmentos de bases: morfologias e técnicas de manufatura (valores absolutos).

Por fim, considerando a presença de sinais de uso nos fragmentos, que correspondem a 26,32% da amostra total analisada, destaca-se a predominância de fuligem em alguma ou ambas as faces (face interna, 11,88% da amostra geral; face externa, 10,31%; e ambas as faces, 3,44%). Películas de alimento também foram observadas nas faces internas de cinco fragmentos. Destes, a película estava associada em três à presença de fuligem em alguma das faces. Tais vestígios totalizam 2,95% dos fragmentos com sinais de uso, ou 0,72% da amostra total. Os sinais de uso identificados indicam a exposição dos artefatos ao fogo, o preparo de alimentos e cocções em geral:

Gráfico 14 Rainha da Paz - Sinais de uso em fragmentos: exposição ao fogo e cocções.

Nos anexos de 17 a 20, esboçamos uma associação entre fragmentos e forma; se válidas, parecem ocorrer potes para serviço, consumo e preparo ao fogo.

7.2.1.1. Rainha da Paz – O sepultamento secundário

Como mencionado, a exposição de um sepultamento secundário nas instalações do CPMRARO foi o que nos levou à pesquisa no sítio Rainha da Paz. Este sepultamento foi resgatado emergencialmente pela equipe do Museu ao ser identificado no leito da estrada que corta o sítio, após a raspagem por máquina, durante a manutenção de seu leito.

O enxoval funerário é composto por cinco recipientes e duas lâminas de machado polidos; do indivíduo sepultado foram preservados fragmentos da calota craniana, alguns fragmentos de ossos longos e outros não identificados. Infelizmente, o início da reforma emergencial do telhado das instalações do CPMRARO, em 2013, abreviou abruptamente nossa temporada de laboratório em Rondônia e não realizamos análises mais detalhadas destes artefatos ou do indivíduo sepultado⁴¹.

Os recipientes que compõem o sepultamento possuem morfologias que também encontramos nas análises de fragmentos, à exceção de tigelas rasas ou em formato de prato. Por se tratarem de formas inteiras ou “quase” inteiras, fiamos-nos nelas. Nas descrições morfológicas seguiremos Shepard (1956: 224-238). A reconstrução dos recipientes e reconstituição do sepultamento estão nas Pranchas 1 a 3.

O **Recipiente 1** compõe a urna funerária propriamente dita. É o recipiente de maiores dimensões, de forma esférica, contorno simples e levemente fechada. Possui abertura circular com diâmetro de 37 cm. A borda é levemente extrovertida, quase reta, e apresenta irregularidades talvez oriundas do processo de junção dos roletes no estágio de confecção. Com altura de 39 cm suas paredes possuem espessura em torno de 1 cm e são bem alisadas; seu diâmetro máximo chega a 40 cm. Com coloração esbranquiçada, apresenta manchas de fuligem, o que sugere um uso anterior ao sepultamento como recipiente para

⁴¹ Durante o ano de 2015, por ausência de equipe no CPMRARO, as atividades em sua sede estavam bastante inacessíveis.

cocção (Rice 1987: 235). Sua base é levemente convexa. Chama a atenção a presença de um acréscimo de argila vertical (ca. de 8x4 cm) na parte inferior do bojo, estendendo-se à base e semelhante a um aplique, porém com mais características de um “reparo” realizado em virtude de algum defeito ocorrido nas etapas anteriores à queima do recipiente.

O Recipiente 2, no enxoval, compõe a “tampa” da urna funerária, lacrando-a por encaixe. Recipiente esférico, de contorno simples e levemente fechado. Acabamento plástico corrugado restrito à borda, que é vertical direta, possui diâmetro de 30 cm. Apesar da ausência da base – que foi removida pela raspagem de máquina – sua morfologia pode ser estimada como convexa, considerando o Recipiente 1 e as amostras de bases coletadas nas escavações. Com paredes bem alisadas, de espessura aproximada de 1 cm, possui altura estimada superior a 30 cm, pois esta é a medida que representa a altura do vasilhame sem sua base.

O Recipiente 3, depositado no interior da urna, não foi remontado integralmente. Suas bordas estão ausentes, e aparentemente toda a parte superior. A parcela remontada do recipiente apresenta formato semiesférico de base convexa. Com coloração entre o esbranquiçado e o amarelado, possui espessura em torno de 1 cm. A partir da base, possui cerca de 9 cm de altura.

O Recipiente 4, também depositado no interior da urna, possui formato esférico, contorno simples, fechado, com bordas infletidas externamente. Com diâmetro de 18 cm na boca e 22 cm na parte mais aberta do bojo. Sua altura corresponde a 18 cm. Com paredes de espessura em torno de 1 cm, bem alisadas, não apresenta acabamento de superfície além do alisamento.

O Recipiente 5, depositado no interior da urna, tem formato semiesférico, contorno simples e aberto, com bordas diretas extrovertidas, com cerca de 24 cm de diâmetro e 10 cm de altura, e paredes com espessura de 0,5 cm. É bem alisado, próximo ao polido, e dispõe de base convexa.

Recipiente 01
 $\varnothing_e = 40\text{cm}$
 $\varnothing_i = 37\text{cm}$

Recipiente 02
 $\varnothing = 30\text{cm}$

Recipiente 03

Recipiente 04

Recipiente 05

PROSA - Projeto Sudoeste Amazônico

Sítio Rainha da Paz

Sepultamento escavado
 pelo CPMRARO

ARQUEOTROP

Prancha 1 Sítio Rainha da Paz - Perfil dos Vasilhames cerâmicos que compõem o sepultamento exumado pelo CPMRARO (desenho: Breno Zúñica e Rodrigo Suñer).

Reconstituição do contexto deposicional

PROSA - Projeto Sudoeste Amazônico

Sítio Rainha da Paz

Reconstituição do contexto deposicional do sepultamento secundário (acervo CPMRARO)

Prancha 2 Sítio Rainha da Paz - Reconstituição do Contexto Depositional do Sepultamento Secundário escavado pela equipe do CPMRARO (Desenho: Breno Zúñica e Rodrigo Suñer).

<p>PROSA - Projeto Sudoeste Amazônico</p> <p>Sítio Rainha da Paz</p> <p>Urna funerária acervo CPMRARO</p>
---	---	---

Prancha 3 Sítio Rainha da Paz - Recipiente 1 e 2 da Urna Funerária escavada pela equipe do CPMRARO
(Fotografias: Rodrigo Suñer).

De acordo com os dados de análise aqui expostos, associados ao contexto estratigráfico descrito no Item 6.1, podemos considerar o sítio Rainha da Paz como unicomponencial, com boas condições de preservação do material arqueológico. O contexto da unidade N10.000 E10.000 nos remete a uma lixeira principalmente pelo alto grau de fragmentação dos vestígios cerâmicos, de sua grande diversidade morfológica e pela alta incidência de pequenos fragmentos com quebras desgastadas, provavelmente por rolagem e deslocamento horizontal (Silva 2008: 244). Embora alguns recipientes cerâmicos apresentassem características de quebra *in situ*, não logramos remontagens totais, indicando o descarte de artefatos parcialmente deteriorados em contextos pré-deposicionais.

A cerâmica presente no sítio Rainha da Paz não estabelece correlação tecnológica com nenhuma das fases ou tradições estabelecidas por Eurico Miller para a região do médio curso do rio Ji-Paraná (Miller 1987 a e b; 2013). Neste momento consideramos precipitado associá-la às tradições *Proto Tupi-Guarani* ou à *cultura Tupitupari Arqueológica*, como sugere Miller, em artigo de 2009. Por ora, consideramos oportuno apenas associá-la à ampla categoria Tupi, considerando inclusive as informações provenientes do sepultamento funerário exposto no CPMRARO.

Para alcançarmos o grau de refinamento de filiação cultural, como defendido por Eurico Miller no referido artigo, seria necessário não apenas a ampliação das amostras disponíveis, mas também uma espécie de “arqueologia reversa”, como propôs Corrêa (2014), estando tais atividades fora do alcance atual desta pesquisa.

PROSA - Projeto Sudoeste Amazônico

Sítio Rainha da Paz

Perfil de Bordas - Face Interna à esquerda

Prancha 4 Sítio Rainha da Paz - Perfil dos fragmentos de borda - face interna à esquerda.

RP 03-47

RP 03-138

RP 02-139

RP 03-24

RP 05-51

3 cm

PROSA - Projeto Sudoeste Amazônico

Sítio Rainha da Paz

Fragmentos com exposição do antiplástico mineral

Prancha 5 Sítio Rainha da Paz - Fragmentos com exposição do antiplástico (Fotografias: Rodrigo Suñer).

RP 02-228

RP 02-249

RP 03-174

RP 03-130

RP 02-281

RP 03-143

3 cm

PROSA - Projeto Sudoeste Amazônico

Sítio Rainha da Paz

Fragmentos com presença de engobo ou banho

Prancha 6 Sítio Rainha da Paz - Fragmentos com engobo ou banho. RP 02-228: Face externa com engobo “amarelo” (dir.), interna sem (esq.); RP 02-249 e 03-174: Engobo branco; RP 03-130: Banho e polimento na face interna; RP 02-281: Face interna, banho e enegrecimento. RP 03-143: Variação na oxidação da superfície externa.

RP 03-151

RP 02-235

RP 02-247

RP 02-262

RP03-74

RP 03-71

RP 03-76

RP 05-12

RP 03-178

Acervo CPMRARO

3 cm

PROSA - Projeto Sudoeste Amazônico

Sítio Rainha da Paz

Fragmentos com Decoração Plástica

Prancha 7 Sítio Rainha da Paz - Fragmentos com decoração plástica. RP 03-151 e RP 02-235: Incisos cruzados; RP 02-247: Inciso e estocado; RP 02-262: Incisos paralelos; RP 03-74: Roletado e engobo vermelho; RP 03-71: Borda roletada não alisada; RP 03-76: Borda unzulada; RP 05-12: Borda pontuada arrastada, face externa e perfil c/ face interna; RP 03-178: Escovado, face interna. Borda corrugada, acervo do CPMRARO (Fotografias: Rodrigo Suñer).

RP 03-22 - detalhe

RP 03-22

RP 05-41

3 cm

PROSA - Projeto Sudoeste Amazônico

Sítio Rainha da Paz

Fragmentos com Decoração Pintada

Prancha 8 Sítio Rainha da Paz - Fragmentos pintados. RP 03-22: Borda com pintura preta e detalhe. RP 05-41: Parede com pintura preta, faixas horizontais paralelas e triângulos e círculos na parte inferior (Fotografias: Rodrigo Suñer)

PROSA - Projeto Sudoeste Amazônico

Sítio Rainha da Paz

Fragmentos de Bases

Prancha 9 Sítio Rainha da Paz - Fragmentos de borda (Fotografias: Ader Gotardo)

7.2.2. Sítio 5 Irmãos – Caracterização da Cerâmica Arqueológica

Para abordarmos esse sítio, em 2011, contamos com a cessão de três funcionários municipais para auxiliar os trabalhos de delimitação e escavação. Animados com as escavações do sítio Rainha da Paz, estabelecemos nosso *grid* a partir do ponto de tradagem N10.000 E10.000. Passados poucos dias, havíamos percebido nosso otimismo prematuro – mesmo um integrante da equipe, não cedido pela prefeitura, passou a desacreditar da existência de um sítio arqueológico no local e frequentemente esbravejava aos céus⁴².

O sítio 5 Irmãos estende-se por pelo menos duas propriedades, das quais tivemos acesso a apenas uma. Por essa razão, nossas atividades de delimitação foram parciais. Na campanha de 2015 pretendíamos retomar as atividades no sítio, no entanto, devido às alterações no uso do solo (da agricultura para a pastagem) e na dinâmica de vida dos proprietários a intenção foi abandonada.

Abaixo, apresentamos a caracterização do material arqueológico escavado (exclusivamente por tradagens, posto que não foram realizadas outras intervenções ou coletas).

Foram coletados 537 gramas de vestígios cerâmicos, equivalentes a 26 fragmentos. No entanto, apenas 18 foram elegíveis à análise (o restante possuía dimensão inferior a 2 cm²). O gráfico 15 apresenta a distribuição dos fragmentos totais por tradagem de proveniência e abaixo (Gráfico 16) a distribuição total por níveis estratigráficos artificiais.

⁴² Tal fenômeno pode ser compreendido ao considerarmos que as atividades de campo desenvolvidas em Presidente Médici foram sequenciais àquelas realizadas por quase 45 dias na cachoeira do Teotônio, sítio arqueológico homônimo, para a então pesquisa de doutorado de Fernando Ozorio de Almeida (Almeida 2013), que não pode participar deste momento de nossa campanha. O citado integrante, ainda hoje, encontra-se em bom estado de saúde mental, acredita-se.

Gráfico 15 Sítio 5 Irmãos - Distribuição de fragmentos por tradagens realizadas (valores absolutos)

Gráfico 16 Sítio 5 Irmãos - Distribuição de fragmentos por nível de proveniência (valores absolutos).

Nota-se que 80% da amostra provém dos primeiros 20 cm de profundidade. A técnica de manufatura utilizada em toda a amostra foi a roletada. Com espessuras entre 0,7 e 0,9 mm, os fragmentos apresentaram pequenas dimensões de área e acentuado grau de erosão; no entanto, consideramos o alisamento na junção de roletes como fino, pois se a superfície apresentava intemperismos, os roletes não eram perceptíveis exceto em áreas de quebra.

A alta taxa de erosão dos fragmentos prejudica observação de tratamentos ou acabamentos de superfície, ainda mais se considerada a proporção diminuta da amostra total. Apesar disso, pudemos notar como sinais de uso fuligem na face interna (fragmento CI 07-1) e na face externa (CI 07-2 e CI07-6), todos provenientes do nível 0-20 cm, tradagem N9900 E10000. O fragmento CI 07-2, em sua face interna, apresenta banho ou barbotina. À face externa, notamos o mesmo acabamento de superfície em dois fragmentos: CI 07-6 e CI 06-1 (este proveniente do nível 0-20 cm N9920/E10000). Além

destes três casos, não foram observados acabamentos de superfície além do alisado, tampouco decorações plásticas ou pintadas.

O Tipo 1 de queima foi predominante, ocorrendo em 55,55% da amostra, seguido pelo Tipo 6 (22,22%). Em proporções de 11,11% foram observados o Tipo 2 e também o 4. As colorações da face interna dos fragmentos mais frequentes são amarela e laranja (ambas em proporção de 27,77%), seguido por vermelha (22,22%). Fragmentos com face interna cinza ou marrom representam 11,11% cada.

O antiplástico dos fragmentos é exclusivamente mineral, composto por quartzo, mica, feldspato e óxido ferroso. Sua proporção na pasta cerâmica é de 10% em 77,77% da amostra. Ocorrem quatro fragmentos com proporção de 30%. Em ambas proporções a granulometria do antiplástico está entre ≥ 1 mm e < 3 mm, para 66,66% dos fragmentos; para 16,66%, é ≥ 3 mm e < 5 mm. Apenas um fragmento apresentou antiplástico com espessura superior a 5 mm; no entanto, trata-se de um pequeno seixo de quartzo com arestas arredondadas, a exemplo do que ocorre nos outros sítios amostrados.

Entre os fragmentos analisados, 17 foram categorizados como paredes, havendo apenas uma ocorrência distinta. Uma borda de morfologia direta, inclinada interna e com espessura normal (CI 05-1). Possui lábio arredondado, espessura em 0,2 cm (o fragmento possui espessura de 0,7 cm). A peça representa 6% da circunferência da borda completa, sendo estimado um diâmetro de 11 cm. Apesar dessas características, não nos foi possível reconstruir uma provável forma para esse recipiente.

Imagem 55 Sítio 5 Irmãos - Fragmento de borda introvertida. PN CI 05-1 (Desenho: Rodrigo Suñer).

PROSA - Projeto Sudoeste Amazônico
Sítio Cinco Irmãos

Visão geral dos Fragmentos Cerâmicos

Prancha 10 Sítio 5 Irmãos - Amostra de fragmentos cerâmicos (Fotografia: Ader Gotardo)

7.2.3. Sítio Santa Ana – Caracterização da Cerâmica Arqueológica

O Sítio Santa Ana, foi objeto de intervenções por tradagens e coletas de superfície. Se tínhamos a intenção de escavar uma unidade de 1 m², devido à sua inserção “inusitada” como descrito no Item 6.3, os recursos e o tempo disponíveis não o permitiram.

Nesse sítio, a coleção compreende 136 fragmentos elegíveis à análise (3,026 kg). A técnica de manufatura predominante é roletada (96,82%), ocorrendo um fragmento modelado de categoria não identificada e quatro em que não foi possível definir a técnica empregada. Dessa amostra, apenas quatro fragmentos são provenientes de tradagens, nível 0-20 cm, (incluída na soma uma bolota de argila – trempe? – com marcas de dedos. Cf. Imagem 56), evidenciando, mais uma vez, a necessidade de adotar metodologias complementares, às tradicionais, para as atividades de identificação, delimitação e amostragem desses sítios amazônicos.

Entre as categorias identificadas predominam as paredes com 88,97%; seguidas por bordas, 6,29%, ou oito indivíduos, e duas bases convexas (1,57%).

O antiplástico identificado é exclusivamente mineral, composto por quartzo, mica, feldspato e óxido ferroso em 60% da amostra. Para os 40% restante da amostra apenas observamos quartzo, mica e feldspato. Quanto à espessura do antiplástico, concentram-se na faixa entre ≥ 1 mm e < 3 mm (40,94%), e entre ≥ 3 mm e < 5 mm (47,24%). Apenas um fragmento apresentou antiplástico com espessura inferior a 1 mm. Por outro lado, 11,02% apresentam granulometria ≥ 5 mm – incluídos aqueles que apresentam grãos arredondados de quartzos remanescentes da etapa de limpeza da argila. Por fim, quanto à proporção do antiplástico na pasta cerâmica, 75,39% da amostra apresentam valor igual a 20%, 15,07% da amostra valor igual a 10%, e 9,52% valor igual a 30%.

Quanto ao tipo de queima é predominante o Tipo 1 (66,66%), seguido pelo Tipo 2 (15,07%), Tipo 6 (13,49%) e Tipo 5 (4,76%). A coloração da superfície interna, em popularidade, é a laranja (37%), amarela (20,47%), marrom (18,11%), vermelha (13,38%), cinza (7,08%), preta (2,36%) e branca (1,57%).

A espessura dos fragmentos concentra-se entre 0,7 cm e 1,1 cm, como ilustra o gráfico 17.

Gráfico 17 Sítio Santa Ana - Distribuição dos fragmentos analisados pela espessura em cm (valores absolutos).

Apesar da predominância de fragmentos coletados em superfície, algumas características da manufatura dos vasilhames cerâmicos, assim como sinais de uso, foram preservadas do intemperismo: em 6 indivíduos (4,41% da amostra total) identificamos estrias de alisamento na face interna. A presença de fuligem foi observada em 9,55% da amostra analisada, com sua presença na face externa verificada em 5,14% da amostra total analisada, e na face interna, em 4,41%.

Em 8,82% da amostra geral, conseguimos identificar os seguintes tratamentos de superfície na face interna: barbotina, 7 fragmentos (ou 5,14%); esfumarado, 3 fragmentos, um deles, uma base (ou 2,20%); engobo vermelho, 1 fragmento (ou 0,73%); e brunidura, também 1 fragmento (ou 0,73%). Na face externa, observamos o esfumarado no fragmento SA 227-2, e barbotina no fragmento SA 251-1.

Não foram observadas decorações pintadas; no entanto, a decoração plástica ponteador-arrastada ocorre no fragmento de parede SA 253-1. Já no fragmento de borda SA 232-1 há presença de corrugado (Imagem 57 e 58).

Imagem 56 Sítio Santa Ana - Fragmento com esfumarado (esq.) e trempe com marca de dedo (dir.).
(Fotografias: Ader Gotardo)

Imagem 57 Sítio Santa Ana - Fragmentos com acabamento plástico de superfície SA 232-1 (esq.) e SA 253-1.
(Fotografias: Ader Gotardo)

Imagem 58 Sítio Santa Ana - Fragmento SA 232-1: representação esquemática do corrugado e perfil da borda.
(Desenho: Rodrigo Suñer)

Quanto às bordas identificadas na amostra, observamos morfologias diretas e extrovertidas; a inclinação que prevalece é externa, seguida por inclinação interna. À exceção de um fragmento com borda de espessura expandida (SA 201-1), os demais possuem espessura normal, como ilustra o gráfico 18. A morfologia dos lábios é em maioria arredondada, com dois exemplares planos e um apontado, como podemos ver na reprodução esquemática das bordas (Prancha 11).

Gráfico 18 Sítio Santa Ana - Bordas: Morfologias, Inclinação e Espessura (valores absolutos).

Para este sítio, não foi possível a reconstituição de formas a partir dos fragmentos de borda, pois apresentaram taxas menores do que 5% da circunferência total da boca do vasilhame original, sem oferecer confiabilidade ao diâmetro total ou à projeção de contornos do bojo ou bases. A única exceção está no fragmento SA 208-1, com 6% da circunferência total da boca, sugerindo um recipiente com diâmetro de abertura com 20 cm, de contorno semiesférico simples e aberto. O importante a ser notado, entretanto, é que as características das bordas analisadas apresentam correlatos em todos os sítios amostrados.

SA 208-1
Diâmetro 20cm
6% da Borda

SA 221-1
Diâmetro 32cm
4% da Borda

SA 223-5
Diâmetro ND
% da Borda ND

SA 230-8
Diâmetro 22cm
4% da Borda

SA 227-1
Diâmetro ND
% da Borda ND

SA 232-1
Diâmetro ND
% da Borda ND

PROSA - Projeto Sudoeste Amazônico

Sítio Santa Ana

Perfil de Bordas

Prancha 11 Sítio Santa Ana - Perfil dos fragmentos de borda coletados – Face interna voltada à direita (ND: Não Definido. Desenhos: Rodrigo Suñer)

<p>PROSA - Projeto Sudoeste Amazônico</p> <p>Sítio Santa Ana</p> <p>Visão Geral dos Fragmentos - Face Interna</p>
---	---	---

Prancha 12 Sítio Santa Ana – Visão geral dos fragmentos, Face interna (Fotografia: Ader Gotardo).

PROSA - Projeto Sudoeste Amazônico

Sítio Santa Ana

Visão Geral dos Fragmentos - Face Externa

Prancha 13 Sítio Santa Ana - Visão geral dos fragmentos, face externa (Fotografia: Ader Gotardo).

7.2.4. Sítio Rainha da Paz II – Caracterização da Cerâmica Arqueológica

Com o sítio Rainha da Paz II, inauguramos as atividades de campo na campanha de 2015. O atual uso do solo é dedicado à pastagem de gado bovino; no entanto, foi por ocasião das atividades de arado e plantio de milho em uma pequena área, que o proprietário, Sr. Jaime, identificou os fragmentos cerâmicos e nos mostrou sua localização. O Sr. Jaime era o novo proprietário da área, que já havíamos visitado em 2011, quando a pastagem já estava implementada, mas o antigo proprietário residia ao lado do atual milharal. Sua residência continua por lá, no entanto abandonada. Se ela fora, em 2011, circundada por algumas árvores frutíferas e um terreiro sempre limpo onde víamos fragmentos em superfície, em 2015, com o abandono, esta área tornara-se uma grande capoeira, e parte do terreiro convertera-se em canavial bastante fechado. A partir das evidências expostas pelo arado, estabelecemos nosso *grid* e partimos às tradagens, como descrito no Item 6.4. Se estas pouco nos contaram sobre os fragmentos cerâmicos, muito nos falaram sobre a estratigrafia do solo. Assim, escavamos uma área de 2 m² (unidades N1043 E960 e N1044 E960), proveniência da maior parcela do material arqueológico descrito abaixo.

Ao todo foram coletados 3,631 kg de material cerâmico, contabilizando 267 fragmentos elegíveis à análise. Entre estes predominam aqueles manufaturados por roletes (98,50%), sendo o restante não identificado. A amostra é composta por 86,89% de paredes, 11,61% de bordas, 1,12% de bases (três exemplares, com apenas um de morfologia identificada, sendo convexa) e 0,37% não identificado.

Provenientes das unidades de escavação são 82,02% do total de fragmentos (219 fragmentos); 10,86% (ou 29 fragmentos) são provenientes de tradagens, e 7,11% provém das coletas sistemáticas de superfície (19 fragmentos). Os níveis de proveniência dos fragmentos estão expostos nos gráficos 19 e 20.

Gráfico 19 Sítio Rainha da Paz II - Distribuição dos fragmentos por nível nas unidades de escavação (0,46% equivale a 1 fragmento).

Gráfico 20 Sítio Rainha da Paz II - Distribuição dos fragmentos por nível nas tradagens (3,45% equivalem a 01 fragmento).

O antiplástico predominante é mineral, composto por quartzo e mica. Em cerca de 30% da amostra foram observados também feldspato e óxido ferroso. Para além do mineral, foram identificados o acréscimo de caco moído (dois fragmentos) e a presença de carvão ou negativos de carbonização vegetal (seis fragmentos ou 2,55% da amostra total). Consideramos que a presença do carvão seja intrusiva, assim como os seixos com arestas arredondadas de quartzo, com dimensões superiores a 5 milímetros, chegando à mesma espessura do fragmento – embora isto ocorra com menor frequência nesse sítio, quando

comparado com os outros analisados nesta pesquisa. O gráfico 21 mostra distribuição da espessura do antiplástico nos fragmentos analisados. Quanto à proporção que este ocupa na pasta cerâmica, 86,52% da amostra apresentou uma taxa de 20%, seguida por 10,49% com 5%, e 3% com 30%.

Gráfico 21 Sítio Rainha da Paz II - Espessura do Antiplástico nos fragmentos analisados.

Com espessuras que se concentram entre 0,5 cm e 1,2 cm, os fragmentos analisados possuem como cor predominante à face interna o marrom (45,66%), seguida por laranja (19,64%), amarelo, preto e vermelho (em proporções de 6,42% cada), cinza (6,04%) e branco (1,89%, ou cinco fragmentos). O Tipo 1 de queima ocorre em 78,65% da amostra; em 11,61%, o Tipo 6; o Tipo 5 em 7,12%; observados também os Tipos 4 (1,87%), 2 (0,37%) e 3 (0,37%).

A alta presença de minerais na composição da pasta cerâmica, combinada ao solo de matriz arenosa e Ph ácido, não favorece as condições de preservação da superfície dos fragmentos, mesmo quando provenientes de níveis mais profundos. No entanto, alguns atributos foram preservados, mesmo que sub-representados por condições pós-deposicionais, contribuindo à caracterização dessa cerâmica arqueológica. Marcas como estrias de alisamento estão presentes em 2,62% da amostra (ou sete fragmentos); os sinais de uso identificados na amostra foram: fuligem na face interna (11 fragmentos, ou 3,99% da amostra), na face externa (5 exemplares, ou 1,81%) e apenas um fragmento com fuligem em ambas as faces (0,36%). Como tratamento de superfície na face interna observamos, em 1,81% da amostra total, o emprego de barbotina (um fragmento: RPII 119-1), engobo vermelho (um fragmento: RPII 118-6) e o esfumarado (em quatro

fragmentos). Foram identificados com tratamentos de superfície na face externa três fragmentos – barbotina (RPII 118-6), engobo vermelho (RPII 117-21) e esfumarado (RPII 13-3). Portanto, os fragmentos RPII 13-3 e RPII 118-6 possuem tratamento de superfícies aplicados a ambas as faces.

A única decoração plástica observada foi o inciso, no fragmento RPII 102-1, uma borda extrovertida com inclinação externa e espessura normal. O fragmento tem proveniência na unidade N999 E1024, coleta sistemática de superfície, no milharal.

Imagem 59 Sítio Rainha da Paz II - Fragmento RP II 102-1 Borda com inciso (Fotografia: Ader Gotardo)

Os outros 30 fragmentos de borda, com algumas exceções, apresentaram fortes sinais de intemperismo e erosão. Dentre eles, seis fragmentos com lábio ausente ou severamente erodido a ponto de comprometer a classificação morfológica e de inclinação; seis menores do que 2 cm² e com lábio erodido, e quatro menores do que 2 cm², além de um fragmento compreender apenas o lábio. Ou seja, 54,83% da amostra de bordas estava comprometida para análises mais detalhadas⁴³. Todos os fragmentos de borda possuem a espessura normal. O Gráfico 22 mostra detalhes das bordas coletadas; a Prancha 18 ilustra o perfil daquelas bordas que nos foi possível inferir suas morfologias e inclinações; o Gráfico 23

⁴³ Embora estes fragmentos sejam inferiores a 2 cm² – o que era um critério de corte para a análise – por serem bordas encaixam-se na classificação de fragmento diagnóstico, portanto, foram analisados, mesmo quando inviável identificar todos os atributos da categoria. No caso de bordas tão diminutas e erodidas, estimar inclinações e morfologias torna-se muito impreciso. Mas são importantes pois indicam a existências de recipientes de morfologia “muito” pequena entre a coleção do sítio Rainha da Paz II, a exemplo do RPII 118-1, tratado adiante.

expõe os níveis estratigráficos de proveniência desses fragmentos. Os lábios foram classificados como arredondados, com apenas uma ocorrência de morfologia apontada (RPII 102-1).

Gráfico 22 Sítio Rainha da Paz II - Morfologia e inclinação das Bordas em valores absolutos (NI = não Identificado).

Gráfico 23 Sítio Rainha da Paz II - Proveniência estratigráfica dos fragmentos de borda (valores absolutos).

7.2.4.1. Rainha da Paz II – Do cozer ao fazer: hipóteses temporárias sobre a vida quotidiana

O sítio Rainha da Paz II foi o ponto de clivagem para estabelecermos as técnicas de abordagem dos sítios amostrados por esta pesquisa, na campanha de 2015. Como descrito, sua estratigrafia unicomponencial concentra-se entre 20 e 30 cm de profundidade; a densidade de materiais não é seu forte, mesmo quando escavado um contexto de lixeira, como o aqui exposto. Embora caminhássemos sobre fragmentos cerâmicos e ferramentas líticas polidas, assim como ocorreu em outros sítios, o registro arqueológico passava quase invisível às intervenções de delimitação por tradagens. Estas ofereceram uma boa perspectiva para a escolha de intervenções mais controladas, como as unidades de escavação, reforçando sua importância como técnica amostral, mas exigindo atenção especial. Considerando esse dado isolado poderíamos conformar um cenário de acentuada brevidade ocupacional para o sítio ou mesmo abordá-lo como “simples ocorrência”. No entanto, não é isso o que nos mostrou a coleção analisada, especialmente dois exemplares (RPII 108-1 e RPII 118-1) e seu contexto.

Antes de qualquer passo, devemos recordar as características geológicas e geomorfológicas da área de estudo que, por sua antiguidade e conformação, oferecem baixas taxas de deposição sedimentar; assim como a conformação vegetal, que apresenta características de ecótono entre savana e mata desde pelo menos o Holoceno médio (ambas descritas no Item 1.2). Tais características influenciam diretamente no contexto pós-deposicional e nas condições de preservação do vestígio arqueológico. Se somarmos a composição da pasta cerâmica e a matriz arenosa do solo, podemos inferir que, nos fragmentos analisados, as características mais “delicadas”, ou menos aptas à conservação foram prejudicadas por intemperismos.

A partir de um viés funcionalista, a saturação mineral da pasta cerâmica proporciona peso demasiado aos recipientes, dificultando seu transporte e deslocamento (Schiffer & Skibo 1997). Os seixos arredondados de quartzo que chegam a espessuras maiores do que os próprios fragmentos, reduzem a resistência ao impacto e fragilizam os recipientes. Essa mesma saturação mineral que os fragiliza ao impacto físico os favorece na performance térmica e os tornam mais adequados ao uso na cocção (Rice 1987: 230; Schiffer & Skibo 1997: 37-8 e 42). A quase total ausência de formas fechadas, contra a predominância de

formas abertas, com bordas extrovertidas, e a presença de fuligem à face externa e interna dos fragmentos reforçam a interpretação para esse tipo de uso.

Neste ponto, gostaríamos de mencionar, e somar às características tecnológicas de performance, a correlação entre o recipiente RP II 108-1 e o pote Asurini *Japepa'i*; descrito por Silva (2000 e 2008)⁴⁴. Entre os Asurini do Xingu, trata-se de um recipiente para cocção de alimentos, amplamente utilizado nas atividades diárias e que circula entre grupos familiares através de empréstimos temporários com relativa timidez (Silva 2008: 252).

Imagem 60 Sítio Rainha da Paz II - Reconstituição de forma RP II 108-1. *Japepa'i* etnográfico, dos Asurini do Xingu, acervo do MAE/USP (Fotografia: Wagner Souza e Silva)

Se aceitarmos a correlação, podemos inferir um uso cotidiano na cocção de alimentos para esse recipiente, seu contexto deposicional pode ser considerado como a lixeira de uma unidade doméstica, pois acompanhado de diversos pequenos fragmentos “rolados” (SILVA 2008: 244) (Prancha 16)⁴⁵.

Se a coleção amostral do sítio Rainha da Paz II possui características de performance que se reproduzem por todas as peças, podemos extrapolar, mesmo que como hipótese temporária, a proveniência original dos fragmentos para uma parafernália doméstica de cocção, em geral, e de alimentos, em específico. Porém, com características físicas

⁴⁴ Neste mesmo sentido, diversas correlações com casos arqueológicos e etnográficos amazônicos podem ser estabelecidas, no entanto, considerando as restrições impostas por nossa amostragem, recorreremos a este exemplo por considerar os Asurini do Xingu o mais bem detalhado caso amazônico de etnoarqueologia e, assim, oferecendo uma perspectiva diacrônica do uso de recipientes cerâmicos.

⁴⁵ Sobre a descrição dos materiais líticos provenientes deste e de outros sítios, ver item adiante.

restritiva ao seu transporte regular por longas distâncias (como peso, dimensões e baixa resistência ao impacto) – essas características de performance serão exploradas mais adiante.

Por outro lado, o fragmento de borda RPII 118-1, isoladamente, e outros em dimensões equivalentes nos remeteram à existência de miniaturas de recipientes. Durante as atividades de laboratório, esse fragmento foi remontado a outros quatro. Atingindo a remontagem quase integral do recipiente original, pudemos identificar que se tratava de uma peça roletada, esférica, de borda direta levemente introvertida – quase vertical –, porém com acabamento muito irregular, quase precário (Prancha 17). Descartamos a hipótese de miniatura, para adotar a de um recipiente produzido por uma oleira em etapa de aprendizado.

Esse recipiente pode auxiliar na compreensão das atividades desenvolvidas na área do sítio Rainha da Paz II por sua população pretérita, para além da constatação de práticas de subsistência ou de cocção. Entre os fragmentos de borda coletados, 54,83% da amostra estava comprometida para análises detalhadas; entre esses 10 indivíduos (ou 32,25% da amostra de bordas), estavam comprometidos por possuírem menos do que 2 cm² ou menos de 2 cm² e lábios erodidos. Considerando que nenhum desses pequenos fragmentos remontam ou pertencem ao recipiente RPII 118-1, podemos deduzir a existência de alguns outros recipientes de pequenas dimensões e oriundos do mesmo contexto de produção.

Extrapolando os dados fornecidos por esse recipiente aos fragmentos semelhantes, novamente em hipótese de caráter temporário, acreditamos que o sítio Rainha da Paz II poderia ser um local de práticas de ensino e aprendizagem da tecnologia cerâmica – como é de se esperar em grupos ceramistas não industriais. Sabe-se que essas práticas, além de exigirem a disponibilidade de matéria-prima adequada (seja estocada, seja em jazidas naturais), exigem razoável disponibilidade de tempo e dedicação por parte daquele que ensina e daquele que aprende, transformando tanto o trabalho de confecção de recipientes, quanto o de ensino da confecção, em uma atividade social de regras mais ou menos rígidas e definidas (Silva 2000, 2008: 235-38; Gosselain 1992: 82).

Seria o sítio Rainha da Paz II, a despeito de sua baixa densidade de vestígios arqueológicos, *locus* de intensa vida quotidiana, com uma população de relacionamento ativo com seu meio físico e social? Acreditamos que sim. A realização de escavações de superfícies amplas, em mais de um setor do sítio, ainda poderia manter sua classificação como de baixa densidade? Tomando a profundidade do pacote arqueológico e o padrão regional dos sítios arqueológicos, acreditamos que não.

<p>PROSA - Projeto Sudoeste Amazônico</p> <p>Sítio Rainha da Paz II</p> <p>Fragmentos com Engobo</p>
---	--	---

Prancha 14 Sítio Rainha da Paz II - Fragmentos com presença de engobo (Fotografias: Ader Gotardo).

PROSA - Projeto Sudoeste Amazônico

Sítio Rainha da Paz II

Fragmento RP II 108-1

Prancha 15 Sítio Rainha da Paz II - Fragmento RP II 108-1. Perfil, face interna e face externa (Fotografia: Ader Gotardo).

PROSA - Projeto Sudoeste Amazônico

Sítio Rainha da Paz II

Aspecto Geral dos Fragmentos

ARQUEOTROP

Prancha 16 Sítio Rainha da Paz II - Aspecto geral dos fragmentos (Fotografia: Ader Gotardo).

<p>PROSA - Projeto Sudoeste Amazônico</p> <p>Sítio Rainha da Paz II</p> <p>Recipiente 118-1 - miniatura</p>
--	---	---

Prancha 17 - Sítio Rainha da Paz II - Recipiente RP II 118-1 (Fotografia: Ader Gotardo).

PROSA - Projeto Sudoeste Amazônico

Sítio Rainha da Paz II

Recipiente 118-1 - miniatura

ARQUEOTROP

Prancha 18 Sítio Rainha da Paz II - Perfil das Bordas.

7.2.5. Sítio São Gabriel – Caracterização da cerâmica arqueológica

O sítio São Gabriel é o mais distante entre aqueles amostrados por esta pesquisa – para efeitos ilustrativos, está a cerca de 30 km em linha reta do sítio Rainha da Paz, a Nordeste. Saímos, portanto, do médio e baixo curso do igarapé Leitão, para o médio curso do igarapé Molim – tributário do rio Machado, em seu médio curso, município de Ji-Paraná. À margem esquerda do Molim, o Sítio São Gabriel está atualmente ocupado por plantio de café e pastagem para gado bovino. De acordo com os relatos de moradores locais e do proprietário, o plantio de café tem quase duas décadas e é feito de modo manual.

Caminhamentos ao longo do cafezal evidenciaram fragmentos por toda sua extensão. Relatos sobre achados de instrumentos líticos polidos são constantes. Exemplos de cerâmica e dos líticos compõem o acervo do CPMRARO. Abaixo, realizamos a descrição do material cerâmico coletado durante as atividades de campo nesse sítio, na campanha de 2015.

Devido às razões expostas anteriormente, nesse sítio a amostra provém de tradagens, de uma unidade de escavação (1 m²) e de coletas de superfície 97 m². A amostra foi composta por 5,10 kg de cerâmica, sendo 350 fragmentos elegíveis à análise. Destes, 95,07% foram confeccionados por roletes; 2,61% por placas e 2,32% não tiveram a técnica de manufatura identificada. A coleção tem predominância de fragmentos de paredes (82,03%), seguidas por bordas (10,72%), bases (4,35%) e 0,87%, ou três fragmentos, classificados como paredes com inflexão. Apenas 2,03% da amostra não tiveram suas categorias identificadas. Abaixo, os gráficos 24 e 25 sintetizam a proveniência da coleção de sub-superfície, que representa 20,57% da amostra total.

Gráfico 24 Sítio São Gabriel - Fragmentos provenientes de tradagens, distribuição por nível (valores absolutos).

Gráfico 25 São Gabriel - Fragmentos provenientes da unidade de escavação N1003 E1001, distribuição por nível (valores absolutos).

Os fragmentos analisados possuem antiplástico mineral em 98,84% dos casos, e o restante é composto por mineral e carvão ou vestígio de carbonização vegetal (1,16% ou 4 fragmentos) – que, por essa proporção, consideramos como de natureza intrusiva. A composição mineral do antiplástico é de quartzo, mica, feldspato e óxido ferroso em 59,26% da amostra, quartzo, mica e feldspato em 37,04%, quartzo, mica e óxido ferroso em 2,16%, e composto apenas por quartzo e mica em 1,53% da amostra. Com maior ocorrência em proporção de 20% da pasta cerâmica, as espessuras do antiplástico mais frequentes estão entre 1 mm e 5 mm. O gráfico 26 detalha essa informação.

Esse sítio apresenta uma cerâmica também saturada de minerais, que lhe proporciona certa fragilidade quando manuseada nos processos de lavagem ou mesmo de análise;

também notamos que fragmentos com grãos de quartzo arredondados de espessura maior do que 5 mm ou até a mesma espessura do fragmento são frequentes (estes variam em espessura, principalmente, entre 0,5 cm e 1,2 cm, conforme o Gráfico 27). Por essas características físicas, os fragmentos, mesmo quando coletados em níveis que não o superficial, apresentam um acentuado grau de erosão em suas faces e prejudicam a amostragem para elementos menos aptos à preservação.

Gráfico 26 Sítio São Gabriel - Porcentagem de antiplástico na composição da pasta cerâmica e suas espessuras.

Gráfico 27 Sítio São Gabriel - Espessura dos fragmentos em cm.

A cor da superfície interna dos fragmentos distribui-se entre marrom (27,03%), amarelo (24,71%), laranja (22,27%) e vermelho (17,73%), seguidas por preto (3,49%), cinza (3,20%) e branco (1,16%). A queima de Tipo 1 ocorre em 73,04% dos casos, seguida pelo Tipo 6 (15,94%) e 5 (7,45%). Os Tipos 2, 4 e 3 estão presentes, respectivamente, em 1,74%, 1,45% e 0,29%, da amostra.

Apesar do precário grau de conservação dos fragmentos, pudemos observar estrias de alisamento nos fragmentos SG 102-7 e SG 289-4. O fragmento SG 206-7, apesar da reduzida dimensão, consideramos como marcado por furo, apesar de não excluirmos a possibilidade, mesmo que remota, de ser parte de uma decoração ponteadada. Quanto ao tratamento de superfície, apenas o fragmento SG 217-1 apresentou o esmurrado na face interna. Na face externa dos fragmentos não foram observados tratamentos de superfície. Fragmentos com sinais de uso compreendem 5,71% da amostra e são: fuligem na face interna (3,14% ou 11 fragmentos); fuligem em ambas as faces (1,42% ou cinco fragmentos); e quatro fragmentos (1,14%) com fuligem na face externa.

Quanto às bases, podemos considerá-las predominantemente convexas; no entanto, ocorrem variações, conforme o Gráfico 28. Em sua maioria são roletadas, com quatro ocorrências de manufatura por placa (as bases compreendem 4,35% da amostra, ou 15 fragmentos).

Gráfico 28 Sítio São Gabriel – Fragmentos de base e suas morfologias (valores absolutos).

As bordas identificadas nesse sítio possuem a maior variação encontrada entre os sítios abordados por nossa pesquisa. Com 37 fragmentos, representam 10,72% da amostra geral. Aquelas de morfologia direta ou extrovertida, com inclinação externa, representam

a maior parte do conjunto; no entanto, como demonstra o Gráfico 29, outras tipologias foram encontradas. Os lábios foram classificados como arredondados (25, ou 67,57% da categoria), apontados (5, ou 13,51%) e biselados (4, ou 10,81%). Três indivíduos (8,11%) não foram classificados por estarem erodidos. A Prancha 20 apresenta o perfil das bordas que puderam ser reconstituídas.

Gráfico 29 Sítio São Gabriel - Fragmentos de bordas, suas morfologias, inclinações e espessuras (valores absolutos; NI: não-identificado).

Por fim, devemos descrever os atributos decorativos presentes na cerâmica do sítio São Gabriel, com a ressalva de que a decoração pintada está ausente da amostra coletada e analisada. A decoração plástica, ou acabamento plástico de superfície, está presente em 5 técnicas (apenas uma não-identificada), distribuídas em 12 fragmentos (ou 3,42% da amostra total). As ocorrências predominam em fragmentos de parede, sem localização mais precisa (8 indivíduos) no corpo do recipiente; 3 exemplares decorados são fragmentos de borda e 1 é fragmento de parede com inflexão – distinta das outras “paredes”, não apenas pela existência de inflexão, mas também por essa categoria possuir apenas 3 exemplares na coleção inteira (ou 0,85% da amostra).

O inciso é a técnica mais presente (ocorre em 41,67% da amostra decorada); o roletado não alisado corresponde a 25% dos casos, assim como o corrugado; o ponteadado e o exciso correspondem, cada, a 8,33% dos casos, como aquela não definida se ponteadada arrastada ou ungulada. Os Gráficos 30 a 32 descrevem as decorações plásticas identificadas e seus motivos, quando é o caso. Nas Prancha 21 e 22 podem ser vistos alguns desses fragmentos, assim como na Prancha 23 podem ser vistas imagens gerais da cerâmica do sítio São Gabriel.

Gráfico 30 Sítio São Gabriel - Fragmentos com técnicas de decoração plástica (valores absolutos).

Gráfico 31 Sítio São Gabriel - Categoria dos fragmentos com decoração plástica e respectivas técnicas (valores absolutos).

Gráfico 32 Sítio São Gabriel - Motivos aplicados à decoração plástica (valores absolutos).

PROSA - Projeto Sudoeste Amazônico
Sítio São Gabriel
 Fragmentos cerâmicos - acervo CPMRARO

Prancha 19 Sítio São Gabriel - Fragmentos e recipiente parcialmente remontados - acervo CPMRARO (Fotografias: Rodrigo Suñer).

PROSA - Projeto Sudoeste Amazônico

Sítio São Gabriel

Perfil de bordas - face interna à direita

Prancha 20 Sítio São Gabriel - Perfil de Bordas, face interna à direita (Desenhos: Rodrigo Suñer).

SG 256-4
SG 256-1
Fragmentos Incisos
Área Erodida

SG 263-1
Fragmento Inciso
Área Erodida

PROSA - Projeto Sudoeste Amazônico

Sítio São Gabriel

Fragmentos cerâmicos com acabamento plástico de superfície

SG 262-2
Fragmento Inciso

PROSA - Projeto Sudoeste Amazônico

Sítio São Gabriel

Fragmentos cerâmicos com acabamento plástico de superfície

Prancha 22 Sítio São Gabriel - Fragmentos com acabamento plástico de superfície (Fotografias: Ader Gotardo; Desenhos: Rodrigo Suñer).

PROSA - Projeto Sudoeste Amazônico

Sítio São Gabriel

Visão Geral de alguns fragmentos

ARQUEOTROP

Prancha 23 Sítio São Gabriel - Visão geral dos fragmentos (Fotografia: Ader Gotardo).

7.2.6. Sítio Vida Nova – Caracterização da cerâmica arqueológica

Enquanto as chuvas e as condições de acesso não nos permitiam alcançar e retomar as atividades iniciadas no Sítio São Gabriel, voltamos nossas atenções para áreas de maior acessibilidade. Foi assim que chegamos ao sítio Vida Nova, que nos foi indicado pelo professor José Garcia. Ao visitarmos o local, fomos informados pela proprietária que uma porção de pasto seria arada nos próximos dias, assim que estiasse a chuva.

Os relatos sobre vestígios arqueológicos apontavam a maior área de concentração no local onde fora construída a atual residência da senhora Gisele. A área fora terraplanada, com deslocamento de terra para a construção de um açude⁴⁶. Oriundos de coletas oportunísticas, algumas lâminas polidas de machado já haviam sido doadas pela moradora ao CPMRARO. Com timidez, a Sra. Gisele revelou ainda preservar dois ou três exemplares em sua “coleção” particular, mostrando-nos os testemunhos do sítio arqueológico.

Passados alguns dias, a estiagem nos permitiu retornar ao local e chegamos minutos após a passagem do arado, conduzido pelo Sr. Milton, proprietário do sítio Santa Ana, local do sítio arqueológico homônimo e também amostrado nesta pesquisa. Tendo em conta os relatos anteriores e as concentrações de vestígios cerâmicos identificadas, inferimos que as coletas foram realizadas em área periférica do sítio, e que sua área central havia sido removida pela terraplanagem, deslocada para o dique do açude.

Após caminhamento na área arada, embora o solo ainda muito úmido e agregado, conseguimos identificar três áreas de concentração cerâmica, nomeados como Setor 1, 2 e 3. Estabelecido o marco N1000/E1000, procedemos ao quadriculamento dos setores e às coletas sistemáticas de superfície. Fora desses setores, não identificamos outros vestígios.

Dessas coletas, resultaram 3,272 kg de fragmentos cerâmicos, sendo 114 fragmentos elegíveis à análise. Note-se que, nessa amostra, a área dos fragmentos é maior do que nas

⁴⁶ Este sítio arqueológico, soubemos depois, também era de conhecimento da Sr. Geralda, proprietária do sítio Jardim da Vida, porém por recordações de infância, quando seu pai, trabalhando a terra encontrou “os tais potes de índio”.

coletas de superfície realizadas nos sítios Santa Ana e Jardim da Vida. Isso deve-se, principalmente, pelo revolvimento de solo quase imediato realizado pelo arado.

Aqui cabe um parêntese problematizando esse tipo de contexto de coleta. O arado, durante o preparo do terreno, passa uma ou duas vezes pela área a ser implantada a pastagem, e não mais interfere no registro arqueológico, que passa a ser “selado” pela vegetação. Por outro lado, a atividade agrícola exige a constante manutenção do solo, seja para reavivamento deste, seja para a substituição de cultivares, proporcionando revolvimentos contínuos, mesmo quando realizados de modo manual (como ocorre no sítio Santa Ana, Jardim da Vida e São Gabriel) – em casos de sítios arqueológicos de rasa estratigrafia, esse impacto pode ser mais significativo do que o uso do arado, seguido do plantio de pastagem. Deve-se ter em mente, como demonstrou Araujo (2001-2002), que o impacto do arado sobre sítios arqueológicos é mais vertical (embora limitado ao tamanho da lâmina), do que horizontal, pois incapaz de deslocar nesse eixo significativamente os vestígios arqueológicos. Portanto, não inviabiliza a análise do sítio. Infelizmente, não foram realizadas pesquisas correlatas para a atividade agrícola manual, ficando o senso comum do “baixo impacto” a ser testado.

Feita a observação, passamos à caracterização do material arqueológico coletado.

Em primeiro lugar, é importante observarmos a variação entre as áreas de coleta. Sendo o Setor 1 com maior número de fragmentos, também é o com maior dispersão horizontal, seguido pelos Setores 2 e 3, como nos mostram os Gráficos 33 e 34. No Anexo 21 está o croqui das unidades de coleta.

Gráfico 33 Sítio Vida Nova – Porcentagem de fragmentos por setor de coleta.

Gráfico 34 Sítio Vida Nova - Unidades de coleta e quantidade de fragmentos (valores absolutos).

A coleção analisada é composta por 81,82% de fragmentos de paredes, 8,19% de bordas, 9,91% de paredes com inflexão e dois fragmentos de bases (ou 1,82%).

Nesse sítio dois tipos de antiplástico são encontrados em predomínio: o exclusivamente mineral (53,63%) e o composto por mineral e caco moído (35,45%) – este último, porém, encontrado apenas nos Setores 1 e 2. Há 10,09% dos fragmentos analisados também com presença de negativos de carbonização vegetal ou pequenos fragmentos de carvão na pasta cerâmica; no entanto, a partir da análise em laboratório consideramos como elementos intrusivos na argila, por sua presença esparsa nos fragmentos, e por sua espessura muitas vezes inferior a 1 mm.

Gráfico 35 Sítio Vida Nova - Tipos de antiplástico (entre parênteses, valores absolutos).

A composição mineral do antiplástico é muito semelhante em todos os casos, sendo, em ordem de popularidade, composto por quartzo, mica, feldspato e óxidos ferrosos. Em 9,61% da amostra, também foi notada a presença de granitoides. Novamente: considerando que tais elementos possuem uma mesma matriz geológica e podem ser encontrados naturalmente na composição das argilas, seria precipitado atestar diferenças significativas a essa variação, na ausência de análises arqueométricas, uma vez que ocorrem em ambos os grupos dominantes de antiplástico. O gráfico abaixo mostra a concentração do antiplástico e sua espessura:

Gráfico 36 Sítio Vida Nova - Tipos de Antiplástico, porcentagem e espessura (valores absolutos).

Ao descartarmos aqueles fragmentos com presença de carvão e com antiplástico de dimensões menores do que 1 mm (que somam apenas 3,64%), pode-se observar o seguinte quadro, menos poluído:

Gráfico 37 Sítio Vida Nova - Antiplástico: porcentagem na pasta cerâmica e espessura entre os principais grupos de ocorrência (valores relativos à amostra representada graficamente).

Tanto os fragmentos com antiplástico exclusivamente mineral, quanto com mineral e caco moído, predominam na proporção de 10% da composição da pasta cerâmica. A diferença perceptível está na espessura do antiplástico: fragmentos com caco moído, apresentam maior granulometria. Em ambas as categorias de antiplástico pudemos notar seixos com arestas arredondadas de quartzo com dimensões superiores a 5 mm, consideradas como intrusões na argila que, apesar de perceptíveis na cerâmica e de suas influências negativas para a performance dos recipientes em relação ao impacto e ao choque térmico (Rice 1987), aparentemente não incomodavam as oleiras.

Considerando a amostra total, a espessura do antiplástico concentra-se entre ≥ 1 mm e < 3 mm, com 45,45%, seguido por 27,27% com dimensões entre ≥ 3 mm e < 5 mm; 23,64% superior a 5 mm e, por fim, apenas 3,64% inferior a 1 mm, como dito.

Adiante retomaremos o tema do antiplástico, mas antes algumas outras características da cerâmica coletada nesse sítio precisam ser exploradas.

A coloração da face interna dos fragmentos concentra-se entre vermelho (29,18%), amarelo (24,55%) e marrom (22,73%). Em menores proporções ocorrem o laranja (12,73%), preto (7,27%), cinza (3,64%) e branco com 0,91% da amostra total ou um fragmento.

De forma geral, os fragmentos coletados apresentam bom grau de conservação e o alisamento fino é majoritário, tanto na face interna, quanto externa (92,59% e 90,74%, respectivamente). A espessura dos fragmentos concentra-se na faixa entre 0,7 cm e 1,1 cm seguindo a tendência encontrada em outros sítios da região. O Gráfico 38 expõe as espessuras encontradas na amostra geral.

Gráfico 38 Sítio Vida Nova - Variação na espessura dos fragmentos.

Tratamentos de superfície, tanto interna quanto externa, também foram identificados. Fragmentos com tratamento à face interna representam 10,53% da amostra e são divididos em esfumarado (8,77% da amostra total, ou 10 fragmentos); barbotina e engobo vermelho (cada com 1 fragmento, ou 0,88% da amostra total). O tratamento da superfície externa dos fragmentos compõe 2,63% da amostra geral, que compreendem 2 fragmentos com engobo vermelho (VN 15-3 e VN 15-8) e um com engobo marrom (VN 15-4).

Estrias de alisamento foram identificadas em 12 fragmentos (10,53%). Sinais de uso encontrados representam 4,39% da amostra – sendo fuligem na face externa com três fragmentos, ou 2,63%, e fuligem na face interna e fuligem em ambas as faces representadas por um fragmento cada. Não foram notadas decorações pintadas; porém, três fragmentos (2,63% do total) apresentaram, na face externa, decoração incisa de motivo horizontal: VN 06-3, VN 24-1 e VN 40-2.

As bordas identificadas compreendem 8,19% da amostra geral – o que equivale a 9 fragmentos. A morfologia encontrada é exclusivamente direta e a espessura normal. São

predominantes aquelas com inclinação interna, correspondendo a 4,55% da amostra total (5 fragmentos ou 50% das bordas). Com ocorrências iguais estão as bordas verticais e aquelas com inclinação externa (2 fragmentos, 1,82% da amostra total ou 20% das bordas, cada). Apenas um fragmento de borda não pode ter suas características morfológicas identificadas por ser muito pequeno e possuir o lábio erodido (esse fragmento sozinho representa 0,91% da amostra geral, ou 10% das bordas).

7.2.6.1. Vida Nova – Do arado à talha: hipótese sobre a variação tecnológica

Passada a descrição geral da cerâmica, é necessário retomarmos as questões pendentes sobre o antiplástico. Ao olharmos a distribuição horizontal dos fragmentos no momento de coleta, as proveniências daqueles com antiplástico de caco moído são muito próximas, estando sempre em unidades adjacentes, como podemos verificar no Gráfico 39, o que nos sugere que tenham sido deslocados pelo arado (Araujo 2001-2002).

Gráfico 39 Sítio Vida Nova - Distribuição de fragmentos com antiplástico mineral e caco moído por unidades de coleta de superfície. Estão excluídos os fragmentos com carvão no antiplástico e o Setor 3, que não apresentou fragmentos com caco moído na pasta.

Para os fragmentos com PN VN 30-2, VN 31-3ab e VN 31-16, identificamos quebras recentes, morfologia e atributos muito semelhantes (além de serem bastante distintos dos outros fragmentos coletados); possivelmente compuseram um mesmo recipiente (Prancha 24). Descartamos a possibilidade de remeterem a formas planas ou serem bordas com

lábios erodidos. Foram, portanto, classificados, ao lado de outros fragmentos, como paredes com inflexão – embora alguns fragmentos, em seu ponto de fratura, sugerissem inflexão com ponto angular, do tipo carena, não foram assim classificados, já que o ponto angular seria presumido e não observado.

Complementar a isso, temos os fragmentos de borda VN 31-1 e VN 31-2, verticais e com diâmetro estimado em 48 cm (Prancha 26 e 28). Se correta a estimativa do diâmetro total, trata-se do recipiente com o maior diâmetro de abertura conhecido até o momento, inclusive comparado àqueles depositados no acervo do CPMRARO, sugerindo um recipiente de grandes dimensões.

Tais informações permitem a dedução de que esses fragmentos compuseram um mesmo recipiente, embora não conseguíssemos remontagens em laboratório. Levando em conta a existência de variações na composição da pasta cerâmica em diversos sítios analisados e descritos nesta pesquisa, descartamos a explicação como resultante de um contexto arqueológico multicomponencial. Dessa forma, assumindo que os fragmentos compõem um mesmo recipiente, podemos elaborar uma hipótese para auxiliar na compreensão dessa variação intrassítio. Esta hipótese, baseia-se em três aspectos, a saber: a busca de um correlato morfológico do que poderia ser o recipiente original; a decorrente inferência sobre sua função; e o contexto ecológico imediato no qual o sítio está inserido.

Os fragmentos de parede descritos remetem a formas fechadas, de contorno complexo, talvez até carenados; sua suave inclinação em sentido longitudinal e os diâmetros estimados pelos fragmentos de borda remetem a um recipiente de grandes dimensões. A inclinação e morfologia das bordas reforçam o caráter restritivo do recipiente original, pois o diâmetro estimado para a curvatura das paredes é superior ao destas⁴⁷. Assumindo tais premissas, pode-se tratar de um grande pote de armazenamento ou transporte de líquidos, ou mesmo produção de bebidas fermentadas, semelhante a uma talha ou, até mesmo, aos *cambuchi* descritos por La Salvia e Brochado (1989: 103-132).

⁴⁷ Ainda deve-se considerar que até o momento formas cônicas não foram identificadas na região, à exceção daquelas descritas por Zuse (2014) no alto curso do rio Madeira, próximo à antiga cachoeira de Jirau.

Soma-se neste momento, a revisão da inserção do sítio Nova Vida na paisagem: limitado ao Norte por encosta de morro, circunscrito a Leste e a Oeste por nascentes de água e seus pequenos cursos, que também o limitam ao Sul, antes de desaguiarem no igarapé Leitão. Trata-se de uma fonte perene de água potável, que pode ser entendido como um *meaningful place* (Zedeño 2009).

Retomando as características tecnológicas: foi possível observar que fragmentos com caco moído, quando comparados com o antiplástico exclusivamente mineral composto principalmente por quartzo, apresentam maior granulometria do antiplástico, e estes ocupam maior porcentagem na composição da pasta cerâmica. Dessa forma, proporcionam uma significativa redução de peso para potes com grandes dimensões, além de aumento na performance de resistência ao impacto, sem perda significativa na performance térmica (seja referente ao isolamento ou à condutividade de calor) (Shiffer & Skkibo 1997; Rice 1987).

Devemos considerar que, nas caracterizações cerâmicas realizadas por esta pesquisa e nas descrições cerâmicas existentes até o momento para nossa área focal e seu entorno, é atestada a existência de diferentes composições de antiplástico num mesmo sítio, incluído aí o caco moído, mas nunca exclusivamente este (Cruz 2008, Miller 1897a; 1987b; 2009 e Zimpel Neto 2009). Portanto, desconsideramos, por enquanto, a possibilidade de se tratar de um vasilhame intrusivo, resultado de trocas ou redes de circulação.

Dessa forma, em nível hipotético e temporário, consideramos essa variação na tecnologia cerâmica mais como uma adaptação funcional (Binford 1989) do que uma variação isocrética (Sackett 1992).

<p>PROSA - Projeto Sudoeste Amazônico</p> <p>Sítio Vida Nova</p> <p>Fragments</p>	ARQUEOTROP
--	---	---

Prancha 24 Sítio Vida Nova - Fragmentos cerâmicos com quebra no ponto de inflexão (Fotografias: Ader Gotardo).

PROSA - Projeto Sudoeste Amazônico

Sítio Vida Nova

Fragmentos de Base

Prancha 25 Sítio Vida Nova - Fragmentos de base (Fotografias: Ader Gotardo).

PROSA - Projeto Sudoeste Amazônico

Sítio Vida Nova

Fragmentos de Borda

Prancha 26 Sítio Vida Nova - Fragmentos de borda. Abaixo os VN 31-1 e VN 31-2 (Fotografias: Ader Gotardo).

<p>PROSA - Projeto Sudoeste Amazônico</p> <p>Sítio Vida Nova</p> <p>Perfil das Bordas</p>
---	---	---

Prancha 27 Sítio Vida Nova - Perfil dos fragmentos de borda, face interna à direita (Desenhos: Rodrigo Suñer).

7.2.7. Sítio Jardim da Vida – Caracterização da cerâmica arqueológica

Esse sítio também foi abordado de forma oportunística, conforme os dias de inacessibilidade ao sítio São Gabriel. O sítio Jardim da Vida, embora esteja na comunidade Rainha da Paz, com diversos sítios conhecidos pela equipe do CPMRARO, era desconhecido por todos. Isso deve-se ao apreço e certo “ciúme” que Dona Geralda e Sr. Antônio possuem por seus achados arqueológicos – tanto que a confirmação do sítio arqueológico só ocorreu após algum bom tempo de despretensiosas conversas. A revelação do acervo, composto por alguns poucos objetos líticos, só nos foi dada ao final de um dia de trabalho, minuciosamente acompanhado pelos olhares de Dona Geralda.

Entre as tradagens realizadas, não ocorreu ao menos um resultado positivo, embora caminhássemos sobre os fragmentos cerâmicos nas áreas de roçado. Em áreas de pastagem, com visibilidade nula do solo, as tradagens também foram negativas (o embasamento rochoso foi alcançado em cerca de 40 cm de profundidade), dessa forma optamos pela coleta sistemática de superfície. Ao todo foram coletados 3,272 kg de material cerâmico, equivalentes a 144 fragmentos analisados, provenientes de 14 m² de coleta – que não foram ampliados por restrições de tempo durante a etapa de campo.

Essa coleção é composta por 89,58% de parede, 6,94% de bordas, 2,08% paredes com inflexão, e 1,39% de bases (JV 210-7 de morfologia convexa e JV 218-5, de morfologia não-identificada). A técnica de manufatura empregada é a roletada. O antiplástico predominante é composto por mineral e caco moído (54,86%), seguido por exclusivamente mineral (41,67%), mineral, caco moído e carvão (2,78%), e mineral e carvão (0,69%). A presença de carvão ou vestígios de carbonização vegetal na pasta cerâmica restringe-se a cinco indivíduos e consideramos essas ocorrências como intrusões na argila.

Assim como ocorre em outros sítios amostrados nesta pesquisa, foram observados grãos de quartzo com espessura maior do que 5 mm, de arestas arredondadas, – muitas vezes sendo de espessura equivalente ou maior do que a do fragmento analisado – e localizados próximos à junção de roletes, em áreas de quebra. Também os consideramos intrusões. A composição mineral do antiplástico é formada por quartzo, mica, feldspato e óxido

ferroso. Sua concentração na pasta varia na ordem de 10%, com granulometria maior igual a 1 mm e menor do que 5 mm, como podemos observar no Gráfico 40.

Gráfico 40 Sítio Jardim da Vida - Antiplástico: distribuição por composição, porcentagem e espessura

A coloração dos fragmentos, em ordem de popularidade, é marrom (46,85%), vermelho (17,48%), preto (15,38%), amarelo (9,79%), laranja (9,09%), cinza e branco (0,70%, ou um fragmento cada). Quanto à queima, é majoritária a de Tipo 1 (90,97%), seguida pelos Tipos 5 e 6, com 2,78% cada, Tipos 3 e 4, com 1,39% cada e, por fim, 0,69% de Tipo 7.

Com espessura predominante entre 0,7 cm e 1,2 cm, os fragmentos apresentavam alisamento de tipo fino, em sua maioria, sendo perceptíveis os roletes apenas pelas quebras; ademais, por expostos ao intemperismo, observamos um grau de erosão em ambas as faces suficiente para comprometer a preservação de tratamentos de superfície ou acabamentos plásticos ou pintados. Sobre a decoração plástica, três fragmentos de parede possuem inciso fino com motivos horizontais. (JV 204-2, JV 205-11 e JV 222-1). Não foram identificados fragmentos com decoração pintada.

Por outro lado, tratamentos de superfície na face interna foram observados em 17,35% da amostra, dos quais 23 fragmentos com brunidura (15,97%), apenas um com engobo vermelho (JV 201-2) e um com esfumarado (JV 227-2). À face externa dos fragmentos ocorrem tratamentos de superfície em apenas 3,47% da amostra, ou 5 fragmentos,

distribuídos em engobo branco (JV 205-11 e JV 219-3), esfumarado (JV 200-6 e JV 205-9) e brunidura (JV 203-8).

Entre os sinais de uso, pudemos observar fuligem em ambas as faces em três fragmentos: JV 214-1; 214-2 e 214-3. Com fuligem apenas na face externa, o fragmento JV 216-2.

Entre os 10 fragmentos de borda coletados (6,94% da amostra total), em apenas um (JV 209-2) não pudemos estabelecer com precisão a morfologia e inclinação devido ao alto grau de erosão. Entre os outros, a predominância é de bordas extrovertidas de inclinação externa (4,17% da amostra total, ou seis fragmentos), seguidas por bordas diretas com inclinação externa (1,39% ou dois fragmentos) e interna, com apenas um fragmento (0,69%). Todos estes fragmentos apresentaram lábios arredondados, com espessura variando entre 0,2 cm e 0,5 cm. O desenho das bordas, assim como fotografias dos fragmentos podem ser vistos a seguir.

PROSA - Projeto Sudoeste Amazônico

Sítio Jardim da Vida

Fragmentos com face enegrecida e Fragmentos Incisos

Prancha 28 Sítio Jardim da Vida - Fragmentos com incisão e fragmentos com enegrecimento na face interna (Fotografias: Ader Gotardo).

PROSA - Projeto Sudoeste Amazônico

Sítio Jardim da Vida

Paredes com fratura na inflexão

Prancha 29 Sítio Jardim da Vida - Paredes com fratura no ponto de inflexão (dois fragmentos) (Fotografias: Ader Gotardo).

JV 205-1
Diâmetro 26cm
6% da Borda

JV 221-1
Lábio Erodido
diâmetro e porcentagem
não calculados

JV 217-1
Diâmetro 40cm
3% da Borda

JV 210-1
Diâmetro 36cm
3% da Borda

JV 209-1
Diâmetro 20cm
3% da Borda

JV 205-2
Diâmetro 15cm
5% da Borda

JV 203-1
Diâmetro 12cm
7% da Borda

PROSA - Projeto Sudoeste Amazônico

Sítio Vida Nova

Perfil das Bordas

ARQUEOTROP

7.2.8. Sítio Machado – Caracterização da Cerâmica Arqueológica

Como descrito anteriormente, o Sítio Machado I reforça um padrão de sítios implementados em áreas com marcadores paisagísticos discretos, baixa densidade de material arqueológico e rasa profundidade do pacote arqueológico.

Tais características comprometeram a formação de uma coleção significativa para este sítio. Se as tradagens positivas nos revelaram poucos fragmentos ao nível 0-20 cm e menos, mas ainda alguns fragmentos, nos níveis inferiores (nunca em sequência em uma mesma tradagem), foram as coletas de superfície no leito da estrada, na porção Sul do sítio que nos permitiram retornar ao laboratório com algum material cerâmico. O atual uso do solo, neste sítio, é dedicado à pastagem bovina e oferece visibilidade nula da superfície. As áreas dedicadas ao plantio de café, descritas pelos proprietários como de maior ocorrência de vestígios arqueológicos, estava tomada por uma capoeira baixa, que se impunha às espécies frutíferas.

No total foram coletados 422 gramas de material cerâmico, equivalente aos 22 fragmentos analisados. Entre estes 72,72%, 354 gramas, correspondem à coleta de superfície.

Gráfico 41 Sítio Machado I - Proveniência de fragmentos por intervenção (a UTM refere à coleta de superfície)

Gráfico 42 Sítio Machado I - Fragmentos por nível de proveniência

Destes fragmentos, 20 correspondem a paredes e dois a bordas (MI 04-1, com menos de 2 cm, proveniente da tradagem N910 E1008, nível 0-20; e MI 06-16, coleta de superfície). O estado de conservação apresenta acentuado grau de erosão para 86,36% dos fragmentos, sendo 9,09% com a face externa muito erodida e apenas um com ambas as faces deveras erodidas. Em todos os fragmentos analisados o alisamento foi considerado fino em ambas as faces. A confecção por roletes foi identificada como técnica de manufatura utilizada em toda a amostra.

O antiplástico identificado é exclusivamente mineral, com preponderância da granulometria igualmente distribuída entre as categorias “ $\geq 1\text{mm}$ e $< 3\text{mm}$ ” e “ $\geq 3\text{mm}$ e $< 5\text{mm}$ ”. Compondo taxa de 20% da pasta cerâmica em 68,18% da amostra analisada – o restante apresenta concentração de 10%. A composição mineral é de quartzo, feldspato e mica, com presença de óxidos ferrosos em 13,63% da amostra. Tal composição sugere que sua origem seja natural nas jazidas de argila e não um acréscimo cultural. Grânulos maiores do que 5mm são encontrados em 13,63% dos fragmentos analisados – mesmo nesta diminuta amostragem, parece-nos claro que as oleiras não se ativeram à limpeza extremada da argila, como em todos os sítios amostrados por esta pesquisa.

O Tipo 1 de queima é predominante e a coloração da face interna dos fragmentos varia entre laranja (36,36%), amarelo (27,27%) e preto (13,63%), com expressões inferiores a 10% há o marrom, vermelho e cinza.

A espessura dos fragmentos coletados varia entre 0,5 e 1,2 cm, com maior frequência na faixa entre 0,7 e 1 cm.

Apesar da baixa taxa de coleta, são das tradagens que provém os dois fragmentos (ou 9,09% da amostra) com tratamento de superfície na face externa: MI 04-1 e MI 04-2, com presença de engobo vermelho (fragmento de borda e parede, respectivamente). Ambos são provenientes da tradagem N910 E1008, nível 0-20 cm. Em um fragmento de parede proveniente da coleta de superfície (MI 06-5) identificamos a presença de engobo branco na face interna.

Estrias de alisamento foram observados no fragmento de borda MI 06-16 e no de parede MI 04-2. Fuligem na face externa dos fragmentos foram identificadas em dois casos (MI-04-02 e MI 06-7); o fragmento MI 05-1 apresenta fuligem em ambas as faces (proveniência nível 20-40 cm, da tradagem N833 E1115).

Quanto às bordas, podemos classificar do seguinte modo:

MI 06-16a e b (dois fragmentos que remontam) possuem morfologia introvertida, com inclinação interna e espessura normal. Com apenas 4% da circunferência de boca total, estimamos sua abertura em 11 cm. Possui lábio plano, com 0,7 cm de espessura, mesma espessura do fragmento.

O fragmento MI 04-1, apesar de reduzida dimensão, inferimos que seja de uma borda introvertida, com inclinação interna e espessura normal. O fragmento possui 0,6 cm de espessura, seu lábio tem morfologia arredondada e mede 0,3 cm. Não nos foi possível mensurar porcentagem da circunferência e medida da abertura.

Imagem 61 Sítio Machado I - Perfil de Borda, fragmento MI 06-16 (Face Interna à direita)

PROSA - Projeto Sudoeste Amazônico
Sítio Machado I

Fragmento de Borda MI 06-16a e b e Visão Geral dos Fragmentos Cerâmicos

Prancha 31 Sítio Machado I - a e b) Fragmento de Borda MI 06-16A e B. c) Visão geral dos Fragmentos Cerâmicos – Face Externa (Fotografias: Ader Gotardo)

7.3. Análise e caracterização do material lítico coletado

A análise do material lítico proveniente de nossas atividades de campo foi realizada por Eduardo Carvalho de Oliveira, que buscou “caracterizar a coleção de artefatos em rocha sob um ponto de vista tecnológico, através da determinação do lugar de cada peça dentro do conceito de cadeia operatória, desde a aquisição da matéria-prima, passando pela debitage, façonagem, preparo de bordos ativos, utilização, reavivagem de instrumentos, e descarte” (Oliveira 2015).

Aqui apresentaremos o tratamento curatorial dado às peças líticas e uma breve descrição da metodologia utilizada. Em sequência, apresentamos os resultados mais relevantes para o foco desta pesquisa em cada sítio e algumas considerações sobre os resultados obtidos com esta análise. No Anexo 22, disponibilizamos imagens sobre o material em questão⁴⁸.

Para os sítios em que ocorreram coletas sistemáticas de superfície, foram coletados apenas líticos polidos, com raras exceções de peças lascadas. Nos sítios Vida Nova, Jardim da Vida e Machado I não foram coletadas peças líticas. Para os dois primeiros, os artefatos líticos conhecidos compõem coleções particulares e não foram incorporados às nossas coletas por solicitação dos moradores. Para o sítio Machado I, apenas recebemos a informação oral dos moradores da existência de lâminas polidas, mas não vimos nenhum exemplar.

Os vestígios líticos coletados foram submetidos aos processos de curadoria, triagem e numeração, semelhantes aos empregados na análise cerâmica, respeitando suas especificidades. A numeração seguiu o mesmo padrão adotado para os fragmentos cerâmicos, composta pela sigla de cadastro do sítio no IPHAN, na ausência desta adotamos a combinação das letras iniciais do sítio, o Número de Proveniência referente ao nível de origem e um número sequencial para este, acrescido da letra “L”, indicando tratar-se de lítico (p.ex. RP 01-35L – fragmento do sítio Rainha da Paz, retirado do nível 0-10 cm, que recebeu, durante a escavação, o PN 01). O gráfico 43 contabiliza os sítios com presença de vestígios líticos e sua quantidade.

⁴⁸ A descrição e análise detalhadas dos materiais líticos resultantes das atividades de campo desta pesquisa integram um manuscrito que será futuramente submetido à publicação.

Gráfico 43 Sítios Amostrados e quantidade total de material lítico coletado.

Foram considerados elegíveis à análise detalhada e individual aquelas peças com dimensões maiores do que um centímetro. Quando com dimensões inferiores, mas com atributos positivos de lascamento unipolar (faces interna e externa definidas, talão, bulbo, etc.) receberam a numeração individual e foram adicionadas à análise detalhada. Aquelas em que tais características eram ausentes, foram classificadas como resíduos de lascamento e apenas contabilizadas. Portanto, foram analisados 82,35% da amostra do sítio 5 Irmãos, 45,42% do Rainha da Paz, 54,24% do Rainha da Paz II, 77,78% do Sítio Gabriel e 100% do Santa Ana, apenas um vestígio (relação exposta no gráfico 44).

Gráfico 44 Peças líticas analisadas e aquelas apenas contabilizadas por sítio (valores absolutos).

Durante a análise foram observados os seguintes atributos: matéria-prima (tipo de rocha ou mineral), suporte da matéria-prima (bloco, seixo, plaqueta, cristal), técnica de transformação (ausente/rocha bruta, lascamento unipolar, lascamento bipolar/espátifamento, picoteamento, polimento), tipo de vestígio produzido (sem alteração, lasca, fragmento de lasca, lasca fragmentada, resíduo de lascamento, percutor, núcleo, instrumento, etc.), presença/ausência de córtex, presença/ausência de sinais de queima e presença/ausência de marcas de uso. Cada tipologia recebeu o tratamento pertinente, sendo acrescentada a análise de atributos exclusivos.

Mais pertinente para o escopo da atual pesquisa, é a presença de instrumentos polidos em todos os sítios amostrados, abundantes na região. Abundância expressa inclusive na toponímia do principal curso d'água, o rio Machado ou Ji-Paraná. Para estes instrumentos, a análise realizada por Oliveira (2015) compreendeu na medição do comprimento, largura e espessura da peça, em relação ao eixo morfológico, além de uma descrição pormenorizada de cada um. Alguns fragmentos de rochas ígneas que possuem uma das faces totalmente polida, e não apresentam os atributos tecnológicos de debitage ou façonagem: foram classificadas pelo autor como “resultantes do uso de instrumentos polidos”.

7.3.1. Sítio Rainha da Paz - Observações sobre as peças líticas coletadas

O sítio arqueológico Rainha da Paz, como já descrito, resultou em maior quantidade de coleta de vestígios dentre os sítios abordados neste projeto. Neste sítio escavamos uma unidade (1 m²), e os resultados para peças líticas estão descritos no gráfico 45. A escavação foi interrompida aos 40 cm, ao atingirmos o embasamento rochoso. Assim como para os vestígios cerâmicos, esta unidade apresentou grande densidade de vestígios líticos, sempre associados, em todos os níveis. Além da unidade, seis tradagens foram positivas para o material lítico, conforme gráfico 46.

Gráfico 45 Sítio Rainha da Paz - Unidade N10.000 E10.000, nível de proveniência do material lítico.

Gráfico 46 Sítio Rainha da Paz – Tradagens positivas para material lítico e respectivos níveis de proveniência (valores absolutos).

Da amostra total, apenas uma peça foi coletada em superfície, em área de pastagem. Trata-se de uma lâmina polida de machado (RP 102-1L). Do total de 718 peças líticas coletadas, 329 foram numeradas e analisadas.

Entre a amostra analisada para este sítio, a maioria foi reconhecida como disponível no seu próprio entorno. No entanto, 3% da amostra total representa rochas exógenas com diferentes distâncias de ocorrência. Com 2% da amostra total, o basalto, em forma de lascas unipolares e resíduos de lascamentos, possui ocorrência apenas a cerca de 200 km

de distância, a Oeste, da área focal de nossa pesquisa. De acordo com o Mapa Geológico do Estado de Rondônia (Scandolara 1999), sua ocorrência principal no Estado está na região das nascentes dos rios Pacaás Novos, Jaciparaná e Jamari – na serra dos Pacaás Novos (*idem*). Casos raros ocorrem na bacia do rio Roosevelt, já no estado do Mato Grosso, com aproximadamente a mesma distância. Compondo 1% da amostra total (ou três peças), estão aquelas elaboradas em arenito, na forma de lascas unipolares, e podemos considerar outra presença exógena. Este mineral tem sua ocorrência mais próxima do sítio Rainha da Paz a cerca de 30 km, sentido Nordeste, na área da falha geológica da Providência, mesma região do sítio São Gabriel. Estes casos podem ser considerados claros indicadores de mobilidade, apesar da baixa frequência. O gráfico 47, ilustra as matérias-primas presentes na amostra.

Gráfico 47 Sítio Rainha da Paz - Matéria-prima das peças líticas (valores absolutos).

Por sua vez, 6% da amostra é composta por granitoides e a eles estão sempre associadas as peças polidas ou fragmentos delas. Afloramentos de matacões e blocos de granito são abundantes no entorno do sítio, tanto quanto na região em geral – também o são as bacias de polimento, que pudemos identificar no entorno imediato do sítio Rainha da Paz – estas são características comuns à região e aos sítios arqueológicos pesquisados.

Outro mineral que merece destaque é a mica, que está presente em 6% da amostra em forma de plaquetas. As análises líticas não identificaram relação entre este mineral e processos de lascamento ou polimento, tampouco marcas de uso. Sendo inadequado para os processos citados, por apresentar estrutura muito friável, este mineral pode estar

associado à produção cerâmica, reforçando a hipótese elaborada no Item 7.2.1 podendo representar um acréscimo cultural à argila, na condição de antiplástico.

Para Oliveira (2015), as análises indicam que grande parte da coleção (92%) é composta por peças vinculadas às diversas etapas das cadeias operatórias de produção de instrumentos lascados e polidos. Para o autor, os produtos de lascamento unipolar, que preservam alguma porção cortical, indicam que as rochas silicosas (principalmente o silexito) foram obtidas em forma de seixos rolados, seja no próprio leito das drenagens (peças com córtex lustroso), seja em cascalheiras enterradas, formadas por antigos cursos d'água (peças com córtex liso, sem lustro).

A análise lítica, em 71% da amostra, aponta para “processos mecânicos de fragmentação posteriores ao lascamento”, indicando rolamentos ou pisoteamento. A ausência de objetos formais entre a amostra e os constantes sinais de queima nas peças, sugerindo o uso dos fragmentos de lascas ou resíduos de lascamento próximos a fogueiras, parecem caracterizar um contexto de descarte secundário, ou uma lixeira. Neste caso, podemos estabelecer uma correlação positiva com o contexto cerâmico escavado e, portanto, assumi-lo como verdadeiro.

As peças líticas polidas, principalmente lâminas de machado, compõem grande parte do acervo do CPMRARO. Maria Coimbra de Oliveira às classificou em mais de uma dezena de morfologias (comunicação pessoal, 2011; com alguns exemplares representados na prancha 33, abaixo). Durante nossas atividades de escavação no sítio Rainha da Paz, pudemos coletar dois exemplares inteiros (RP 04-1L e RP 120-1L), sendo um em superfície, uma pré-forma e diversos fragmentos graníticos com polimento em alguma das faces, além de um provável polidor “manual”. A seguir comentaremos, conforme Oliveira (2015), os resultados de análise das duas lâminas citadas e duas prováveis pré-formas.

A peça RP 04-1L (Imagem 62), é uma lâmina inteira, de formato trapezoidal, com lados elípticos. Mede 42 mm de comprimento, 60 mm de largura e 22 mm de espessura. O gume é reto, de bisel simétrico tanto em relação às faces quanto ao eixo da peça. O talão é plano no sentido do comprimento e da largura. Em relação às adaptações para encabamento, há ombros em ambos os lados, com picoteamento na porção mesial, mas

sem faixa picoteada nas faces. Quanto às marcas de uso, foram observados micro-lascamentos em toda a extensão do gume. Trata-se de uma peça relativamente pequena, indicando reavivamento ao limite. As análises sugerem que o descarte tenha sido feito por perda de funcionalidade.

Imagem 62 Rainha da Paz – Lâmina polida, RP04-1L. A e B: faces; C: gume; D: provável marca de uso (Fotografias: Ader Gotardo)

A lâmina RP 120-1L (imagem 63) possui formato retangular, com lados elípticos. Mede 90 mm de comprimento, 60 mm de largura e 35 mm de espessura. O gume foi considerado bastante avariado, com profundos negativos de lascamento em ambas as faces. “Entretanto, um de seus lados ficou preservado, e sugere que seria levemente convexo. O bisel remanescente não é simétrico em relação às faces. O talão é convexo no sentido do comprimento, e côncavo no sentido da largura” (Oliveira 2015). A presença de entalhe picoteado em cada lado sugere adaptação ao encabamento. Há também uma canaleta, no sentido do comprimento do talão. As marcas de uso visíveis foram micro-lascamentos no

gume. No entanto, diversos negativos de lascamento foram observados na peça, além de micro-lascamentos nos bordos. Tais características podem estar relacionadas a condições pós-deposicionais, posto que a peça foi coletada em superfície.

Imagem 63 Sítio Rainha da Paz – Lâmina Polida RP 120-1L. A e B: faces; C: gume; D e E: entalhe picoteado (Fotografias: Ader Gotardo).

Por sua vez, a peça RP 01-1L sugere ser um fragmento de pré-forma picoteada e polida, com quebra no sentido da largura. Provavelmente, a porção preservada seria o gume de uma lâmina, cuja quebra ocorreu durante o processo de picoteamento, considerando que há polimento apenas na parte periférica de uma das faces da peça.

Imagem 64 Sítio Rainha da Paz – Peça RP 01-1L. A e B: faces com vestígio de polimento; C e D: porção distal com polimento, e fratura (Fotografias: Ader Gotardo).

Por fim, a peça RP 03-61L (imagem 65) parece compor a pré-forma de instrumento, com a produção interrompida durante o processo de picoteamento. Não foram identificados sinais de polimento e sua morfologia não corresponde a nenhuma das peças polidas coletadas nesta pesquisa. A peça apresenta duas faces paralelas, lados planos, e uma

extremidade que remete ao formato de gume convexo. Por outro lado, foram notadas marcas de “esmigalhamento” por todos os bordos, sugerindo o uso como percutor.

Imagem 65 Sítio Rainha da Paz – Peça RP 03-61L. A e B: faces; C: porção distal; D: porção proximal (Fotografias: Ader Gotardo).

PROSA - Projeto Sudoeste Amazônico

Sítio Rainha da Paz

Diversidade de Lâminas Polidas proveniente de coletas assistemáticas de superfície
(Acervo CPMRARO)

Prancha 32 Sítio Rainha da Paz - Lâminas polidas na coleção do CPMRARO (Fotografias: Rodrigo Suñer).

A descrição destas peças é importante pois testemunham a confecção e uso de ferramentas de interação e alteração do meio-ambiente pela população que ocupou o sítio Rainha da Paz. Lembremos que este sítio é o único, entre aqueles localizados e amostrados por nossa pesquisa, em que o registro arqueológico é composto por terra preta, que pode ser considerada uma das expressões máximas de alteração do ambiente “natural” pelo homem amazônico (Heckenberger et. al. 1998; Neves 2006 entre outros); assim, temos o testemunho material de um quadro dinâmico de inter-relação do homem com o ambiente. Somam-se a isso aquelas peças líticas produzidas com matéria-prima exógena à região, o que sugere o raio de circulação desta população. Aceitando a premissa de que não se tratava de uma área despovoada, podemos deduzir também a existência de amplas redes de troca e interação.

7.3.2. Sítio Cinco Irmãos - Observações sobre as peças líticas coletadas

Como já dito, este sítio foi delimitado parcialmente, por meio de tradagens, e não pudemos completar as atividades por falta de autorização de pesquisa por um dos proprietários da área pela qual o sítio se estendia. Portanto, a coleta de amostras, tanto cerâmicas quanto líticas, foram prejudicadas.

Das tradagens, provieram 15 peças em sílexito classificadas como lascas unipolares (2); fragmentos de lascas (12) e lasca fragmentadas (1). Porém, são de coletas assistemáticas em superfície, na margem da estrada que corta o sítio em seu sentido longitudinal, que provêm duas lâminas polidas de granitóide, descritas abaixo (CI 100-1L e CI 101-1L). Estas lâminas foram coletadas na campanha de 2011. Durante as atividades de campo em 2015, embora tentássemos concluir as atividades neste sítio, não foi possível devido à mesma razão da campanha anterior. No ano de 2015, no mesmo corte de estrada, novamente foi possível observar fragmentos cerâmicos e lâminas polidas da mesma matéria-prima do que aquelas aqui descritas. Desta vez, não realizamos coletas.

A lâmina CI-100-1L (imagem 66), esta inteira, é completamente polida, de formato quadrangular, com lados elípticos. Mede 74 mm de comprimento, 65 mm de largura e 33 mm de espessura. O gume é convexo, de bisel simétrico, tanto em relação às faces quanto

ao eixo da peça. O talão é convexo no sentido do comprimento, e côncavo no sentido da largura. Neste exemplar, também há uma faixa picoteada, perpendicular em relação ao comprimento da lâmina, em ambas as faces, entre o terço proximal e o terço mesial. É possível observar um entalhe em cada lado e a ele soma-se uma canaleta, no sentido da largura do talão, sugerindo adaptações para encabamento. Entre as marcas de uso identificadas pela análise de Oliveira, foram visíveis três micro-lascamentos no gume, sendo que um deles é de tamanho bem maior que os demais e micro-lascamentos no bordo formado pelo encontro de uma das faces com o talão. No bordo oposto, também na linha do talão, existe um grande negativo de lascamento. Essas marcas, porém, podem decorrer do uso da lâmina, mas também podem ser pós-deposicionais, considerado seu contexto de proveniência.

Por sua vez, a lâmina CI 101-1L (imagem 67), também inteira, possui um polimento fino no gume, e grosseiro nas porções distal e mesial. Com formato trapezoidal, seus lados são elípticos. A lâmina possui as seguintes medidas: 48 mm de comprimento, 89 mm de largura e 24 mm de espessura. O gume é reto, de bisel simétrico tanto em relação às faces quanto ao eixo da peça. O talão é plano, tanto no sentido do comprimento quanto no da largura. Em relação às adaptações para encabamento, há um ombro em cada lado, assimétricos entre si. Quanto às marcas de uso, foram visíveis micro-lascamentos em toda a extensão do gume, e outros micro-lascamentos nos bordos formados pelo encontro das faces com o talão. Novamente, tais marcas são inconclusivas pois podem decorrer tanto do uso da lâmina, quanto de seu contexto de coleta. De toda forma, Oliveira considera que esta lâmina apresenta sinais de reavivamento até seu limite, “fato que é corroborado pela quase ausência de porção mesial, o que diminui, ou anula, sua influência de atuação pela própria massa – além da assimetria entre os ombros” (Oliveira 2015). Dessa forma, podemos considerar que a peça fora descartada por perda de funcionalidade.

Imagem 66 Sítio 5 Irmãos - Lâmina polida CI 100-1L. *A e B*: faces; *C*: gume; *D*: canaleta para encabamento; *F e E*: faixa picoteada para encabamento, ambas as faces (Fotografias: Ader Gotardo).

Imagem 67 Sítio Cinco Irmãos – Lâmina polida CI 101-1L. A w B: faces; C: gume; D: Detalhe do gume e provável marca de uso (Fotografias: Ader Gotardo).

7.3.3. Sítio Santa Ana - Observações sobre as peças líticas coletadas

Neste sítio arqueológico, somente uma peça de material lítico foi coletada (SA 253-01L) em superfície. As tradagens realizadas não revelaram material lítico, apenas cerâmicos em baixa densidade. Lâminas polidas, provenientes deste sítio compõem o acervo do CPMRARO, no entanto, não tivemos acesso a elas, pois, em 2015, o museu estava fechado para visitas e desprovido de equipe. Sem um inventário de sua coleção realizado, não foi possível localizar as peças. O atual uso do solo, como dito anteriormente, está voltado à agricultura manual, cultivo de café e outras frutíferas.

A peça SA 253-01L foi classificada por Oliveira (2015) como uma “pré-forma fragmentada de artefato em granitoide” (imagem 69). Este fragmento compreende à porção proximal de um grande suporte já formatado por lascamentos e estaria em estágio

de picoteamento. A fratura localiza-se na porção meso-proximal, e se estende de face a face. A análise dessa peça sugere que a fratura tenha ocorrido durante o picoteamento – o que justificaria o descarte da peça. Em conversa com o proprietário e agricultor da área, Sr. Milton, descartamos a possibilidade de a fratura ser decorrente das atividades de manejo do solo. Suas dimensões, relativamente grandes em relação aos outros artefatos polidos coletados neste projeto, são: comprimento: 104 mm, largura: 119 mm e espessura: 43 mm.

O destaque a essa peça justifica-se por ser a única representante de uma categoria de artefato polido frequente na região, diversos exemplares estão expostos na sede do CPMRARO (imagem 68). Em nossas atividades de campo encontramos penas um, que compõem a coleção particular de dona Geralda, moradora do Jardim da Vida, sítio arqueológico homônimo (Prancha 33). De acordo com seu relato, a peça foi encontrada durante atividades de cultivo manual do solo para o plantio de bananeiras. O local indicado pela moradora foi a área em que realizamos as coletas sistemáticas de superfície do material cerâmico. Durante as atividades de campo não foram identificados vestígios líticos neste sítio, além da coleção particular dos moradores.

Imagem 68 Vitrine do CPMRARO (detalhe) - Peças líticas polidas de diversos sítios, provenientes de coletas de superfície por moradores da região, como escala um paquímetro convencional com 20 cm. (Fotografia: Rodrigo Suñer, 2009).

Imagem 69 Sítio Santa Ana – Peça AS 253-1L. A e B: faces; C: porção próxima; D: porção distal e fratura; E e F: laterais da peça (Fotografias: Ader Gotardo).

PROSA - Projeto Sudoeste Amazônico

Sítio Jardim da Vida

Peças líticas polidas - coleção particular

Prancha 33 Sítio Jardim da Vida - Peças Líticas Polidas. *No alto*: peça inteira; *Centro*: Fragmento porções proximal e mesial; *Em baixo*: Fragmento da porção distal (Fotografias: Rodrigo Suñer).

<p>PROSA - Projeto Sudoeste Amazônico</p> <p>Sítio Jardim da Vida</p> <p>Peças Líticas polidas - coleção particular</p>
---	---	---

Prancha 34 Sítio Jardim da Vida - Peças Líticas Polidas, gume à direita. *No alto*: Lâminas de Machado. *Em baixo*: percutores ou pré-formas? (Fotografias: Rodrigo Suñer).

7.3.4. Sítio Rainha da Paz II - Observações sobre as peças líticas coletadas

No sítio Rainha da Paz II, além das tradagens e coletas sistemáticas de superfície, foram realizadas duas unidades de escavação contíguas, totalizando 2m² (N1043 E960 e N1044 E960). Dessas unidades provém a maior parte de materiais analisados, tanto cerâmicos, quanto líticos. Entre as tradagens, apenas uma (N960 E1000) foi positiva para peças líticas, e, em superfície, foram coletadas duas lâminas polidas (N1002 E1024). As peças líticas sempre estiveram associadas aos fragmentos cerâmicos e sua distribuição por níveis estratigráficos seguiu a distribuição cerâmica já descrita, sem sugerir se tratem de ocupações distintas. A descrição dos materiais líticos, como nos itens anteriores, segue conforme Oliveira (2015).

De um total de 271 peças líticas coletadas, 147 foram numeradas e analisadas individualmente – à exceção das duas lâminas polidas, as outras são provenientes das unidades de escavação e sua proveniência consta no gráfico 48. As 124 peças não numeradas foram classificadas como diminutos resíduos de lascamento bipolar, ou espatifamento, em quartzo (algumas imagens podem ser vistas no Anexo 21).

Gráfico 48 Sítio Rainha da Paz II - Nível de proveniência das peças líticas analisadas individualmente (valores absolutos).

De maneira sintética, os gráficos 49 e 50 apresentam as categorias de peças líticas analisadas nesta amostra e sua proveniência.

Gráfico 49 Sítio Rainha da Paz II - Categoria de peças líticas analisadas (0,68% equivale a 1 exemplar).

Gráfico 50 Sítio Rainha da Paz II – Unidades de escavação: categoria das peças líticas e nível de proveniência.

Referente à matéria-prima identificada nas análises, o quartzo é a rocha em maior presença e totaliza 87,76% da coleção. Estes fragmentos de quartzo são bastante heterogêneos entre si, apresentando diversas granulações e impurezas. Oliveira (2015) considera essa matéria-prima de pouca aptidão ao lascamento controlado, e aparenta ter sido modificada quase exclusivamente por percussão bipolar, ou espatifamento.

Com 4% da amostra, ou seis exemplares, encontra-se o granitóide, que foi identificado diretamente relacionado à produção de instrumentos polidos.

Considerada por Oliveira (2015) como a rocha mais apta ao lascamento controlado, o silexito está pouco representado na amostra: somente três peças, ou 2% da coleção.

Com apenas um exemplar de cada, aparecem na amostra o arenito, a mica xisto e o óxido de ferro. Há ainda um seixo rolado sem modificação aparente, de matéria prima indeterminada, que apresenta fortes sinais de queima, e que pode ter sido usado como pedra de fogueira. Porém, a terceira matéria-prima em quantidade é o basalto, com 5 peças, ou 3,40% da amostra total.

Retomando a inserção do sítio Rainha da Paz II na paisagem, lembremos que está inserido próximo a uma cascalheira de quartzo, onde blocos e matacões são observados em superfície. Nesta área, assim como nas peças analisadas, sua composição aparenta ser bastante heterogênea. O que pode explicar a grande presença desta rocha na amostra e indicar que o sítio seja uma área de atividades específicas dentro do padrão de assentamento. Oliveira (2015) considera as hipóteses de uma oficina lítica especializada, ou “um local de uso expediente de matéria-prima local”.

Por outro lado, assim como observamos no sítio Rainha da Paz, a presença de peças confeccionadas em basalto e arenito apontam aspectos de mobilidade dos antigos habitantes deste sítio. Chama a atenção, a baixa presença de peças em silexito, matéria-prima abundante na região, reforçando a hipótese de uso preferencial da matéria-prima imediatamente associada à área de ocupação. Essa hipótese permite também a pergunta inversa: não seria a disponibilidade imediata desta matéria-prima que atraiu a ocupação da área? A estas perguntas, retornaremos mais à frente.

Retomando à presença de lâminas polidas, foram coletadas duas amostras neste sítio (RPII 104-1L e RPII 104-2L). Ambas provenientes de coletas sistemáticas de superfície, expostas pela ação de arado mecanizado para o preparo do solo para plantio de milho.

A lâmina RPII 104-1L (imagem 70) é peça inteira, confeccionada em granitóide, com polimento somente no gume, e picoteamento nas porções distal, mesial e proximal. Seu formato é trapezoidal, e os lados são elípticos. Suas dimensões são: 68 mm de comprimento, 77 mm de largura e 20 mm de espessura. O gume é convexo, de bisel simétrico em relação às faces, e assimétrico em relação ao eixo da peça. O talão é plano no sentido do comprimento e também da largura. A peça apresenta ombros nos dois lados, bastante assimétricos entre si. As marcas de uso são micro-lascamentos por todo o gume. Oliveira (2015) aponta quebras nos bordos formados pelo encontro do talão com as faces, ligados possivelmente ao encabamento e que a assimetria entre os ombros tenha sido gerada “pela frequente reparação por novos picoteamentos e polimentos”.

Por sua vez, a lâmina RPII 104-2L (imagem 71) é peça em granitóide, com polimento total em ambas as faces, de formato trapezoidal e lados elípticos. Sua morfologia é muito semelhante à RPII 104-1L. Com medidas de 63 mm de comprimento, 90 mm de largura e 24 mm de espessura, apresenta gume retilíneo, de bisel simétrico em relação às faces, e assimétrico em relação ao eixo da peça. O talão é plano no sentido do comprimento e também da largura. A peça possui ombros dos dois lados, assimétricos entre si. Entre as marcas de uso identificadas estão micro-lascamentos por todo o gume, sendo um deles muito maior que os demais. Também foram observadas quebras nos bordos formados pelo encontro do talão com as faces, “ligados possivelmente ao encabamento”, e “os lados, na porção mesial, logo abaixo dos ombros, foram mantidos picoteados, também como forma de facilitar a prensão de encabamento”, considera Oliveira (2015). Essa lâmina possui grande assimetria em relação ao eixo morfológico, especialmente no sentido da espessura. Apresenta muitos negativos de lascamento nas faces e nos lados. “Nas faces, há vestígios de algumas etapas distintas de polimento e picoteamento. Provavelmente, esta lâmina passou por algumas etapas de reavivagem e reutilização”, conclui Oliveira.

Imagem 70 Sítio Rainha da Paz II – RP11 104-1L, lâmina polida. *A e B*: duas faces *C*: porção distal (gume); *D*: proximal (talão) (Fotografias: Ader Gotardo).

Imagem 71 Sítio Rainha da Paz II – Peça RPII 104-2L. Lâmina polida. **A e B:** Faces; **C:** Porção Distal (gume); **D:** Porção Proximal; **E:** Detalhe do gume e provável marca de uso (Fotografias: Ader Gotardo).

Por fim, é importante considerar que, de modo geral, as peças líticas provenientes das unidades de escavação N1043e N1044 E960, apresentam características gerais semelhantes às analisadas para o sítio Rainha da Paz. Foram frequentes a identificação de quebras (resultantes de rolamentos ou pisoteamento) e marcas de queima posteriores aos processos de lascamento. E, ao que tudo indica, estas condições remetem ao um contexto de lixeira, como também pudemos observar através da análise cerâmica, exposta anteriormente. Tais informações trazem robustez à esta hipótese interpretativa do

contexto deposicional escavado no sítio Rainha da Paz II: uma área de descarte, associada a atividades cotidianas.

7.3.5. São Gabriel – Observações sobre as peças líticas coletadas

No sítio São Gabriel, as atividades de escavação incluíram tradagens, a escavação de uma unidade (1 m²) e coletas sistemáticas de superfície. A unidade de escavação e uma tradagem foram positivas para material lítico lascado, sempre proveniente de níveis associados aos vestígios cerâmicos. Além disso, quatro peças provêm de coletas sistemáticas de superfície, e completam a coleção. Também compõem a coleção analisada por Oliveira (2015) uma lâmina polida fragmentada (SG 09-1L). Esta peça foi doada por um funcionário do cafezal (atual uso do solo do sítio arqueológico) que, interessado em nosso trabalho, foi andar pelos arredores tentando lembrar-se onde havia visto uma “pedra de raio”. Minutos depois, voltou com a citada peça e nos entregou. A proveniência geral das peças aqui comentadas encontra-se no gráfico 51. Como dito, o sítio São Gabriel, encontra-se na área da falha geológica Providência, região em que são frequentes os matacões e blocos de arenito, também suporte para gravuras rupestres (Oliveira 2013).

Gráfico 51 Sítio São Gabriel - Proveniência das peças líticas numeradas (valores absolutos).

No total, foram coletadas 18 peças. Destas, 14 receberam numeração de curadoria. As peças não-numeradas compreendem um fragmento de lasca cortical em sílexito e três resíduos de lascamento em quartzo. As peças numeradas foram então analisadas e classificadas de acordo com a tabela 1. Suas imagens estão disponíveis no Anexo 21.

Vestígio	Quantidade
Fragmento de Lasca	3
Fragmento de Polido	1
Lâmina Polida Fragmentada	1
Lasca	2
Lasca Retocada	1
Resíduo de Lascamento	6

Tabela 1 Sítio São Gabriel - Categorias e quantidades dos vestígios líticos coletados

Gráfico 52 Sítio São Gabriel - Categoria das peças líticas e nível de proveniência (o intervalo 0-20 cm é o único referente a proveniência de tradagem).

No gráfico abaixo, podemos ver a matéria prima das peças coletadas:

Gráfico 53 Sítio São Gabriel: Matéria-prima das peças líticas (valores absolutos).

As peças que comentaremos serão apenas aquelas que receberam polimento, e são apenas duas. O acervo do CPMRARO possui exemplares de lâminas polidas provenientes deste sítio, doadas por moradores ou coletadas de modo assistemático por sua equipe. Não obtivemos maior acesso a essas peças pelas restrições da instituição citadas anteriormente.

A peça SG 222-1L (imagem 72) é um pequeno fragmento de artefato polido em arenito friável, de morfologia indefinida e não apresentou muitos atributos classificatórios por sua condição precária de preservação. No entanto, ilustra o uso diversificado desta matéria-prima (lascas unipolares SG 246-2L, coleta sistemática de superfície, e SG 102-1L, unidade de escavação N1003 E1001, nível 10-20 cm).

Imagem 72 Sítio São Gabriel - SG 222-1L Fragmento de artefato polido em arenito, ambas as faces (Fotografias: Ader Gotardo).

A peça SG 09-1L é uma lamina polida fragmentada, em granitóide de granulação fina e homogênea. A porção proximal está ausente, além de uma pequena parte da porção mesial. De qualquer forma, a porção distal está presente, o que permite alguma descrição pormenorizada. Todas as porções remanescentes são finamente polidas, e os lados têm o mesmo bisel do gume, em toda sua extensão preservada. O gume é convexo, de bisel simétrico tanto em relação às faces quanto ao eixo da peça. Como dito, o talão está ausente. Na parte preservada da porção mesial, é possível ver um entalhe picoteado, que muito provavelmente existia no outro lado. Oliveira (2015) aponta a possibilidade da existência de uma faixa picoteada em ambas as faces, ligando os entalhes e identifica como marcas de uso, visíveis micro-lascamentos em toda a extensão do gume e nota que algumas dessas marcas aparecem também nos dois lados da lâmina, chegando até o entalhe preservado (imagem 73).

Imagem 73 Sítio São Gabriel – Lâmina Polida Fragmentada (SG 09-11L). *A e B*: faces; *C*: detalhe do gume (Fotografias: Ader Gotardo).

7.3.6. Considerações gerais sobre as peças líticas coletadas

Os sítios Rainha da Paz e Rainha da Paz II, além de grande proximidade espacial, apresentam peças líticas em matérias-primas exógenas ao seu entorno que sugerem raios de mobilidade de suas populações pretéritas entre 30 e 200 km (seja indo ou vindo, seja intermediada por outras populações ou não). Novamente assumindo como premissa que à época, este raio de ação não ocorreu em uma área despovoada, seriam inevitáveis a existência de redes de troca e interação social. Por outro lado, a utilização de rochas disponíveis no entorno imediato dos sítios pode indicar, em caráter temporário, algo além de uma indústria lítica “expedita”; mas também a exploração bem adaptada de um leque de recursos diversificado e não restritivo, dispersa no território conhecido por estas populações pretéritas.

A ampla presença de lâminas polidas e sua diversidade, sugerem uma intensa produção local destes artefatos. As marcas de uso presente nestas peças, embora algumas vezes inconclusivas devido ao contexto dos achados, indicam a manutenção, reativamento e utilização delas com frequente intensidade. Tais características sugerem, ainda, uma constante alteração e transformação do meio “natural” por estas populações. Dessa forma, podemos pressupor não apenas o domínio na manufatura, mas também no uso destes instrumentos, que indiretamente indicam um grande poder de intervenção e aproveitamento nos espaços, permitindo a exploração diversificada de recursos de caráter econômicos ou não.

As peças líticas associadas aos sítios Jardim da Vida e Santa Ana e aquelas expostas na sede do CPMRARO, embora carentes de análises mais detalhadas e de exemplares provenientes de contextos arqueológicos mais seguros, sugerem aplicações como “enxós” ou pilões. Em ambos os casos, representariam instrumentos de transformação. Fosse do solo, de alimentos ou de outros produtos como pigmentos ou rochas para a pintura de corpos, para a produção cerâmica, talvez? Os exemplares conhecidos são de dimensões e pesos que podem restringir o transporte regular e dificultam o manuseio por períodos prolongados. Então, se utilizados com pilões, poderiam estar associados a “produções” em ampla escala? Ou ainda, estariam eles associados a contextos simbólicos e não econômicos? Para a resolução destas questões, precisamos aguardar a ampliação das pesquisas na região.

8. Considerações Finais: fragmentos cerâmicos, paisagem e construção de território

Passadas as descrições tanto dos sítios pesquisados quanto dos materiais coletados, é necessário perguntar: o que nos dizem estas informações?

Nesta pesquisa, nosso objetivo esteve em caracterizar o material cerâmico a partir de seus atributos tecnológicos e em que medida estes refletiram as escolhas culturais realizadas nas diferentes etapas envolvidas na confecção dos artefatos.

A partir da noção de “variabilidade” cunhada por Schiffer e Skibo (1997), entendida como as diferenças e semelhanças dentro de um determinado tempo e espaço, buscamos observá-la dentro da cadeia operatória dos artefatos (*idem*: 27) e, ainda baseados em Schiffer (1992), utilizamos a diferença estabelecida entre variabilidade e variação. Sendo que variabilidade se refere a um amplo espectro espaço-temporal, é dentro deste espectro que são construídas sequências baseadas nas “variações” observadas. Assim, buscamos compreender a variabilidade tecnológica interna e externamente aos sítios, na comparação/correlação entre os oito sítios arqueológicos amostrados.

Também incorporamos a noção de performance estabelecida por Schiffer (2010) que, em suma, refere-se à capacidade de um artefato desempenhar determinadas interações a partir de suas características constitutivas (i.e. entre as escolhas tecnológicas adotadas, materiais empregados e os resultados produzidos).

De modo complementar a estes conceitos, adotamos a noção de estilo tecnológico entendido como integrante de uma tradição cultural, expresso por um leque coeso, mas não imutável, de escolhas tecnológicas empregadas na confecção de artefatos (Dias e Silva 2001). Esta noção nos permite entender “estilo não apenas como um padrão material que se manifesta na morfologia e decoração dos artefatos, mas também como algo que é inerente e subjacente aos processos de produção a partir dos quais estes aspectos visuais são uma resultante” (*idem*: 96).

Isso posto, voltemos à pergunta que iniciou este capítulo. As amostras coletadas variam em dimensão e estado de conservação, dificultando diversos aspectos da análise cerâmica.

Os fragmentos cerâmicos sofreram um alto grau de intemperismo, comprometendo, em maior ou menor grau, a conservação de características como o tratamento e o acabamento de superfície aplicados aos recipientes ou às peças cerâmicas que um dia compuseram. A alta taxa de fragmentação encontrada durante as escavações e coletas sistemáticas de superfície reduzem drasticamente a confiabilidade para reconstituições de morfologias, a estimativa de dimensões e os volumes daquelas que poderiam ter sido as peças originais. Dessa forma, estaria então limitado o estudo destes fragmentos à sua descrição e ilustração? Não cremos.

Alguns aspectos tecnológicos destes fragmentos ainda preservam uma grande quantidade de informações sobre sua proveniência, suas características e, talvez, até seus significados. Sabemos, no entanto, que a ampliação de pesquisas na região é necessária e em breve, esperamos, nossos dados devam ser complementados, refinados ou até mesmo refutados; pois é com o acúmulo referenciado de conhecimento que se constitui o acervo de saberes de um campo científico. Portanto, estamos cientes de que nossas interpretações e hipóteses possuem um caráter temporário; elas são desprovidas de pretensões definitivas, mas podem contribuir às pesquisas futuras na região.

O precário estado de conservação dos fragmentos analisados não nos parece decorrer apenas das condições de conformação das amostras, das técnicas de amostragem em campo ou pelo fato de estarem expostos a todo tipo de intemperismo que ocorre na região desde o momento de descarte. Talvez esta condição também decorra como resultado inesperado de algumas escolhas tecnológicas realizadas por aquelas oleiras do passado.

Como visto, a pasta cerâmica é composta por antiplástico mineral de alta granulometria e densidade, em torno de 20%. Em toda a coleção, onde não foram identificados tratamentos ou acabamentos plásticos de superfície além do alisado, pode-se notar a saturação mineral da pasta e seu decorrente aspecto áspero. Mesmo em níveis mais profundos – onde espera-se que haja condições mais estáveis de preservação, com menor exposição às variações climáticas, impactos ou choques, lixiviação ou processos mecânicos de transporte (como a limpeza de um terreiro ou a capina de uma plantação) – encontramos fragmentos frágeis, que poderiam erodir durante o processo de lavagem ou a manipulação para análise. Certamente, esta característica intrínseca à cerâmica aqui analisada não favoreceu às condições de preservação. Por sua vez, o solo de matriz

arenosa predominante na região pesquisada, as baixas taxas de sedimentação comuns à formação geológica e o intenso uso antrópico do solo nas últimas quarenta décadas, desde a supressão vegetal à implementação de agricultura e pastagens, influenciaram significativamente este que ainda é o mais persistente e abundante vestígio arqueológico material em terras amazônicas.

Se o antiplástico, com sua alta granulometria e porcentagem na pasta, proporcionou condições negativas à preservação ao longo do tempo, é de suas características que podemos inferir alguns aspectos relativos à cerâmica arqueológica pesquisada. Sua composição mineral, rica em quartzo, feldspato e mica, pode ser encontrada naturalmente em jazidas de argila. Se, por um lado, o aspecto anguloso dos grãos de quartzo possa sugerir adição à pasta cerâmica, seja como areia ou como rochas esmigalhadas, trata-se de um dos minerais mais complexos para inferências definitivas neste sentido (Rice 1987: 410-11). No caso dos Asurini do Xingu, a presença deste mineral na pasta cerâmica não decorre de um acréscimo à argila, mas sim da escolha, pelas oleiras, de fontes de argila que atendam certas características de performance conhecidas e conscientemente buscadas (Silva 2008: 225)⁴⁹.

Considerando esse correlato etnoarqueológico, pensemos, pois, quais características de performance podem ser atribuídas à cerâmica arqueológica aqui analisada. É ainda na fase de conformação dos roletes e modelagem que seus primeiros atributos podem ser observados. Proporcionando boa plasticidade à argila, a presença de minerais na pasta favorece a etapa de secagem, pois quando em granulações variadas, como é o caso de toda a cerâmica aqui analisada, permitem a evaporação da água em um espaço mais curto de tempo – com exceção daqueles recipientes mais densos ou com paredes mais largas. Por outro lado, a resistência do pote durante este estágio é comprometida e rachaduras ou deformidades podem surgir, uma vez reduzida sua “*green strength*” (Rice 1987: 67-70). Isso poderia explicar a constante presença de reforços, como rebocos, em fragmentos presentes em todos os sítios, e a “deformidade” descrita para o Recipiente 1, a urna funerária do sítio Rainha da Paz.

⁴⁹ Como já afirmado, por considerarmos os Asurini do Xingu um dos casos mais exaustivamente estudados de etnoarqueologia amazônica e Tupi, recorreremos à sua correlação constantemente, confrontando nossos dados arqueológicos com dados específicos deste caso.

Por outro lado, é na etapa de queima que se pode observar uma grande vantagem dessa composição de pasta. Minerais como o quartzo apresentam menores taxas de dilatação e retração, reduzindo o trabalho realizado pela argila durante a queima e diminuindo a ocorrência de fraturas neste estágio de produção. O aumento da porosidade, decorrente da variedade de espessura dos componentes, reforça esta performance no estágio de queima (Rice 1987: 68-9). É provável, dado o contexto geomorfológico da região e a quase ausência de vestígios vegetais na pasta cerâmica, que jazidas primárias de argila tenham sido exploradas pelas oleiras. Análises arqueométricas dos fragmentos e de prováveis fontes de argila poderiam fornecer informações detalhadas da composição mineral de ambas, ampliando as informações sobre estas características de performance (Rice 1987: 44-47; Silva 2008: 224)⁵⁰.

Como visto, a limpeza esmerada da argila não compunha as prioridades destas antigas oleiras; pequenos seixos alongados e de arestas arredondadas de quartzo, com espessura equivalente ou até superior ao fragmento são constantes. Se este tipo de intrusão pode fragilizar o recipiente final, favorecendo o surgimento de quebras, reduzindo sua “força” ou resistência ao impacto; é a variedade de espessuras do antiplástico e o grau de porosidade proporcionado por ele que resultarão em recipientes mais resistentes ao impacto (Rice 1987: 104). Neste sentido, a variabilidade da granulometria do antiplástico são características que poderiam agir como vetores opostos na durabilidade dos recipientes. Porém, as vantagens do antiplástico obtidas na plasticidade geral da argila, no ganho de performance nos estágios de secagem e de queima, parecem compensar o risco representado nas etapas de confecção.

Ainda referente ao antiplástico, a ocorrência de mica na pasta cerâmica de todos os sítios analisados merece atenção. Este mineral pode ser encontrado naturalmente na argila, um subproduto de sua rocha mãe, o granito. Sua presença seria coerente com a hipótese de exploração de jazidas primárias de argila. Porém, há indicativos de ser um acréscimo cultural, no sítio Rainha da Paz, como sugere a análise lítica (Oliveira 2015), bem como nos outros sítios, por aparecer em proporções expressivas em alguns fragmentos.

⁵⁰ Sobre as diferentes composições mineralógicas entre jazidas primárias e residuais e suas influências na performance térmica cf. Rice, 1987: 36-50.

A presença deste mineral, quando abundante na pasta, tende a causar deslocamentos, proporcionando a erosão laminar por camadas, ou ainda promover o desprendimento de partes dos recipientes. Embora este comportamento esteja raramente associado aos recipientes cerâmicos roletados⁵¹, este mineral pode promover a disjunção ou “descolamento” dos roletes, assim como das placas – quando esta é a técnica de manufatura (Rice 1987: 67-8). De modo geral, este mineral tende a criar disjunções em seu sentido de orientação preferencial que, no caso de roletes está na superfície externa destes (Rye 1981: 61; Rice 1987: 74). Vimos que a confecção por roletes é predominante em nossa amostra, mas também vimos que a disjunção entre roletes não é incomum (p.ex. as peças RP 05-12 e SG 213-4, especificamente abordadas adiante).

Se, por um momento, desconsiderarmos a presença de qualquer tipo de acabamento plástico de superfície, à exceção do simplesmente alisado, este mineral pode auxiliar na compreensão da reduzida taxa de preservação das superfícies dos fragmentos cerâmicos. Durante a confecção do recipiente cerâmico é criada uma fina camada, externa e interna, resultante do processo de alisamento e junção dos roletes. Se nesta fina camada ocorresse uma grande concentração deste mineral, ou se a peça recebesse um banho dessa mesma argila, poderíamos esperar uma espécie de “deslocamento”, ou a erosão laminar, tanto na superfície, quanto na junção de roletes. Ou seja, naquelas partes em que a argila apresenta menor variedade granulométrica (Rice 1987: 74).

A presença de banhos ou barbotina foi outra característica notada em todos os sítios e, aqui, pode residir outra explicação para a “ausência” de superfícies bem preservadas entre os fragmentos. Esta explicação estaria nos diferentes coeficientes de expansão, durante a etapa de queima, que ocorrem entre o corpo do recipiente e o banho aplicado. Porém, este fenômeno pode ser contornado pela redução do intervalo entre a secagem do banho aplicado e a queima final do recipiente (Rice 1987: 150). Desse modo, sustentar esta hipótese carregaria o pressuposto de certa inabilidade na confecção de potes cerâmicos.

Para o caso das disjunções de roletes, a aplicação e a união destes em diferentes estágios de secagem pode auxiliar a explicação sobre os recipientes em que as partes (bojo, borda etc.) são confeccionadas separadamente e depois unidas (Leeuw 2002: 253).

⁵¹ A técnica de confecção por roletes tende a expressar fragilidades inerentes (Shepard 1971: 57-59).

A presença de minerais na pasta cerâmica também oferece boa performance térmica, tanto para o isolamento quanto para a condutividade de calor, tornando-os mais adequados à exposição ao fogo para a cocção em geral (Schiffer & Skibo 1997: 37). A presença de fuligem em parte representativa da amostra ainda sugere que este tenha sido um dos usos frequentes das cerâmicas coletadas⁵². Em especial daquelas provenientes de contextos de lixeira, ou refugio secundário (Schiffer 1995), como é o caso do sítio Rainha da Paz e Rainha da Paz II, pois naqueles contextos é esperada maior representatividade de fragmentos oriundos de potes que receberam uso cotidiano ou mais frequente (Silva 2008: 259-60).

No entanto, esta vantagem térmica é obtida a custo da resistência ao impacto, reduzindo a durabilidade dos recipientes. Se o tipo de antiplástico favorece a condutividade de calor, a porosidade da pasta cerâmica, obtida pela diversidade granulométrica daquele, e a confecção de recipientes com poucos ângulos, além de ampliarem a resistência ao choque térmico, podem ser alternativas para contornar o efeito colateral de fragilidade do recipiente (Rice 1987: 104; 229-30). De toda forma, recipientes de uso frequente são mais propensos à fadiga das áreas de junção ou a “acidentes domésticos”. As características de baixa resistência ao impacto podem ser restritivas ao transporte destes recipientes por longas áreas, exigindo maior zelo ou cuidado.

Recipientes com paredes finas, por sua vez, otimizam a performance térmica ao necessitarem de menos tempo e combustível para alcançar altas temperaturas de cocção. No entanto, não oferecem a resistência física para atividades como processar, misturar ou manipular o que esteja no interior do pote (Rice 1987: 227). Caso esta seja sua intenção, a cozinheira deve se valer de potes com paredes mais grossas que, embora mais lentos para alcançar altas temperaturas em seu interior, oferecem melhor resistência física. Se este for o caso para as cocções praticadas nos sítios arqueológicos estudados, isso explicaria a variação na espessura dos fragmentos amostrados com presença de fuligem em alguma das faces.

⁵² A baixa taxa de fragmentos com presença de fuligem na amostra geral, e sua presença associada a películas de alimento, também em níveis mais profundos de escavação, torna remota sua presença decorrer de fatores pós-deposicionais.

Se, em um primeiro momento, somos levados a crer que a espessura do pote *deve* aumentar na mesma medida em que seu tamanho, e potes maiores requerem paredes mais grossas, os recipientes 1 e 2 do sepultamento Rainha da Paz (com marcas de fuligem na face externa no estilo *fire clouds*, sugerindo uso primário associado à cocção), comparados ao fragmento RPII 108-1, nos mostram que nos contextos aqui analisados isso *pode* ocorrer, mas não obrigatoriamente *deve* acontecer. Os recipientes 1 e 2, com alturas superiores em torno de 40 cm, abertura de boca em cerca de 37 e 30 cm respectivamente, e maior diâmetro do bojo em cerca de 40 cm, possuem espessura média de 1 cm, inclusive na base. O fragmento RPII 108-1 possui espessura de 1,3 cm. Através da reconstrução de sua morfologia, estimamos a altura em cerca de 26 cm, diâmetro de borda em 32 cm e 34 cm de bojo⁵³.

Como dito anteriormente, a correlação entre o RPII e o *Japepa'í* dos Asurini do Xingu, nos parece pertinente. E esta correlação pode ser estendida para além da morfologia, também para sua função. O *Japepa'í* é um pote de cocção, de uso cotidiano e costuma receber algum tratamento impermeabilizante à face interna, embora empregos diferentes como o uso para estocagem tenham sido observados por Silva (2008: 248-9). Por sua vez, no RPII 108-1, não observamos qualquer tipo de acabamento de superfície além do simplesmente alisado. Com morfologia esférica, bordas extrovertidas de inclinação externa e base convexa, este recipiente atenderia a todos os requisitos de performance para ser interpretado como um pote de cocção com manipulação interna. Se válida a interpretação, teríamos diferenças na espessura dos recipientes associadas a diferentes técnicas de cocção, não exclusivamente de alimentos.

Neste momento é oportuno mencionar as análises paleobotânicas realizadas por Jennifer Watling (Watling 2015), a partir de fragmentos cerâmicos do sítio Rainha da Paz⁵⁴. Referente a cultivares domesticados, as análises foram positivas para a presença de grãos de amido de *Zea mays* (milho), *Phaseolus/Inga spp.* (feijão) e *Cucurbita sp.* (abóbora). Fitólitos de frutos de palmeira, inclusive carbonizados, foram identificados e sugerem o processamento deste alimento, não pela cocção, mas, para a confecção de bebidas

⁵³ Embora estejamos comparando dois sítios arqueológicos diferentes, o fazemos por apresentarem recipientes inteiros ou com alto grau de confiabilidade para a reconstituição morfológica das peças. Fragmentos de bordas que remetem à morfologia do RPII 108-1 também foram identificados no sítio Rainha da Paz, em espessuras semelhantes.

⁵⁴ A descrição e análise detalhadas dos resultados paleobotânicos integram um manuscrito em preparação que será futuramente submetido à publicação.

fermentadas. A presença dos fitólitos queimados decorreria do reuso do recipiente para a cocção de outros alimentos (Watling 2015). Dentre estas espécies comestíveis, as três primeiras não costumam ser consumidas antes do emprego de alguma técnica de cocção, podendo, ainda, serem processadas e manipuladas antes e durante a cocção.

Lévi-Strauss, em passagem pelo rio Ji-Paraná (alto curso), acampou entre os Tupi-Kawahíb. À noite, serviram-lhe como jantar “cauim e um ensopado de feijões gigantes” (1996: 331). Mas antes de se refestelar, comenta que, para a produção da bebida (à base de milho socado), fora necessário que se cumprisse um “ciclo complicado de misturas e fervuras, mexido pelas mulheres (...)” (*idem*: 331). Embora não esteja muito claro na descrição, este processo parece ter durado meia tarde de cocção. A bebida foi consumida antes do processo de fermentação, que demandaria um ciclo de descanso. O antropólogo ainda descreve a existência de plantações de feijão, milho, pimentas, inhames, mandioca e outros cultivares, complementados pela “coleta de produtos silvestres” (*ibidem*: 329-31).

Voltando ao recipiente RPII 108-1, a ausência de tratamento nas superfícies interna e externa reforçam seu aspecto “utilitário”. Esta ausência não nos parece ser uma perda por condições pós-deposicionais, como sugerido para outros fragmentos, pois neste caso, ainda são visíveis as marcas de alisamento entre roletes no bojo superior, próximo à borda. Este foi um recipiente robusto, com características de performance favoráveis tanto à cocção quanto à resistência física, que nos sugere ter sido elaborado para resistir ao uso cotidiano, ao fogo e à manipulação. Por outro lado, para ser fisicamente resistente, necessitou de espessuras largas em suas paredes e da saturação mineral em sua pasta cerâmica, resultando em um recipiente denso e, provavelmente, de difícil transporte por longas distâncias.

Considera-se, de todo modo, que são os constantes tratamentos de superfície da face interna que representam algum modo de impermeabilização ou redução da porosidade destas pastas cerâmicas saturadas em minerais. Engobos, esfumarados, enegrecimentos, bruniduras, banhos ou barbotina podem ser notados em exemplares de todos os sítios. Estes tratamentos sugerem mais uma escolha tecnológica no sentido de melhorar a performance dos recipientes, seja no intuito de reduzir a permeabilidade ou de facilitar a limpeza e manutenção entre outros efeitos (Schiffer & Skibo 1997: 38; Schiffer & Skibo

1989; Silva 2008: 247-9) – sem descartamos a hipótese de que o engobo também possa estabelecer campos e motivos decorativos.

Neste momento, gostaríamos de chamar a atenção para algo que parece ser uma contradição nesta pesquisa: se, para aprimorar a performance térmica de seus potes, as oleiras deveriam abrir mão de uma maior resistência física dos recipientes ou, para reduzir esta fragilidade, deveriam “engrossar” as paredes, perdendo performance de transporte, por que, então, os sítios não possuem maior densidade, a exemplo daqueles analisados por Almeida (2008a: 179 e 245-257)?

A existência de um modo de vida com mobilidade significativa, ou baseado na exploração de um território, talvez possa explicar este contexto. Entender estas características de performance de resistência ao impacto, de condutividade térmica e de transportabilidade como restritivas *per si*, talvez subestime a habilidade destas populações para lidar com sua própria parafernália doméstica.

Para explorarmos aquela hipótese é necessário abrir mão, por um momento, das análises de características de performance, para voltarmos nossa atenção a outros elementos que indicam a presença de um estilo tecnológico cerâmico regional.

Assim, tratemos daquilo referente às decorações plásticas que, em nossa amostra, concentram-se nos sítios Rainha da Paz e São Gabriel. Como visto, nos sítios Jardim da Vida, Rainha da Paz II e Santa Ana poucos fragmentos apresentam esta característica (nos dois primeiros representados por incisos e no segundo por corrugado e ponteadado arrastado). De toda forma, a presença de corrugados e incisos é constante na amostra. No caso do inciso, seus motivos variam entre o paralelo horizontal e vertical, cruzado e complexo (este observado principalmente no sítio São Gabriel, apesar de o estado de conservação dos fragmentos dificultar uma identificação mais precisa; o motivo em ziguezague ocorre apenas no sítio Rainha da Paz II, e é o único fragmento decorado deste sítio). Importante é notar que entre estes exemplares a presença de decoração é predominante em fragmentos de borda, sugerindo que esta parte do recipiente poderia compor o campo decorativo preferencial.

Porém, como pudemos observar nas pranchas e imagens expostas na análise cerâmica; não são apenas as técnicas da incisão e do corrugado que são compartilhadas entre os sítios. O ponteadado arrastado também está presente em três dos cinco sítios em que identificamos decorações plásticas. Com a aplicação desta técnica, há dois exemplares muito semelhantes, que não podemos deixar de comentar. Trata-se dos fragmentos RP 05-12 e SG 213-14. O primeiro, proveniente da unidade de escavação N10000 E10000, nível 30-40 cm, o segundo, de coletas sistemáticas de superfície.

Imagem 74 Fragmentos de borda com desprendimento de roletes (Fotografias: esq. Rodrigo Suñer; dir. Ader Gotardo).

Os fragmentos mencionados são bordas, mais precisamente, os roletes superiores que as compunham. Apresentam lábios arredondados, coloração de pasta muito semelhante e composição de antiplástico equivalente. Possuem inclinação interna, mas de morfologia indeterminada devido ao ponto de fratura (que não é propriamente um ponto de quebra), pois os roletes parecem ter se despregado, soltando-se do restante do recipiente. Poderia isto ter decorrido da presença de mica no antiplástico, por diferentes taxas de dilatação entre estes roletes ou, ainda, pela confecção do recipiente em momentos e partes diferentes, como discutido anteriormente. Estas características nos permitem pressupor que tenham sido adotadas escolhas tecnológicas muito próximas, se não correlatas, para a produção destes recipientes. Neste sentido, retomamos as questões de ensino e aprendizado discutidas no Item 6.4,

Entre os Asurini do Xingu, tomados como exemplo, as relações de ensino e aprendizado da tecnologia cerâmica são bastante formalizadas, imprimindo certa rigidez à confecção de vasilhas, principalmente em relação às suas morfologias (Silva 2010; 2008). No entanto, a individualidade da oleira é preservada e pode ser expressa em seus potes, a despeito do padrão tecnológico que é independente do grupo doméstico (Silva 2008: 235-

8). Neste caso, a expressão individual costuma manifestar-se principalmente na aplicação de decorações, em seus motivos e composição, mas que não fogem a um repertório padrão (*idem*)⁵⁵.

Neste ponto, podemos estabelecer, em caráter hipotético e temporário, algumas considerações sobre os sítios amostrados. Os sítios Rainha da Paz e São Gabriel ocupam sub-bacias hidrográficas diferentes (do igarapé Leitão e do Molim, respectivamente), encontram-se afastados cerca de 30 km, em linha reta. O primeiro, com pacote arqueológico mais profundo, apresenta terra-preta; o segundo, mais raso, não. Há marcadores positivos para diferenciá-los, mas também há marcadores positivos para aproximá-los, além dos fragmentos cerâmicos. As peças líticas encontradas no sítio Rainha da Paz e Rainha da Paz II, elaboradas em arenito, tiveram sua matéria-prima provavelmente obtida nas proximidades do sítio São Gabriel, o local mais próximo de ocorrência desta rocha para a região. Tais dados nos permitem supor que as áreas ocupadas por estes sítios teriam sido mutuamente conhecidas por suas populações, mesmo que em temporalidades diferentes. As distinções presentes no registro arqueológico podem tanto indicar temporalidades diferentes, quanto momentos de organizações sócio-políticas e modos de ocupação distintos (Neves 2006; Heckenberger 2008; Heckenberger et. al. 1999). Para esclarecer tais questões, seriam necessárias não apenas datações para estas ocupações⁵⁶, mas também o aprofundamento das atividades de escavação e análise de novos vestígios coletados. Dessa forma, cremos que é necessário explorar ainda outros aspectos do registro arqueológico regional, a fim de produzir informações complementares à descrição e interpretação cerâmica apresentadas nesta pesquisa.

As diferenças entre as amostras cerâmicas obtidas comprometem comparações maiores entre os sítios. Por isso, até agora tratamos de questões comuns, de características compartilhadas. Não seria possível abordar o sítio 5 Irmãos, Machado I, Vida Nova, Santa Ana ou Jardim da Vida, comparativamente a partir do ponto de vista exclusivamente das

⁵⁵ A morfologia dos recipientes cerâmicos talvez seja o principal signo de identidade para esta categoria artefactual, pois seria mais persistente no tempo e mais rígida nas relações de ensino e aprendizagem, do que técnicas decorativas (Brochado, 1989; Gosselain 1992; Noelli 1996 e 2008; Silva 2010 e 2008; Schiffer & Skibo 1997, 2010 entre muitos outros), no entanto, inferências a partir desta categoria nos estão limitadas pela amostra disponível.

⁵⁶ Embora datações por termoluminescência de amostras cerâmicas estejam sendo calculadas para os oito sítios aqui amostrados, até o final do prazo para depósito desta tese, não haviam sido concluídas. Portanto, sua divulgação terá de aguardar publicação futura, em breve.

análises cerâmicas ou líticas. Por outro lado, estes sítios, assim como Rainha da Paz, São Gabriel e Rainha da Paz II, compartilham características, observáveis em diversos sítios da região.

A profundidade do pacote estratigráfico parece seguir mais aos critérios antrópicos do uso do espaço, do que exclusivamente às características geológicas e geomorfológicas da região. Como dito, são sítios rasos e esparsos, à exceção do Rainha da Paz. Mas, em comum, está presente a associação entre áreas ocupadas e marcadores paisagísticos discretos. Por um lado, os sítios Rainha da Paz e São Gabriel são os sítios que ocupam a maior área (8 ha e 7,2 ha, respectivamente e podendo ser consideradas equivalentes); em espaço relativamente plano, inserem-se junto às margens de grandes igarapés e são delimitados em alguma das faces pelo leito destes, ao mesmo tempo em que não são restringidos diretamente pela variação altimétrica do terreno, como o são os sítios Vida Nova (em sopé de morro), ou Machado I; Jardim da Vida, Cinco Irmãos e Rainha da Paz II (em topo de morrote). Mas todos estão também circundados em ao menos uma das faces por um pequeno leito d'água, aos moldes dos dois maiores.

O sítio Santa Ana possui a inserção na paisagem que pode ser considerada a menos convencional de nossa amostra. Ocupa área de topografia bastante irregular, com afloramentos rochosos (matacões e blocos graníticos) por toda sua extensão. Este sítio e o 5 Irmãos estão na porção Norte mais próxima à margem esquerda do rio Ji-Paraná, porém mais próximos de pequenos igarapés do que do grande rio. Por sua vez, o sítio Vida Nova é limitado e circundado por nascentes de água (a Leste e Oeste) que, em parques filetes, recortam o morrote donde nascem (Norte do sítio) e desaguam no igarapé Leitão, à margem direita – delimitando a porção Sul do sítio. Este morrote é marcado por degraus graníticos e o afloramento de blocos e matacões é constante, da base ao topo. Deste topo, podemos observar, com facilidade, os sítios Rainha da Paz; Rainha da Paz II, Nossa Senhora Rainha da Paz (não amostrado) e Jardim da Vida (observável na Imagem 48).

O sítio Jardim da Vida parece ser a extensão oriental e natural do sítio Rainha da Paz, não fosse este interrompido pelo igarapé Leitão e o forte aclive que se segue até a área de ocupação que compreende o Jardim da Vida. Este sítio está inserido em topo de morrote, com declive acentuado (sentidos Norte e Leste) em direção à margem esquerda do igarapé Leitão. Os vestígios arqueológicos concentram-se neste topo e não parecem se estender

até a margem. Em um dos pontos de menor distância entre o sítio e o igarapé, à margem esquerda, são visíveis blocos graníticos sem marcas de uso ou bacias de polimento, porém, o sítio apresenta uma diversificada amostra de peças polidas, como machados e, principalmente, os grandes “pilões”. Estes dados sugerem que a confecção de tais peças ocorreu em local diferente daquele contexto em que foram encontradas. Uma pré-forma destes prováveis pilões foi coletada no sítio Santa Ana (cerca de 10 km, em linha reta, sentido Noroeste).

Ao Sul do sítio Rainha da Paz, mas ainda à margem direita do igarapé Leitão, está o sítio Rainha da Paz II, que se separa do primeiro não apenas pela metragem (cerca de 500 m em linha reta), mas também por um pequeno curso d’água, sem nome atribuído. O igarapé Leitão limita este sítio ao Sul, mas não antes de um acentuado declive. Em seu curso próximo, é recortado por bancos de areia.

Portanto, este sítio está em um morrote, equivalente a um diminuto divisor de águas. Em sua porção Oeste, para além da área com vestígios cerâmicos, aflora uma antiga cascalheira de quartzito, com blocos e matacões expostos. Deste sítio pode-se visualizar não apenas o Rainha da Paz, mas também o Jardim da Vida, Vida Nova e Nossa Sra. Rainha da Paz, já citados, que compõem ao menos cinco sítios de mútua visibilidade.

Como já descrito, a região é formada por um mar de morros, bastante irregular e recortada. Estas características parecem ter favorecido não apenas o modelo de colonização adotado nos anos de 1970, baseado na pequena propriedade, mas também um padrão pretérito de ocupação. Este padrão parece ter privilegiado pequenas áreas, acompanhando os meandros dos cursos d’água e suas nascentes, e também adotando locais que garantissem a percepção, ao menos visual, de seu entorno imediato. Soma-se a isso a escolha por locais com marcadores paisagísticos discretos, como observado em todos os sítios amostrados – prováveis jazidas de matérias-primas para a confecção cerâmica ou de peças líticas, além das nascentes e cursos d’água.

Estes marcadores discretos (que são espaços naturais), ao serem ocupados foram transformados e ressignificados por aquela população. Deixando de ser apenas espaços, para tornarem-se “lugares”; ou seja, espaços culturalmente carregados de significado, os *loci* de interação entre o homem e o ambiente (Zedeño e Bowser 2009: 6). Portanto,

podemos entender cada um destes espaços como um *meaningful place*. E não apenas isso: a associação entre estes diversos marcadores, a interconexão entre eles e os sítios arqueológicos, sugerem a conformação de uma rede de “locais”, configurando uma unidade espacial mais ampla, uma paisagem, expressa naquilo que poderíamos considerar territorialidade (*Idem*: 9).

Por sua vez, as diferenças no registro arqueológico do sítio Rainha da Paz, como a maior concentração de vestígios decorados, ou com acabamento de superfície mais fino, e comumente impermeabilizante, parecem ter sua preservação favorecida pela terra preta, mas não apenas isso.

Como vimos, a terra preta é um vestígio pouco presente na região, apesar de sua antiguidade (Zimpel Neto 2009). Este vestígio sugere um incremento do uso do espaço, seja pelo adensamento populacional, seja pela duração temporal da ocupação, ou por ambas.

Dessa forma, se corretas as correlações tecnológicas estabelecidas entre o sítio Rainha da Paz e aqueles circundantes, esta característica “exclusiva” e regionalmente menos frequente do registro arqueológico, a terra preta, pode representar um momento de reestruturação sócio-política de agregação (Neves e Petersen 2006).

Por compor a territorialidade a que nos referimos anteriormente, pode este sítio ter se tornado um *persistent place*, expresso arqueologicamente pelas alterações visíveis no registro arqueológico imediato. Afinal, “*the specific role of a place in people’s interactions and its disposition in a place network or landscape may change to accomodate new social relations and cultural imperatives.*” (Zedeño e Bowser 2009: 12-13).

Assim, assumindo que estes espaços foram deliberadamente escolhidos e significados, a profusão em que são encontradas lâminas de machado no registro arqueológico regional denota o alto potencial de intervenção e apropriação no ambiente natural de que estas populações dispuseram, convertendo-os em lugares significantes. A possibilidade de intervir na composição florística de seu entorno, seja qual for sua extensão de impacto, permite não apenas a abertura de áreas para habitação e cultivo, mas também o manejo

de espécies vegetais e, por consequência, de animais (Carneiro 1970; Clemment 1999a e 1999b; Denevan 1992; Heckenberger 2005; Balée 2000, 2006; Balée e Moore 1994; Oliver 2008). Os dados paleobotânicos identificaram o consumo de três espécies domesticadas (entre elas o milho, um cultivar antropodependente) e o processamento de frutos de palmeiras para consumo, não domesticadas nos dias atuais (Watling 2015; Watling et al 2015), dando indícios de que estas populações pretéritas possuíam uma alimentação diversificada, combinando recursos “naturais” e “cultivados”, também observado por Lévi-Strauss. (1948; 1996[1955]). Reforçando o que pode ser compreendido, à luz da Ecologia Histórica, como uma relação dialética entre homem e ambiente.

E não apenas isso, pois o uso das lâminas polidas permite a alternância entre os locais explorados, a manutenção de áreas abertas, ou criação de clareiras artificiais, favorecendo a mobilidade destas populações e ampliando as opções para ocupação ou exploração de recursos. Ao exemplo dos Suruí Paiter que exploram recursos combinados de nichos ambientais distintos e, para isso, adotam modos de vida alternados entre o sedentarismo e a caça e coleta, as suas “metades” (Mindlin 1985), ou ainda, ao exemplo dos Waiãpi, que possuem sua organização social pautada pela mobilidade e exploração sazonal de recursos distribuídos ao longo de um território (Gallois 1986). Estes exemplos, nos permitiriam compreender melhor a persistência do padrão de sítio arqueológico identificado por nossa pesquisa.

Tomemos em conta que a diversidade linguística observada na região do atual estado de Rondônia, descrita no capítulo 4, expressa uma correlação positiva com o que teria sido sua diversidade pretérita, bem como os dados da linguística histórica sobre a origem filogenética e diversificação por divergência do tronco Tupi a partir de uma “terra natal” no Sudoeste amazônico (Rodrigues 1985, Migliazza 1982). Assumimos isso como pressupostos desta pesquisa, desde a escolha da área amostral até às abordagens em campo e laboratório. E por isso, valemo-nos da revisão dos modelos arqueológicos aplicados às questões de expansão e diversidade linguísticas, apresentados no capítulo 2, na elaboração de um arcabouço conceitual que nos permitisse confrontar o registro arqueológico. Neste sentido, nossos dados compreenderam o resultado de passos ainda exploratórios na região e não nos permitiram inferências maiores sobre a questão.

Por outro lado, são estes mesmos dados que nos permitem indicar que a cerâmica presente nos sítios pesquisados pode ser considerada como uma expressão regional específica, associada à ampla categoria Tupi e que não estabelece correlação tecnológica imediata com nenhuma das fases ou tradições estabelecidas por Eurico Miller para a região do médio curso do rio Ji-Paraná (Miller 1987 a e b; 2013), ou descritas pelos trabalhos de Zimpel Neto (2009) e Cruz (2009).

Complementar a isto, características observáveis no registro arqueológico regional descritas nesta pesquisa apontam, mesmo que em caráter temporário, para a existência de um modo de vida dinâmico, de mobilidade territorialmente estabelecida e significada, versátil quanto à exploração de espaços e recursos, que incluí o estabelecimento de redes de troca e interação de relativa amplitude espacial. Trata-se de um contexto arqueológico dotado da fluidez que só um mundo em *não-equilíbrio dinâmico* poderia oferecer.

9. Referências Citadas

Almeida, Fernando O. de

2008a O complexo Tupi da Amazônia Oriental. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.

2008 *A Expansão Tupinambá do Sul da Bacia do Amazonas*. Projeto de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, enviado à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

2013 *A Tradição Policroma no Alto Rio Madeira*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.

Alvard, Michael S.

2003 The Adaptative Nature of Culture. *Evolutionary Anthropology* 12:136-149.

Andrade, Oswald

1928 Manifesto Antropófago. *Revista de Antropofagia* 1(1):3. São Paulo

Anthony, David

2007 *The Horse, the Wheel, and Language: How Bronze-Age Riders from Eurasian Steppes Shaped the Modern World*, Princeton: Princeton University Press.

Araujo, A. G. M.

2001 *Teoria e Método em Arqueologia Regional: um estudo de caso no Alto Paranapanema*, estado de São Paulo. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.

2001-2002 Destruído pelo Arado? Arqueologia de superfície e armadilhas do senso comum. *Revista de Arqueologia*. 14-15: 07-28.

Baleé, William

2006 The Research Program of Historical Ecology. *Annual Review of Anthropology* 35:95-72.

Baleé, William e Erickson, Clark (ed)

2006 *Time and Complexity in Historical Ecology: Studies in the Neotropical Lowlands*. New York: Columbia University Press.

Balée, William e Moore, Denny

1994 Language, Culture, and Environment: Tupí-Guaraní Plant Names Over Time, In: Anna Roosevelt (ed.) *Amazonian Indians from prehistory to the present: anthropological perspectives*. Tucson: University of Arizona Press, pp. 363-380.

Barbosa, Nicolau Bueno Horta

1945 *Exploração e Levantamento dos rios Anari e Machadinho*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura. (2ª Ed.).

Barse, William

2000 Ronquín, AMS Dates, and the Middle Orinoco Sequence, *INTERCIENCIA*, 25(7): 337-341.

Bellwood, Peter

2001 Early agriculturalist population diásporas? Faming, languages, and genes. *Annual Review of Anthropology*. 30 : 181-207

2005. *First Farmers: The Origins of Agricultural Society*, Oxford: Blackwell Publishing.

Binford, Lewis R.

1989 Styles of Styles. *Journal of Anthropological Archaeology*, 8(1): 51-67.

Bonilla, Oiara

2005a O bom patrão e o inimigo voraz: predação e comércio na cosmologia paumari. *Mana* 11(1):41-66. Rio de Janeiro.

2005b Cosmologia e organização social dos Paumari do médio Purus (Amazonas). *Revista de Estudos e Pesquisas* 2(1):7-60. FUNAI.

Boomert, Arie

2000. *Trinidad, Tobago and the Lower Orinoco Interaction Sphere*, Alkmaar: Cairi Publications.

Brasil. DNPM. Projeto RadamBrasil.

1978 Folha SC. 20 Porto Velho. Geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação e uso potencial da terra. Rio de Janeiro.

Braidwood, Robert J., and Bruce Howe

1960 *Prehistoric Investigations in Iraqi Kurdistan*. Studies in Ancient Oriental Civilization, no. 31. Chicago, Illinois: The University of Chicago Press.

Brochado, José J. J. Proenza

1984 An Ecological Model of the Spread of Pottery and Agriculture into Eastern South America. PhD Tesis. University of Illinois at Urbana-Champaign.

1989 A expansão dos Tupi e da Cerâmica da Tradição Polícroma Amazônica. *Dédalo* 27 :65-82

1991 “Um modelo Ecológico de Difusão da Cerâmica e da agricultura no Leste da América do Sul. Anais do 1º Simpósio de Pré-história do Nordeste Brasileiro”, *Clio*, série arqueológica, Recife, 4:85-88.

Brochado, José J. J. Proenza and Lathrap, Donald W.

1982 Chronologies in the New World: Amazonia. Manuscrito não publicado, José Oliver (ed).

Brondízio, Eduardo

In Press. Environmental Anthropology. ms para Encyclopedia of life support system. UNESCO. Paris: UNESCO.

Brosius, J. Peter

2001 Green Dots, Pink Hearts: Displacing Politics from the Malaysian Rain Forest. In: M. Dove and C. Carpenter (eds.) Environmental Anthropology: a historical reader. Oxford: Blackwell Publishing. pp. 363-392.

Brunelli, Gilio

1989 De los espíritus a los microbios: salud y sociedad en transformación entre los Zoró de la Amazonía Brasileña. Quito: Abya-Yala; Roma: MLAL.

Bueno, Lucas Reis e Machado, Juliana S.

2005 Relatório Final de Levantamento Arqueológico da área de implantação do sistema de Transmissão 230kV Ji-Paraná/ Pimenta Bueno/ Vilhena – RO.

Candido, Antonio.

1975. Formação da Literatura Brasileira. Belo Horizonte/Rio de Janeiro. Itatiaia.

Carneiro, Robert

2006 Slash-and-Burn Agriculture: A closer Look at its Implications for Settlement Patterns. In: M. Dove and C. Carpenter (eds.) Environmental Anthropology: a historical reader. Oxford: Blackwell Publishing. pp. 249-253.

Cavalli-Sforza, L.

2003 Demic diffusion as the basic process of human expansions. In: Peter Bellwood e Colin Renfrew (eds.) Examining the Farming/Language Dispersal Hypothesis, Cambridge: McDonald Institute for Archaeological Research. pp. 79-88.

Clarke, David

1973 Archaeology: The Loss of Innocence. *Antiquity* 47:6-18.

Clement, Charles

1999a 1492 and the Loss of Amazonian Crop Genetic Resources I: the relation between domestication and human population decline. *Economic Botany* 53(2): 188-202.

1999b 1492 and the Loss of Amazonian Crop Genetic Resources II: crop biogeography at contact. *Economic Botany* 53(2): 203-216.

Conklin, Harold.

2006 An Ethnoecological Approach to Shifting Agriculture. In: M. Dove and C. Carpenter (eds.) *Environmental Anthropology: a historical reader*. Oxford: Blackwell Publishing. pp. 241-248.

Cortázar, Julio

1983 História de Cronópios e de Famas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Crevels, Mily e van der Voort, Hein

2008 The Guaporé-Mamoré region as a linguistic area. In Pieter Muysken (ed.) *From linguistic areas to areal linguistics*. (Studies in Language Companion Series (90) . John Benjamins Publishing Company. Amsterdam/Philadelphia. pp.151-179.

Cruz, Daniel G.

2008 Lar, Doce Lar? Arqueologia Tupi na Bacia do Ji-Paraná (RO). Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.

Dal Poz Neto, João

1991 No País dos Cinta Larga: uma etnografia do ritual. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo.

2004 Dádivas e Dívidas na Amazônia: parentesco, economia e ritual nos Cinta-Larga. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Unicamp.

Dias, Adriana S.

2007. Novas perguntas para um velho problema: escolhas tecnológicas como índices para o estudo de fronteiras e identidades sociais no registro arqueológico. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*. 2(1): 59-76.

Ellen, Roy, T. H.

1982 *Environment, Subsistence and System; the ecology of Small-Scale Social Formations*. Cambridge: Cambridge University Press.

2006 Introduction. *Journal of the Royal Institute of Anthropology*. Special Issue. (1): 1-22

Evans, Clifford e Meggers, Betty

1965 *Guia para Prospecção Arqueológica no Brasil*. Belém: Conselho Nacional de Pesquisas, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Museu Paraense Emílio Goeldi, série guias n° 2.

1968 *Archaeological Investigations on the Rio Napo, Eastern Ecuador*, Smithsonian Contributions to Anthropology, vol. 6, Smithsonian Institution Press, Washington, D.C.

Fausto, Carlos

1991 *Os Parakanã: casamento avuncular e dravidiano na Amazônia*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ.

1995 “De primos e sobrinhas: terminologia e aliança entre os Parakanã (Tupi) do Pará”, in E. V. de Castro, *Antropologia do parentesco: estudos ameríndios*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, p. 61-119.

2001 *Inimigos fiéis: história, guerra e xamanismo na Amazônia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

França, Luciana B. C.

2012 *Caminhos Cruzados: parentesco, diferença e movimento entre os Kagwahiva*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Glenn-Lewin, D.C., Peet, R.K. & Veblen, T.T.

1992 *Plant succession: theory and prediction*. Chapman & Hall, London.

Glosselain, O.P.

1992. Potters and pottery among Bafia of Cameroun, *Man*, 27(3): 559-585.

Gnecco, Cristobán e Mora, S.

1997 Late Pleistocene/early Holocene tropical forest occupations at San Isidro and Peña Roja, Colombia, *Antiquity*, 71: 683-690.

Grayson, Donald K.

1983 *The Establishment of Human Antiquity*. New York: Academic Press.

Harris, Marvin

2006 The Cultural Ecology of India's Sacred Cattle. In M. Dove and C. Carpenter (eds.) *Environmental Anthropology: a historical reader*. Oxford: Blackwell Publishing.

Hawkes, Kristen, with Hill, Kim and O'Connell, James F.

1968 Why Hunter Gather? Optimal Foraging and the Aché of Eastern Paraguay. In M. Dove and C. Carpenter (eds.) *Environmental Anthropology: a historical reader*. Oxford: Blackwell Publishing. pp. 265-282.

Heckenberger, M. J., A. Kuikuro, U. T. Kuikuro, J. C. Russell, M. Schmidt, C. Fausto, and B. Franchetto.

2003. Amazonia 1492: Pristine forest or cultural parkland? *Science* 301:1710-1714.

Heckenberger, Michael J.

2002 Rethinking the Arawakan Diaspora: Hierarchy, Regionality, and the Amazonian Formative, In: J. Hill & F. Santos-Granero (eds.) *Comparative Arawakan Histories: Rethinking Culture Area and Language Group in Amazonia*. Urbana: University of Illinois Press, pp. 179-201.

2008. Amazonian mosaics: Identity, Interaction and integration in the tropical forest. *In Handbook of South American Archaeology* Silverman and Isbell. pp. 941-962.

2011 Deep History, Cultural Identities, and Ethnogenesis in the Southern Amazon in Alf Hornborg e Jonathan D. Hill (ed.) *Ethnicity in Ancient Amazonia*. University Press of Colorado.

Heckenberger, Michael J., Petersen, James B. e PETERSEN, J.B e Neves, Eduardo G.

1999 "Village permanence in Amazonia: two archaeological case studies from Brazil", *Latin American Antiquity* 10(4): 353-376.

Heckenberger, Michael J.; Neves, Eduardo G. & Petersen, James B.

1998 De Onde Surgiram os Modelos? As Origens e Expansões Tupi na Amazônia Central. São Paulo-SP, USP, *Revista de Antropologia*, 41 (1):69-96.

Heckenberger, Michael. J., A. Kuikuro, U. T. Kuikuro, J. C. Russell, M. Schmidt, C. Fausto, e B. Franchetto.

2003 Amazonia 1492: Pristine forest or cultural parkland? *Science* 301:1710-1714.

Herrera, Leonor; Warwick Bray e Colin McEwan

1980-1981 Datos Sobre la Arqueología de Araracuara (Comisaría del Amazonas Colombia). *Revista Colombiana de Antropología*, XXIII: 185-251.

Hilbert, P. e Hilbert, Klaus

1980 Resultados preliminares de pesquisa arqueológica nos rios Nhamundá e Trombetas, baixo Amazonas. *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi*, 75 : 1-11.

Hilbert, Paul

1968 Archäologische Untersuchungen am Mittlern Amazonas. Berlin: Dietrich Reimer Verlag.

Hill, Kevin A.

2006 Conflicts over Development and Environmental Values: The International Ivory Trade in Zimbabwe's Historical Context. In M. Dove and C. Carpenter (eds.) *Environmental Anthropology: a historical reader*. Oxford: Blackwell Publishing, pp. 215-225

Hornborg, Alf

2005 Ethnogenesis, Regional Integration, and Ecology in Prehistoric Amazonia: Toward a System. *Current Anthropology*. 46(4) : 589-620.

Hornborg, Alf e Hill, Jonathan D. (ed.)

2011 *Ethnicity in Ancient Amazonia*. University Press of Colorado.

Huxley, Francis

1957 *Affable savages: an anthropologist among the Urubu indians of Brazil*. New York: The Viking Press.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)

2015

<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=110025&search=||infogr%E1ficos:-informa%E7%F5es-completas> in www.cidades.ibge.gov.br. Consultado em 29/04/2015.

2014 *Estimativa das Populações Residentes nos Municípios Brasileiros com Data de Referência em 1º de julho de 2014*. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, Brasil.

2006a Mapa Rondônia - Geomorfologia. Coordenação de Recursos Naturais e Estudos Ambientais, Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, Brasil.

2006b Mapa Rondônia - Geologia. Coordenação de Recursos Naturais e Estudos Ambientais, Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, Brasil. 2006a Mapa Geológico de Rondônia. Coordenação de Recursos Naturais e Estudos Ambientais, Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, Brasil.

2006c Mapa Rondônia Vegetação. Coordenação de Recursos Naturais e Estudos Ambientais, Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, Brasil. 2006a Mapa Geológico de Rondônia.

Insoll, T.

2007 *The Archaeology of identities. A reader*. T. Insoll (ed.) London, Routledge.

Irons, William e Cronk, Lee

2000 Two Decades of a New Paradigm. In Cronk, N. Chagnon e W. Irons (eds.) *Adaptation and Human Behavior: An Anthropological Theory*. L. New York: Aldine and Gruyer, pp. 3-26.

ISA – Instituto Socioambiental

2013 <http://pib.socioambiental.org/pt/c/quadro-geral> (consultado em 16/02/2013).

Jones, S.

2007 Discourses of identity in the interpretation of the past. In T. Insoll (ed.) *The Archaeology of identities. A reader*. London, Routledge. 2007: 44-58.

Jones, S.

2007. Discourses of identity in the interpretation of the past. In T. Insoll (ed.) *The Archaeology of identities. A reader*. London, Routledge. 2007:44-58.

Junqueira, Carmen S.

1984 “Sociedade e Cultura: Os Cinta-larga e o exercício do poder do Estado”. *Ciência e Cultura*, 36 (8): 1284-1287.

1987 “A questão indígena”. In *O Saber Militante: Ensaio sobre Florestan Fernandes*. Maria Angela D’Incao, org. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: UNESP, pp. 119-128.

2002 *Sexo e desigualdade entre os Kamaiurá e os Cinta Larga*. São Paulo: Olho d’Água.

Kirch, Patrick.

2000. *On the Road of the Winds: An Archaeological History of the Pacific Islands before European Contact*. Berkeley: University of California Press.

Kottack, Conrad P.

2006 *The New Ecological Anthropology*. In Nora Haenn e Richard Wilk (eds.) *The Environment in Anthropology: A Reader in Ecology, Culture and Sustainable Living*. New York: New York University Press, pp. 40-52

Kracke, Waud

1978 Force and persuasion: leadership in an Amazonian society. Chicago and London: The University of Chicago Press.

1989 O poder do sonho no xamanismo Tupi (Parintintin). *Série Antropológica*, (79):1-16. Brasília.

La Salvia, F. e Brochado, José Proenza

1989 Cerâmica Guarani. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura.

Laraia, Roque De Barros

1986 *Tupi: índios do Brasil atual*. Antropologia (11). São Paulo: FFLCH/USP

Lathrap, Donald and José Oliver

1987 Agüerito: el complejo policromo mas antiguo de America en la confluencia del Apure y el Orinoco (Venezuela). *Interciencia*, 12: 274-289.

Lathrap, Donald W.

1970 The Upper Amazon. London: Thames & Hudson.

1974 The moist tropics, the arid lands, and the appearance of great art styles in the New World. In M. E. KING and JR. I. TRAYOR (eds.) Art and Environment and Native North America, Special Publications, The Museum Texas Tech University, No. 7, Texas Tech Press, Lubbock.

1977 Our father the cayman, our mother the gourd: Spinden revisited or a unitary model for the emergence of agriculture in the New World. In C. A. REED (ed.) Origins of agriculture, the Haque, Mouton, pp. 713-751.

Leeuw, Sander van der,

2002 Given the potter a choice. In Pierre Lemonier (ed.) Technological choices : transformation in material cultures since the neolithic. London : Routledge. p. 238-288.

Lévi-Strauss, Claude

1948a The Tupi-Cawahib. In Handbook of South American Indians. Steward, Julian (ed). Washington DC: Bureau of American Ethnology, Smithsonian Institution. Vol 3: 299-306

1948b Tribes of the Right Bank of the Guaporé River. Julian Steward (ed) Washington DC: Bureau of American Ethnology, Smithsonian Institution. Vol. 3: 371-380.

1958 "Documents tupi-kawahib", in *Miscellanea Paulo Rivet, octogenario dicata*, II. Mexico, pp. 323-338.

1996[1955] Tristes Trópicos. São Paulo: Companhia das Letras.

Lima, Tania Stolze

2005 Um peixe olhou para mim: o povo Yudjá e a perspectiva. São Paulo : NUTI/ISA/UNESP.

MacDonald, J. Frederick

1965 Some considerations about tupi-guarani kinship structures. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi (Antropologia)*, Belém, 26: 1-20.

Maceachern, S.

1998. Scale, style, and cultural variation: technological traditions in the northern Mandara mountains. In M. Stark (ed.). *The Archaeology of Social Boundaries*. Smithsonian Institution Press. Washington/Lodon. 1998:132-160

Machado, Juliana S.

2005 A Formação de Montículos Artificiais na Amazônia Central: um estudo de caso do sítio Hatahara, Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.

Maldi, Denise

1991 O Complexo Cultural do Marico: Sociedades Indígenas dos rios Branco, Colorado e Mequens, afluentes do médio Guaporé, *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi (Antropologia)* Belém, 7(1): 209-269

Marcus, Joyce

2008 The Archaeological Evidence for Social Evolution. *Annual Review of Anthropology* 37:251-266.

Martius, K. F. Ph.

1845 Como escrever a história do Brasil, *Revista Trimestral de História e Geographia ou Jornal do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 6 :389-411

1867 Beiträge zur Ethographie und Sprachangenkunde Südamerika's zumals Brasiliens, vol 1, Leipzig, Friederich Fischer

McCabe, J. Terrence

2004 Cattle Bring Us to Our Enemies: Turkana Ecology, Politics, and Raining in a Desequilibrium System. Michigan: The University of Michigan Press, Ann Arbor.

McMichael, C. H., Piperno, D. R., Bush, M. B., Silman, M. R., Zimmerman, A. R., Raczka, M. F., Lobato, L. C.

2012a Sparse Pre-Columbian Human Habitation in Western Amazonia. *Science* 336:1429-31

2012b Supplementary Materials for: Sparse Pre-Columbian Human Habitation in Western Amazonia. *Science* 336.

Melville, Herman

1851 Moby Dick, or the Whale. New York : Harper & Brothers.

Meggers, Betty

1977 Vegetational fluctuation and prehistoric cultural adaptations in Amazonia: some tentative correlations. *World Archaeology* 8(3): 287-303.

1979 Climatic Oscillation as a Factor in the Prehistory of Amazonia. *American Antiquity*, 44(2): 252-266.

1982 Archaeological and Ethnographic Evidence Compatible with the Model of Forest Fragmentation. In: *Biological Diversification in the Tropics*, Ghilleen Prance, ed. New York: Columbia University Press, pp: 483-496.

1996 Amazonia: man and culture in a counterfeit paradise (2nd ed.). Chicago: Aldine.

Menéndez, M. A. de

1981. Chronica dos Povos Gentios que Habitavam e Habitam os Dilatados Sertões que Existem entre os Rios da Madeira e dos Tapajozes. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

1992. A área Madeira-Tapajós: situação de contacto e relações entre colonizadores e indígenas. In Carneiro da Cunha (org.) História dos Índios no Brasil. CUNHA, M. C. (org.) Companhia das Letras, pp. 281-296.

Meskill, M.

2007. Archaeologies of identities. In T. Insoll (ed.) *The Archaeology of identities. A reader*. London, Routledge. 2007:23-43.

Migliazza, E.

1982 Linguistic Prehistory and the Refuge Model in Amazonia. In *Biological Diversification in the Tropics*. Prance, G.T. (ed.). New York : Columbia University of Press, pp. 497-519.

Miller, Eurico Th.

2009 A Cultura Cerâmica do Tronco Tupi no alto Ji-Paraná. Rondônia, Brasil: algumas reflexões teóricas, hipotéticas e conclusivas. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, 1(1):35-136.

2003 Algumas Culturas Ceramistas, do Noroestedo Pantanal do Guaporé à Encosta Altiplano Sudoeste do Chapadão dos Parecis. Origem, Difusão/Migração e Adaptação - do Noroeste da América do Sul ao Brasil. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*. 5(2) : pp 335-383.

1983 História da Cultura indígena do Alto-Médio Guaporé (Rondônia e Mato Grosso). Dissertação de Mestrado, Porto Alegre: PUC-RS.

1987a Inventário Arqueológico da Bacia e Sub-bacias do Rio Madeira – 1974-1987. Consórcio Nacional de Engenheiros Construtores S.A.

1987b Relatório do Programa de Estudos de Viabilidade Arqueológica nas Áreas de inundação e de influência da UHE Ji-Paraná – 1986-1987. Consórcio Nacional de Engenheiros Consultores S.A.

Miller, Eurico Th. *et al.*

1992 Arqueologia nos empreendimentos hidrelétricos da Eletronorte; resultados preliminares. Brasília: Eletronorte.

Mindlin, Betty

1985 Nós Paiter: os Suruí de Rondônia. Petrópolis: Vozes.

Mongeló, Guilherme Z.

2015 O Formativo e os Modos de Produção: Ocupações Pré-ceramistas no Alto Rio Madeira – RO. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.

Moraes, Claide P.

2007 Arqueologia na Amazônia Central vista de uma perspectiva da região do lago do Limão, Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.

2010. Arqueologia Regional na Amazônia Central: a fase paredão e sua inserção no contexto pré-colonial Amazônico. Relatório de qualificação para doutoramento apresentado ao PPG-MAE/USP.

Moran, Emílio F.

2010 Teorias da Interação Homem/Habitat. In Adaptabilidade Humana. Emilio F. Moran (ed.) pp. 49-87. São Paulo: Edusp/Senac.

Moran, Emilio, ed.

1991 Ecosystem Ecology in Biology and Anthropology: a critical assessment. In The Ecosystem Approach in Anthropology: From Concept to Practice. Ann Arbor: The university of Michigan Press.

Muysken, Pieter

2008. From linguistic areas to areal linguistics. (Studies in Language Companion Series (90) . John Benjamins Publishing Company. Amsterdam/Philadelphia.

Nazarea, V.

2006 A view from a point: ethnoecology as Situated Knowledge. In Nora Haenn e Richard Wilk (eds). *The Environment in Anthropology: A Reader in Ecology, Culture and Sustainable Living*, pp. 34-39. New York: New York University Press.

Neves, Eduardo G.

2000 Levantamento arqueológico da área de confluência dos rios Negro e Solimões, Estado do Amazonas. Relatório enviado à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

2003 Levantamento arqueológico da área de confluência dos rios Negro e Solimões, Estado do Amazonas: Continuidade das escavações, análise da composição química e montagem de um sistema de informações geográficas. Relatório enviado à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

2005 Cronologias Regionais, Hiatos e Continuidades na História Pré-Colonial da Amazônia. Proposta de Projeto Temático enviado à Fundação de Amparo à Pesquisas do Estado de São Paulo.

2006 The Political Economy of Pre-Columbian Amerindians: Landscape Transformations in Central Amazonia. In William Balée and Clark Erickson (eds.) *Time and Complexity in Historical Ecology: Studies in the Neotropical Lowlands*, New York: Columbia University Press.

2007. El Formativo que nunca Terminó: La Larga Historia de Estabilidad en las Ocupaciones Humanas de la Amazonía Centra. *Boletín de Arqueología PUCP*. N° 11, pp. 117-142.

2008. Ecology, ceramic chronology and distribution, long-term history, and political forest. In Helaine Silverman & William Isbell (eds.) *Handbook of South American Archaeology* pp. 941-962. Springer New York.

2009 As Diferentes Histórias de Antropização da Amazônia: Exemplos da Amazônia Central. Proposta de Bolsa de Produtividade em Pesquisa. CNPQ.

2010. Arqueologia da Amazônica central. As classificações na arqueologia amazônica in Edith Pereira e Vera Guapindaia, orgs. *Arqueologia Amazônica* vol. 2. Belém. MPEG, IPHAN.

2011 Archaeological Cultures and Past Identities in the Pre-colonial Central Amazon. in Alf Hornborg e jonathan D. Hill, ed. *Ethnicity in Ancient Amazonia*. University Press of Colorado.

Neves, Walter; Bernardo, D. V.; Okumura, M; Almeida, T. F; Strauss, A. M.

2011 Origem e dispersão dos Tupiguarani: o que diz a morfologia craniana? *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 6: 95-122.

Nimuendajú, C.

1987. Mapa Etno-Histórico de Curt Nimuendajú, 1ª edição, 2ª impressão. Rio de Janeiro: IBGE

2004. In Pursuit of a Past Amazon: Archaeological Researches in the Brazilian Guyana and in the Amazon Region (A posthumous work compiled and translated by Stig Rydén and Per Stenborg, edited by Per Stenborg), Göteborg: Etnologiska Studier 45.

Noelli, Francisco Silva

1993 Sem tekoha não há Tekó. Dissertação de Mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Pós-Graduação em História. PUC-RS.

1996 As Hipóteses sobre o Centro de Origem e Rotas de Expansão dos Tupi. São Paulo-SP, USP, *Revista de Antropologia*, 39 (2): 7-53.

1998 The Tupi: Explaining Origin and Expansions in Terms of Archaeology and the Historical Linguistics. *Antiquity*, 72 (2): 648-663.

2008 The Tupi Expansion. In Helaine Silverman & William Isbell (eds.) *Handbook of South American Archaeology*, pp. 659-650. Springer New York.

Oliveira, Eduardo Carvalho de

2015 Análise Lítica do Projeto Sudoeste Amazônico. *Manuscrito*.

Oliveira, Maria Coimbra de

2010 Inventário dos Sítios Rupestres da Região Centro-Leste de Rondônia – Brasil. Dissertação de Mestrado. Pós-Graduação em História, Direitos Humanos, Cultura e Território no Brasil e América Latina, Universidade Pablo De Olavide

2013 Arte Rupestre em Rondônia. Presidente Médici: sem editora.

Oliver, José

2008. The archaeology of agricultura in ancient Amazônia. In Helaine Silverman & William Isbell (eds.), *Handbook of South American Archaeology*, pp. 217-234.

Olsen, K. & Schaal, B.

1999 Evidence on the origin of cassava: Phylogeography of *Manihot esculenta*. *Proceedings of the National Academy of Sciences* 96: 5586-5591.

Orton C., Tyers, P. E Vince A.

1997 Cambridge Manuals in Archaeology. Cambridge : Cambridge Univerty Press.

Peggion, Edmundo

2011 Relações em perpétuo desequilíbrio: a relação dualista dos povos Kagwahiva. São Paulo: Annablume.

Philipson, Jurn J.

1946a “Nota sobre a interpretação sociológica de alguns designativos de parentesco do tupi-guarani”. *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras*, 56.

1946b “O parentesco tupi-guarani”. *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras*, 63.

Pikirayi, I.

2007. Ceramics and group identities. Towards a social archaeology in southern African Iron Age ceramic studies. *Journal of Social Archaeology*, 7(3): 286-301.

Price, David

1977 “Comercio y aculturación entre los nambicuara”. *América Indígena*, 37 (1):123-135.

Pugliese Jr., Francisco Antônio.

2013 O Sambaqui fluvial Monte Castelo e a operação de sistemas de assentamento na Bacia do Médio Rio Guaporé: 8 mil anos de adaptabilidade humana nos trópicos. Projeto de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.

Rappaport, Roy A.

2006 Ritual regulation of Environmental Relations among a New Guinea People. In M. Dove and C. Carpenter (eds.) *Environmental Anthropology: a historical reader*. Oxford: Blackwell Publishing, pp. 254-264.

Renfrew, Collin

2000 At the Edge of Knowability: Towards a Prehistory of Languages, *Cambridge Archaeological Journal*, 10(1): 7-34.

Rice, Prudence M.

1987 Pottery Analysis, a Sourcebook. University of Chicago Press.

Rindos, David

1984 The Origins of Agriculture. New York : Academic Press

Rodrigues, Aryon D.

1958 The Classification of Tupí-guarani. *International Journal of American Linguistics*, 24:231-234.

1964 A Classificação do Tronco Linguístico Tupi. São Paulo-SP, USP, *Revista de Antropologia*, 12: 99-104.

1985 Relações Internas na Família Linguística Tupi-Guarani São Paulo-SP, USP, *Revista de Antropologia*, 27-28: 33-53.

1986 Línguas brasileiras – para o conhecimento das línguas indígenas, São Paulo: Edições Loyola.

Roosevelt, Anna

1991 Moundbuilders of the Amazon: Geophysical Archaeology on Marajó Island, Brazil. San Diego: Academic Press.

1995 Early Pottery in the Amazon. Twenty Years of Scholarly Obscurity. In: William K. Barnett and John Hoopes (eds.) *The Emergence of Pottery. Technology and Innovation in Ancient Societies*, Washington: Smithsonian Institution Press, pp. 115-131.

Roquette-Pinto, E.

1919 Rondônia. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.

Rosseti, D., Toledo, P.M. de & Góes, A. M.

2005 New geological framework for Western Amazonia (Brazil) and implications for biogeography and evolution, *Quaternary Research* 63: 78-89.

Rouse, Irving

1985 Arawakan phylogeny, Caribbean chronology, and their implications for the study of population movement, *ANTROPOLOGICA*, 63-64: 9-21.

1992 *The Tainos: rise and decline of the people who greeted Columbus*. New Haven: Yale University Press.

Rowlands, M.

2007. The politics of identity in archaeology. In T. Insoll (ed) *The Archaeology of identities. A reader*. London, Routledge, pp. 59-72.

Rye, Owen S.

1981 Pottery Technology: Principles and Reconstruction. Australian National University.

Sackett, James R.

1982 Approaches to Style in Lithic Archaeology. *Journal of Anthropological Archaeology*, 1(1): 59-112.

Schiffer, Michael B.

1992 Human Behavior and Artifacts. In Michael B. Schiffer (ed.) Technological perspectives on behavior change. Cambridge University Press, Cambridge.

2010 Behavioral Archaeology: principles and practice. London: Equinox Pub.; Oakville (Conn).

Schiffer, Michael B. & Skibo, J.

1997 The Explanation of Artifact Variability. *American Antiquity*; 62(1): 27-50.

Schmitz, Pedro I.

1991 Migrantes da Amazônia: a Tradição Tupiguarani. *Arqueologia do RGS, Brasil – Documentos (São Leopoldo)* 5: 31-66.

Scandolaro, J.E; Rizzoto, G.J.; Bahia, R.B.C.; Quadros, M.L. do E.S.; Silva, C.R. da; Amorim, J.L. de.

1999 Mapa Geológico do Estado de Rondônia. Escala 1:1.000.000. Porto Velho: CPRM

Scientia Consultoria Científica

2008 Arqueologia Preventiva na Expansão do Sistema de Transmissão Acre-Rondônia, subprojeto 1: salvamento arqueológico na LT 230Kv Ji-Paraná/Pimenta Bueno/ Vilhena (RO). 1º Relatório Parcial. Caldarelli, S. B. (coord.).

Service, Elman R.

1962 Primitive Social Organization: a Evolutionary Perspective. New York: Random House.

Shennan, Stephen

2008 Evolution in Archaeology. *Annual Review of Anthropology* 37:75-91.

Shepard, Anna O.

1956 Ceramics for the Archaeologist. Carvigie Institution of Washington Publication.

Silva, Fabíola Andréa

2000 As Tecnologias e seus Significados. Um Estudo da Cerâmica dos Asuriní do Xingu e da Cestaria dos Kayapó-Xikrin sob uma Perspectiva Etnoarqueológica. Tese de Doutorado. Departamento de Antropologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

2008 Ceramic Technology of the Assurini do Xingu, Brazil: An Ethnoarchaeological Study of Artifact Variability. *Journal of Archaeological Method and Theory*, v.15 (3) : 217-265.

Silva, Maurício André

2015 Memórias e histórias no sudoeste amazônico: o Museu Regional de Arqueologia de Rondônia. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.

Simões, Mário

1974 Contribuição à arqueologia dos arredores do baixo rio Negro. In: Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas 5. *Publicações Avulsas do Museu Paraense Emilio Goeldi* 26 :165-200.

Skibo, J. M. e Blinnman, E.

1999 Exploring the Origins of pottery on the Colorado Plateau. In: SKIBO, J. M. e FEINMAN, G. M. Pottery and people: a dynamic interaction. Salt Lake City: University of Utah Press.

Smith, Eric A.

2000 Three Styles in the Evolutionary Analysis of Human Behavior. . In: L. Cronk, N. Chagnon e W. Irons (eds.) *Adaptation and Human Behavior: An Anthropological Theory*. New York: Aldine and Gruyer, pp. 27-46.

Steward, Julian

1948. *Handbook of South American Indians*, vol. 3. Washington DC: Bureau of American Ethnology, Smithsonian Institution.

1955 The Concept and Method of Cultural Ecology. In. Julian Steward, *Theory of Culture Change*. Urbana: University of Illinois, pp. 30-42.

Stonich, Susan C. e DeWalt, Billie R.

2006. Political Ecology of Deforestation in Honduras. In: Nora Haenn e Richard Wilk (eds.) *The Environment in Anthropology: A Reader in Ecology, Culture and Sustainable Living*. New York: New York University Press, pp. 284-301.

Suñer, Rodrigo

2010 Estudo da variabilidade arqueológica no médio rio Ji-Paraná. Projeto Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

Tamanaha, Eduardo Kazuo

2009 Ocupação Polícroma no Baixo e Médio rio Solimões, Estado do Amazonas. Projeto de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, enviado à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

2010. Ocupação Polícroma no baixo e médio Solimões, Estado do Amazonas. Relatório para exame de qualificação de mestrado, apresentado ao PPG-MAE/USP

Trigger, Bruce.

1989. A History of archaeological thought. Cambridge: Cambridge University Press.

Trindade, Thiago B.

2015 Geoglifos, zanhas ou earthworks? Levantamento geral dos sítios arqueológicos de terra em vala no médio rio Guaporé (RO) e análise comparada com os demais sítios do Sudoeste da Bacia Amazônica. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.

Urban, Greg

1992 A História da Cultura Brasileira Segundo as Línguas Nativas. In *História dos Índios no Brasil*. CUNHA, M. C. (org.) Companhia das Letras: 87-102.

1996 On the Geographical Origins and Dispersion of the Tupian Languages. São Paulo-SP, USP, *Revista de Antropologia*, 39(2): 61-104.

van der Hammen, T. & Hooghiemstra, H.

2000 Neogene and Quaternary history of vegetation, climate, and plant diversity in Amazonia, *Quaternary Science Reviews* 19: 725-742.

Vidal, Silvia

2000 Kuwé Duwákalumi: The Arawak Sacred Routes of Migration, Trade, and Resistance, *Ethnohistory* 47 (3-4): 635-667.

Vilaça, Aparecida

1992 *Comendo como gente*. Rio de Janeiro: Anpocs; UFRJ.

2006 Quem somos nós. Os wari' encontram os brancos. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

Viveiros de Castro, Eduardo

1986 *Araweté: os deuses canibais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

1993 "Alguns aspectos da afinidade no dravidiano amazônico", in E. Viveiros de Castro & M. Carneiro da Cunha (orgs.), *Amazônia: etnologia e história indígena*. São Paulo: NHII-USP/FAPESP.

Viveiros de Castro, Eduardo e Fausto, Carlos

1993 "La puissance et l'acte: la parenté dans les basses terres d'Amérique du Sud". *L'Homme*, 126-128:141-170.

von den Steinen, K.

1886 *Durch Zentral-Brasilien. Expedition zur Erforschung des Schingú im Jahre 1884*, Leipzig, F.A. Brockhaus, 1886.

Wagley, Charles; Galvão, Eduardo

1946 “O parentesco tupi-guarani”. *Boletim do Museu Nacional (Antropologia)*, ns, 6.

1961 *Os índios Tenetehara: uma cultura em transição*. Rio de Janeiro : Serviço de Documentação, Ministério da Educação e Cultura.

Watling, Jennifer

2015 Rainha da Paz : Phytolith and starch grains report. (manuscrito).

Watling, J; Saunaluoma, S; Pärssinen, M; Schaan, D.

2015 Subsistence practices among earthwork builders: Phytolith evidence from archaeological sites in the southwest Amazonian interfluves. *Journal of Archaeological Science : Reports* 4 (2015):541-551.

Watson, James B.

1952 Cayua culture change: a study in acculturation and methodology. *American Anthropologist*, Memoir Number 73, v. 54 (2/2).

Watson, Virginia Drew

1944 “Notas sobre o sistema de parentesco dos índios Cayuá”. *Sociologia*, 6(1):31-48.

White, Leslie

2006 Energy and Tools. In: Nora Haenn e Richard Wilk (eds.) *The Environment in Anthropology: A Reader in Ecology, Culture and Sustainable Living*. New York: New York University Press, pp. 139-145.

Williams, Denis

1997 Early pottery in the Amazon: a correction, *American Antiquity*, 62(2): 342-352.

Wüst, I. & Carvalho, H. B.

1996 Novas Perspectivas para o Estudo dos Ceramistas Pré-Coloniais do Centro-Oeste Brasileiro: a análise espacial do sítio Guará (GO-NI-100). *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, nº 6: 47-82.

Zedeño & Bowser (eds.)

2009 *The archaeology of meaningful places*. Salt Lake City. The University of Utah Press, pp. 1-14.

Zimmerer, Karl S.

1994 Human geography and the “new ecology”: The prospect and promise of integration. *Annals of the Association of American Geographers* 84(1): 108-25

Zimpel Neto, C. A.

2013 Arqueologia no médio e baixo rio Guaporé e suas implicações para o entendimento dos sítios com construções em terra do sudoeste Amazônico. Projeto de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.

2009 Na direção das periferias extremas da Amazônia: Estudo da Arqueologia na Bacia do Rio Ji-paraná, Rondônia. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.

Zuse, Silvana

2014 Variabilidade cerâmica e diversidade cultural no Alto rio. Madeira, Rondônia. São Paulo. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.

10. Anexos

#	Sítio	Tipo	Zona	Lat	Long	Fonte
1	126/Eletrônica	Cerâmico	20L	8763763	625970	CPMRARO
2	5 irmãos	Cerâmico	20L	8766953	620373	CPMRARO
3	Aldeia Velha	Cerâmico	20L	8769521	639311	CPMRARO
4	Arca de Noé	Cerâmico	20L	8778803	648630	CPMRARO
5	Assentamento Chico Mendes III	Cerâmico	20L	8755954	591395	CPMRARO
6	Bandeira Preta	Cerâmico	20L	8773031	611652	CPMRARO
7	Bandeira Preta II	Lítico	20L	8772963	611580	CPMRARO
8	Belmont	Cerâmico	20L	8766430	632913	CPMRARO
9	Boa Vista	Cerâmico	20L	8767952	628285	CPMRARO
10	Bom Sossego	Cerâmico	20L	8779879	650896	CPMRARO
11	Cachoeira Alta	Lítico	20L	8760250	647972	Oliveira 2013
12	Cachone	Cerâmico	20L	8764517	608051	CPMRARO
13	Calunga	Rupestre	20L	8762748	647945	Oliveira 2013
14	Calunga II	Cerâmico	20L	8762713	647857	CPMRARO
15	Carlinhos	Cerâmico	20L	8761174	627060	CPMRARO
16	Cerejeiras	Cerâmico	20L	8761530	608257	CPMRARO
17	Complexo da Igreja - suporte 1	Rupestre	20L	8778674	648671	Oliveira 2013
18	Complexo da Igreja - suportes 2, 3 e 4	Rupestre	20L	8778589	648847	Oliveira 2013
19	Complexo do Riachuelo	Rupestre	20L	8775224	647080	Oliveira 2013
20	Coqueiral	Cerâmico	20L	8773804	620070	CPMRARO
21	Córrego Azul	Cerâmico	20L	8765799	628919	CPMRARO
22	Cristiano I	Cerâmico	20L	8761795	604605	CPMRARO
23	Cristiano II	Cerâmico	20L	8761803	604219	CPMRARO
24	Encontro	Cerâmico	20L	8760087	654968	Zimpel Neto 2009
25	Esmeralda	Cerâmico	20L	8782796	636525	CPMRARO
26	Esperança	Sem info	20L	8780926	650987	CPMRARO
27	Esperança de Médici	Cerâmico	20L	8780968	650948	CPMRARO
28	Estrada	Sem info	20L	8768158	629790	CPMRARO
29	Fazenda Cantão	Rupestre	20L	8775407	647689	Oliveira 2013
30	Fázio	Cerâmico	20L	8761894	610227	CPMRARO
31	Geraldo Capixaba	Cerâmico	20L	8774435	639510	CPMRARO

32	Geraldo Capixaba II	Cerâmico	20L	8773330	639571	CPMRARO
33	Igreja da 118	Cerâmico	20L	8769915	634069	CPMRARO
34	Jardim da Vida	Cerâmico	20L	8761686	628100	PROSA
35	João Bento	Cerâmico	20L	8770049	634690	CPMRARO
36	Lajedos da Gruta - suportes 1, 2 e 3	Rupestre	20L	8779712	650863	Oliveira 2013
37	Lajedos da Gruta - suportes 4, 5, 6	Rupestre	20L	8779543	650793	Oliveira 2013
38	Lajedos da Gruta - Suportes 7 e 8	Rupestre	20L	8779495	650761	Oliveira 2013
39	Lajedos do Caraguatá	Rupestre	20L	8781678	651490	Oliveira 2013
40	Laranjeiras	Rupestre/Cerâmico	20L	8782517	649591	CPMRARO
41	Leitãozinho	Cerâmico	20L	8766788	637131	CPMRARO
42	Leitãozinho II	Cerâmico	20L	8767186	635679	CPMRARO
43	Leitãozinho III	Cerâmico	20L	8766105	639350	CPMRARO
44	Machado I	Cerâmico	20L	8761228	614516	CPMRARO
45	Machado IV	Cerâmico	20L	8761787	614825	CPMRARO
46	Mirante	Rupestre	20L	8774355	647537	Oliveira 2013
47	Molim I - suportes 1 e 2	Rupestre	20L	8785714	648591	Oliveira 2013
48	Molim I - suportes 3 e 4	Rupestre	20L	8785331	648529	Oliveira 2013
49	Molim II - Sr. Efigênio	Rupestre	20L	8786133	647637	Oliveira 2013
50	Molim III	Cerâmico	20L	8779497	651950	CPMRARO
51	Molim IV	Sem info	20L	8780507	651288	CPMRARO
52	Molim V	Sem info	20L	8780112	651613	CPMRARO
53	Nª Sª Aparecida	Cerâmico	20L	8766127	628927	CPMRARO
54	Nª Sª Rainha da Paz	Cerâmico	20L	8761006	628005	CPMRARO
55	Nova Vida	Cerâmico	20L	8781343	611615	CPMRARO
56	Novato I	Cerâmico	20L	8768424	635107	CPMRARO
57	Novato II	Cerâmico	20L	8768203	634619	CPMRARO
58	Novo Horizonte	Cerâmico	20L	8781135	643708	CPMRARO
59	Paulistão	Cerâmico	20L	8774771	630103	CPMRARO
60	Pé de Galinha	Cerâmico	20L	8765189	649732	Zimpel Neto 2009
61	Pedra do Brejo	Rupestre	20L	8777929	648734	Oliveira 2013
62	Pedra do Fernando	Rupestre/Cerâmico	20L	8771967	642229	Oliveira 2013
63	Pedra do Parto	Rupestre	20L	8777978	648204	Oliveira 2013

64	Pedra do Poço	Rupestre	20L	8778495	650073	Oliveira 2013
65	Pedra do Riacho	Rupestre	20L	8774164	647972	Oliveira 2013
66	Pedra do Sr. Queiroz	Rupestre	20L	8778407	649805	Oliveira 2013
67	Pedra do Sr. Rafael	Rupestre	20L	8773673	647748	Oliveira 2013
68	Pedra dos Animais	Rupestre	20L	8782694	648252	Oliveira 2013
69	Pedras do Abrigo	Rupestre	20L	8763108	647956	Oliveira 2013
70	Pedras Negras	Cerâmico	20L	8774706	633145	CPMRARO
71	Pica-Pau-Amarelo I	Lítico	20L	8780353	611700	CPMRARO
72	Pica-Pau-Amarelo II	Cerâmico	20L	8780420	611653	CPMRARO
73	Polidores do Riachuelo II	Lítico	20L	8761757	647971	CPMRARO
74	Polidores - Fázio	Lítico	20L	8762198	610472	CPMRARO
75	Polidores 1	Lítico	20L	8776897	647690	CPMRARO
76	Polidores 2	Lítico	20L	8778866	648087	CPMRARO
77	Polidores da Faz. Cantão	Lítico	20L	8775409	648709	CPMRARO
78	Polidores do Leiteão	Lítico	20L	8767899	628217	CPMRARO
79	Polidores do Leiteãozinho	Lítico	20L	8766669	637346	CPMRARO
80	Polidores do Riachuelo	Lítico	20L	8782775	636440	CPMRARO
81	Polidores do Riachuelo IV	Lítico	20L	8760779	648020	CPMRARO
82	Polidores Paulistão	Lítico	20L	8774778	628871	CPMRARO
83	Polidores Rainha da Paz	Lítico	20L	8762445	629591	CPMRARO
84	Polidores Riachuelo III	Lítico	20L	8761110	647858	CPMRARO
85	Polidores Wilson Lens	Lítico	20L	8759244	621738	CPMRARO
86	Rainha da Paz	Cerâmico	20L	8761694	628746	CPMRARO
87	Rainha da Paz II	Cerâmico	20L	8761098	628935	CPMRARO
88	Riachuelo III	Cerâmico	20L	8768456	647436	Zimpel Neto 2009
89	Riachuelo IV	Cerâmico	20L	8767379	647882	Zimpel Neto 2009
90	Riachuelo/106	Sem info	20L	8782800	636525	CPMRARO
91	Santa Ana	Cerâmico	20L	8767170	621558	CPMRARO
92	Santa Helena	Cerâmico	20L	8766234	640514	CPMRARO
93	São Gabriel	Cerâmico	20L	8780739	650763	CPMRARO
94	Sítio 01	Cerâmico	20L	8762957	615965	PROSA
95	Sítio 02	Cerâmico	20L	8764014	616050	PROSA

96	Sítio 03	Cerâmico	20L	8769688	615964	PROSA
97	Sítio 04	Cerâmico	20L	8766466	615977	PROSA
98	Sossego	Sem info	20L	8733449	566403	CPMRARO
99	Três Corações	Rupestre	20L	8764411	647730	Oliveira 2013
100	Urupá	Cerâmico	20L	8779828	593445	CPMRARO
101	Vida Nova	Cerâmico	20L	8762739	628566	CPMRARO
102	Vista Alegre I	Rupestre	20L	8759490	647451	Oliveira 2013
103	Vista Alegre II	Cerâmico	20L	8759409	647908	CPMRARO
104	Viveiro Primavera	Cerâmico	20L	8765140	616074	PROSA
105	Zé Careca	Cerâmico	20L	8754122	619917	CPMRARO
106	Zenil	Cerâmico	20L	8773661	629013	CPMRARO

Anexo 1 Relação de sítios arqueológicos conhecidos no município de Presidente Médici e adjacências.

Anexo 2 Tronco Tupi: adaptação de Ayrton Rodrigues (1986), pelo próprio em setembro de 2007 (fonte: ISA 2013).

Anexo 3 Mapa de dispersão das populações do Tronco Tupi, conforme Migliaza (reproduzido de Schimtz 1991).

Anexo 4 Áreas e condições climáticas amazônicas na transição Pleistoceno – Holoceno.

Anexo 6 Mapas de dispersão linguística para as Terras Baixas, de acordo com o Standard Model (reproduzido de Lathrap 1970).

Anexo 7 Representações de zonas de espraio (A) e zona mosaico (B) (Reproduzido de Renfrew 2000).

Anexo 8 Mapa de expansão linguística e datas para agricultura FLDH (reproduzido de Renfrew 2000).

Anexo 9 Handbook of South American Indians vol. 3, mapa 8: "Cultural divisions of the area included in the present volume." 1-6, Basic Tropical Forest cultures: 1, Guianas, 2, Northwest Amazon, 3, Montana, 4, Jurua- Purus, 5, Mojos-Chiquitos, 6, Tupian (a, Madeira-Tapajoz; b, lower Xingu-Tocantins; c, Tupinambá and Guarani). A, B, Submarginal tribes: A, Western Marginals, B, Mura. I-III, Marginal tribes: I, Guiana Internal Marginals; II, Northwestern Marginals; III, Southern Amazon Marginals. (Reproduzido de Steward 1948).

Anexo 11 Área linguística Guaporé-Mamoré. Páginas seguintes: diversidade linguística presente na região. (Reproduzidos de Crevels e van der Voort 2008).

Table 2. Linguistic diversity of the Guaporé-Mamoré region

	Language	Classification	Population	Speakers	Recent (major) output
1	Machineri	Arawakan	155	140	
	Mojo	Arawakan	20,805	<10,000	
2a	Trinitario				Rose (in prep.) Salvatierra 2005
2b	Ignaciano				Olza Zubiri 2002
3	Baure	Arawakan	631	±40	Danielsen 2007
4	Parecí	Arawakan	1,300	?	
5	Enawê-Nawê (Salumã)	Arawakan	320	320	
6	Kaw Ta Yo (Kuyubí)	Chapacuran	50	3	Duran 2000
7	Miguelenho	Chapacuran	50	1	
8	Moré (Itene)	Chapacuran	200	76	Angenot-de Lima 2001
9	Oro Towati (Oro Win)	Chapacuran	82	4	França 2002
10	Wari' (Pakaanova)	Chapacuran	1,300	1,300	Everett & Kern 1997
11	Arikapú	Macro-Ge, Jabuti	15?	2	van der Voort 2005a
12	Djeoromitxi	Macro-Ge, Jabuti	65	40	Pires 1992
13	Rikbaktsá	Macro-Ge	900	900?	Boswood 1971 Silva 2005
14a	Latundê	Nambikwaran,	19	19	Telles 2002
14b	Lakondê	North	7	1	
15	Nambikwara	Nambikwaran, South	820	820	Kroeker 2001
16	Sararé	Nambikwaran, South	80	80	Borella (in prep.)
17	Sabanê	Nambikwaran	140	<10	Araujo 2004
18	Chácobo	Panoan	767	550	Iggesen (in prep.)
19	Pacahuara	Panoan	19	18	
20	Kaxararí (Kaxarirí)	Panoan	270	?	
21	Yaminahua	Panoan	171	137	Faust & Loos 2002
22	Ese Ejja	Tacanan	584	502	Vuillermet (in prep.)
23	Araona	Tacanan	90	81	Emkow 2007
24	Cavineña	Tacanan	1,736	1,180	Guillaume 2004
25	Tacana	Tacanan	5,058	1,821	
26	Maropa (Reyesano)	Tacanan	4,118	>10	Guillaume 2005
27	Yuki	Tupian, Tupí-Guaraní	156	125	Villafañe 2004

(Continued)

Table 2. Continued

	Language	Classification	Population	Speakers	Recent (major) output
28	Sirionó	Tupian, Tupí-Guaraní	419	399	Hemmauer 2005
29	Uru-eu-wau-wau (Amondawa, Jupa'ú)	Tupian, Tupí-Guaraní, Kawahib	130	130	Sampaio 2001
30	Karipuna	Tupian, Tupí-Guaraní, Kawahib	11	11	
31	Karitiana	Tupian, Tupí-Arikém	170	170	Storto 1999
32	Puruborá	Tupian	50	2	Galucio 2005
33	Tuparí	Tupian, Tupí-Tuparí	380	230	Alves 1991, 2004
34	Makuráp	Tupian, Tupí-Tuparí	130	50	Braga 1996, 2005
35	Mekens (Sakiráp)	Tupian, Tupí-Tuparí	65	23	Galucio 1996, 2001
36	Wayuru (Ajurú)	Tupian, Tupí-Tuparí	38	10?	
37	Akuntsu (Akütsü)	Tupian, Tupí-Tuparí	7	7	
38a	Aruá	Tupian, Tupí-Mondê	36?	12, 20?	
38b	Cinta Larga		<1,000	<1,000	
38c	Gavião		430	440	Moore 1984
38d	Zoró		415	415	
39	Salamã (Mondê)	Tupian, Tupí-Mondê	10?	2	
40	Suruí-Paitér	Tupian, Tupí-Mondê	920	920	van der Meer 1982 Guerra 2004
41	Karo (Arara)	Tupian, Tupí-Ramarama	170	150	Gabas Jr. 1989, 1999
42	Aikanã (Masaká, Kasupá, Huarí)	Unclassified	200	170?	Vasconcelos 2004
47	Movima	Unclassified	6,528	1,452	Haude 2006
48	Cayubaba	Unclassified	794	<5	Key 1967
49	Itonama	Unclassified	5,090	<5	Crevels 2007
50a	Mosetén	Unclassified	1,200	585	Sakel 2004
50b	Chimane		5,907	5,316	Gill 1999a,b
51	Leko	Unclassified	80	20	van de Kerke 1998–2006
52	Yurakaré	Unclassified	3,333	2,675	van Gijn 2006
53	Chiquitano (Besiro)	Unclassified	47,086	5,855	Galeote 1996
54	(unknown)	(unknown)	100	100	
55	Akuntsu-Kanoê	Pidgin	–	7	

Fase	Tradição	Localização	Características	Cronologia	Fonte
<i>Complexo Jatuarana</i>	Tradição Polícroma da Amazônia Fase Guarita	Baixo rio Jiparaná	Antiplástico: Cariapé, cauxí e/ou carvão. Decoração plástica: exciso raspado, inciso dupla linha, ponteadado, ponteadado arrastado, ungulado, pinçado, serrungulado, serrilhado fino, estampado, carimbado apliques zoomórficos, antropomórficos. Pintura: monocromias engobo vermelho, policromias sobre engobo branco ou não, com as cores preta, marrom, magenta, vermelho, laranja, amarelo e creme, exciso raspado e acanalado fino, retocados ou preenchidos com branco, amarelo, laranja e vermelho. Morfologia: simples e compostas, desde pequenas tigelas a urnas antropomórficas.	2730±75- 2340±90 AP	Miller (1987a)
<i>Fase Taiassú</i>	Tradição Tupiguarani	Médio rio Jiparaná	Antiplástico: de rocha basáltica alterada com areia e mica. Predomina o tempero fino. Decoração plástica: inciso em linhas paralelas. Morfologia: Vasilhames de pequeno a médio, tigelas e vasos, bordas diretas e levemente extrovertidas, base levemente cônico e arredondada.	ND	Miller (1987a)
<i>Fase Macunã</i>	Tradição Tupiguarani	Médio rio Jiparaná	Antiplástico: grosso de areião e rochas degradadas com areia, boa quantidade de tempero fino com areia e raramente mica. Decoração (15%) plástica: inciso, inciso-roletado, roletado. Morfologia: Tigelas e vasos, diretas e extrovertidas, bases pronunciadas formando carenas, bases planas.	ND	Miller (1987a)
<i>Fase Guaximim</i>	Tradição Tupiguarani	Médio rio Jiparaná	Antiplástico de quartzo moído, raros cacos com mica e tempero de areia fina.. Decoração (10%) plástica: corrugado, roletado, inciso. Morfologia: Vasos globulares com bordas diretas a extrovertidas, base arredondada	ND	Miller (1987a)
<i>Fase Pindaíba</i>	Tradição Tupiguarani	Médio rio Jiparaná	Antiplástico de quartzo moído e rochas degradadas com areia, em quantidade inferior ao tempero médio-fino de areia. Decoração(15%) Plástica: corrugado, ungulado, roletado, inciso roletado, roletado	ND	Miller (1987a)

Anexo 12 - Quadro síntese das fases criadas por Eurico Th. Miller para a bacia do rio Ji-Paraná(reproduzido de Zimpel Neto, 2009). (Continua)

			corrugado-ungulado, inciso, borda acanalada, apliques mamiliformes. Morfologia: Vasilhames pequenos a médios raramente grandes. Formas de tigelas a vasos, bordas diretas a extrovertidas e base arredondada, as vezes perfurada.		
<i>Fase Urupá</i>	Tradição Tupiguarani	Médio rio Jiparaná	Antiplástico: Cariapé, areia grossa e fina. Decoração (7%) Plástica: corrugado, ungulado, corrugado-ungulado, serrungulado, roletado, inciso. Pintura: Engobo vermelho, pintura (branca ou preta) Morfologia: Tigelas em meia calota e meia esfera, vasos esféricos, cônicos e carenados, assadores.	ND	Miller (1987b)
<i>Fase Inimbó</i>	Tradição Tupiguarani	Médio rio Jiparaná	Antiplástico: Areia grossa e fina e raro cariapé. Decoração Plástica:(10%) marcado com corda, ponteados, ungulado, Pintura: branca e engobo vermelho.	ND	Miller (1987b)
<i>Fase Irara</i>	ND	Médio rio Jiparaná	Antiplástico de rocha alterada e areia, predomina o fino. Decoração plástica(5%): inciso. Morfologia: Vasilhames pequenos, raramente médios. Formas de tigelas a vasos cilíndricos a globulares, de bordas diretas a suavemente extrovertidas, com base arredondada, as vezes plana.	ND	Miller (1987b)
<i>Fase Jarú</i>	ND	Médio rio Jiparaná	Antiplástico: areia grossa fina e raro cariapé. Decoração(14%) Plástica: inciso, inciso-roletado, acanalado, acanalado-inciso	ND	Miller (1987b)
<i>Fase Graúna</i>	ND	Médio rio Jiparaná	Antiplástico: Areia, Decoração(3%) Plástica: roletado	ND	Miller (1987b)
<i>Fase Imbirussú</i>	ND	Médio rio Jiparaná	Antiplástico: Areia, Decoração (1%) Plástica: inciso	ND	Miller (1987b)
<i>Fase Ironçaba</i>	ND	Médio rio Jiparaná	Antiplástico: Areia, cariapé Decoração (2%) Plástica: Acanalado	ND	Miller (1987b)
<i>Fase Quiíba</i>	ND	Médio rio Jiparaná	Antiplástico: Areia grossa e fina. Ocorrem perfurações para alça, decoração ausente	ND	Miller (1987b)
<i>Fase Araçá</i>	ND	Médio rio Jiparaná	Antiplástico de rocha alterada e areia grossa. Presença de engobo vermelho. Morfologia: Vasilhames pequenos, tigelas a vasos globulares. engobo vermelho	ND	Miller (1987b)

ND: Não definido * Relacionadas a aspectos que pudessem ser comparáveis entre a bibliografia disponível. Quando houve menção a proporção de tipos decorados estes foram indicados em %.

Continuação Anexo 12 Quadro síntese das fases criadas por Eurico Th. Miller para a bacia do rio Ji-Paraná (reproduzido de Zimpel Neto, 2009).

Projeto:		Pesquisador:	
Sitio:			
PN/Número	Unid./Sond.	Nível	Qtd. de Frag.
Categoria	Tec. de Manf.	Antiplástico	Esp. do Ant.
Porcent. do Ant.	Cor da Sup.	Queima	Est. de Coris
Alisnt. FI	Alisnt. FE	Treat. de Sup. FI	Treat. De Sup. FE
Marcas	Sinal de Uso	Morf. da Borda	Inclin. da Borda
Esp. da Borda	Lábio	Esp. do Lábio	Diâm. da Borda
Porcent. da Borda	Base	Diâm. da Base	Esp. do Frag.
Dec. Plástica	Dec. Pintada	Motivo Inc/Pint	Local da Dec. FI
Local da Dec. FE	Banho	Observações	

Anexo 13 Modelo de ficha de Análise utilizada nas atividades de laboratório.

1. Categoria

- 0: Não identificada
- 1: Parede
- 2: Borda
- 3: Base
- 4: Bolota de Argila
- 5: Roda de Fuso
- 6: Forma Conjugada
- 7: Carena / Parede com Inflexão
- 8: Rolete
- 9: Gargalo
- 10: Asa
- 11: Flange
- 12: Cachimbo
- 13: Alça
- 14: Aplique/Apêndice
- 15: Suporte de Tampa
- 16: Adorno
- 17: Ombro

2. Técn. de Manufatura

- 0: Não identificada
- 1: Acordelada
- 2: Modelada
- 3: Placas

3. Antiplástico

- 1: Mineral
- 2: Carlapé
- 3: Cerâmica/caco Moído
- 4: Carvão
- 5: Cauixi
- 6: Concha
- 7: Argila Moída
- 8: Outros

4. Espes. do Antiplástico

- 1: <1mm
- 2: 1mm =< e < 3mm
- 3: 3mm =< e < 5mm
- 4: >=5mm

5. Porct.do Antiplástico

- 1: 5%
- 2: 10%
- 3: 20%
- 4: 30%

6. Cor da Superfície (FI)

- 1: Branco
- 2: Amarelo
- 3: Laranja
- 4: Vermelho
- 5: Cinza
- 6: Preto
- 7: Marrom

7. Queima

(vide modelo)

8. Estado de Conservação

- 1: Não Erodido
- 2: Erodido FE
- 3: Erodido FI
- 4: Erodido AF
- 5: Craquelado FI
- 6: Craquelado FE
- 7: Craquelado AF

9. Alisamento FI

- 1: Fino
- 2: Médio
- 3: Grosso
- 4: Polido

10. Alisamento FE

- 1: Fino
- 2: Médio
- 3: Grosso
- 4: Polido

11. Tratam. de Superfície FI

- 1: Eng Vermelho
- 2: Eng Branco
- 3: Eng Marrom
- 4: Esfumado (Resina)
- 5: Brunidura
- 6: Barbotina/Banho
- 7: Engobo "Amarelo"
- 8: Engobo Laranja

12. Tratam. de Superfície FE

- 1: Eng Vermelho
- 2: Eng Branco
- 3: Eng Marrom (Barbotina)
- 4: Esfumado (Resina)
- 5: Brunidura

13. Marcas

- 1: Folha
- 2: Furo
- 3: Cestaria
- 4: Marca de Dedo
- 5: Estrias de Alisamento
- 6: Outros

14. Sinais de so

- 1: Fuligem FI
- 2: Fuligem FE
- 3: Película de Alimento FI
- 4: Reciclagem
- 5: Fuligem AF

15. Morfologia da Borda

- 1: Direta
- 2: Extrovertida
- 3: Introvertida
- 4: Cambada
- 5: Extrov com Ponto Angular
- 6: Extrov com Ondulação

16. Inclinação da Borda

- 1: Vertical
- 2: Inclinação Inter
- 3: Inclinação Ext

17. Espessura da Borda

- 1: Normal
- 2: Expansão
- 3: Refor Intern
- 4: Refor Ext
- 5: Reforçada
- 6: Dobrada
- 7: Contralida
- 8: Vazada (Oca)

18. Lábio

- 1: Arredondado
- 2: Plano
- 3: Apontado
- 4: Biselado

19. Espessura do Lábio (cm)**20. Diâmetro da Boca (cm)****21. Porcentagem da Borda****22. Base**

- 1: Convexa
- 2: Plana (com pt angular)
- 3: Plano-Convexa (sem pt ang)
- 4: Côncava
- 5: Anelar
- 6: em Pedestal

21. Diâmetro da Base (cm)**22. Espess. do Fragmento (cm)****23. Decoração Plástica**

- 1: Corrugado
- 2: Inciso Fino
- 3: Inciso Largo
- 4: Exciso
- 5: Ungulado
- 6: Digitungulado
- 7: Digitado
- 8: Filete Aplicado
- 9: Entalhado
- 10: Pontado
- 11: Roletado
- 12: Escovado
- 13: Espatulado

24. Decoração Pintada

- 1: Vermelha
- 2: Branca
- 3: Preta

25. Motivo Pint./ Inciso

- 1: Horizontal
- 2: Vertical Curta
- 3: Vertical Longa
- 4: Transversal
- 5: Traçada
- 6: Triangular
- 7: Angular
- 8: Espiral
- 9: Ondular
- 10: Curvilíneas
- 11: Em Grega
- 12: Complexa

26. Local da Dec. FI

- 1: Lábio
- 2: Borda
- 3: Bojo Superior
- 4: Bojo Inferior
- 5: Parede
- 6: Base
- 7: Aplique

27. Local da Dec. FE

- 1: Lábio
- 2: Borda
- 3: Bojo Superior
- 4: Bojo Inferior
- 5: Parede
- 6: Base
- 7: Aplique

28. Espessura do banho

- 1: <= 1 mm
- 2: 1mm =< e < 2mm
- 3: 2mm =< e < 3mm
- 4: 3mm =< e < 4mm
- 5: 4mm =< e < 5mm

Anexo 15 Gabarito para análise de queima cerâmica (adaptado de Rye 1981).

Anexo 16 Gabarito para análise de espessura e proporção do antiplástico presente na cerâmica. (Reproduzido de Mathew *et. al. apud* Orton *et. al.* 2003).

Fonte: Brochado, 1984

<p>PROSA - Projeto Sudoeste Amazônico</p>			
	<p>Sítio Rainha da Paz</p>	<p>Surfer 1</p>	<p>Identificação de formas</p>

Anexo 17 Sítio Rainha da Paz – Desenho de bordas e reconstituição de formas.

Fonte: Brochado, 1984

PROSA - Projeto Sudoeste Amazônico

Sítio
Rainha da Paz

Surfer 2

Identificação
de formas

Fonte: Brochado, 1984

PROSA - Projeto Sudoeste Amazônico

Sítio
Rainha da Paz

Surfer 3

Identificação
de formas

Anexo 19 Sítio Rainha da Paz – Desenho de bordas e reconstituição de formas.

Fonte: La Salvia & Brochado, 1989

PROSA - Projeto Sudoeste Amazônico
Sítio Rainha da Paz	Surfer 4	Identificação de formas	ARQUEOTROP

Anexo 20 Sítio Rainha da Paz - Desenho de bordas e reconstituição de formas.

Anexo 21 Sítio Vida Nova - Croqui das unidades de coleta de superfície (o número na quadra equivale ao PN atribuído).

Anexo 22 –Imagem das peças líticas coletadas

Sítio Rainha da Paz - Peças líticas coletadas

Prancha 1 – Sítio Rainha da Paz – unidade N10000 E10000. Resíduos de lascamento não numerados, níveis 10-20 cm e 20-30 cm (Fotografias: Ader Gotardo).

Prancha 2 – Sítio Rainha da Paz – Fragmentos de rochas sem modificações tecnológicas aparentes (Fotografia: Ader Gotardo).

Prancha 3 – Sítio Rainha da Paz – Lascas bipolares em silexite (Fotografias Ader Gotardo).

Prancha 4 – Sítio Rainha da Paz – A: Fragmentos de lascas unipolares em quartzo; B: Fragmentos de lascas unipolares em sílexito (Fotografias: Ader Gotardo).

A

B

Prancha 5 Sítio Rainha da Paz – A: Resíduos de lascamento em quartzo; B: Resíduos de lascamento em silexito e basalto (RP11 113-9L) (Fotografias: Ader Gotardo).

Prancha 6 Sítio Rainha da Paz – A e B: Lascas unipolares em arenito e granitoide. Face interna à esquerda e externa à direita; **C e D:** Lascas unipolares em quartzo; Face interna à esquerda e externa à direita; **E e F:** Lascas unipolares em sílexito. Face interna à esquerda e externa à direita (Fotografias: Ader Gotardo).

Prancha 7 Sítio Rainha da Paz – A e B Microlasca em sílexito com talão linear. Face interna à esquerda e externa à direita; C, D, E e F: Microlasca em sílexito com talão liso. Face interna à esquerda e externa à direita; G e H: Microlasca em sílexito com talão cortical. Face interna à esquerda e externa à direita (G e H); I e J: Microlasca em sílexito com talão liso (Fotografias: Ader Gotardo).

Prancha 8 Sítio Rainha da Paz – Lascas unipolares em silexito, face interna (Fotografia: Ader Gotardo).

Prancha 9 Sítio Rainha da Paz – Lascas unipolares com retoques A e B: RP 01-60 com retoques diretos no bordo distal; C e D: RP 02-71L com retoques diretos e uso em todos os bordos; E e F: RP 02-23L: com retoques diretos e uso em todos os bordos (Fotografias: Ader Gotardo)

Prancha 10 Sítio Rainha da Paz – RP 01-34L: lasca unipolar fragmentada em silexito, com retoques diretos no bordo distal (Fotografias: Ader Gotardo).

Prancha 11 Sítio Rainha da Paz –Fragmentos decorrentes do processo de fabrico de instrumentos polidos (Fotografias: Arder Gotardo).

Prancha 12 Sítio Rainha da Paz – RP 101-1L. *A e B* faces. *C e D*: detalhes do bordo polimento (Fotografias: Ader Gotardo).

Prancha 13 Sítio Rainha da Paz –RP 3-62L. Fragmento de mica xisto com marcas de uso. *A e B*: faces; *C*: bordo; *D*: detalhe (Fotografias: Ader Gotardo).

Sítio Cinco Irmãos - Análise e caracterização do lítico coletado

Prancha 14 Sítio 5 Irmãos – Lascas, lasca fragmentada e fragmentos de lasca coletados no sítio 5 Irmãos (Fotografias: Ader Gotardo).

Sítio Rainha da Paz II - Análise e caracterização do lítico coletado

Prancha 15 Sítio Rainha da Paz II - Resíduos de Lascamento; face interna (Fotografia: Ader Gotardo).

Prancha 16 Rainha da Paz II - *A e B*: Lascas unipolares em basalto, face interna e externa. *C e D*: Lascas unipolares em granitóide, face interna e externa (Fotografias Ader Gotardo).

Prancha 17 Sítio Rainha da Paz II - A e B: Lascas unipolares em sílexito, face interna e externa; C e D: Lascas unipolares em quartzo, face interna e externa; E: Fragmentos de lascas unipolares em quartzo e Resíduos de Lascamento (Fotografias: Ader Gotardo).

Prancha 18 Sítio Rainha da Paz II - Seixos e fragmentos de rochas com marca de queima (Fotografia: Ader Gotardo).

Prancha 19 Sítio Rainha da Paz – A e B: núcleo em quartzo (Seixo); C e D: núcleo em quartzo (seixo); E e F: núcleo em quartzo (bloco) (Fotografias: Ader Gotardo).

Prancha 20 Sítio Rainha da Paz II – Percutores A: RPII 106-08L; B: RPII 117-18L; C: RPII 118-12L; D: RPII 106-14L; E: RPII 117-41L (Fotografias: Ader Gotardo).

Prancha 21 Sítio Rainha da Paz – RP II 06-2L: lasca de quartzo com retoques. A: face interna; B: face externa. C: retoques diretos no bordo distal (Fotografias: Ader Gotardo).

Prancha 22 Rainha da Paz – RP II 118-6L: lasca de quartzo com retoques. *A*: face interna; *B*: face externa; *C*: retoques diretos no bordo remanescente (Fotografias: Ader Gotardo).

Prancha 23 Rainha da Paz – RP II 120-04L: lasca de quartzo com retoques. A: face interna; B: face externa; C: retoques formando gume (Fotografias: Ader Gotardo).

São Gabriel - Análise e caracterização do lítico coletado

Prancha 24 Sítio São Gabriel – Lascas unipolares SG 246-2L e SG 102-1L A face interna; B Face externa (Fotografias Ader Gotardo)

Prancha 25 Sítio São Gabriel – Resíduos de lascamento (Fotografia: Ader Gotardo).

A

B

C

Prancha 26 Sítio São Gabriel - Lasca retocada em arenito silicificado A e B: faces; C: detalhe do bordo distal com retoques diretos (Fotografias: Ader Gotardo).